

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

**TRADIÇÕES DISCURSIVAS DO EDITORIAL NO JORNAL *O*
*MOSSOROENSE***

Recife
2017

ÂNGELA CLÁUDIA REZENDE DO NASCIMENTO REBOUÇAS

**TRADIÇÕES DISCURSIVAS DO EDITORIAL NO JORNAL *O*
*MOSSOROENSE***

Tese apresentada à Pós-Graduação em Letras -com ênfase em Linguística-, da Universidade Federal de Pernambuco como requisito final para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Dr. José Alberto Miranda Poza
Co-orientador: Dr. Marlos de Barros Pessoa

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

R292t Reboças, Ângela Cláudia Rezende do Nascimento
 Tradições discursivas do editorial no jornal O Mossoroense / Ângela
 Cláudia Rezende do Nascimento Reboças. – Recife, 2017.
 286 f.: il., fig.

 Orientador: José Alberto Miranda Poza.
 Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
 Artes e Comunicação. Letras, 2017.

 Inclui referências e anexos.

 1. Editorial. 2. Tradição discursiva. 3. O Mossoroense. I. Poza, José
 Alberto Miranda (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-137)

ÂNGELA CLÁUDIA REZENDE DO NASCIMENTO REBOUÇAS

Tradições discursivas do editorial no jornal O Mossoroense

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em LINGUÍSTICA em 24/3/2017.

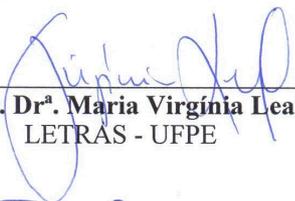
TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



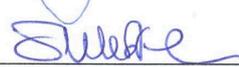
Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza
Orientador – LETRAS - UFPE



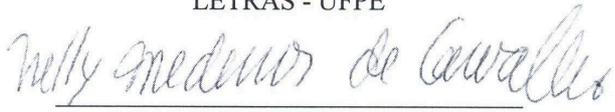
Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa
Co-orientador – LETRAS- UFPE



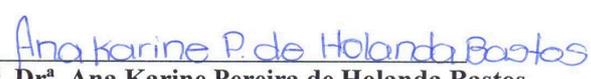
Prof.ª Dr.ª Maria Virgínia Leal
LETRAS - UFPE



Prof.ª Dr.ª Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima
LETRAS - UFPE



Prof.ª Dr.ª Nelly Medeiros de Carvalho
CIÊNCIA DA LINGUAGEM - UNICAP



Prof.ª Dr.ª Ana Karine Pereira de Holanda Bastos
LINGUAGEM - UNIFAVIP/DEVRY

Recife – PE
2017

Para minha filha, Ana Livia!

AGRADECIMENTOS

Externo aqui minha gratidão a todos que se fizeram presentes, prestaram apoio e colaboraram direta ou indiretamente para que este projeto fosse realizado.

Agradeço à Capes por financiar essa pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela oferta de um excelente programa de formação e por fomentar a participação ativa dos seus alunos no mundo acadêmico.

A todos os professores do programa, em especial aos que ministraram as disciplinas obrigatórias no ano de 2013. Todo o trabalho feito com afinco, como o desses professores, nos desperta ainda mais a ânsia de conhecimento e a vontade de sermos tão bons quanto nossos mestres.

Ao professor Marlos Pessoa, espírito crítico e coerente, que desde o início do planejamento (2011) confiou na minha pesquisa e se fez presente com livros, textos, sábios conselhos e com uma serenidade edificante.

À professora Nelly Carvalho, pelas discussões teóricas valiosas em torno do projeto de pesquisa e na qualificação.

Ao Orientador José Alberto Miranda Poza pela paciência, exigência, pelas coordenadas e discussões ricas que me proporcionou e por acreditar que eu poderia desenvolver um bom trabalho.

Aos funcionários do PPGL pela presteza no atendimento sempre que precisei.

Aos amigos feitos no curso; Ivandilson Costa, Monique Vitorino, Eraldo, Gabriela Modesto, Ana Modesto, Emmanuela Farias, Sivaldo, Paulinha Mendes, Maria, Ana Karine pelos incríveis momentos de aprendizagem que vivenciamos comigo, muitas vezes contribuindo com palavras fortalecedoras, com incentivos e ótimas conversas.

Aos amigos da vida; Albino, Aline, Rita, Gilson Chicon, Ana Mara pelas trocas diárias de mensagem e pela força que sempre deram nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

À Ana Karine (amiga) e sua família que me receberam de forma carinhosa em sua casa sempre que estive em Recife e às inúmeras contribuições no desenrolar da pesquisa, sempre com diretrizes precisas de quem tem um olhar versado no assunto.

À Ana (Ama) e Nerilene, que puderam ser presentes sempre amenizando a minha falta em casa e dando suporte nas funções das quais tive que me eximir para me dedicar com exclusividade à pesquisa.

À Neide (mãe), pela força incondicional em todos os momentos críticos e pelas palavras de conforto e confiança que sempre pronunciou, esse projeto também é seu.

À minha avó e mãe do coração, Joana Dark, que sempre foi exemplo de esperança, positividade e resiliência.

Ao meu avô, Laurindo Resende (*in memoriam*) que sabia viver nesse mundo com muita coragem de enfrentar o que a vida podia oferecer.

À minha bisá, Vovó Raimunda (*in memoriam*) que me deu os maiores exemplos de resiliência que alguém já pode dar.

Ao meu Pai, Toninho BJ, por me fazer acreditar nos sonhos e buscar sempre realizá-los e pelas inúmeras palavras confortantes e incentivadoras.

À minha família pais, avó, irmãos, tios, primos, sobrinhos, sogros, pela fé, força e palavras de apoio que sempre proferiram quando mais necessitei.

Ao companheiro fiel e constante, que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e quem nunca titubeou sobre as responsabilidades que lhes eram dadas, Thiago, minha gratidão pela parceria nesse projeto de vida que é tão nosso.

Ao motivo de toda a minha persistência e luta, por quem sempre estarei pronta para recomeçar as buscas e por quem sempre busco ser melhor, Ana Livia, obrigada por me fazer ver que a vida é intensa, cheia de riscos, responsabilidades, escolhas, felicidade e muito amor!

Ao Pai, por todas as coisas!

RESUMO

Esta pesquisa centra-se na análise do percurso histórico do Editorial no jornal *O Mossoroense*. O objetivo desta pesquisa é descrever quais são as Tradições Discursivas do gênero Editorial no jornal *O Mossoroense*, como essas características se associam aos elementos extralinguísticos do texto, e que mudanças ocorreram no modelo textual escolhido. As nossas hipóteses são de que os editoriais sofreram mudanças consideráveis nas três dimensões: a pragmática, a linguístico-discursiva e a estrutural. Escolhemos os textos veiculados no jornal em diferentes épocas da história do periódico. A primeira época estudada consta dos anos 1872 a 1875, fase inicial do periódico que coincide com a inauguração da imprensa no Brasil. A segunda fase, entre os anos 1927 a 1934, é uma época em que o jornal, já mais sedimentado, apresenta editoriais mais definidos quanto à estrutura e quanto a outros elementos textuais. A última época analisada, corresponde ao intervalo dos anos 1980 até o início do século XXI, revela textos mais padronizados. A fundamentação teórica está embasada na metodologia de pesquisa das Tradições Discursivas decorrentes das teorias coserianas de texto e de mudanças de texto (COSERIU, 1979; 1980), (SCHLIEBEN-LANGUE, 1983), (OESTERREICHER, 1994, 1996, 1997, 2006), (KABATEK, 2003, 2004, 2005, 2008), além de estudos de gêneros de (BAZERMAN, 2011^a, 2011b, 2007), (MILLER, 2012, 2009), (BAKHTIN, 1979) e (MARCUSCHI, 2008, 2005), e estudos aplicados ao português (PESSOA, 2002), (FONSECA, 2003), (SIMÕES, 2007), (GOMES, 2007), (ZAVAM, 2009). O resultado das análises mostrou que há muitas mudanças quanto ao estilo do texto, à extensão, ao conteúdo proposicional, às estratégias argumentativas - citação, pergunta retórica e marcas de oralidade. Mantendo, no entanto, características prototípicas relativas à temática dos editoriais, à abertura e fechamento dos textos, à função e ao propósito comunicativo.

Palavras-chave: Editorial. Tradição discursiva. *O Mossoroense*.

ABSTRACT

This research focuses on the historical analysis of the Editorial in the Newspaper O Mossoroense. This research intends to describe the kinds of Discursive Traditions of the Editorial genre in O Mossoroense, how these characteristics are associated with the text extralinguistic elements and the changes occurred in the chosen textual model. Our hypotheses are that editorials have undergone considerable changes in the three dimensions; the Pragmatic, the Linguistic-discursive and the Structural. We chose the texts published in that newspaper at different times of its history. The first period studied from the years 1872 to 1875 is the initial phase of the periodical, which coincides with the inauguration of the press in Brazil; the second phase was between 1927 and 1934, phase in which that newspaper is more sedimented and it presents more defined editorials on its structure and on other textual elements; and the last analyzed period corresponds to the interval from the 1980s to the beginning of the XXI century. The theoretical ground is based on the research methodology of Discursive Traditions derived from the Coserian theories of text and text changes (COSERIU, 1979; 1980), (SCHLIEBEN-LANGUE, 1983), (OESTERREICHER, 1994, 1996, 1997, 2006), (KABATEK, 2003, 2004, 2005, 2008), além de estudos de gêneros de (BAZERMAN, 2011^a, 2011^b, 2007), (MILLER, 2012, 2009), (BAKHTIN, 1979) e (MARCUSCHI, 2008, 2005) and studies applied to portuguese (PESSOA, 2002), (FONSECA, 2003), (SIMÕES, 2007), (GOMES, 2007), (ZAVAM, 2009). The result of the analyzes showed that there are many changes in the style of the text, the extension, the propositional content, the argumentative strategies - quotation, rhetorical question and marks of orality. However, it maintains prototypical characteristics related to the topic of editorials, the opening and closing of texts, function and communicative purpose.

Keywords: Editorial. Discursive traditions, the Mossoroense.

RESUME

Esta pesquisa se centra en el análisis del percurso histórico del Editorial en el periódico O Mossoroense. El objetivo de esta pesquisa es describir cuales son las tradiciones discursivas del género editorial en el periódico O Mossoroense, como esas características se asocian a los elementos extralingüísticos del texto, que cambios ocurrieron en el modelo textual elegido. Nuestras hipótesis son de que los editoriales sufrieron cambios considerables en las tres dimensiones: la pragmática, la lingüístico-discursiva y la estructural. Elegimos los textos vinculados en el periódico en diferentes épocas de su historia. La primeira época estudiada consta de los años 1872 hacia 1875, fase inicial del periódico que coincide con la inauguración de la imprenta en Brasil. La segunda entre los años 1927 hacia 1934, es una fase en que el periódico, más sedimentado, presenta editoriales más definidos cuanto a la estructura y cuanto a otros elementos textuales y la última época analizada, corresponde al intervalo de los años 1980 hasta el inicio del siglo XXI. La fundamentación teórica está basada en la metodología de pesquisa de las Tradiciones discursivas de las teorías coserianas de texto de cambios de texto (COSERIU, 1979; 1980), (SCHLIEBEN-LANGUE, 1983), (OESTERREICHER, 1994, 1996, 1997, 2006), (KABATEK, 2003, 2004, 2005, 2008), además de estudios de géneros de (BAZERMAN, 2011^a, 2011^b, 2007), (MILLER, 2012, 2009), (BAKHTIN, 1979) y (MARCUSCHI, 2008, 2005) y estudios aplicados al portugués (PESSOA, 2002), (FONSECA, 2003), (SIMÕES, 2007), (GOMES, 2007), (ZAVAM, 2009). Los resultados del análisis mostraron que hay muchos cambios en el estilo de texto, la longitud, el contenido proposicional, las estrategias argumentativas - cita, pregunta retórica y oralidade- marca. Manteniendo, sin embargo, las características prototípicas relacionados con el tema de la editorial, la apertura y cierre de los textos, la función y el propósito comunicativo.

Palabras-claves: Editorial. Tradición discursiva. O Mossoroense.

LISTA DE ABREVIATURAS

HQs- Histórias em quadrinhos

PHPB- Projeto para a história do Português brasileiro.

TD- Tradições Discursivas

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1. Jornais, data de sua criação e término e as posições político-ideológicas..... | 30 |
| Quadro 2. Função dos gêneros..... | 35 |
| Quadro 3. Níveis da língua e domínios..... | 63 |
| Quadro 4. Organização retórica do Editorial..... | 118 |
| Quadro 5. A organização retórica das três fases..... | 131 |
| Quadro 6. Títulos dos editoriais do século XIX..... | 133 |
| Quadro 7. Editoriais do início do século XX (anos 30)..... | 134 |
| Quadro 8. Títulos do último recorte (anos 80 até a atualidade)..... | 135 |
| Quadro 9. Propósito comunicativo..... | 138 |
| Quadro 10. Propósitos comunicativos dos textos da segunda fase..... | 141 |
| Quadro 11. Propósito comunicativo da 3ª fase do jornal..... | 143 |
| Quadro 12. Propósito comunicativo das três fases do jornal | 143 |
| Quadro 13. Valores paramétricos dos editoriais..... | 173 |

ÍNDICE DE DIAGRAMAS

| | |
|--|----|
| Diagrama 1. Teoria Coseriana do Discurso (Coseriu, 1982, p. 82)..... | 60 |
| Diagrama 2. Níveis linguísticos..... | 61 |
| Diagrama 3. Tradições Discursivas..... | 71 |
| Diagrama 4. Entornos de Coseriu (1979, p. 229)..... | 73 |
| Diagrama 5. Adaptado de Söll | 74 |
| Diagrama 6. Como os textos se evocam..... | 81 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1. Temas mais recorrentes no primeiro período analisado..... | 109 |
| Gráfico 2. Temas mais recorrentes da segunda fase..... | 113 |
| Gráfico 3. Temas do terceiro recorte metodológico..... | 115 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1. <i>Correio Braziliense</i> | 27 |
| Figura 2. Epígrafe do Jornal <i>O Mossoroense</i> e a especificação de sua atuação..... | 37 |
| Figura 3. Página de <i>Correio Braziliense</i> | 38 |
| Figura 4. Trecho do jornal <i>Aurora Fluminense</i> sobre o retorno de Dom Pedro..... | 39 |
| Figura 5. A primeira máquina de imprensa de <i>O Mossoroense</i> | 43 |
| Figura 6. Edição Fac-similar pela coleção <i>Mossoroense</i> | 44 |
| Figura 7. Epígrafe autoexplicativa da crítica ao Padre Vigário Antônio Joaquim..... | 45 |
| Figura 8. Noticiário..... | 48 |
| Figura 9. Jornal reconstituído pela equipe jornalística no ano de 2012..... | 91 |
| Figura 10. Editorial nº 22, 23 de novembro de 1872..... | 96 |
| Figura 11. Editorial nº 20, 25 de outubro de 1873..... | 96 |
| Figura 12. Editorial nº 29, 7 de junho de 1874..... | 96 |
| Figura 13. Editorial nº 32, 23 de agosto de 1874..... | 96 |
| Figura 14. Diagramação do jornal na primeira fase..... | 97 |
| Figura 15. Diagramação nova..... | 99 |
| Figura 16. Texto n.º 36, 11 de março 1928..... | 100 |
| Figura 17. Legenda: 1808 - Nomeação do ministério de D. João, no Rio (Aniversário)..... | 100 |
| Figura 18. Texto nº 35 de 1928..... | 101 |
| Figura 19. Escrita perpendicular..... | 102 |
| Figura 20. Jornal de 10 de janeiro de 1932..... | 103 |
| Figura 21. Exemplar dos anos 80..... | 104 |
| Figura 22. 4 de outubro de 1980..... | 105 |
| Figura 23. 5 de janeiro de 1990..... | 105 |
| Figura 24. O jornal <i>O Mossoroense</i> em formato digital..... | 106 |
| Figura 25. Organização retórica do texto 1 | 123 |
| Figura 26. Organização retórica do texto 3..... | 124 |
| Figura 27. Organização retórica do texto 41..... | 125 |
| Figura 28. Texto n.º 63, 6 de janeiro de 1990..... | 130 |
| Figura 29. Localização do editorial na atualidade..... | 180 |

SUMÁRIO

| | | |
|---------|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | SURGIMENTO DA IMPRENSA NO BRASIL | 24 |
| 2.1 | A IMPLANTAÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL..... | 24 |
| 2.2 | OS GÊNEROS NOS JORNAIS DO PAÍS..... | 33 |
| 2.3 | O GÊNERO EDITORIAL NO JORNAL BRASILEIRO..... | 38 |
| 2.4 | A IMPRENSA EM MOSSORÓ: O JORNAL <i>O MOSSOROENSE</i> | 41 |
| 3 | O PARADIGMA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS (TDs) | 49 |
| 3.1 | A BASE DAS TEORIAS LINGUÍSTICAS MODERNAS: DE SAUSSURE A COSERIU..... | 49 |
| 3.2 | OS ESTUDOS DE COSERIU..... | 55 |
| 3.3 | A TEORIA GERAL DA LINGUAGEM..... | 58 |
| 3.3.1 | Os três níveis e a visão tripartida..... | 58 |
| 3.4 | A HISTORICIDADE DOS TEXTOS..... | 62 |
| 3.4.1 | O conceito de Tradições Discursivas (TDS)..... | 68 |
| 3.5 | A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NOS ESTUDOS DE TRADIÇÕES DISCURSIVAS..... | 72 |
| 3.6 | A ORALIDADE E A ESCRITURALIDADE..... | 74 |
| 3.7 | TRADIÇÕES DISCURSIVAS E OS ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS..... | 75 |
| 4 | A ANÁLISE DA TRADIÇÃO DISCURSIVA EDITORIAL | 83 |
| 4.1 | DEFINIÇÃO DO GÊNERO EDITORIAL..... | 85 |
| 4.2 | CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO EDITORIAL NO JORNAL <i>O MOSSOROENSE</i> | 89 |
| 4.3 | TRAÇOS DE COMPOSICIONALIDADE DA TD EDITORIAL: DIMENSÃO ESTRUTURAL..... | 94 |
| 4.3.1 | Aspectos estruturais dos editoriais..... | 95 |
| 4.3.1.1 | A diagramação: posicionamento do gênero..... | 95 |
| 4.3.1.2 | A temática do editorial..... | 108 |
| 4.3.1.3 | Organização retórica..... | 116 |
| 4.3.1.4 | A titulação..... | 131 |
| 4.3.1.5 | O propósito comunicativo..... | 136 |
| 4.3.1.6 | A função social do editorial..... | 144 |

| | | |
|---------|---|------------|
| 4.4 | A DIMENSÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DOS EDITORIAIS DO SÉCULO XIX..... | 147 |
| 4.4.1 | Elementos constitutivos da argumentação..... | 147 |
| 4.4.1.1 | Tempos verbais..... | 148 |
| 4.4.1.2 | Ponto de vista discursivo..... | 150 |
| 4.4.1.3 | Modalização..... | 152 |
| 4.4.1.4 | Adjetivação..... | 155 |
| 4.4.1.5 | Citação..... | 159 |
| 4.4.1.6 | Pergunta retórica..... | 160 |
| 4.4.1.7 | Atributos do editorial..... | 161 |
| 4.4.1.8 | Palavras e expressões estrangeiras..... | 163 |
| 4.4.2 | Aspectos diversos..... | 166 |
| 4.4.2.1 | A pontuação e aspectos gráficos convencionais..... | 166 |
| 4.4.2.2 | Interjeição..... | 171 |
| 4.4.3 | As marcas de oralidade nos editoriais..... | 171 |
| 4.5 | TRAÇOS DE MUDANÇA E PERMANÊNCIA DO GÊNERO..... | 178 |
| 5 | CONCLUSÕES..... | 186 |
| | REFERÊNCIAS..... | 191 |
| | ANEXOS - CORPUS..... | 199 |

1 INTRODUÇÃO

O texto escrito, como uma das formas de realização das línguas, sofre influências do contexto cultural, das tecnologias da época e se adapta às necessidades dos interlocutores.

Nesse sentido, podemos afirmar que o texto está ancorado nas suas funções sociais e intenções comunicativas, além disso, possui características peculiares que estão ligadas à dimensões diferentes de constituição: a esfera contextual, a esfera estrutural e a esfera linguístico-discursiva.

Essa ideia de mudança dos textos influenciada pelo contexto sociocultural fica clara quando tomamos um texto do século XVI, uma carta pessoal e a comparamos com cartas pessoais da atualidade. Percebemos, num caso como este, que os textos se assemelham em vários traços estruturais, como o cabeçalho, o vocativo e a assinatura; mas apresentam provas irrefutáveis de que as transformações textuais ocorrem, como os aspectos linguístico-discursivo, o léxico utilizado para referenciar o mundo, quais as estratégias enunciativas utilizadas pelo escritor e, ainda, os elementos extratextuais que fazem parte de toda de sua esfera interpretativa.

Este estudo pretende, portanto, delinear o perfil constitutivo do editorial do *Jornal O Mossoroense* em três fases distintas: final do século XIX (1872-1875), início do século XX (1928-1934) e o final do século XX (1980-2007). A pesquisa terá como parâmetros as três dimensões relevantes para uma proposta de análise de Tradições Discursivas (a esfera contextual, a esfera estrutural e a esfera linguístico-discursiva).

As ideias que nos levaram a investigar o tema partiram dos estudos da linguística histórica e da constatação de que os estudos na área são de extrema relevância para o conhecimento linguístico tanto da língua em si quanto de um gênero específico, pois consideramos que os textos, assim como a língua têm historicidade.

No Rio Grande do Norte, há ainda escassos estudos sob a história dos textos, área do conhecimento que consideramos demasiadamente produtiva e com materiais abundantes que podem ajudar na reconstrução da sócio-história de textos, expressões, fórmulas, estruturas e outros aspectos relativos à escrita potiguar. No entanto, há a necessidade de se demilitar os objetos de estudo e da vasta quantidade de gêneros que poderíamos explorar, escolhemos o editorial.

O gênero escolhido está amplamente presente na esfera jornalística desde os primeiros periódicos publicados no Brasil. Em alguns casos, como o do primeiro jornal do Brasil e em outros do período colonial, o editorial ocupava um lugar central dentre os gêneros que

compunham o periódico e ainda hoje ocupa um lugar reservado, tratando-se muitas vezes de um espelho identitário em que as instituições refletem seus posicionamentos.

Esse trabalho intitulado *Tradições Discursivas do Editorial no jornal O Mossoroense* tem como objetivo geral investigar as Tradições Discursivas do gênero textual editorial no periódico discriminado, buscando entender como os editoriais modernos se delinearão e que características reminiscências eles preservam em sua estrutura.

Como objetivos específicos buscamos: i) compreender como se constitui a tradição discursiva editorial no corpus recortado nesta pesquisa; ii) Recontextualizar o momento da produção dos editoriais, a partir da pesquisa bibliográfica e histórica, levando em conta aspectos socioculturais, conjuntura política, ideologias e modos de produção da época, o que interfere, sem dúvidas, no tipo de texto que está sendo produzido; iii) descrever qual a função social o editorial desempenhava em épocas distintas escolhidas para nossa análise; iv) descrever os textos tanto na dimensão estrutural como na linguístico-discursiva; v) observar que traços do editorial do final do século XIX permanecem nos editoriais modernos, considerando o fator suporte como importante nesse percurso; vi) contribuir para os estudos na área da pesquisa histórica dos textos no Rio Grande do Norte, sob forma de banco de dados dos primeiros textos da imprensa do estado.

Os primeiros pontos que nos levaram a pensar no trabalho tratam-se de questões relativas à observação de que os textos modernos, mesmo aparentando ter uma composição diferente no que diz respeito à extensão do texto, à mudança lexical, conservam ainda características dos textos opinativos do jornal do século XIX.

Outro fator que nos motivou a seguir nesta empreitada foi o fato de que o jornal *O Mossoroense* é um dos primeiros veículos de imprensa do estado do Rio Grande do Norte e, ainda assim, os estudos sobre os textos veiculados neste periódico são escassos no nosso estado, tendo mais foco os jornais e os textos ligados à capital. Nesse sentido, a história social dos textos produzidos no interior, bem como das características destes e de outros textos que circulavam na época, vem sendo pouco valorizada.

Ainda tivemos como rastilho dessa pesquisa questões teórico-metodológicas como o fato de que os estudos diacrônicos¹ da língua vêm recebendo uma grande ênfase em pesquisas atuais, que fazem uma mescla de muitas áreas do saber dado o caráter transdisciplinar de uma

¹As pesquisas históricas demonstram mais efetivamente como as línguas mudam, nisso, é fácil perceber à primeira vista que o léxico com o tempo já não é mais o mesmo, nem mesmo o sentido pode permanecer o mesmo ao longo do tempo, isso acontece também com as estruturas conforme cita Faraco (2005, p.25), sobre o caso das orações relativas iniciadas de preposição “O livro de que mais gostei foi Dom Casmurro”. Hoje essa estrutura praticamente não é mais utilizada.

pesquisa científica. Assim, ao estudar uma Tradição discursiva, imbuídos de todo o conhecimento acerca das pesquisas de gêneros, dos estudos de linguística textual, das áreas correlatas do jornalismo e da história, que superam estudos apenas textuais e em sua maioria desconsideram os fatores extratextuais, hoje tidos como de extrema relevância para uma análise mais absoluta, poderíamos realizar uma investigação mais corpulenta, nesse sentido.

Além disso, nos estudos históricos, as mudanças em progresso são vistas mais clara e explicitamente na língua escrita e conforme Faraco (2005, p. 24), o linguista necessita do trabalho feito na dimensão do chamado tempo real, no qual é feito o levantamento de diferentes estágios e períodos da história de uma determinada língua e tem a finalidade de comprovar ou não a hipótese de um processo de mudança em andamento.

Muitas são as teorias que podem dar contas de questionamentos acerca da história de um texto, e a nós coube a escolher por qual viés olharíamos estas indagações de forma que não se preterisse os elementos sociais, econômicos, contextuais, os quais compõem toda a realidade na qual se inserem os textos. Portanto, uma abordagem que desse conta desses elementos teria de ser uma espécie de ecletismo teórico, cujos fundamentos de cada teoria tivessem as mesmas concepções de língua como a Linguística Textual, as Tradições Discursivas, Análise de gêneros sob o viés da nova retórica além da História Social.

Essas pesquisas no campo das Tradições Discursivas variam de sintaxe diacrônica à história social dos textos e muitas compõem o PHPB² (Projeto para a História do Português Brasileiro), o qual conta com estudos de pesquisadores como Pessoa³(2002), Fonseca (2003), Simões (2007), Zavam (2009), Gomes (2007), entre tantos que pesquisam sobre a mudança linguística nos gêneros sob o enfoque das TDs.

Na nossa pesquisa, escolheu-se o viés das Tradições Discursivas, dentre tantas outras formas de estudar um modelo textual, para traçar um perfil diacrônico do Editorial no jornal *O Mossoroense*. A nossa recorrência ao paradigma das Tradições Discursivas se justifica pelo

2 Vários estados do Brasil participam do PHPB e possuem grupos de estudos organizados para buscar e delinear a história dos textos e Tradições e características da escrita daquele lugar nos séculos anteriores. O grupo tem o projeto de montar um corpus mínimo para estudo da língua brasileira do período colonial com cartas oficiais, requerimentos, cartas pessoais, documentos cartoriais e outros mais, e conforme afirma Simões (2012, p. 58), os textos para análise tanto podem ser oficiais, ligados a instituições reconhecidas publicamente, e por conseguinte, mais formulaicos, quanto podem estar no campo dos textos particulares, menos formulaicos e possivelmente, mais representativos da modalidade oral da língua.

3Um dos gêneros mais estudados desse corpus montado pelo PHPB é o anúncio, que conforme foi apontado pelo professor Marlos de Barros Pessoa, em uma reunião do PHPB no ano de 1998, trata-se de um texto na modalidade escrita que mais se aproxima da modalidade falada e revela muito da sociedade à qual pertence. Essa proposta se encaixa nos modelos recentemente discutidos pelos professores Simões e Kewitz (2012) em vários de seus trabalhos sobre o português brasileiro, nos quais a seleção de documentos para a construção do corpus segue critérios não apenas gramaticais, mas leva em conta questões linguístico-discursivas como a história social, espaço comunicativo onde foi produzido, além de aspectos como a finalidade do texto.

nosso entendimento de que uma análise linguística não deve situar-se apenas em uma dimensão do texto, seja ela formal ou contextual. Concordamos com Simões (2012, p. 58) em relação à importância dos estudos diacrônicos que preservem o interesse tanto na abordagem das categorias gramaticais quanto na história social e espaço onde foram produzidos os textos, além de fatores discursivos tais como a finalidade, as motivações de mudanças, quando estas existem.

Partimos de alguns questionamentos formados da leitura dos textos: i) como os editoriais eram constituídos no século XIX? ii) quais as principais características destes textos? iii) quais as influências sócio-históricas que esses textos sofrem e que características são mais afetadas pelo entorno? iv) quais as características dos textos editoriais do século XX? v) editoriais do século XX compartilham que características com os textos do século XIX? vi) que padrões existentes nos textos podem revelar uma tradição discursiva do editorial?

Nossas leituras nos induziram a questionar inicialmente os pontos supracitados e a pensarmos a partir das considerações da nova orientação dos estudos históricos – as Tradições Discursivas – e evidentemente, observar os textos produzidos nesse jornal considerando a realidade em que estavam imersos os textos e o papel do jornal nas diferentes fases analisadas.

Nesse sentido, é importante expor que o jornal é o “lugar” onde está refletido o pensamento de uma sociedade numa determinada época e do qual a língua de prestígio do período em questão, pode ser depreendida. Nele, os textos publicados cumpriam uma função social específica que gravitava em torno de duas vertentes políticas maniqueístas: ou se defendia a Coroa ou se apregoavam duras críticas a ela; configurando-se o jornal, como um formador e forte influenciador da opinião à época. Em Mossoró, o jornal *O Mossoroense*⁴ é o mais antigo da cidade, e sua estreia se deu em 17 de outubro de 1872 e tinha como linha editorial combater o Partido Conservador comandando pelo Padre Vigário Antônio Joaquim. Nisto, assume grande papel social no que diz respeito às críticas políticas, à situação e às lutas pelo poder na cidade.

Dada a importância do veículo e, ainda, a publicação massiva de textos jornalísticos que mesclavam os tipos textuais, a argumentação, as notícias e a opinião eram um fato, e na

⁴Sobre o jornal e sua primeira fase histórica: “*O Mossoroense* passou a ser “Órgão do Partido Liberal, dedicado aos interesses do Município, da Província e da humanidade em geral”. A sua primeira fase termina em 1876, quando as más condições financeiras com que Jeremias da Rocha vendesse o seu Prelo ao Coronel Antônio Soares de Macedo, que nele imprimiria o Brado conservador, na cidade de Assú.” (ROSADO, 2006, p. 132).

primeira capa, figurava o ainda não nominado editorial, o que teremos aqui como hipótese principal de trabalho.

No quadro das hipóteses apresentadas para este estudo, apurados numa análise preliminar, elaboramos a ideia de que i) o gênero editorial sofreu mudanças consideráveis na sua composição, influenciado pelo fatores extratextuais que envolvem o texto. Em nossa hipótese inicial, defendemos a ideia de que as mudanças são determinadas por uma situação complexa na qual o gênero está inserido. E observar esses fatores extratextuais, bem como as situações em que se inserem os textos se torna imperativo para uma descrição satisfatória do nosso objeto de estudo;

Pensamos ainda que essas mudanças podem ser percebidas em fatos adjacentes como a mudança de alocamento do texto ii) as mudanças que ocorrem nos textos, em sua grande maioria, acontecem para atender às novas necessidades sociais. O editorial do século XX teria sofrido influência de fatores como por exemplo, a urgência de se ter acesso ao cerne do texto de maneira mais rápida;

iii) a Tradição Discursiva editorial aparenta ter mudado em relação aos critérios de extensão do texto. Nota-se que o texto ao passar para a segunda página, ocupa um espaço menor e essa mudança pode ser atribuída ao maior alcance do jornal. Este maior alcance pode ter elevado o número de leitores, que por sua vez tinham necessidades de novas leituras, de mais anúncios, de mais serviços e produtos, desta forma, o espaço para divulgar novos produtos e outros gêneros discursivos;

iv) os elementos formais como por exemplo adjetivação, modalização, citação, estrutura argumental mudaram bastante desde os primeiros artigos estudados;

v) a tradição discursiva editorial manteve até hoje a finalidade e a função social que exercia nos séculos XIX e XX;

vi) O gênero possui uma estrutura mais flexível que os outros gêneros, tanto no século XIX quanto no século XX.

Buscamos comprovar ou refutar nossas hipóteses iniciais de trabalho seguindo a metodologia de trabalho proposta pelos estudiosos da história dos textos e aplicada à pesquisa histórica romanística que deu origem ao termo e à orientação metodológica das Tradições Discursivas que fundamente teoricamente esta investigação.

Esta investigação se constitui como uma pesquisa bibliográfica e documental, de acordo com a definição de Lakatos e Marconi (2010), pautadas na análise estrutural, descritiva e interpretativa dos dados. Além disso, foi realizada uma pesquisa de campo no museu municipal Lauro da Escóssia, da cidade de Mossoró, para a coleta do *corpus*.

A abordagem utilizada foi a quali-quantitativa. Fez-se a seleção de 71 textos, publicados no jornal *O Mossoroense* representativos do gênero Editorial. Este jornal tem, atualmente, 145 anos de existência. Apesar de sua veiculação ter tido algumas interrupções, ele é considerado o periódico mais antigo do Rio Grande do Norte em circulação, sendo lido não só na cidade, mas em toda região oeste potiguar⁵.

Fizemos a separação das amostras em três períodos diferentes, em intervalos de cerca de 50 anos para o início da coleta de cada parte representativa do corpus para análise, com a finalidade de observar o perfil constitutivo dos textos nesse intervalo de tempo e de acordo com a disponibilidade do material para a coleta.

O período que constitui o primeiro intervalo vai de 1872 ao ano de 1875, e conta com 34 exemplares de textos. O segundo período vai de 1928 a 1935 e é composto de 23 textos e o último, vai do ano 1980 ao ano de 2007 e comporta 14 textos representativos dos editoriais. O critério utilizado na escolha foi a identificação do gênero com base em alguns critérios como a posição do texto no jornal, a temática, e a sequência prototípica da constituição do texto como hoje o conhecemos. A edição dos textos foi feita considerando as regras de edição do PHPB.

A metodologia de análise, por nós empregada, está ancorada nas afirmações feitas por Coseriu em seus textos, que ressalta a necessidade de entender as motivações pragmáticas, interpretadas a partir do estudo do contexto e, de forma mais ampla, da noção de entorno.

Nos estudos de Tradições Discursivas, a reconstrução da “diacronia ideal” não é possível (KABATEK, 2006) apenas o estudo de sincronias em textos representativos dessas sincronias. Assim, este estudo se constitui de análise dessas sincronias a partir de uma metodologia pautada em categorias diversas e considerando os três níveis em que Coseriu vê a língua; a dimensão estrutural, a dimensão linguístico-discursiva e a dimensão contextual.

O esquema de análise multidimensional⁶ ou mesmo de juntores⁷ utilizada no estudo das Tradições Discursivas, apesar de ser um caminho para a identificação das TDs, não seria o

⁵Esse jornal noticiou fatos importantes como a resistência da cidade de Mossoró ao bando de Lampião, o motim das mulheres, a abolição antecipada da escravatura no ano de 1883, 5 anos antes da Lei Áurea.

⁶Na metodologia de análise das Tradições Discursivas existem mais possibilidades de análise como a análise *multidimensional* de Douglas Biber (1988) que aplica essa proposta a corporas históricos da língua inglesa e de outras línguas. Sua análise parte da hipótese que consiste em identificar as TD por meio da observação da combinação de elementos específicos como marcadores de tempo e aspecto, advérbio de tempo e lugar, pronomes, perguntas, formas nominalizadas, subordinação, preposição, classes lexicais, classes verbais, apenas a título de exemplo. Essa proposta cruza dados em níveis distintos, pois em primeiro estágio se observa que elementos podem se relacionar posteriormente se observa a evolução desses elementos. No entanto, essa proposta ainda vem sendo pouco utilizada em estudos sobre o PB (Português Brasileiro).

⁷Ainda existe a metodologia utilizada por Wolfgang Raible (1992) chamada de “junktion” que consiste na observação de como alguns elementos, utilizando-se de diferentes técnicas linguísticas se organizam para juntar ou combinar elementos proposicionais. As técnicas, segundo essa metodologia de análise, podem ficar visíveis

único, visto que essas metodologias apontam os sintomas de TD com uma riqueza metodológica, mas que para nós não foi possível, dado o número de textos e ainda pela necessidade de um recorte metodológico para termos condições de analisar as amostras.

Acreditamos, no entanto, ser possível identificar Tradições Discursivas pautados na descrição e análise das três dimensões nas diferentes sincronias.

Para compor o referencial desta pesquisa que visa investigar através de uma abordagem diacrônica o percurso-histórico do texto editorial do jornal *O Mossoroense*, hoje dispostos para consulta no Museu⁸ municipal de Mossoró, destacamos as obras por área na qual se insere. A primeira grande área trata-se das abordagens que contemplam a história da imprensa no Brasil, bem como das práticas jornalísticas.

O arcabouço a seguir nos guiará na tarefa de dissertar com propriedade sobre a história da imprensa: Molina (2015), que recupera a história dos jornais do Brasil na era colonial e no início do período republicano, mostrando os fatores que marcam o desenvolvimento dos jornais aqui no país; Martins e De Luca (2015), que evidencia a história da imprensa no Brasil sob a ótica do protagonismo e de suas tomadas de decisões influenciando a conjuntura social; Barbosa (2007, 2010), que nos oferece uma contribuição da história da imprensa pelo viés cultural mas também histórico e que mostra o perfil da formação da imprensa; Melo (2003) contribui para o conceito do jornalismo opinativo a partir da segunda metade do século XX; Lustosa (2003, 2006) nos ajuda a compreender as sucessões de fatos que ocorrem entre a imprensa e a organização da política; Sodré (2011) apresenta uma obra de grande completude descritiva para o entendimento do nascimento da imprensa brasileira; Rizzini (1997) nos apresenta um estudo das formas de comunicação antes da tipografia, o que nos ajuda a compreender algumas mudanças que foram ocorrendo antes da imprensa brasileira ser inaugurada.

O arcabouço teórico relativo às questões de gênero textual tem como basilares os trabalhos de Bakhtin (1997) com seu trabalho *Estética da criação verbal* em que discorre sobre a natureza dos gêneros do discurso conceituando-os; Swales (1990) defende uma abordagem do texto situado em seu contexto, a sociorretórica, assim como Bazerman (2011a,

na superfície do texto a partir dos juntores, que são normalmente os elementos dêiticos, elementos de coordenação ou de subordinação (conjunções), construções absolutas, construções participiais, grupos preposicionais. (KABATEK, 2005)

⁸O Museu Histórico Lauro da Escóssia era a antiga cadeia pública de Mossoró e tem em sua história passagens importantes como a abolição dos escravos em 1883, quando era ainda a câmara, o fato de ter prendido o cangaceiro Jararaca (José Santana de Leite, episódio que se deu após a resistência da cidade ao ataque do bando de Lampião, ocorrido em 13 de junho de 1927. E ainda guarda em seu acervo, que atualmente dá ênfase a elementos sócio-históricos, ao voto de Celina Guimarães, no ano de 1932, o primeiro voto feminino da América latina. (SILVA, 2008) e <http://www2.uol.couim.br/omossoroense/080404/nhistoria.htm>

2011b, 2007) e como Miller (2012, 2009) com os quais se pensa sob a perspectiva de que os gêneros são textos sócio-historicamente concebidos e com a noção de que os gêneros possuem características de fácil reconhecimento e que estão intimamente ligadas à função principal do gênero (BAZERMAN, 2011a, p. 40.); Marcuschi (2008) faz um apanhado dos estudos de gênero e traça a relação existente entre a oralidade e a escrita numa espécie de contínuo, como uma espécie de estado da arte, nos ofertando um guia para leituras de pesquisadores diversos.

Para nos situar em relação ao método de abordagem das Tradições Discursivas, serviu-nos de fonte os trabalhos de Coseriu (1979) de quem parte a ideia geral da língua como atividade/ processo e não como um produto e ainda a divisão da língua em três níveis distintos, além dos conceitos de entorno como algo de extrema importância para entendimento de fenômenos linguísticos; Oesterreicher (1997) e Koch (1997), que inauguram o conceito de Tradição Discursiva partindo da duplicação do nível histórico anteriormente definido por Coseriu, no qual postularam que havia dois níveis históricos: um em que se trata da historicidade da língua (idioma) e outro em que se tem a história dos textos (as Tradições Discursivas).

Nos baseamos ainda nos trabalhos de Kabatek (2001, 2003, 2004, 2008), que elaborou trabalhos sobre a historicidade dos textos, o conceito de tradição discursiva; Schieliben-lange (1993), que mostrou a relação entre a oralidade e a escrita.

As perspectivas a partir das quais se observa os fatos têm de considerar que as línguas são sempre um conjunto de variedades (FARACO, 2005, p. 31), ou seja, elas são heterogêneas, daí a dificuldade em se cristalizar resultados e generalizar para a língua como um todo, por isso, a nossa pesquisa retrata apenas uma realidade, de um lugar, de uma época e de uma determinada esfera.

Em relação aos estudos diacrônicos, Pessoa (2003), que estuda manuscritos e impressos da imprensa brasileira dos séculos XVIII e XIX, será aporte teórico para uma interpretação da organização textual no nível linguístico-discursivo numa perspectiva microestrutural⁹, e ainda esclarece acerca dos estudos sobre diacronia que vinculem a constituição étnico-social e linguística no século XIX são escassos, justificando a importância de pesquisas como as de Fonseca (2003), que estudou as cartas oficiais da Paraíba; Simões (2007) faz um estudo aplicado à sintaxe do gerúndio pelo viés da gramaticalização; Zavam

⁹ Essa proposta prevê duas dimensões de análise, a primeira que relaciona fatores contextuais à produção do gênero, os entornos e a segunda que dá ênfase à materialidade do texto.

(2009) investiga os editoriais cearenses e esquematiza uma proposta de análise diacrônica com base nos estudos de Coseriu; Gomes (2007) estuda editoriais pernambucanos e delinea o perfil desses textos no estado. Esses estudos tratam de pesquisas sobre Tradições Discursivas as quais ultrapassam análises estáticas, considerando questões mais dinâmicas para a análise, como elementos sócio-históricos que agregam à análise elementos não apenas linguísticos.

A tese está organizada em quatro capítulos: no capítulo 1 explicitamos todos os fatos introdutórios relevantes para a pesquisa, como as motivações para sua feitura, os questionamentos que orientaram o olhar crítico de pesquisador, a escolha do objeto de estudo e do modelo teórico etc.

No capítulo 2, fazemos a incursão na história da imprensa do Brasil, como surgiram os primeiros jornais, que características possuíam, como era o pensamento da época, bem como a organização social e o que desse período influenciava diretamente à imprensa brasileira. Em seguida, entramos no universo na imprensa Mossoroense, a história social na qual surgia um dos veículos de imprensa mais antigos do país ainda em funcionamento, recontextualizando o cenário no qual nasciam os textos opinativos da época.

No capítulo 3, adentramos nos estudos que embasaram a teoria dos estudos de Tradições Discursivas e traçamos uma história da metodologia por nós empregada baseados em estudos de (COSERIU, 1979; OESTERREICHER, 2002; KABATEK 2003; KOCH, 2011), e, além disso, trazemos a noção da metodologia de análise em relação aos outros estudos como os estudos de gêneros e fazemos uma diferença entre as abordagens. Explicitamos a importância do conceito de historicidade para a teoria das Tradições Discursivas e a necessidade de se evocar algo, a repetição de algum evento comunicativo situado historicamente, que é um traço de uma tradição discursiva.

No capítulo 4, analisamos os textos das três fases recortadas por nós, para efeito de metodologia e análise diacrônica. As categorias de análises estão assentadas nos estudos de Oesterreich e Koch (2002, 2003), Kabatek (2004). A linha que deverá ser traçada na constituição de um percurso histórico requer prioritariamente categorias assentadas não somente na Linguística Textual, mas também a contribuição dos entornos, já citados por Coseriu (1979).

Na seção 4.2 fazemos uma comparação das continuidades das características bem como das rupturas (KABATEK, 2003) que marcam essa linha do tempo dos editoriais.

E por último, em nossas considerações finais, fazemos um apanhado das nossas propostas de pesquisa, uma retomada das principais mudanças e continuidades percebidas, verificamos se as nossas hipóteses se comprovaram ou não e tecemos alguns comentários

sobre direcionamentos e pesquisas referentes ao nosso campo de estudo. Esperamos, contudo, que nosso trabalho tenha possibilidade de contribuir para o campo dos estudos da história dos textos, principalmente do estado do Rio Grande do Norte e, mais especificamente, da cidade de Mossoró.

2 SURGIMENTO DA IMPRENSA NO BRASIL

Neste capítulo remonto a história dos principais jornais no surgimento da imprensa brasileira, traçando um panorama da situação contextual em que nasce o Jornalismo do país com o objetivo principal de perceber e evidenciar a estreita relação dos fatos mencionados nas matérias e os modelos textuais escolhidos para sua propagação.

2.1 A IMPLANTAÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL

Nos estudos linguísticos, quer se relacionem ou não à diacronia, é necessário que seja feita uma retrospectiva da abordagem dos temas centrais de um trabalho científico e de pesquisa a fim de compreendermos os processos que originaram os fatos da atualidade. Dessa retomada decorre uma sequência lógica que garante que sejam feitas as deduções, comprovações ou mesmo a negação das hipóteses formuladas na problematização do trabalho. Assim, no anseio de levantarmos a cronologia dos acontecimentos, faremos, neste capítulo, um histórico da implantação da Imprensa Brasileira no período colonial e mais especificamente a história do gênero editorial na imprensa oficial.

A imprensa brasileira surge oficialmente, e tardiamente, assim interpretada por alguns historiadores como Molina (2015), com a vinda da família real para o Brasil, no ano de 1808, embora já houvesse sido inventada a máquina de grafar letras, tecnologia desenvolvida por Gutenberg no século XV. Há, no entanto, vestígios de que a escrita já circulava pela sociedade através da iniciativa de tipógrafos que produziam a letra escrita sem o conhecimento da Coroa. E isso era possível devido ao transporte de máquinas de imprensa vindas de Portugal, trazidas sem a permissão do rei no navio que transportava a família real.

A forma de divulgar o pensamento na sociedade, na falta da imprensa, ainda era o manuscrito e a oralidade, esta última é predominante durante todo o século XVIII no Brasil, que vivera certo atraso, no que diz respeito ao nascimento do jornalismo, em relação a outros países da América e ao próprio Reino, cujo interesse não era de desenvolver e industrializar a colônia tão rapidamente.

Há inúmeros argumentos que confirmam a hipótese de Marques de Melo (2003), de que há um conjunto de fatores sócio-culturais que impediram a instalação e desenvolvimento da imprensa em época equivalente, por exemplo, ao México que em 1539 já contava com oficina

de gráfica. Ao passo que no Brasil, o intervalo entre o descobrimento e as primeiras formas de jornalismo reconhecido como tal datam mais de 300 anos.

Os fatores que Marques de Melo apontou como responsáveis pela falta de necessidade de uma imprensa são pontualmente contextuais, num momento em que havia pouca industrialização, um índice de analfabetismo alto, falta de organização burocrática nas cidades, infraestrutura quase inexistente, o ínfimo volume de comércio que aqui havia, o escasso volume populacional, que estaria diretamente ligado ao objeto-alvo dos textos, além de que os indivíduos mais letrados, que alimentavam desejo por conhecimento, ou sabedoria, saíam do país para alcançar suas metas na metrópole, onde conseguiriam o grau universitário.

Devido às condições explicitadas, não havia necessidade de um meio de comunicação mais rápido e de maior alcance que a oralidade e os manuscritos, cuja existência do último permaneceu como um dos principais meios de comunicação entre os idealistas e o povo.

Escreviam-se os manuscritos sem certa regularidade e, sem atingir grande parte da população manifestando-se as inquietações, queixas e aspirações, principalmente no tocante à forma de governo. No entanto, esses textos manuscritos não podem ainda, ser considerada imprensa, jornalismo propriamente dito, pois, conforme Barbosa (2010, p. 20):

[...] a existência de informações manuscritas e da impressão clandestina, entretanto, não permitem dizer que existam imprensa e jornalismo. Só existe imprensa, no sentido estrito do termo, a partir do momento em que a transmissão de informações regular se torna pública, ou seja, acessível ao público geral.

É certo que a divulgação das ideias via manuscritos demandava um trabalho maior de produção do documento, mas não se arrefeciam os ideais de liberdade influenciados por revoltas e movimentos europeus que, de certa forma, motivaram as inúmeras tentativas de instalação da imprensa aqui no Brasil.

A exemplo disso, Passos (1952, p.21), narra em seu dossiê sobre a Imprensa colonial que em 1747, Antônio Isidoro da Fonseca, com a permissão do Governador de Capitão Geral do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, montou uma tipografia que funcionava no Brasil de forma obscura, sem indicação de lugar, por que o Reino não estava a par dessa autorização para funcionamento das letras impressas.

Nelson Werneck Sodré, que possui umas das obras mais completas sobre *a história da imprensa no Brasil*, afirma, em sua obra elaborada em cerca de 30 anos, que o contexto histórico revela que havia um controle de tudo que era produzido aqui mesmo que não tão

rigoroso. Dom João VI, lia tudo que era escrito antes da publicação, e antes da imprensa oficial o que havia eram tipógrafos perseguidos, pois não era interessante para Portugal que a cultura adentrasse na colônia sob a ideia que é muito mais fácil liderar os ignorantes (SODRÉ, 2011, p. 18). A imprensa só seria finalmente instalada e começariam a serem publicados os primeiros textos em setembro de 1808, sob a análise de uma junta que seria a censura dos textos.

Essa visão dos fatos foi contraposta na Tese de Marques de Melo através de sua pesquisa de cunho sociológico, já citada no texto, que a partir de uma análise funcionalista, observou não apenas os dados superficialmente e utilizou uma visão rasa dos fatos, mas que de diferentes prismas pode situar melhor o cenário no qual seria formado o jornalismo brasileiro. A partir daí, concluiu que uma gama de múltiplos fatores contribuiu para a “demora” no surgimento do ofício aqui no país e não apenas o controle da Coroa fora coercivo e crucial no desenvolvimento tardio da imprensa.

Não podemos, entretanto, desconsiderar as contribuições da obra de Nelson Sodr e para o campo de pesquisa, sem d vidas, uma obra com tanta precisão e riqueza de detalhes deve apresentar meios para que outros pesquisadores, em tempos mais modernos e com mais condi oes de pesquisa, possam continuar o trabalho e verificar as lacunas, para que outros trabalhos surjam a fim de complementar a obra.

Outros estudiosos como Martins e De Luca (2015) apresentam um trabalho de pesquisa com uma densidade de fatos considerável para delinear com muita riqueza de detalhes o período colonial e ressaltam a importância do trabalho de Sodr e (2011) como fonte histórica de dados em formato de compêndio dos jornais mais importantes da época.

O ponto culminante das obras citadas e o mais importante   a caracteriza o do período colonial para o jornalismo como um momento em que havia muitas divergências de estado, ora havia a censura régia controlando tudo que era dito, ora as revolu oes enfraqueciam o governo a ponto de o Rei ser obrigado a assinar o decreto que estabelece a liberdade de imprensa, como o ocorrido em 21 de setembro de 1820. Essa liberdade foi conseguida devido às pressões massificadas traduzidas na revolu ao Constitucional vivida por Portugal, muito em consequência da insatisfa ao do povo com o Rei, em virtude da transferência da Coroa para o Brasil, o que causava instabilidade econômica, visto que os portos foram abertos  s na oes amigas, o comércio havia enfraquecido depois da quebra do monopólio.

Assim, os revolucionários organizaram-se de forma junta, tomaram o poder do país e estavam lançadas as bases da constitui ao portuguesa. Uma outra medida deveras importante

para o jornalismo fora a de 13 de outubro que autorizava a circulação dos impressos portugueses fora de Portugal (MARTINS; DE LUCA, 2015, p.34).

A medida seguinte trata-se do fim da censura prévia, por um decreto assinado por Dom João VI, no dia 2 de março de 1821, cujo feito foi considerado tardio face à circulação de impressos que havia no país em razão da conjuntura política efervescente.

A Imprensa brasileira é inaugurada, conforme citado em Barbosa (2010, p.19), por um brasileiro que reside em Londres; Hipólito José da Costa, no ano de 1808, é chamado *Correio Braziliense* sendo totalmente editado em terras inglesas. Curiosamente, o jornal que é tido como o primeiro do país é editado na Inglaterra e corresponde a um ideal de liberdade imaginado e desejado pelo seu idealizador que viu na vinda da Corte para o Brasil, uma chance de progresso vinculada às necessidades do Reino que aqui se instalava.

Pode-se pensar e concluir, que de uma forma quase que espontânea e ligada às necessidades de um grupo, a Imprensa surge por motivações políticas, sociais, culturais, econômicas, dentre tantas outras razões que fomentaram a produção de textos jornalísticos no *Correio Braziliense*.

O primeiro Número do *Correio Braziliense*

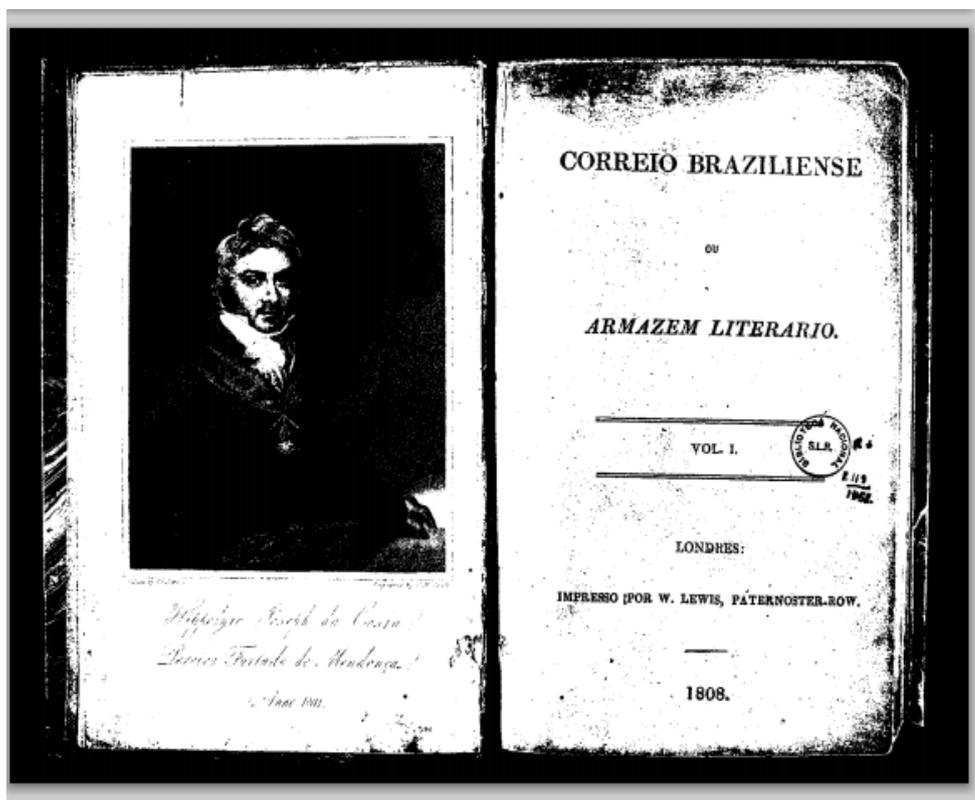


Figura 1. *Correio Braziliense*

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume01.pdf

Hipólito, o criador do jornal, era um idealista que almejava que o seu país crescesse como os países que ele conhecera em suas viagens, assim como a Inglaterra que dispunha de uma imprensa livre de censura, em que as críticas poderiam existir sem represálias ou como os Estados Unidos que ele conhecera em uma missão que Portugal ordenara que ele fosse. Lá também não havia censura e, obviamente a imprensa era livre.

Os ideais progressistas permeavam o Jornal *Correio Braziliense* que logo em seu primeiro número aparecia com 100 páginas, com longos textos, notícias e uma sessão chamada “reflexões sobre as novidades do mês”, que cf. Lustosa (2003, p.16), era a parte mais importante do jornal, pois entre suas análises e críticas externava suas ideias e projetos para o Brasil.

Em consequência de suas palavras que direcionavam para reflexão do novo jeito de governar o país e de seu excessivo desejo de mudança no quadro social transcritos na introdução do *Correio Braziliense*, e de sua auto-responsabilização como formador de opiniões que possui uma função social evidentemente importante é que o Correio assume um papel fulcral na Independência da colônia brasileira em relação ao Reino.

A edição de número 1 do Jornal, que ele produzia totalmente só, expõe às claras a função desse jornalista na história, por suas próprias palavras:

O indivíduo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes que ele espalha, tiram das trevas, ou da illuzão, aquelles, que a ignorância precipitou no labyrintho da apathia, da inépcia, e do engano. Ninguém mais útil pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. ” (*Correio Braziliense*, número 1, introdução).

Dessa forma, O *Correio Braziliense* tinha como objetivo disseminar pensamentos críticos que culminassem com uma mudança de postura em relação ao modo de governo que se tinha. E como Lustosa (2003, p.15) bem cita, naquele contexto em que não havia escolas, universidades, aquele primeiro jornal e os outros que se seguem tinham aglutinado em seu papel a função de também educar o povo. Em consequência de tal função o jornal tinha formato e tamanho de um livro. Não havendo, portanto, economia de papel ou de palavras em suas edições.

Em período quase concomitante à criação do *Correio Braziliense*, a imprensa Régia é inaugurada no Brasil. É a partir de 1808 que começa a contar a história da imprensa brasileira

que inicialmente se dá nessas duas vertentes políticas: uma que publica atos e outros textos em consonância com o Governo e outra que manifesta em suas páginas o claro e intenso desejo que mudança e independência econômica da colônia em relação ao Reino.

Após esse período inicial em que a necessidade de divulgação das decisões régias obriga que se crie um veículo para comunicação do Reino com o povo, surgiram outras gazetas e esse período é chamado por Barbosa (2010, p. 12) como o período das explosões das gazetas e pasquins e conhecido na literatura disponível sobre a imprensa brasileira como a período da imprensa abolicionista.

De fato, o jornalismo no país começa motivado pelos incentivos de Hipólito à independência política, anseios que acabam por ser disseminados por quase toda a sociedade brasileira da época e que se refletem nos discursos inflamados contra a Corte. No entanto, esses manifestos não eram, muitas vezes, comprados pela maioria que liderava a imprensa brasileira.

Abaixo, lista-se os jornais mais importantes e citados na literatura corrente sobre a imprensa brasileira, e suas posições político-ideológicas de acordo com Barbosa (2010), Lustosa (2003), Malerbe (2006);

| Nome da gazeta ou jornal | Ano de início e término | Posição política e discurso |
|---------------------------------|--------------------------------|---|
| <i>Correio Braziliense</i> | 1º de junho 1808-1823 | Considerado o primeiro jornal do Brasil, manifestava as ideias de seu único gazeteiro e criador, que embora não fosse republicano, defendia ideias progressistas, tratava-se de Hipólito José da Costa. |
| Gazeta do Rio de Janeiro | 10 de Setembro de 1808 | Folha Oficial que publicava os decretos e fatos liberados pela família real, editada por Tibúrcio José da Rocha. Segundo Lustosa (2003, p. 20) Seguiu os moldes de sua “irmã” Gazeta de Lisboa. E publicava fatos internacionais anódinos. ¹⁰ |
| O patriota | 1813-1814 | Um jornal literário e de uma variedade considerável de temas e gêneros, foi considerado um dos mais inteligentes da época segundo Carlos Rizinni. Seu redator era Manuel Ferreira de Araújo Guimarães e os textos eram escritos, em sua maioria, em exclusividade para o periódico. |
| O conciliador do Reino Unido | 1821 | Criado pelo visconde de Cairu, que apesar de defender o liberalismo econômico, acreditava que a liberdade de imprensa era prejudicial às mentes mais fracas. |
| O Amigo do Rei e da Nação | Março de 1821 | Como o próprio nome evidencia, tratava-se de um jornal conservador, de Ovídio Saraiva de Carvalho e |

¹⁰De acordo com Molina (2015) sua função era noticiar, sem, no entanto, preocupar-se com opinião, nem com temas com economia, artes e literatura.

| | | |
|---|-----------------------------------|--|
| | | Silva e que como a maioria dos jornais conversadores previam a continuidade da união luso-brasileira. |
| O bem da Ordem | 1821 | Surgiu ao mesmo tempo que o <i>Amigo do Rei e da Nação</i> , do Cônego Francisco Vieira Goulart |
| Revérbero Constitucional Fluminense | 1821 | Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, cônego da capela real, dois conhecidos maçons, defendiam as ideias de liberdade de imprensa, mas se mantinham na linha conservadora ao achar precoce a ideia de independência |
| O Espelho | 1º de outubro de 1821 | Contava com o único Jornalista profissional da cidade do Rio de Janeiro, que se tratava do Coronel Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. A posições político-ideológicas estavam muito mais ligadas a questões pessoais que propriamente uma linha de raciocínio e comportamento politicamente definidos. |
| O Despertador Braziliense | 1821 | Escrito pelo desembargador Francisco de França Miranda, em forma de panfleto pregava a revolta contra a Corte. Teve um único número publicado |
| A malagueta | 18 de dezembro de 1821 | De redação de Luís Augusto May, engrossava o coro de protestos contra a Corte, criticava ferreamente os ministros e ao Rei, a quem julgava imaturo. Foi um dos jornais mais lidos do período por tratar-se de um periódico que se utilizava de críticas bastantes severas ao governo em questão. |
| A Reclamação do Brasil | 9 de janeiro a 22 de maio de 1822 | De José da Silva Lisboa, aparecia neste ano com a intenção de doutrinar. |
| O correio do Rio de Janeiro | Abril de 1822 | Jornal através do qual foi lançado a campanha pela constituinte brasileira, criado pelo comerciante português João Soares Lisboa. |
| O regulador Brasílico | 1822- Março de 1823 | Frei Francisco Sampaio e Antonio José da Silva Loureiro, permanece na linha dos que apoiam a união luso-brasileira, refletindo claramente sua posição conservadora. |
| Diário do Governo | 1823 | Principal Redator no início era Frei Sampaio e depois assumido por José da Silva Lisboa, e mantinha-se na linha de apoio ao Governo de Dom João |
| Diário da Assembleia | | |
| O Silfo | 6 de agosto | Publicado por amigos de Gonçalves Ledo e Januário, considerado de pouca expressão e sem tanto eco quanto <i>Revérbero</i> |
| O tamoio | | Jornal separatista, cuja intenção residia na volta do colonizador para Portugal a fim de que ficasse no país apenas as brasileiros. |
| A sentinela da Liberdade na Guarita da Praia Grande | | Cipriano Barata era o redator e o jornal era publicado em Recife |
| Estrela Brasileira | | |

Quadro 1: Jornais, data de sua criação e término e as posições político-ideológicas.

Apesar de se comumente rotularem os dois primeiros periódicos como dicotômicos no que diz respeito às ideias centrais, havia muitas convergências entre os jornais *O Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio* no que diz respeito à defesa da monarquia, em relação à dinastia que governava e o apoio à união Luso-brasileira, além de compartilharem o repúdio às ideias de revolução e ruptura pulverizado na revolução Francesa. (MARTINS e DE LUCA, 2015).

Esse fato pode evidenciar que, embora haja discordância em muitos aspectos relacionados à posicionamentos vindos dos jornalistas, muitos ainda não comungam de visões abolicionistas, e progressistas.

O cenário em que nasce a imprensa brasileira, carece ainda de condições para que ao fazer jornalístico seja considerado uma profissão, que pode existir sem estar atrelada ao poder administrativo do Estado. Além disso, de forma quase artesanal e com funções totalmente diversas das que conhecemos hoje, a imprensa é, de certa forma, responsável por disseminar pensamentos críticos e posições analíticas a respeito do governo, em sua maioria, pois como podemos perceber ao longo da narrativa de sua história, ela cresce num misto de opiniões e posições antagônicas;

A imprensa constituiu-se como formuladora de projetos de nação distintos entre si (apesar das convergências) e de uma cena pública cada vez mais complexa, na qual emergiam atores políticos diferenciados. Permeiam as páginas dos jornais como protagonistas: soldados oficiais de média patente, lavradores arrendatários, profissionais liberais, clero regular e secular, camadas de pobres urbanas livres, homens negros, pardos e brancos, além da presença nítida das mulheres em cena pública, como leitoras ativas (MARTINS; DE LUCA, 2015, p. 42.).

A imprensa da independência passou por momentos marcados pela censura, e em consequência dela, o desaparecimento e aparecimento de diversos periódicos, numa espécie de movimento ondulatório dos periódicos. O que definiria a imprensa incipiente do Brasil como uma entidade à mercê das forças políticas, já que ora havia censura, ora a liberdade de imprensa.

A mídia, como hoje chamamos os meios de comunicação em massa, esteve desde sua gênese atrelada à conjuntura política e econômica da época, seja pelo viés conservador, através do qual se propagavam os pensamentos convergentes aos governos em questão, seja pelo viés revolucionário e subversivo, que estariam sempre em busca de ideais inspirados nas revoluções europeias, onde tudo acontecia antes que no Brasil, provavelmente por que o país

estava nascendo sobre a égide de governos instaurados a bastante tempo e cercado de tradições sociais.

Dessa forma, quando se observam as funções dos textos jornalísticos que inauguraram a imprensa brasileira, não se pode deixar de citar o caráter pessoal, e marcado na forma, por uma sintaxe que abusa dos adjetivos a fim de expressar com precisão e de maneira determinante as posições defendidas por seus autores.

O jornalismo colonial traz intrínseco à sua gênese o intenso sentimento de patriotismo e de busca por desenvolvimento à semelhança do Reino e de outros países europeus tidos, por exemplo, por Hipólito, como superiores em muitas coisas, e entre os que ele conhecia, destacam-se Londres, Estados Unidos que estavam muito à frente até de Portugal em questões sociais e políticas.

Encerrado o período inaugural da imprensa, com a Independência brasileira, tem-se uma fase na qual se observa a explosão de jornais dos mais variados tipos e opiniões, e o início do novo século traz ainda mais novidades tecnológicas que favorecem a disseminação do ofício.

O Rio de Janeiro, então capital do país, segue com a modernização, citada por Barbosa (2007, p. 22) como símbolo do novo século, que inovações como o telégrafo, o gramofone, os daguereótipos, fonógrafo, a luz elétrica e para a imprensa o linotipo que possibilitou a publicação de muitos exemplares de uma vez só, e esse processo substituiu a mão de obra em muitos casos.

Outro fator que influenciou diretamente as publicações foi a capacidade de fotografar. Muito do que antes só poderia ser dito, a partir de então poderia ser mostrado através de imagens. Fora as máquinas de fotografar, os automóveis poderiam levar os jornais mais rapidamente onde antes as notícias só chegariam com semanas ou meses e isso mudaria completamente a relação do público com o jornal, do jornalista com seu texto, da sociedade com a palavra escrita.

Essa relação que antes era muito mais educativa assumia mais um papel, que estava ligado à formação de um público letrado, amante das artes, da literatura, e de uma necessidade de informatividade em detrimento de opinião. Assim;

Constrói-se pois, paulatinamente, a imagem do jornalismo como conformador da realidade e da atualidade. As tecnologias são fundamentais para a construção do jornalismo como lugar de informação neutra e atual. Se o telégrafo torna os acontecimentos visíveis, há que informar fatos que ocorrem próximos ao público. **A opinião é, assim, gradativamente separada de uma ideia de informação** isenta e, neste processo, os novos artefatos tecnológicos desempenham papel fundamental (*grifo nosso*, BARBOSA, 2007, p. 24).

O fato de o jornalismo estar caminhando, no início do século XX para que houvesse uma neutralidade em suas páginas, está diretamente relacionado às novas tecnologias de impressão dos periódicos cujas publicações passam a ter mais rapidez e maior alcance. Esse ponto será melhor desenvolvido mais adiante.

2.2 OS GÊNEROS NOS JORNAIS DO BRASIL

Inicialmente, os jornais apresentavam pouca variedade de gêneros em suas páginas, que em alguns casos, como os dos periódicos publicados pelas pequenas tipografias, eram exíguas, e alguns números só apresentavam 4 páginas, em outros, como o *Correio Braziliense*, o formato assemelhava-se ao formato de um livro, com centenas de páginas e textos escritos quase que sem interrupção de tópicos, temas ou formatos.

Num artigo do professor Marques de Melo (2010), no qual ele avalia o panorama dos gêneros jornalísticos no Brasil baseado nos textos publicados a partir do Jornal *O Correio Braziliense*, outorgando a maior propriedade para tratar do assunto ao francês Jacques Kayser, que há mais de quatro décadas é considerado pelos teóricos de estudos de gêneros jornalísticos como importante fonte de pesquisa, destaca, no jornalismo brasileiro, como protótipos hegemonicamente legitimados. De acordo com Marques de Melo (2010, p. 2) os tipos de textos encontrados nos jornais são:

- **informativo** (relato dos grandes acontecimentos),
- **opinativo** (denúncias, críticas e libelos),
- **interpretativo** (mapas, cartas, relatórios),
- **utilitário** (tabelas e estatísticas de moedas, preços de mercadorias, movimento portuário) e
- **diversional** (informações literárias).

Embora o autor faça essa divisão de acordo com a função que os textos cumprem no jornal é importante salientar a natureza ensaísta do jornalismo ainda incipiente no jornal *O Mossoroense*, tanto que o Editorial, texto de abertura do jornal, assume características de outros gêneros textuais, e que é autointitulado pelo autor como Artigo, Manifesto dentre outros. O jornal experimenta a linguagem em todas as facetas e com as mais variadas possibilidades de expor as informações para o público. A divisão feita por Marques de Melo,

no entanto, carece de uma visão linguística que tome a dimensão palpável da linguagem como ponto para a divisão de gêneros.

Esta questão metodológica é amplamente discutida por Silva (2007, p 21) que aponta como necessária uma proposta de análise e de delimitação que tenha como centro as questões estruturais e linguísticas, em contraponto ao que é feito na área da comunicação que tem como cerne os estudos centrados no leitor, o que não lhe tira mérito, visto que os estudos cumprem com seus objetivos de análise, que é dar conta da dimensão mais social do texto jornalístico, e Travaglia (2007, p. 1297), que aponta parâmetros comuns para uma análise de definição dos gêneros descritos em :

Conteúdo temático; estrutura composicional, incluindo superestrutura; características de língua na superfície textual; ato de fala; objetivos/funções; condições de produção, tais como quem produz, a quem é dirigido, quadro institucional e/ou comunidade discursiva em que é/pode ser produzido, etc.

Para o autor, essas categorias de textos ou como ele próprio chama de *tipelementos* podem ser diferentes que podem ser de natureza diversa e às quais ele chama de *tipo, gênero e espécie*. Dessas três, para o momento, o que nos interessa é a definição da categoria gênero, sobre a qual trata este trabalho e conceituação a partir da qual se segmentou as partes que compõem o corpus da análise. Não menosprezando as outras categorias, que serão discutidas mais profundamente no capítulo referente às questões metodológicas e teóricas da tese.

o gênero que se caracteriza por exercer uma função sócio-comunicativa específica. Estas nem sempre são fáceis de explicitar. Os gêneros são compostos pelos tipos e pelas espécies e eventualmente por outros gêneros. Alguns exemplos de gêneros são: romance, conto, novela, piada, editorial, artigo científico, conferência, entrevista, ata, resolução, edital, atestado, certidão, prece, tese, resenha, mandado, procuração, contrato, tragédia, comédia, farsa, esquete, etc. (Cf. Travaglia, 2007, p.104-106).

A definição acima tem como conceito de texto a unidade de significação, oral ou escrita que pode ser compreendida pelos seus interlocutores como texto independente de sua extensão. Essa visão é bem disseminada na Linguística Textual e base para estudos dos textos que além da estrutura, considerem elementos externos a ele, compreendendo e valorando a visão social da linguagem.

Ainda segundo Travaglia (2002), há funções inerentes aos gêneros as quais ele elenca num quadro didático:

| | Grupo de Gêneros | Função Básica Comum |
|----|---|---|
| 01 | Aviso, comunicado, edital, informação, informe, participação, citação | Dar conhecimento de algo a alguém |
| 02 | Acórdão, acordo, convênio, contrato, convenção | Estabelecer concordância |
| 03 | Petição, memorial, requerimento, abaixo assinado, requisição, solicitação | Pedir, solicitar |
| 04 | Alvará, autorização, liberação | Permitir |
| 05 | Atestado, certidão, certificado, declaração | Dar fé da verdade de algo |
| 06 | Ordem de serviço, decisão, resolução | Decidir, resolver |
| 07 | Convite, convocação, notificação, intimação | Solicitar a presença |
| 08 | Nota promissória, termo de compromisso, voto | Prometer |
| 09 | Decreto, decreto-lei, lei, resolução | Decretar ou estabelecer normas |
| 10 | Mandado, interpelação | Determinar a realização de algo |
| 11 | Averbação, apostila | Acrescentar elementos a um documento, declarando, corrigindo, ratificando |

Quadro 2. Função dos gêneros

Outros trabalhos nos ajudaram na escolha de definições de gêneros e nos problemas de análises diacrônicas como a que propomos aqui. Costa (2008), que analisou textos dos Jornais *A província de São Paulo/O estado de São Paulo (1875 até os dias atuais)* e *O correio Paulistano (1854-1966)*.

De acordo com Koch (1997), embora haja a problemática da transformação dos gêneros, é possível estudá-los diacronicamente, pois pode haver uma continuidade histórica. Essa afirmação está subsidiada na ideia de que os gêneros não estão isolados, mas que formam uma espécie de conjunto no qual há predominância de um tipo ou outro, o que pode fazer variar o gênero.

Nos jornais paulistas, a autora identificou, de acordo com os parâmetros 1. Estrutura composicional; 2. funções sociais e 3. funções textuais, os gêneros a seguir:

1. anúncio
2. notícia sobre o Exterior
3. notícia do cotidiano
4. notícia comercial
5. despacho
6. aviso
7. notícia sobre atos da administração pública
8. notícia policiais
9. tabela
10. acórdão
11. nota de falecimento
12. folhetim
13. comentário satírico
14. editorial
15. carta do leitor
16. boletim metereológico
17. ata de fundação”

(COSTA, 2008, p. 6)

Segundo a análise de Costa (2008) o gênero mais numeroso no jornal *A Província de São Paulo* é o anúncio, seguido notícias sobre o exterior, notícias comerciais e notícias do cotidiano.

A lista apresenta muito bem os gêneros que circulavam na mídia impressa no século XIX, sendo a notícia um dos gêneros que permanecem até hoje com a função principal de apresentar e descrever um fato para o interlocutor, dar ciência de um fato a alguém.

Acrescenta-se a esta lista, publicadas na seção variedades de *O Mossoroense*, cartas de amor, poesia ou poema e carta pessoal, comumente publicadas provavelmente por se ter a certeza de que seu interlocutor leria as páginas do jornal. A partir dos anos 50 já se nota o aparecimento de horóscopo, receitas e etc.

Além das cartas, são comuns no início do século XX a entrevista, a reportagem, que tem início com as crônicas investigativas de João do Rio¹¹.

Aparecem ainda, no jornal, as crônicas judiciárias, que a partir do número 21, são vistas com mais frequência. As crônicas são textos que correspondem à parte que o jornal se intitula literário:

¹¹ João do Rio ou Paulo Barreto, (1881-1921), foi escritor, jornalista, cronista, repórter e contista além romancista e colunista social. Seu estilo misturava o jornalístico com o literário e sua escrita demonstrava uma pluralidade discursiva. Sua obra reproduz com riqueza de detalhes o espaço urbano do Rio Janeiro no início do século XX. (BULHÕES, 2007, p. 78-79).

RIO GRANDE DO NORTE

MOSSOROENSE.

SEMANARIO, POLITICO, COMMERCIAL, NOTICIOZO E LITTERARIO.

Propriedade de Jeremias da Rocha Nogueira.

| | | |
|---|---|--|
| <p style="text-align: center;">— ASSIGNATURAS —</p> <p>Par anno — 8\$000 Par semestre — 5\$000 Por trimestre — 3\$000 Numero avulso — 320 (Pagamentos adiantados.)</p> | <p><i>Os artigos de interesse geral, serão publicados gratis— A redacção não se responsabilisa pelos seus proprios artigos— As correspondencias de interesse particular, e outros artigos que envolverem responsabilidade, deve- rão vir competentemente legalizados— Os assignan- tes effectivos tem direito a alguns favores nas publica- ções que tiverem á fazer.</i></p> | <p style="text-align: center;">— PUBLICAÇÕES —</p> <p><i>Correspondencias—por ajuste. Annuncios—100 rs. por linha. As correspondencias, annuncios e ma- is publicações deverão ser remetti- dos ao Escripção da Redacção.</i></p> |
|---|---|--|

MOSSORO', 4 DE JANEIRO DE 1873.

AVISO

Figura 2. Epígrafe do Jornal *O Mossoroense* e a especificação de sua atuação

A linguagem literária era a mais comumente utilizada na imprensa colonial, e o estilo culto era o pretendido pela maioria dos jornalistas que mantinham uma postura conservadora em relação ao rigor da norma da Língua de Portugal.

Como no excerto de imagem abaixo, percebe-se uma preocupação de Hipólito, o primeiro jornalista, com a literatura e consequentemente com a língua, já que a literatura era o meio através do qual a língua era e deveria ser mais correta e apresentar riqueza na sua manifestação e um repertório variado.

[30]

LITTERATURA E SCIENCIAS.

COMO neste artigo das sciencias se ha de dar conta das mais importantes obras, que se publicarem; pede a justiça que se preste uma attenção particular ás obras que se publicam em Portuguez; o que farei de tanto melhor vontade, por que conhecendo o actual estado da litteratura Portugueza, não espero que esta repartição me ocupe muito tempo, nem me cause grande despesa no papel.

Tenho porém de comeeçar a minha taréfa com uma miseravel producção anonyma, que, pelo titulo e materia, da bem a conhecer, que he obra mandada fazer pelo Governo Francez. He ésta um folheto em 8º de 13 paginas, intulado—Noticia Historica do Estâdo actual da Inglaterra neste anno de 1808. Lisboa, na Impressão de Bernardo José Alcobia. Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.

Eu tenho, he verdade, não em mui elevado conceito a litteratura Portugueza dos nossos tempos, nem éra de esperar outra cousa com as constantes perseguiçoens, que naquelle paiz soffrem os homens de letras, mas faria aos Portuguezes uma grande injustiça, e obraria contra os meus sentimentos, se não declarasse altamente, que conheço muitas pessoas, em Portugal, que, se houvessem emprendido esta obra, a fuzam, ao menos em especiosos argumentos, infinitamente sepeior ao que ella he. Porém daqui tiro tambem uma conclusão, que me dá muito prazer, e he, que os homens capazes de emprender isto, não quizeram emprestar a sua pena, para servir os tyrannos, que os oprimem; e que Junot, so pôde achar para isto um homem que, escrevendo contra os interesses de sua Patria, mostra ao mesmo tempo a sua extrema ignorancia.

Figura 3. Página de *Correio Braziliense*

2.3 O GÊNERO EDITORIAL NO JORNAL BRASILEIRO

As primeiras manifestações da escrita na mídia impressa traziam em sua estrutura um conteúdo extremamente livre no que se diz respeito à opinião. Os jornalistas, livre de uma censura rígida poderiam expressar opiniões contrárias, inclusive com posicionamentos agressivos (MOLINA, 2015, p.300);

Quereis ver os brasões de d. Pedro e sua gente? Lembrai-vos: a traição da praça do Comércio; iníquas perseguições de muitos patriotas; a dissolução da Assembleia, o desterro de alguns, e insultos em um Decreto a todos os deputados; a usurpação do poder soberano e constituinte da nação; sangue derramado em quase todo o império por meio das comissões militares; os estragos da guerra sobre muitas províncias; o assassinato jurídico de Radcliffe¹¹ encomendado a seus algozes de toga.¹²

Figura 4. Trecho do jornal Aurora Fluminense, sobre o retorno de Dom Pedro.

Nota-se claramente o posicionamento contrário ao retorno de Dom Pedro ao Brasil. O jornal em questão trata-se da Aurora Fluminense, que segundo Molina (2015), era uma espécie de continuação do *Correio Braziliense*. Trazia uma linguagem elegante, mais simples que os outros impressos da época, contudo, ideias bem estruturadas e organizadas num texto rico. E nas palavras de Moreira Azevedo (*apud* Molina *Ibid*), “em vez de divagações indiscretas e ,insulsas, que pejavam nos periódicos da época, lia-se naquele jornal uma linguagem expressiva porém comedida, uma ironia frisante, porém branda, precisão e fluidez no estilo, beleza e riqueza de ideias.”

Os crescentes movimentos contra o Imperador, que assumia tendências absolutistas, deixavam a população insatisfeita. A tensão aumenta quando o jornalista Libero Badaró é assassinado. O fato despertou na população a ideia de que Dom Pedro 1º fosse o mandante, visto que as críticas feitas a ele pelo jornalista eram muito lidas na colônia.

Embora haja movimentos de censura no início do século, o impresso não deixa de contar com escritos que manifestem seus ideais, a busca pelo progresso, e melhores condições de vida e críticas mordazes às tendências autoritárias. Martins e De Luca (2015, p. 36), descrevem os tipos escritos na mídia impressa no início do século como:

Nessa primeira geração da imprensa brasileira não havia incompatibilidade entre o local, o nacional e internacional, nem entre as dimensões opinativas e informativas: o cotidiano e questões locais se misturavam com as discussões doutrinárias dos rumos que o Estado e a nação deveriam tomar, ao lado das notícias nacionais, internacionais e interprovinciais.

A partir da década de 30, alguns meios de comunicação atribuem à característica de moderno aos jornais que privilegiam a informação, relegando ao segundo plano a opinião, como se pode ver:

Na definição dos jornalistas ser um jornal moderno, é destacar as notícias informativas, relegado a opinião a plano secundário. Valoriza-se o novo estilo jornalístico no qual o noticiário “exato e minucioso” tem papel central. Observa-se, portanto, a continuação da construção gradativa do ideal de objetividade no jornalismo carioca, que começa mesmo antes da década de 1910. [...] (BARBOSA, 2007, p. 96)

A noção do termo “moderno” é crucial para a definição do papel e da função do novo jornalista que estaria intrínseca à objetividade, clareza, e que deveria espelhar o mundo tal qual este era, isento principalmente da opinião e da tentativa de persuadir, o que estava fincada na atividade jornalística do período colonial, o momento em que se dava voz às angústias populares devido à instabilidade política de um país que era colônia, sentia-se explorado e sem a valorização e investimentos pretendidos pelas massas.

Outro fator que parece ter influenciado nos textos dispostos no jornal, é o fato de os grandes jornais assumirem uma dimensão comercial, que visava o lucro, abrindo espaços para publicações pagas como anúncios, a seção “a pedidos”, na qual se encontravam as opiniões dos leitores, mas que não necessariamente condiziam com a ideologia administrativa do periódico. Além disso, com o processo de urbanização e modernização das cidades, ler o jornal estava entre as atividades consideradas cultas e mesmo ante o analfabetismo gigante do início do século XX, cada vez mais havia mais leitores, e inclusas aí estão as mulheres, que eram idealizadas como as guardiãs do lar, honestas e trabalhadoras.

Seria o fim do Jornalismo Noticioso? Que lugar a opinião teria agora no novo modelo de jornalismo? Sem dúvidas, não se pode conceber o jornalismo sem opinião. Mesmo que um texto seja aparentemente neutro, compartilha de uma ideologia, mostra uma determinada realidade, a que convém ao jornalista.

A mídia, desde sua gênese aqui no Brasil, teve imbuída em si o encargo de influenciar politicamente a sociedade. Não obstante, há períodos em que sua participação seria menor, principalmente no caso de haver censura, o que é bastante comum na história política e midiática do país.

Através dela e do poder que as palavras têm, os textos poderiam ser usados tanto para disseminar ideais quanto para discriminar. A respeito disso Gnerre (1985, p. 15) comenta:

A linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população. Todos nós sabemos quanto pode ser entendido das notícias de um Jornal Nacional por indivíduos de baixo nível de educação. [...]. Nas

sociedades complexas como as nossas, é necessário um aparato de conhecimentos sócio-políticos relativamente amplo para poder ter um acesso qualquer à compreensão e principalmente à produção de mensagens de nível sócio-político. Adquirir os conhecimentos relevantes e produzir mensagens está ligado em primeiro lugar, a competência nos códigos linguísticos de nível alto.

Para as elites, sempre foi importante que as massas não dominassem os códigos, pois as revoltas, inconformismos e “subversões”, só existiriam caso a massa desse conta do seu poder.

A delimitação das páginas do novo jornal, traria uma coluna específica para a opinião. A opinião do Jornal estaria transposta no Editorial, isto por quê os jornais agora eram mais que textos de pensadores e idealistas, eram agora institucionalizados. E agora apresentava não apenas uma opinião, mas diversas.

Os temas diversos também seriam acrescentados ao novo parâmetro de jornal pois, como destaca Barbosa (2007, p. 98), “o jornal queria um novo interlocutor: uma massa uniforme que começa a ser adjetivada para ganhar consistência da década seguinte”.

A década de 80 é marcada por intensas movimentações políticas. Grandes jornais do país, a maioria deles apoiou o golpe militar de 1964 (MARTINS E DE LUCA, 2015). O que havia era a censura, no entanto havia os diários associados e financiados pelo governo, os quais sobreviveriam bem com a censura e o militarismo.

Assim, a opinião na imprensa brasileira nunca deixou de existir, mesmo no mito da linguagem neutra, e sem excessos de adjetivações se defendiam as ideologias normalmente aceitas pela comissão Editorial do jornal.

2.4 A IMPRENSA EM MOSSORÓ - O JORNAL *O MOSSOROENSE*

Diferentemente do que houve no Rio de Janeiro e em outros estados no país, a inauguração da imprensa em Mossoró data pode ser considerada mais tardia ainda, pois a data de estreia é 17 de outubro de 1872.

Em todo o estado do Rio Grande do Norte, os jornais que estavam em circulação à época só foram inaugurados aqui após a independência do Brasil. No entanto, Sodré (2011, p. 166) afirma que em 1832, já tinha um periódico que circulava no estado, “o Natalense”, porém sua circulação não durou mais que uma década.

O Mossoroense foi criado por Jeremias da Rocha Nogueira¹². Segundo Rosado (2006, p. 131), o periódico tinha como colaboradores além do seu criador, José Damião de Souza Melo, Alfredo de Souza Melo, Antônio Gomes de Arruda Barreto, João da Escóssia dentre outros. A função do jornal estava ligada à instrução; o texto de abertura do periódico desempenhava ora o papel de Editorial ora de Manifesto¹³. Dessa maneira, o jornal assumia a natureza essencialmente política, moral, literária e comercial; característica semelhante a outros periódicos da época que tinha o posicionamento político contrário ao regime monárquico. Além desses textos de cunho político, o jornal anunciava remédios, como os antinevrálgicos, tônicos para o fortalecimento muscular para crianças e mulheres; romances; traduções de textos; tabelas de preços de produtos; notas de falecimento; anúncios de vendas; oferta de serviços como de advocacia; e até de procura de escravos para o serviço doméstico¹⁴ etc.

O Mossoroense, em sua primeira fase trazia em suas páginas o estilo combatente e agressivo com que seu Redator se posicionava ante as questões políticas e administrativas. Os artigos eram em sua maioria doutrinários e ideias progressistas e defendia a maçonaria, entidade à qual o jornalista pertencia.

12O dono do jornal *O Mossoroense* Jeremias da Rocha Nogueira era filho de Floriano da Rocha Nogueira e de Ana Rodrigues Braga, mais conhecida como Ana Floriano. Formou-se em Direito em Pernambuco e fundou em Mossoró a imprensa, com o jornal que leva o nome gentílico da cidade. Antes de fundar o jornal, Jeremias assumiu funções políticas como secretário da câmara, e suplente de vereador. Além disso, exerceu a função de advogado do cangaceiro Jesuíno Alves de Melo Calado (Jesuino brilhante) (CASCUDO, 2001)

¹³ O jornal *O Mossoroense* apresenta explicitamente duas fases as quais já foram divididas pela autora na metodologia. O texto que analisamos como Editorial com similaridade de Manifesto só apresenta essa característica na primeira fase que está delimitada de meados do séc. XIX até o final. Já no século XX, o Editorial assume outras características, abandonando a natureza mais persuasiva e exortativa. Essas características serão tratadas logo mais adiante.

¹⁴De acordo com Bastos (2016, p. 61) a abolição da escravatura só foi proclamada em 13 de maio de 1888. O texto era bem curto com dois artigos apenas: Art. 1 – É declarada extinta a escravidão no Brasil, desde a data desta lei. Art. 2 – Revogam-se as disposições contrárias. Com esse ato a Princesa Isabe, assina a Lei Áurea e põe fim na escravidão no Brasil.



Figura 5. A primeira máquina de imprensa de 'O Mossoroense'.¹⁵

A importância do jornal se confunde com a história da fundação de Mossoró. O dono do jornal, Jeremias trazia à cidade as notícias de grandes polos cultural e econômicos como do Recife, do Rio de Janeiro; e as notícias das províncias como a Paraíba, Minas Gerais e Ceará. Além das notícias do exterior, na seção homônima, que noticiava fatos de países como a Espanha, Roma, Londres e Paris dentre outros.

O texto que inaugura o jornal era de autoria de T. Tibério e conforme descrito no livro *Mossoró*, explicita sua intencionalidade e natureza do veículo que acabara de estreiar:

Dissera Deus ao sol: surge, alumia!
 E iluminou-se o val, o monte, o albergue,
 O fruto, a flor, as palmas.
 Mas do espírito a luz chegara o dia,
 O seu Fiat, em fim, diz Gutemberg,
 E fez-se o sol das almas
 (ROSADO, 2006, p.131)

¹⁵Fotografia tirada por Manoelito, fotógrafo responsável por registrar grande parte da história de Mossoró.
 Fonte: <<<http://vaconferir.com.br/museu-lauro-da-escossia-em-mossoro>>>Data de Acesso: 15/05/2015

O Mossoroense era um jornal que se autodenominava “semanário, político, comercial e literário”. Abaixo da primeira edição do jornal vemos o título do jornal e abaixo as características acima citadas.

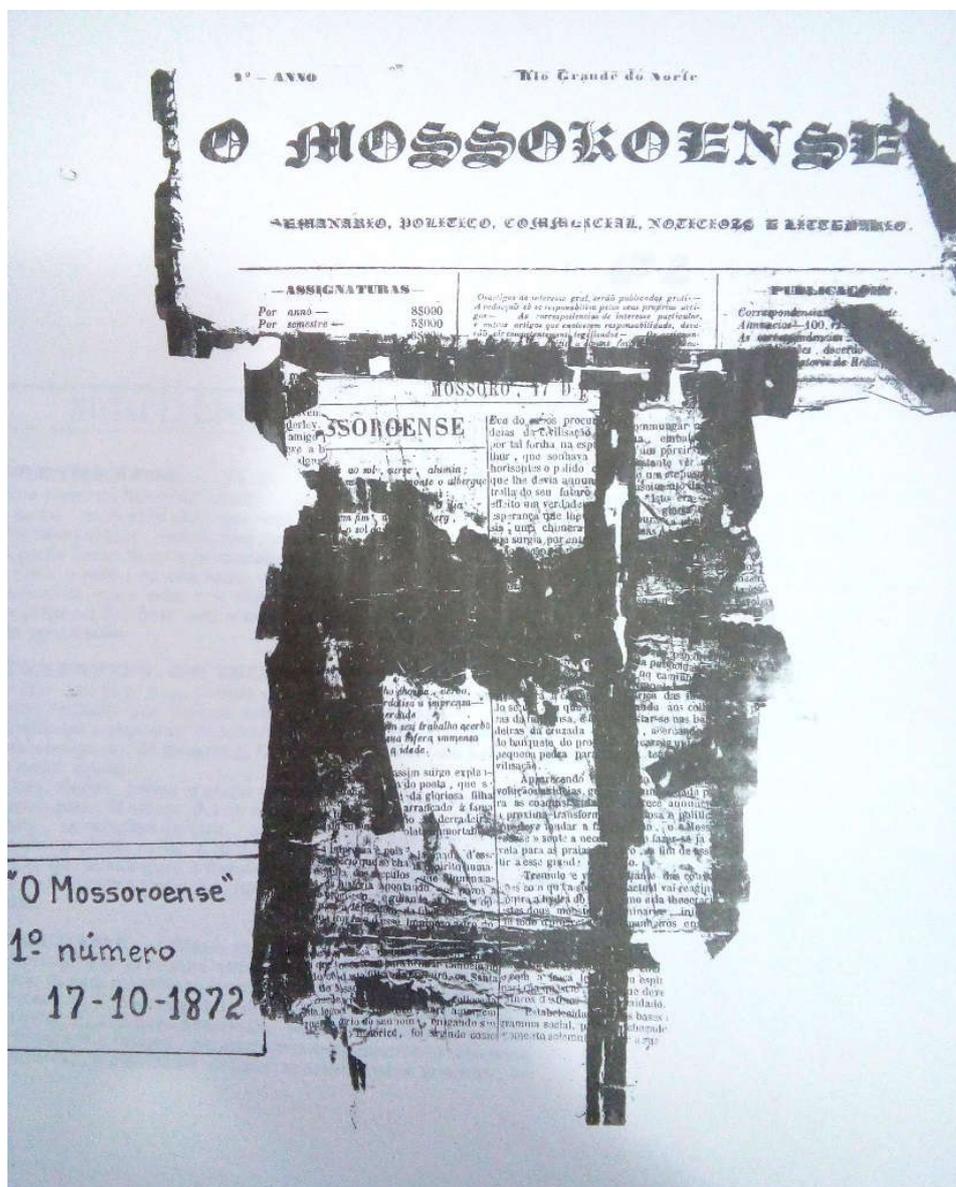


Figura 6. Edição Fac-similar pela coleção *Mossoroense*

Embora haja estreado como o único jornal da cidade, *O Mossoroense* não era bem aceito pela autoridade máxima da cidade, o Padre Vigário Antônio Joaquim, que destoava das visões políticas de seu criador, pelo fato de ser ele um maçom. Contra ele, o prefeito proferia

inúmeras acusações públicas e agressões. Padre Antônio Joaquim era considerado por Jeremias Rocha, adepto do continuísmo retrógrado e era tido como conservador.

Jeremias era abolicionista e registrava n' *O Mossoroense* as críticas à polícia que comumente perseguia os negros na cidade. A bandeira da sociedade secreta maçônica, bem como o dia da fundação da Loja 24 de junho foram descritas também no impresso de Jeremias.

Segundo Cid Augusto, (2004, p. 6), a discórdia era tanta que o vigário se recusou a batizar o filho de Jeremias devido ele e os padrinhos serem maçons. Lauro Escóssia (apud ROSADO, 2004):

Dias após o seu nascimento, foi levado à Igreja Matriz de Santa Luzia a fim de receber as águas lustrais do batismo. Seria batizado com o nome de João Batista da Rocha Nogueira. Na época dessa cerimônia estava em evidência a luta entre a Igreja Católica e a Maçonaria, em nossa cidade seriamente fomentada através do jornal, que tinha o pai do neófito como diretor, pois era Jeremias da Rocha 'homem de bons costumes'. O padrinho seria Targino Nogueira de Lucena, outro maçom, pelo que os dirigentes católicos rejeitavam batizar o inocente rebento de Jeremias. A providência não se fez esperar. Jeremias conduziu a criança à Loja Maçônica 24 de Junho, sendo ali batizada com o nome do patrono da Ordem Escocesa Antiga e Aceita - São João da Escóssia. Esta foi a solução lógica que deu origem à família Escóssia, hoje com centenas de descendentes radicados em vários Estados do País.15

Com isso, a epígrafe do jornal ganharia mais um adjetivo que o caracterizava; o anti-jesuítico e que permaneceu durante grande tempo.



Figura 7. Epígrafe autoexplicativa da crítica ao Padre Vigário Antônio Joaquim

A continuidade do jornal seria interrompida em 1876, com apenas 158 publicações e sua estrutura variava ao longo dos anos conforme o prefácio da edição supracitada, a qual afirma não ter exemplares completos do primeiro número, não ter nenhuma cópia do número 2 e 3 e contar apenas a partir do número 4 de suas edições.

O formato era de 45cm x 31cm, diagramado em três colunas de 7cm cada, até o número 56, publicado em 8 de novembro de 1873. Segundo o relato de Lauro da Escóssia¹⁶, a partir do número 57 as colunas passariam de 3 para 4.

Era impresso com o uso de tipos, blocos de metal fundido ou de madeira, com gravação em relevo de determinado sinal de escrita (letra, vírgula etc.) a ser reproduzida por impressão. O papel utilizado para imprimir *O Mossoroense* vinha do norte do País, no Vapor Pirapama. As máquinas e o material tipográfico foram comprados em Recife.

A tipografia de Jeremias da Rocha, onde o jornal era impresso por José Soares de Couto Lima, chamava-se *Typographia Mossoroense*, mudando em 22 de dezembro de 1872 para *Typographia Liberal Mossoroense*.

A sua longa existência permitiu registrar em suas páginas acontecimentos importantes da época, como o motim das mulheres, episódio em que as mulheres vão às ruas protestar contra o decreto 5851, publicado no governo Rio Branco contendo as normas de recrutamento para o exército, e o primeiro voto feminino das Américas, por Celina Guimarães em 1927, publicação que conta do dia 4 de novembro na qual trazia a reportagem sobre a confirmação de Celina como primeira eleitora da América Latina.

O jornal também noticiou a tentativa de elaboração do código civil brasileiro em 1873, escrito por José Thomaz Nabuco de Araújo. A passagem do cometa Halley em 1908, as notícias de Roma referentes a eleições papais.

O Mossoroense existe até os dias atuais no formato online. E como se pode ler no site na Agência de Jornalismo Nacional, é um dos jornais mais antigos da América Latina, sendo o terceiro na lista do País. A primeira guerra mundial também é noticiada em todas as etapas e com detalhes dos acontecimentos.

Acontecimentos importantes locais como a construção da catedral de Santa Luzia, do colégio Sagrado Coração de Maria, instalação da luz elétrica na cidade um dos fatos mais aclamados e lembrados pelos mossoroenses também foi muito bem descrito; a invasão do

¹⁶ Este trecho foi retirado do suplemento especial de 140 anos de existência do Jornal publicado em PDF na internet em data de 17 de outubro de 2012. A fonte não foi encontrada devido o material ter sido baixado há alguns anos.

bando de Lampião à cidade de Mossoró e a resistência da cidade ao cangaceiro mais afamado do Nordeste:

O famigerado bando não nos encontrou desprevenidos ... Sabendo dos nossos hábitos pacíficos, desse vagarosamente e ao meio dia de 13 começa a ser avistado. A uma légua desta cidade, manda uma intimativa ao Cel. Rodolfo Fernandes, para que lhe envie 400 contos de réis, sob pena de nos invadir. A tal ultimatum, respondido negativamente, segue-se outro que não teve melhor sorte, e o celerado e seus adeptos entram em contato conosco, pouco antes das 16h. Divididos, aparecem em diversos pontos. O sino da Matriz repica, alertando o posto da torre que se prepara para a luta. Ao troar dos fuzis, casa-se ribombo do trovão, pois que pouco antes começara a chover. Se o céu nos mandava lágrimas, também saudava, abafando o som dos disparos. Era comovente o espetáculo. Investem os bandidos as primeiras trincheiras, ladeiam, cortam caminho, surgem ao lado da estação da Estrada de Ferro, onde entram no prédio da União de Artistas e se entrincheiram; aparecem à margem direita do rio, defendida pela trincheira da barragem; o Telégrafo Nacional, ao lado da Matriz, acha-se também defendido. Onde chegam, aí está o fogo ... As torres da Matriz e da capela de São Vicente, as trincheiras atacadas diretamente, as de retaguarda, mantêm nutrido tiroteio. Os bandidos recuam, voltam à carga e repelidos novamente se retiram para o seu acampamento, deixando morto o bandido Colchete e vários feridos. De nossa parte, nenhuma morte nem ferimento se verificou.¹⁷

Episódio que virou peça teatral encenada em junho, todos os anos no átrio da capela de São Vicente, onde Lampião perdeu a batalha para o povo *O Mossoroense* e onde o cangaceiro jararaca foi ferido e preso, chegando a falecer na cadeia pública de Mossoró onde foi entrevistado, e lugar no qual hoje está sediado o Museu Lauro da Escóssia com peças como, por exemplo, o linotipo¹⁸ que fez parte da segunda fase da imprensa mossoroense.

O Jornal permaneceu nas mãos de um grupo familiar durante toda a sua existência e não se pode deixar de citar o envolvimento político do periódico e as publicações de suas páginas nem muito menos às críticas a administração pública como pode ser vista na figura abaixo. O

¹⁷*O Mossoroense*, 19 de junho de 1927.

¹⁸ Segundo a ANJ, na república velha, os principais jornais brasileiros adquiriram o linotipo que aceleravam a publicação dos jornais e ainda melhorava a qualidade das impressões. A maioria dos periódicos criados, hoje filiados à ANJ, tiveram seus primeiros linotipos adquiridos à época: Alto Madeira (Porto Velho-RO), A Cidade (Ribeirão Preto-SP), A Gazeta (Vitória-ES), A Notícia (Joinville-SC), A Tarde (Salvador-BA), Comércio da Franca (Franca-SP), Comércio do Jahu (Jau-SP), Correio Popular (Campinas-SP), Cruzeiro do Sul (Sorocaba-SP), Diário (Marília-SP), DCI – Diário Comércio e Indústria (São Paulo-SP), Diário do Povo (Campinas-SP), Diário dos Campos (Ponta Grossa-PR), Diário Popular (Pelotas-RS), Estado de Minas (Belo Horizonte-MG), Diário Mercantil (Rio de Janeiro-RJ); Folha da Noite (hoje Folha de S.Paulo -São Paulo-SP), Gazeta do Povo (Curitiba-PR), Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul-RS), Gazeta Mercantil (São Paulo-SP), Jornal de Piracicaba (Piracicaba-SP), Jornal do Comércio (Manaus-AM), Jornal do Commercio (Recife-PE), Jornal do Povo (Cachoeira do Sul-RS), Monitor Mercantil (Rio de Janeiro-RJ), O Globo (Rio de Janeiro-RJ), O Imparcial (São Luís-MA), O Nacional (Passo Fundo-RS), O Norte (João Pessoa-PB), O Povo (Fortaleza-CE). <<<http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia-2/>>> Acesso em 6/12/16

ataque ao conservadorismo fazem de *O Mossoroense* um grande ativista político no sentido da luta por ideias liberais.

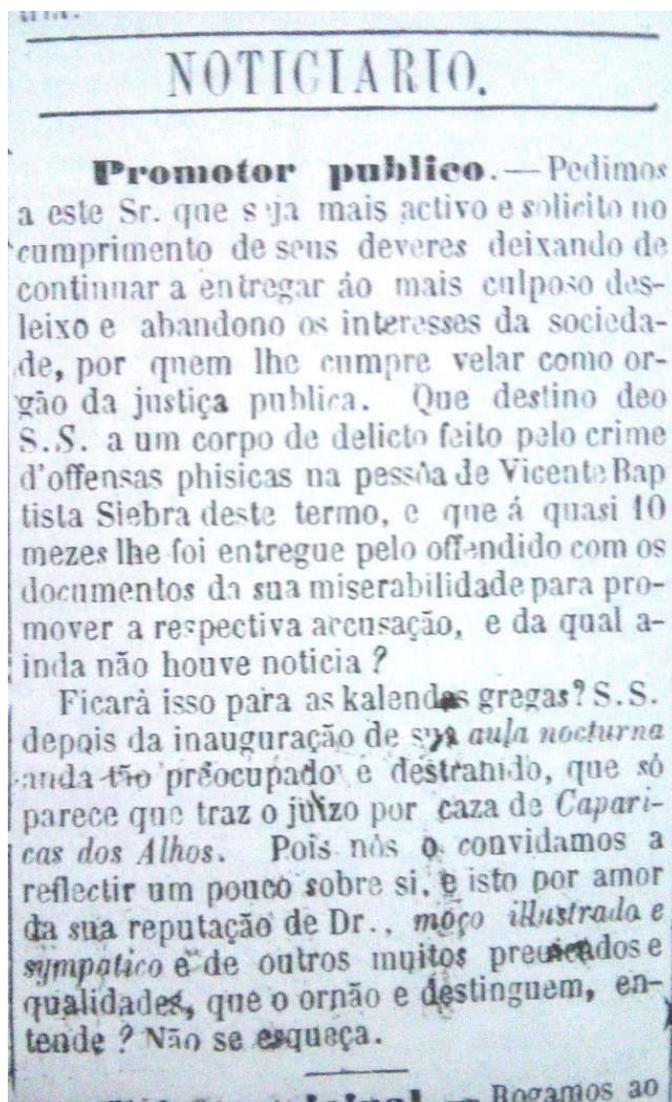


Figura 8: Noticiário

Até hoje *O Mossoroense* desempenha um papel político importante, visto que cumpre seu papel social de denunciar, de noticiar e de opinar. Em suas páginas, como antes já fora dividido, há as seções específicas para difusão de opinião, mas com se sabe, não há jornalismo neutro, pelo menos não há essa linguagem que se distancie totalmente do fato e não emita julgamentos nem posições ideológicas.

3 O PARADIGMA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS (TDs)

Nesta seção será abordada a gênese da teoria que culmina na história dos textos já tão difundida na Europa e agora também com muitos grupos de pesquisadores se dedicando aos estudos dos textos no Brasil, desde a era colonial. Será feita uma retrospectiva de como se chegou à teoria que oferece uma metodologia de análise com categorias bem definidas para se estudar a diacronia dos textos.

3.1 A BASE DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS MODERNAS: DE SAUSSURE A COSERIU

Pode-se dizer que há três vias para o estudo histórico das línguas: voltar ao passado e nele se concentrar, voltar ao passado para iluminar o presente, estudar o presente para iluminar o passado (FARACO, 2005, p. 118).

Eugênio Coseriu, teórico que, inicialmente embasa esta pesquisa, teceu críticas bastantes incisivas e profundas ao método e concepções saussurianas¹⁹, mas foi a partir dos primeiros estudos sistematizados da linguagem, que puderam existir outros pontos de vista, como este que nos sustenta em nossa tese, de que a língua é essencialmente uma atividade e nunca um produto e como tal, estático.

Neste capítulo serão abordadas as teorias de Coseriu, suas ideias sobre a linguagem e a visão tripartida da língua, visão esta que está ligada a uma análise feita pelo autor das incoerências metodológicas do estruturalismo Saussureano que segundo ele existem por causa de atribuições de extensões diferentes aos conceitos de fala e língua.

As ideias de Coseriu serão estudadas a fim de traçarmos o percurso teórico feito a partir de suas teorias, o que desembocou na formulação do paradigma das Tradições Discursivas que são hoje muito estudadas dentro dos estudos históricos. Dentre tantas outras características, os estudos históricos contemplam os textos de forma a atestar a sua historicidade e sua função social ao longo do tempo, numa análise linguístico-discursiva. Além disso, o viés dos textos pelas lentes das TDs aglutina questões pragmáticas que incidem

¹⁹Ferdinand Saussure, o pai da ciência da linguagem, fundamentou bases teóricas regidas por dicotomias. Essas dicotomias serviram de ponto de partida para muitos questionamentos e elaborações, bem como refinamento de métodos e além de ser o principal ponto de críticas ao seu pensamento e à sua teoria.

diretamente no sentido, na produção e na recepção do texto, com o levantamento estrutural e composicional dele.

Para chegarmos até o paradigma metodológico das Tradições Discursivas é necessário entendermos as bases que propulsionaram as ideias da teoria e para isso relembrar um pouco a história da Linguística saussurreana.

Das teorias Saussurreanas 1916, em Curso de Linguística geral, obra inaugural das teorias linguísticas sistematizadas, fato antes inexistente, insurgem uma série de novos conceitos distintivos que constituem a sua forma de pensar, como as dicotomias clássicas *Sincronia x Diacronia*, *Língua x fala*, *Paradigma x Sintagma* e sua justificativa para as suas visões são baseadas na ideia de que a língua funciona num sistema, sendo pois, uma estrutura:

[...] Saussure argumentou que a descrição sincrônica de línguas particulares podia ser igualmente científica, e também que podia ser explicativa. A explicação sincrônica difere da diacrônica ou histórica por ser estrutural em vez de causal: ela fornece um tipo de resposta diferente à pergunta “Por que as coisas são como são?”. Em vez de investigar o desenvolvimento histórico de determinadas formas ou sentidos, ela demonstra de que maneira todas as formas e sentidos estão inter-relacionados em um determinado sistema linguístico, em determinado ponto no tempo (LYONS, 2013, p. 175).

Como se sabe, o mérito das pesquisas de Saussure decorre do fato de ele estipular um objeto específico para o estudo da linguagem, que seria, segundo ele, a língua sendo estudada na sua sincronia, pois, as regras não davam conta de explicar o funcionamento de todas as línguas, já que não havia o conhecimento de regras universais.

O estruturalismo é a corrente de pensamento da qual emerge o pensamento da nova linguística do século XX, diz respeito a ideia de língua como estrutura possível de ser estudada em suas regularidades, ou seja, a língua é um sistema que funciona com suas próprias regras. Cabe aqui, no entanto, destacar que há dois tipos de estruturalismo; o europeu e o americano. Apesar de terem pontos divergentes, as duas formas de estruturalismo comungam de alguns pontos de vista.

Na Europa, o estruturalismo em linguística inicia-se com a publicação da obra póstuma de Saussure, e essa corrente tem em seu cerne o estudo da forma, em que se considera os padrões, e quanto a este termo “se refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata que é subjacente e deve ser distinguida dos enunciados reais”, Weedwood (2002, p.128), além disso, baseia-se no método dedutivo e coloca em relevo a importância da estrutura e da forma, deixando *a substâncias* em a devida exploração.

O mérito desta elaboração de ideias reside no fato de que Saussure mostrou que a língua poderia ser estudada em si mesma, e na sincronia e não apenas a partir do método comparativo, ações epistemológicas essas que legaram um valor inaugural e possível ao sentido de imanência da língua e da maneira de se ver o objeto de estudo da ciência da linguagem (FARACO, 2009).

Algumas peculiaridades diferenciam o estruturalismo europeu do americano. O estruturalismo americano se representa, principalmente, nos trabalhos de Franz Boas (1858-1942), e com destaque para Edward Sapir²⁰ (1884-1941) e Leonard Bloomfield (1887-1949) que tornaram fecundo o campo de pesquisa que intersecciona a linguística, a antropologia, a psicologia da linguagem e a etnografia, isto por que havia a grande necessidade de descrever línguas indígenas, por volta de 1920 até cerca de 1930, que eram faladas na região e cujos falantes eram poucos, aparentando que a qualquer momento as línguas poderiam morrer.

Nessa vertente, Sapir, um dos maiores expoentes dessa forma de estruturalismo, mantinha seus trabalhos marcados com uma forte presença das ciências de caráter etnográfico (WEEDWOOD, 2002), (ILARI, 2009), principalmente depois de conhecer Franz Boas²¹, cuja influência mudou o rumo dos estudos de Sapir, que agora se concentrava na urgência dos registros das línguas ameríndias na América do Norte, aplicando em suas pesquisas o método comparativo indo-europeu. (TEIXEIRA; MOTA, 2011).

20 Segundo Faraco (idem), havia grande influência de Humboldt em suas pesquisas, ele foi precursor na visão de há uma relação estreita entre linguagem e pensamento.

21 Franz Uri Boas nasceu na pequena cidade prussiana de Minden (Vestfália) em 9 de julho de 1858, em uma família de comerciantes judeus já culturalmente assimilados à vida alemã." Entrou para a universidade em 1877, estudando física sucessivamente 7 8 Antropologia cultural em Heidelberg, Bonn e Kiel. Nesses anos, como era comum entre os estudantes, envolveu-se em vários duelos - pelo menos um motivado por ataques de natureza anti-semita -, nos quais ganhou cicatrizes na face visíveis por toda a sua vida. Em 1881, Boas concluiu seus estudos universitários com uma dissertação sobre a absorção da luz pela água. Data dessa época seu interesse pela psicofísica (desenvolvida por Gustav Fechner), disciplina que buscava compreender a relação entre sensações físicas e percepção psicológica. No entanto, insatisfeito com as perspectivas da carreira de físico, mudou seu interesse para a geografia, em parte por influência do geógrafo Theobald Fischer, seu professor em Kiel e de quem se tornaria amigo. Após prestar um ano de serviço militar obrigatório, mudou-se para Berlim, onde conheceu Adolf Bastian (1826-1905), patriarca da antropologia alemã e então diretor do Museum für Völkerkunde (Museu do Folclore), por ele fundado em 1873 e ao qual Boas ficou provisoriamente ligado.

[...] Em 1881, Boas concluiu seus estudos universitários com uma dissertação sobre a absorção da luz pela água. Após prestar um ano de serviço militar obrigatório, mudou-se para Berlim, onde conheceu Adolf Bastian (1826-1905), patriarca da antropologia alemã e então diretor do Museum für Völkerkunde (Museu do Folclore), por ele fundado em 1873 e ao qual Boas ficou provisoriamente ligado. Nessa época, também estudou técnicas de medições, então características da antropologia- física, com o médico anatomista Rudolf Virchow (1821-1902). Sem grandes perspectivas em Berlim, Boas alimentou o plano de realizar uma expedição à ilha de Baffin (Canadá), para estudar os esquimós (hoje conhecidos, no Canadá, como Inuit). Após várias tentativas, conseguiu obter recursos do dono de um grande jornal berlinense em troca de artigos sobre a experiência. Em 1881, antes de embarcar, conheceu e apaixonou-se por Marie Krackowizer, órfã de um importante médico austríaco que emigrara para os Estados Unidos e se estabelecera em Nova York.

Texto retirado da apresentação do primeiro livro de Franz traduzido para o português, em que Celso Castro comenta sua biografia. (BOAS, 2005, p. 7-8)

O trabalho deveria ser prioritariamente descritivo e de forma a evitar a influência das línguas pré-conhecidas, pois se pensava que as línguas possuíam gramáticas diferentes e que, na análise, as categorias deveriam ser extraídas do próprio *corpus*. Além disso, Bloomfield, influenciado pela psicologia da linguagem, afirma em sua obra *Language* que as generalizações a respeito da língua devem ser de ordem indutiva, e não, como no estruturalismo europeu, dedutiva (ILARI, 2009).

Nesta obra, Bloomfield tecia claramente sua lógica, de forma a considerar a relação da mente com a linguagem como indubitável, mas desconsiderando o sentido ou a semântica, e uma análise que tomasse como referência a língua usada pelo linguista, assim, a língua estudada deveria ser “desconhecida” para o estudioso.

Até aqui, o estruturalismo corrobora, para que as consequências de suas novas obras contribuam para que o estudo da língua seja cada vez mais metódico, e nesse sentido, a história da ciência da Linguagem, no entanto, é muito mais densa e cheia de veredas metodológicas que pensamos, veredas no sentido de ramificações para as quais a linguística tomou rumo, e isso, devido às formações de cada teórico, das múltiplas influências que sofreram, da complexidade que as escolas linguísticas apresentaram no século XX.

E é claro, que desde o início, há na linguística, o que Faraco (2005) chama de ecletismo linguístico, no sentido de cada movimento, em uma direção e com uma metodologia determinada propor uma forma de se estudar a língua e, a respeito dessas teorizações sobre a linguagem, e evidentemente de forma resultante, cria-se o foco, a área de estudo, tais como sintaxe, morfologia, semântica, pragmática, sociolinguística etc.

Nesse sentido, não deve causar estranheza que para um mesmo evento haja mais de uma descrição ou hipótese explicativa, já que o normal na atividade científica é justamente a existência – simultânea e/ou sucessiva- de diferentes quadros teóricos (FARACO, 2005, p. 92).

Sobre isso, o estruturalismo, com suas duas vertentes mais importantes, exemplifica que o método de pesquisa, a construção do conhecimento está ligada a rupturas, reformulações e inovação. Sendo a inovação, o ponto mais intrincado na filosofia das ciências e igualmente na linguística, principalmente por que a contemporaneidade parece ter esgotado todas as possibilidades de estudos.No entanto, há muito o que ser feito ainda, principalmente nos estudos linguísticos que dizem respeito a contextos sociais e a textos históricos ainda pouco esmiuçados.

No tocante a teoria bloomfieldiana, considerada a expressão mais forte no estruturalismo norte americano, tem-se como alguns pressupostos:

- Cada língua apresenta uma estrutura específica;
- Essa estruturação é evidenciada a partir de três níveis- o fonológico, o morfológico e o sintático- que constituem uma hierarquia, com o fonológico na base e o sintático no topo;
- Cada nível é constituído por unidades do nível imediatamente inferior: as construções são sequências de palavras, sequências de morfemas, sequências de fonemas;
- A descrição de uma língua deve começar pelas unidades mais simples, prosseguindo, então, à descrição das unidades cada vez mais complexas;
- Cada unidade é definida em função de sua posição estrutural- de acordo com os elementos que a precedem e que a seguem na construção;
- Na descrição, é necessária absoluta objetividade, o que exclui o estudo da semântica do escopo da linguística (COSTA, 2011, p 123).

Sua teoria carrega uma sistemática hierarquia nos elementos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Ao desconsiderar o sentido, e concentrar as pesquisas em abordagens essencialmente estruturais também chamada como mecanicista, assume um comportamento teórico que lhe rendeu um lugar no centro dos estudos linguísticos contemporâneos, e a isso se atribui como causa de uma postura requisitória dos estudos de língua que fossem os mais objetivos possível, sendo ele responsável por criar o ambiente propício a novas formulações como por exemplo, da teoria gerativa.

E uma das características mais criticadas em sua obra, é o seu total desinteresse pela semântica, mesmo que contrariamente a isso, ele a tenha utilizado como regra para conceituar a forma mínima ou segmentos que compõem o enunciado.

O método de análise que define a linguística estrutural norte-americana, foi apresentado por Bloomfield em sua obra inaugural, *language*, trata-se de uma descrição distribucional, que observa os constituintes imediatos dos enunciados, tais como os sintagmas nominal e verbal, e em sua ramificação outros constituintes o compõem, em uma espécie de subcategorias de análise (COSTA, 2011).

Como se pode perceber até então, a sincronia, principalmente no estruturalismo saussureano, parece ter sido mais contemplada nos recortes e metodologias de estudo, ficando o estudo histórico e social/contextual atrelado aos estudos comparativos que antecederam à ruptura saussureana e a eles relegado o papel de estudos insuficientes para o novo olhar para a língua. Sobre isso Oesterreicher afirma:

Ainda assim, dada a alta complexidade e os múltiplos aspectos relacionados com a linguagem humana, na história da linguística sempre houve paradigmas predominantes com enfoque principal em alguns aspectos parciais, com a consequência de que o exagero e a generalização desses aspectos pode ter provocado o esquecimento de outros²² (KABATEK, 2008, p.7)

Assim como as formas de estruturalismo já citadas, o funcionalismo é considerado uma outra expressão de estruturalismo (LYONS, 2013) que se caracteriza por pensar as estruturas fonológica, gramatical, e semântica como resultado das funções que elas têm de exercerem no meio social. Assim sendo, estão correlacionadas, por um lado ao social mas com destaque para a função. Nesta forma de estruturalismo a história da estrutura, sua posição no contexto e sua tradição não tiveram lugar proeminente nos estudos.

Igualmente importante, e que causa, talvez a maior ruptura desde Saussure, a escola gerativa, também importante pelo seu caráter explicativo e complexo, é uma corrente que ignora questões pragmáticas em seus princípios. Teve sua maior expressão com Chomsky, criador da gramática transformacional, e tem como objetivo, em termos gerais, descrever como a linguagem funciona, sendo, portanto, considerada mentalista²³.

Ao contrário do estruturalismo, sobre o qual pairava a ideia de relativismo linguístico, no qual se cria que as línguas não eram passíveis de listar-se princípios universais, a teoria gerativa buscava parâmetros comuns a todas as línguas e defendia a visão universalista em linguística.

Segundo Chomsky, existem várias propriedades formais complexas que são encontradas em todas as línguas, e que são, no entanto, arbitrárias, no sentido de não servirem a nenhuma finalidade e de não poderem ser deduzidas de nada do que sabemos acerca dos seres humanos e do mundo em que vivem (LYONS, 2013, p. 185).

²²Tradução da autora: *Na así, dada la alta complejidad y los múltiples aspectos relacionados con el lenguaje humano, em la historia de la lingüística siempre há habido paradigmas predominantes com enfoque principal em algunos aspectos parciales, com la consecuencia de que la exageracion y generalización de esos aspectos há desencadenado el olvido de otros.*

²³Segundo os behavioristas a linguagem humana, assim como outros produtos da mente humana, podem ser explicadas por meio da teoria estímulo-resposta, ideia que Chomsky contestou alegando que a linguagem é independente dos estímulos e que é essencialmente criativa, pois um enunciado tem poucas chances de ser produzido igualmente pela mesma pessoa em situação diversa, dada a capacidade de produções infinitas de enunciados que a linguagem tem como característica. No entanto, essa criatividade e essa produção linguística é regida por regras, e essas regras que Chomsky pretendia descrever observando apenas a possibilidade de sua produção segundo a gramática de uma determinada língua, sem para tanto, observar os falantes em seu contexto de uso é o que se chama de mentalismo (LYONS, 2013, p. 184).

Como princípios universais da teoria chomskyana, e comumente comparada com a dicotomia saussureana e igualmente importante, tem-se a definição de competência e desempenho que se relacionam com a capacidade geral de falar uma língua e a forma como o falante executa o que ele aprendeu e parte na qual o falante exercita a fala de forma prioritariamente criativa.

Como se pode perceber até então, apenas nos estudos histórico-comparatistas, a língua teve sua história elevada a um patamar de importância considerável. O foco da sincronia ou em objetos específicos que deixavam tanto a semântica, quanto a pragmática e outros aspectos notáveis e merecedores de observação metódica e científica de lado, retardam os estudos que viriam a despontar apenas na segunda metade do século XIX, que são os estudos de sociolinguística, da história dos textos.

3.2 OS ESTUDOS DE COSERIU

Eugenio Coseriu²⁴, enganadamente pode ser definido como mais um estruturalista, em cuja teoria, a língua será estudada através apenas dos aspectos formais. Essa visão é comumente sustentada por sua teoria partir do pensamento saussureano da linguagem, no entanto, Coseriu apenas partiu dessas teorias para explicar a sua, criticando em muitos aspectos o pensamento de Ferdinand de Saussure.

Lamas e Coseriu (2010), no livro *Linguagem e Discurso*, apresentam a gênese do pensamento que culminou com a Linguística de Texto e o paradigma de estudos das Tradições Discursivas, que embora ainda não tão divulgado e reconhecido no meio acadêmico, tem sido bastante pesquisado, principalmente no Brasil.

Essa visão e duplicação dos níveis históricos da língua, o cerne dos estudos de TDS, parte de reflexões sobre as dicotomias saussureanas e decorrem da crítica da ausência de uma análise que compreendesse a dessa conta tanto dos textos orais quanto dos textos escritos.

Em sua obra *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem (1980)*, Coseriu argumenta não ser uma ideia nova, nem genuinamente de Saussure o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, estando presentes em textos de autores como *O. Jespersen (Linguística)*, e que na verdade, esse conceito trata-se de uma adesão de Saussure de uma tese já defendida por

24 Eugenio Coseriu é um linguista romeno, nascido em 1921 numa pequena aldeia que ficava na Moldávia. Foi professor de Linguística na Universidade de Montevideo e desenvolveu as bases de sua teoria a partir dos anos 50. Foi a partir de seus estudos que surgiu a Linguística Textual, já na universidade de Tübingen produziu trabalhos que giravam em torno da Filosofia da Linguagem, bem como de Linguística Geral e Filologia. Coseriu faleceu em 2002 e tem muitos textos traduzidos para a língua espanhola e para a língua Portuguesa. Texto inspirado na biografia de Coseriu disponível em <http://www.coseriu.de/> Data de acesso: 21/07/2015

Madvig e Whitney, o próprio Saussure admite o aspecto já antes citado da arbitrariedade do signo:

Whitney insistiu, com razão no caráter arbitrário dos signos; com isso colocou a linguística em seu verdadeiro eixo. Mas ele não foi até o fim e não viu que tal caráter arbitrário separa radicalmente a língua de todas as outras instituições. (Saussure, 1916 *apud* Coseriu, 1980, p. 18)

Coseriu ainda cita outros artigos e trabalhos que se referem à arbitrariedade dos signos sem explicação ou notas, denotando que esse aspecto é usado comumente e de forma a concluir-se a sua aceitação em todas as escolas linguísticas por toda a parte (COSERIU, 1980, p. 23)

Antes mesmo de Madvig, Whitney, Coseriu demonstrou em uma lista alguns dos autores²⁵ que já pensavam o termo como Saussure pensou, provavelmente desde Aristóteles²⁶, no diálogo de Crátilo, onde já que questionava a relação do nome com as coisas e em cuja obra, destaca-se que o mesmo conceito pode ser representado por sons diferentes em diferentes línguas. No entanto, Aristóteles não se detém muito nessa exegese pois parece ser um conceito simples e de certa forma, evidente (AUROUX, 2009, p. 23).

No tocante à ideia do signo arbitrário, dois momentos são cruciais para a sedimentação do conceito mais moderno. O primeiro está ligado à época do Iluminismo com a separação de oposição entre a *natureza* e a *cultura*, nas quais se destaca a passagem do signo natural ao signo arbitrário, em que se percebe a natureza demarcadora da linguagem, pensando-se a partir de então na possibilidade da manipulação do signo conforme a vontade humana. Um segundo momento vem exatamente a ser a reinterpretação do conceito feita por Saussure, no qual uma palavra só é uma palavra em relação às outras e que um fato da língua só se explica em relação a outros fatos da língua (AUROUX, 2009, p. 25).

Na modernidade, Coseriu distingue nas reinterpretações modernas, quatro tipos conceituais para o termo arbitrário:

25A lista, segundo Coseriu (1980, p. 20), está incompleta por não ser possível elencar uma mais global por limitações teóricas e históricas. Ele destaca que embora todos tratem da arbitrariedade ela não tem o mesmo sentido em todos os trabalhos. Trazemos a lista aqui: Hobbes, 1655/1658; Schottel, 1663; Nicole, 1671; Locke, 1690; J. Ray, 1692; Leibniz, 1703; Wolff, 1719/1730; Berkeley, 1733; Bretinger, 1740; C. Falconet, 1745; Condillac, 1746; Harris, 1751; Turgot, 1751; Lessing, 1766/1769; F. Nicolai, 1775; D. Stewart, 1792/1793; Friche, 1795; Hegel, 1817; Th. Jouffroy, 1841

26 A relação expressa por Aristóteles não é, ainda, a mesma expressa por Saussure; “[...] a afirmação de Aristóteles não se refere à relação entre som e objeto significado, visto que para ele, os sons da língua não são realidades.

Tipo I. Mantém-se conceptualmente a tese tradicional, mas para *ad placitum* aparece “arbitrário”. É o que encontramos na concepção de Schottel, Locke, Wolff (primeiro sentido de *arbitrarius*), Stewart e Jouffroy (primeiro sentido de *arbitraire*).

Tipo II. Mantém-se a tese tradicional, mas para *non natura*, aparece “arbitrário” e a determinação *ad placitum* é denominada de outra maneira. É o que encontramos em Wollff (segundo sentido de *arbitrarius*), Condillac, Harris, Jouffroy (segundo sentido de *arbitraire*), Whitney e, provavelmente, também em Berkeley.

Tipo III. Abandona-se expressamente a determinação *non natura*, ou simplesmente não se menciona, e “arbitrário” aparece para o *ad placitum* genético. É o que temos claramente em Fichte e, sem alusão à determinação negativa, em Nicole.

Tipo IV. Mantém-se apenas a determinação *non natura*, para a qual se emprega, precisamente, o termo “arbitrário”, não se propondo de maneira alguma (ou propondo-se de outra forma) o problema genético, às vezes, até mesmo, com recusa explícita da solução *ad placitum*. Assim, Leibniz, Turgot, Paul, Noreen, Marty; provavelmente também em Breitinger, *non natura*, pertencem a esse tipo Hegel, Madvig, Baudouin, Fortunatov e Porzezinnski (COSERIU, 1980, p. 53-54).

Sobre esses tipos, Coseriu nos dá uma visão histórica de como os teóricos reinterpretaram a “arbitrariedade” e situa Saussure, na reinterpretação do conceito como se referindo exclusivamente à imotivação natural dos signos, de maneira a não tocar, em suas ideias e aulas, na questão da origem dos signos. Pertencendo, neste caso, ao quarto tipo de conceituação da arbitrariedade.

O que o romeno conclui em seus estudos em relação ao mérito de Saussure em face dos outros teóricos mencionados, é a clareza com que Saussure discorre sobre o signo de forma a pontuar sinteticamente a importância da arbitrariedade e seu conceito, sendo o início para as outras distinções saussureanas, como as famosas dicotomias que possibilitaram um estudo metódico da língua, e sobre o qual não é possível chamar de “princípio saussureano” mas de “princípio saussureano da arbitrariedade do signo”, já que ele tão bem reinterpretou esse conceito aristotélico embora não o tenha criado.

Além de estudar seriamente o trabalho do linguista Saussure, Coseriu analisou outros estudos que mereceram importância, como os estudos do espanhol Juan Vives²⁷, que teve uma expressiva participação no desenvolvimento de estudos ligados linguagem e da lógica além dos trabalhos ligados à tradução de textos, área a qual se dedicou e que considera uma área mais puramente reflexiva que técnica mas que obviamente, necessita de um conhecimento profundo do autor do texto para que ela alcance o sentido desejado também em outra língua embora, para ele, não existam um ideal de tradução, cabendo ao tradutor julgar a forma mais adequada de traduzir.

²⁷Considerando por Coseriu um linguista de muita importância na época do Renascimento, Juan Vives quase não é citado em nenhum manual de estudos linguísticos nem tiveram seus trabalhos o devido reconhecimento sendo comumente associado à área de pedagogia.

Além de Vives, Coseriu passou por toda a linguística europeia e por vezes latina, estudando o italiano Giambullari, Adam Smith (precursor da tipologia linguística, com a distinção entre línguas sintéticas e analíticas), François Thurot (gramático francês que teve sua obra ignorada, e teve destaque no estudo do verbo), Wilhelm von Humboldt²⁸, a quem Coseriu atribui grandes feitos na linguística a partir da filosofia da Linguagem quando da elaboração da distinção de conceito de *forma exterior e interior* e a ideia de que a linguagem tem uma característica de atividade e não um sistema fechado e delimitado em si mesmo (produto).

Outro ponto importante na obra de Humboldt e usado até hoje nos estudos de morfologia e anteriormente nos estudos comparativistas, é a classificação das línguas como isolantes (característica que consiste na derivação da palavra a partir de uma raiz que a ela se adiciona uma forma com a qual se relaciona provocando uma mudança de categoria), flexivas (nesta língua as palavras tem suas categorias marcadas devido a mudanças internas e uma atração natural entre palavras e afixos) e as aglutinantes (em que também há a aproximação dos afixos mas não forma natural, sendo este processo mecânico) (MILANI, 1995).

O teórico ainda teceu considerações sobre a semântica estrutural de Heyse e sua obra *Pour une sémantique diachronique structurale* (1974), de onde vem as primeiras ideias de campo lexical, mais tarde reformuladas por ele. Ainda de Georg von der Gabelentz, cujo esquecimento na literatura linguística ele julga estranho, principalmente diante do fato de ele ter diversas teorias referentes à análise linguística sincrônica.

Sem nos determos amíúde em todas as obras estudadas por Coseriu na miríade de teóricos que existem com bases importantes para os estudos modernos, nos deteremos apenas nos principais influenciadores de sua teoria que culmina nas Tradições Discursivas, os quais são Ferdinand de Saussure e Wilhelm von Humboldt.

3.3 A TEORIA GERAL DA LINGUAGEM

3.3.1 Os três níveis da linguagem e a visão tripartida

Em seu livro *Competência Linguística* (1992), Coseriu inicia seu texto considerando que toda linguística é uma linguística da fala, ideia também já defendida anteriormente por

²⁸Dos conceitos de Wilhelm von Humboldt, Coseriu considera a linguagem como atividade e essa ideia servirá de base para as formulações relativas à atualização da língua, num dado momento específico, o que corrobora para estudos que analisem mudanças e/ou permanências nas Tradições Discursivas.

Meillet, aluno de Saussure em Paris, que elaborou condições para os estudos da língua considerando as influências sociais sobre a língua (FARACO, 2005, p. 152-153). Assim como Saussure, Meillet concebia a língua com um fato social²⁹ e defendia o estudo da mudança linguística ligada às condições sociais que possivelmente pudessem atingir, de certa forma, os fatos da língua.

Coseriu desenvolveu sua teoria guiado pela ideia de língua como fato social e não somente isso, mas como uma atividade em constante atualização e não uma visão acabada, não sendo a língua um mero produto. Partindo dessa noção, o teórico elaborou uma Teoria Geral do Discurso³⁰ em correspondência com o conceito de competência linguística. Esse modelo é uma espécie de precursor das ideias que condicionam a elaboração da metodologia de análise das Tradições Discursivas, começando do traço universal da linguagem até a estreita conceitualização da língua no nível cultural, que é o ponto que mais interessa a ele.

As atividades gerais da linguagem corresponderiam aos estudos de performance, sendo o conceito de performance³¹ normalmente aplicável a qualquer ação que evidencie um bom desempenho individual de alguém, que tanto pode ser gestual, no caso de esportes, dança, teatro, aula, apresentações musicais e etc. como oral, narração de histórias, contadores de piada, enfim, tudo que indique uma espécie de movimento, não interessam a Coseriu a ponto de ele conduzir sua pesquisa para este fim, apenas para a formulação da teoria geral.

Dessa forma, a capacidade geral para se expressar corresponde ao tópico universal que conta com as performances gestuais e está numa amplitude maior que a linguagem verbal em si, e associada em cadeia, se encontra a competência linguística para se expressar verbalmente, oralmente ou por escrito e esta competência inter-relaciona dois pilares muito importantes que permitem o bom funcionamento da linguagem; a competência no nível biológico, uma atividade neurofisiologicamente condicionada “a este nível, reconhecível no discurso, ou seja, na criação e uso de signos linguísticos, vamos chamar nível biológico” (COSERIU, 1982, p. 85) e a competência linguística cultural.

29Sob influência do pensamento de Émile Durkheim (1858-1917)

30Teoría General del Hablar – termo original no livro competência linguística de Coseriu, 1982.

31A palavra performance é, segundo Zumthor (2007, p. 29-30), de origem francesa e que chegou até nós emprestada do vocabulário da dramaturgia, que se espalhou nos Estados Unidos e de lá até aqui. Zumthor é o teórico que primeiro deu atenção a questões referentes à performance e a voz, cabendo salientar que a voz trabalhada por ele aqui não é a voz do discurso e sim a voz real e humana. Além disso, a performance lida com aspectos que não apenas os individuais.

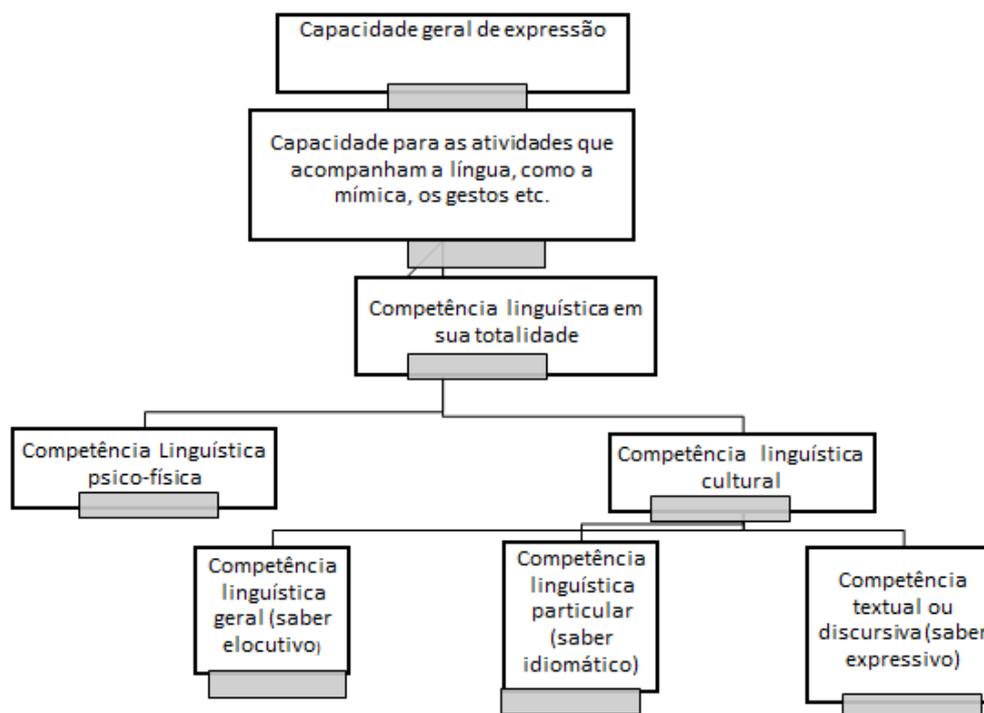


Diagrama 1. Teoria Coseriana do Discurso (Coseriu, 1982, p. 82)

Conforme se vê no gráfico, a competência cultural, está ao lado da competência psico-física, e isso se confirma no caso de crianças com atraso no desenvolvimento, que estão culturalmente expostas a uma determinada língua, mas que não têm a plena competência psico-física devido a questões neurológicas ou outras razões.

O que compete à linguística é exatamente a parcela da língua que se aprende culturalmente, como fato social, na qual um indivíduo com condições neurofisiológicas perfeitas seria inserido e teria a capacidade de aprender qualquer língua a que fosse exposto.

Diferentemente da dicotomia Saussuriana, *lingua e parole*, em que se considera a fala a parte individual da linguagem e a língua a parte social, Coseriu definiu três aspectos da linguagem como atividade propriamente dita, ou três formas de considerar a mesma realidade. Ele partiu da definição aristotélica de que uma atividade pode ser considerada: a) como tal; b) como atividade em potência; e c) como atividade realizada em seus produtos. Essas três maneiras de se ver a mesma realidade referem-se à língua que é vista sob três perspectivas pelo lingüista; a perspectiva universal, a perspectiva histórica e a perspectiva individual (COSERIU, 1979, p. 212).

Deste modo, o falar enquanto característica *universal* seria o falar enquanto feito antropológico, uma atividade natural e comum a todos os seres humanos. O nível *histórico* se configura como uma língua específica de uma determinada comunidade que tem uma autenticidade própria como, por exemplo, a língua inglesa, a língua portuguesa, o espanhol etc. (KOCH, 2008, p. 53). No nível *particular* ou *individual*, a língua é considerada um ato linguístico, o discurso (o ato ou a série de atos), de um indivíduo determinado em determinada situação (COSERIU, 1981, P. 272), onde se atualiza a o conhecimento histórico que o falante tem da língua, onde se percebe a tendência para mudanças e transformações das tradições.

O quadro mostrado abaixo evidencia a organização proposta por Coseriu dos níveis de linguagem defendidos, como se relaciona e onde está alocado o conceito de historicidade, cerne da tradição discursiva:

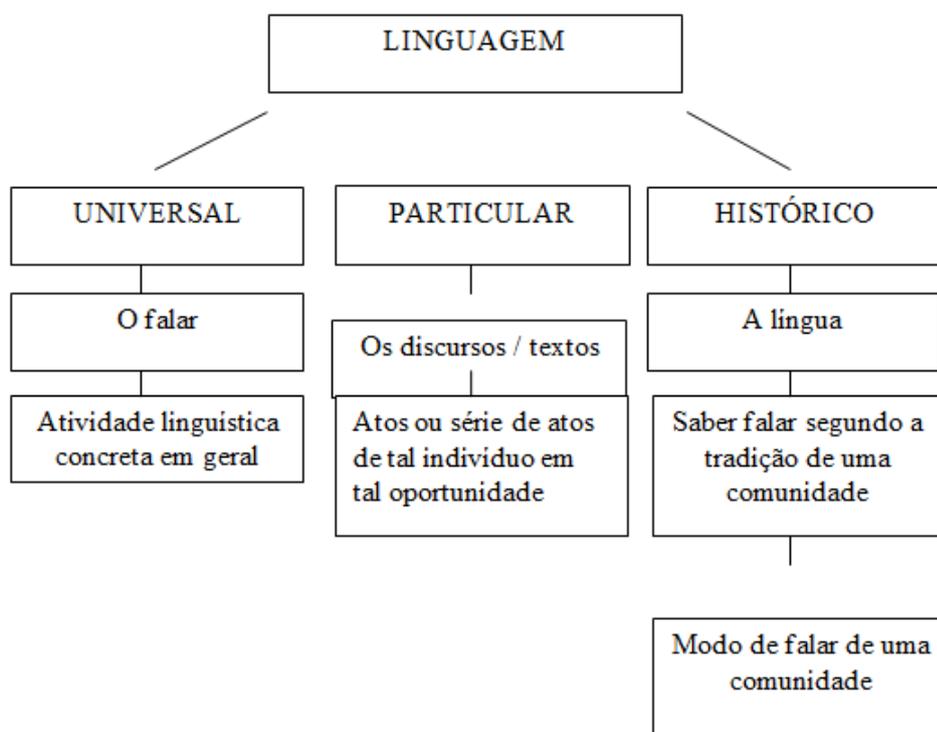


Diagrama 2 - Níveis linguísticos³²

³²Diagrama elaborado por Fonseca (2003, p. 52)

Os três níveis da linguagem, obviamente, são concomitantes, sendo esta separação apenas didático-teórica para evidenciar a realização da língua em que se fala universalmente (como ato da capacidade humana), numa determinada língua historicamente definida (a língua portuguesa, por exemplo), sob a forma de textos culturalmente concebidos como tradições do *falar* e tradições de textos (KABATEK, 2006), sendo a atualização do discurso (o falar individual), o nível que concorre para a uma mudança ou transformação de uma tradição discursiva.

Assim, a noção de três níveis de linguagem proposta por Coseriu e especificamente o *falar* enquanto uma determinada tradição é o que vai possibilitar a origem dos estudos que culminam com o conceito de TDs, e partem inicialmente da associação de conceitos da linguística de texto e da pragmática.

3.4 A HISTORICIDADE DOS TEXTOS

Há algum tempo na linguística, vem sendo usado com mais frequência o conceito de Tradições Discursivas. Esse conceito e metodologia nova surgiram na linguística românica com os estudos de Coseriu (1979) e expandiram-se para outros centros de estudos linguísticos, principalmente nos estudos históricos da língua. No Brasil, temos como exemplo o Grupo de Trabalho do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) e vários pesquisadores que intentam estudar historicamente um determinado texto, ou modelo de texto inseridos numa determinada época e contextos específicos.

Conforme citado anteriormente, Coseriu estuda a língua sob três ângulos diferentes; o nível universal, comum a todos os seres humanos, o falar enquanto feito antropológico e como capacidade de representação do mundo através de signos linguísticos, o nível histórico, como língua historicamente construídas e que se atualiza no terceiro nível e o particular, que se caracteriza como texto ou discurso concreto.

Considerando-se os três níveis definidos por Coseriu, concentra-se no nível histórico a ideia da historicidade³³ dos textos. Esta reformulação é feita por Koch (1997) e Oesterreicher

³³Longhin (2014, p. 18), em um tópico sobre as línguas históricas particulares, destaca que nessa dimensão é que estão as técnicas do *sistema* e da *norma*. O que se relaciona ao sistema são as possibilidades léxico-gramaticais de uma língua ao passo que a norma corresponde às regras que são utilizadas na língua. No tópico que corresponde à historicidade dos textos, como já dito por Fonseca (2003), essa divisão atesta o que se se estudar a

(1997), que duplicam o nível histórico em um nível histórico particular da língua, determinada historicamente enquanto idioma e a história dos textos, de textos em particulares.

| Nível | Domínio | Tipo de regras |
|------------------|-----------------------------|---------------------|
| Universal | Atividade do falar | Regras elocucionais |
| Histórico | Língua histórica particular | Regras idiomáticas |
| | Tradição discursiva | Regras discursivas |
| Atual/individual | Discurso | |

Quadro 3: Níveis da língua e domínios, Koch (1997, p. 54)

O que se busca quando se estuda a língua vem sendo sempre relatado na maioria dos trabalhos acadêmicos e há uma tentativa de se delimitar a área na qual se está inserido. Na linguística, a observação direciona quase sempre, para a mudança linguística, que vem sendo perscrutada desde a gênese da ciência sob múltiplos olhares e com novas e diferentes ênfases. Nos estudos de texto e nos estudos de escrita em geral, a mudança tem sempre a relação com a forma, com a norma.

Norma e sistema são conceitos amplamente discutidos nos estudos coserianos e utilizados na distinção primordial para a estruturação do conceito de Tradição discursiva. Ao nos utilizarmos da língua, sempre o fazemos em forma de textos, orais ou escritos e estes são instituídos historicamente e sempre para uma determinada finalidade. Essa ideia já era bastante clara na obra *História do falar e história da Linguística* de Brigitte Schlieben-Lange (1993), a qual foi considerada marco das Tradições Discursivas pela proposta metodológica de análise que ela apresenta.

Suas ideias partem do ponto de considerar que há três tipos de saberes distintos para o uso da língua, que aqui se generalizou, já que tratamos de questões metodológicas tão adjacentes como a fala e a escrita. Inicialmente, Schlieben-Lange (*op. Cit*), se refere à

língua requer um entendimento que é necessário partir dos textos, pois, é neles que a língua se concretiza e mesmo que a tradição seja estudar os textos literários, há hoje, principalmente depois da virada pragmática, a mudança no sentido de dar conta não somente dos textos literários canônicos mas da língua como um todo, principalmente da fala (tão esquecida durante a maior parte dos estudos linguísticos desde sua história), com os estudos sociolinguísticos.

No livro *Tradições Discursivas: conceitos, história e aquisição*, Longhin (2014), traz para os leitores da área todo o percurso histórico da metodologia em questão e sua obra de caráter inédito, por que se têm muitos trabalhos de aplicações, mas poucas traduções das ideias de Coseriu, bem como de sua metodologia, colabora com os estudiosos que queiram conhecer e adentrar na teoria alemã.

língua falada, já que sua proposta trata de uma linguística do falar, mas devido a questões já tão discutidas em relação à linguagem humana e toda a proximidade das técnicas³⁴ em questão, a escrita também é nivelada como técnica, que exige um processo de aprendizagem e que possui pré-requisitos.

Na dimensão constitutiva dos textos, nós sabemos o que é necessário para que haja fala e para que haja a escrita de domínios tão importantes. Esses domínios e seus desdobramentos são os que estão na tabela supracitados e em cujo desdobramento do domínio histórico reside o estudo da tradição de um falar específico, de modelos. (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 19)

Ainda segundo ela, os diferentes domínios requerem diferente saberes, o falar requer um saber específico em relação à referência acordada em comunidade, no grupo no qual se está inserido, à nomeação das coisas de forma lógica. No domínio de uma língua específica é necessário ter conhecimentos acerca da semântica daquela língua, não como disciplina específica e delimitada, mas como conhecimento holístico sobre as variedades, o funcionamento estrutural e sistemático, etc. No nível histórico, dentro do domínio da língua, conhecer os textos e os modos e as finalidades com que se pretende dizer algo é fundamental para o fluir da atividade linguística.

A linguagem necessariamente se apresenta na forma de línguas; toda língua deve ter a expressão e conteúdo; toda língua implica organização gramatical; toda língua sofre mudanças ao longo de sua história, etc. Mas, sem dúvida se podem admitir como universais essenciais também uma série de feitos muito mais específicos. Assim, por exemplo, parece necessário que a palavra exista em toda língua enquanto unidade léxica, ainda que não seja necessário que exista em todas as partes como nível de estruturação gramatical³⁵ (COSERIU, 1978, p. 156-157).

Sobre esses domínios amplamente discutidos em textos inspirados em Coseriu, Brigitte levanta o questionamento sobre que tipo de normas valem para as diversas atividades do falar, partindo pensamento de que para cada tipo de atividade do falar há um “modus” para se utilizar corretamente da fala. Esse questionamento traz à tona a relação da norma com a Tradição discursiva; estaria a Tradição discursiva, tal qual conceituada como um modo de dizer as coisas segundo um determinado grupo em um contexto x, mais ligado à norma que à

34Na obra citada, Brigitte Schlienben-Lange considera o falar como técnica, já que exige aprendizado na fase de aquisição e maneiras de se realizar e incorporar a fala.

35 Tradução da autora. Trecho original: *el lenguaje se presenta necesariamente bajo forma de lenguas: toda lengua debe tener expresión y contenido; toda lengua implica una organización gramatical; toda lengua cambia a lo largo de su historia, etc. Pero, sin duda, se pueden admitir como universales esenciales también toda una serie de hechos mucho más específicos. Así, por ejemplo, parece necesario que la palabra exista en toda lengua en cuanto unidad léxica, aunque no es de ningún modo necesario que exista en todas partes como nivel de estructuración gramatical.*

própria continuidade histórica de um determinado texto? Aqui pensamos norma como prescrição, o modo de como se devem dizer as coisas. A norma trata-se da maneira consagrada pelos gramáticos, teóricos e estudiosos da língua de se comportar linguisticamente sejam por escrito ou oralmente.

Essa relação entre norma e tradição, será discutida mais adiante quando estivermos bem cientes do conceito de Tradição discursiva. Quando duplicado o nível histórico da linguagem, nível em que os textos aparecem relacionados principalmente a institucionalização do discurso e ao saber idiomático.³⁶

Sobre o domínio da língua histórica particular, Peter Kock (2008, p. 54) em sua obra *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico* justifica que as Tradições Discursivas não se confundem com línguas históricas particulares pelo fato de haver tradições como os editoriais, novelas, *small talk*, estilo simples, maneirismo e diferentes atos linguísticos como batizar, prometer e quanto a isso, não há confusão entre a tradição e a língua histórica por que pode-se encontrar editoriais em todas as línguas, por exemplo, bem como atos como batizar etc. Isto quer dizer que apesar das Tradições Discursivas serem essencialmente históricas, a língua histórica parece representar uma esfera mais generalizada que a tradição discursiva, a qual existem critérios que os diferencia da língua histórica

Ainda, têm-se os saberes correspondentes aos diferentes domínios as determinadas regras. Ao nível universal, correspondem as regras ilocucionais que dizem respeito ao que sabemos sobre falar, como falar para alcançar determinado objetivo ou ação pela linguagem, assim, saber falar para obter de alguém que se levante de algum lugar para fechar uma porta ou janela, ou mesmo para que lhe traga algo, ainda saber direcionar as palavras para acalmar ou para consolar, são saberes linguísticos que dizem que as nossas intenções podem ser evidenciadas e promover atos através da linguagem, a própria argumentação, pode ser considerado um saber que está compreendido no nível universal, já que em todas as línguas, é necessário usar de argumentos para se conseguir, algo, se discutir ideias, trocar informações, comparar fatos .

À língua histórica, se relacionam as regras idiomáticas, que dizem a respeito das possibilidades léxico-gramaticais daquela determinada língua e ao falante estaria compreendida a competência linguística particular, e nela a língua se realiza em situações específicas. Sobre este último ponto Coseriu (1992, p. 102-103):

³⁶O saber idiomático é o que representa o conhecimento que se tem das regras do idioma, como se fala, qual a estrutura sintagmática, dos paradigmas, das relações semânticas.

Podemos reconhecer o indivíduo que fala tanto materialmente quanto o conteúdo.
 Ouço uma voz e digo:
 Sim, seguramente é Pedro.
 Ou me conta que Pedro disse e então digo:
 Não, Pedro não pode ter dito algo assim, pelo menos pelo que o conheço.³⁷

Ainda sobre a competência linguística, no nível individual, Coseriu afirma que os falantes fazem juízo sobre os textos, isso quer dizer que refletem conscientemente sobre o uso da língua baseados nos conhecimentos que possuem sobre todos os aspectos mencionados antes. E ao fazer juízo, como por exemplo, “ assim não se fala uma senhora” (COSERIU, 1982, p. 104), eles mencionam a expectativa de como se deveria falar uma pessoa que recebe a característica de senhora (pessoa que não é mais jovem, normalmente já de certa idade e de acordo com a expectativa mencionada, conservadora em seu modo de falar).

Fazer expectativas sobre um determinado texto, uma fala, uma conversa, pode evidenciar mais que a simples pressuposição que o falante sabe de adequação ou não. Este saber é o saber expressivo, em que o falante sabe o que ou não adequado para as determinadas situações.

Outro ponto importante nas definições de Coseriu está a ideia de que as comunidades linguísticas se definem como tal através do linguístico em que a relação de pertencimento gera a necessidade de seguir um determinado padrão, assim eles não usam um tipo de texto por que são comunidade, mas o inverso. Sobre isso Brigitte disserta:

As normas da correção idiomática fundam comunidades linguísticas (ou dialetais). Pode-se violá-las, mas ao preço de colocar em questão a pertença à própria comunidade, de ser considerado “bárbaro” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 22).

Frente a isso, a forma de permanecer membro de uma comunidade seria seguindo a Tradição de falar ou escrever, isso é, em certo ponto, fácil de exemplificar, há textos ou modos que pertencem a determinadas comunidades como hoje, em um contexto de luta por direitos das classes minoritárias, as comunidades LGBTs não se reconhecem nos pronomes de tratamentos como ‘todos’, ‘eles’ e todos os outros que generalizam a referência ao ser humano. Segundo o grupo, o fato de em português, o categorizador generalista ser masculino apenas reproduz o preconceito e o sexismo existente na sociedade, fato contra o qual lutam e

37 Tradução da autora. Texto original: *Podemos reconocer al individuo que habla ambos os tipos tanto materialmente como em el contenido. Oigo una voz e digo: Sí, seguramente es Pedro. O bien me cuentan lo que Pedro há dicho y entonces digo: No, Pedro no puede haber dicho algo asi, por lo menos em la medida em que yo le conozco.*

combatem inclusive na língua, em busca de um gênero neutro, que não tenha nenhuma marcação.

A solução foi trocar a desinência ‘o’ de ‘todos’, ‘alunos’, pelos seguintes símbolos que os representam ‘x’ e ‘@’ (arroba). Assim, ‘todos’ seria ‘todxs’ ou ‘tod@s’ e assim sucessivamente. Neste caso vemos que as formas dão expressão à ideologia de um grupo, no qual se percebe uma comunidade cada vez mais se identificando com essa “norma” e tentando reproduzi-la para outros membros e não membros que simpatizam com a ideia.

Outras comunidades podem exemplificar esta ideia de Coseriu, os jovens fazem parte de uma das comunidades mais dinâmicas e com uma necessidade acentuada de se encaixar nos grupos de seus interesses, assim, se aproximam e se mantêm pela linguagem. É difícil ver meninas adolescentes que não tenham uma BFF (*best friend forever*), ou uma ‘miguxa’ (amiga), ou que não tenham um ‘zap’ (aplicativo para mensagem instantânea chamado de whatsapp e que foi abreviado em língua geral para a forma mais curta) e que não faça parte do seu léxico as palavras ‘print’, ‘tops’ e não usem hashtag o tempo todo na língua escrita em redes sociais.

Está cada dia mais claro que esses comportamentos linguísticos podem explicar as tradições de cada comunidade, e mesmo parecendo uma questão óbvia, há além do sentimento de pertencimento que esses membros buscam, as mudanças também surgidas na atualização do discurso.

Uma noção que deve ser clara no paradigma das Tradições Discursivas é a ideia de historicidade dos discursos individuais, uma vez que:

A historicidade da língua é, então, a historicidade do homem social, entendendo *social* aqui não apenas em termos de coletividade das classes sociais, mas, sobretudo, em termos dos papéis sociais assumidos e das relações sociais entre o eu e outro que, juntamente com as finalidades comunicativas e demais condições de produção, determinam o que dizer e como dizer, produzindo sentido (LONGHIN, 2014, p. 19).

Essa historicidade, tanto nos discursos individuais como no acervo de textos produzidos por uma determinada comunidade, é o escopo para a formulação desta teoria.

É, portanto, a historicidade, mas não somente ela por si só, mas aliada à tradição, à evocação de algo, à memória textual e de modelos que são consideradas numa análise que observe as TDs e muito além, as rupturas ou permanência dizem não somente sobre as estruturas linguísticas como também do entorno do qual são componentes.

3.4.1 O conceito de Tradições Discursivas (TDs)

As filiações linguísticas que perscrutam a mudança linguística, a observação de dados estruturais, semânticos, sintáticos, morfológicos, fonético-fonológicos, além de funcionais têm sido aliadas dos estudos de Tradições Discursivas, visto que, por exemplo, em suas pesquisas aquinhoam matéria para que estes estudos não fiquem apenas na virtualidade das pressuposições.

A noção de texto escrito como imutável foi, durante muito tempo, tida como correta e a única existente, e de fato, a língua escrita servia, em tempos mais remotos, como a forma de fixar o que era falado, sendo, portanto, desconsiderada e, além disso, discriminada, a variação linguística, em que a visão das línguas era apenas a de sistema fechado e imutável (SCHIEBEN-LANGE, 1993).

Essa noção muda, quando se modifica a reflexão linguística em ciências da linguagem, decorrente de mudanças de linha de pensamento de correntes filosóficas. O pensamento científico muda em sentido de valorização do sujeito, do individual e nesse escopo o texto tem suas interpretações revisitadas e revistas. E tem influência principalmente das ideias de Mikhail Bakhtin sobre dialogismo, interação e a relativa estabilidade que os gêneros possuem. (GOMES; IAPECHINO, 2011). Nesse contexto, a língua é aprendida em sociedade e os textos são também construídos para se conviver em comunidade e possuem determinados objetivos na cadeia complexa que é a sociedade.

Na perspectiva sócio-histórica é que as Tradições Discursivas podem nascer, pois a linguagem é essencialmente, um meio de interação e relações complexas:

De um lado, penso que as técnicas do falar, isto é, as técnicas do referir, e do alterar se modificam e distinguem-se fundamentalmente de acordo com a modalidade de que a fala se utiliza. A diferença mais decisiva sobre este aspecto é entre o falar e o escrever (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p.20).

Destaca-se aqui, no entanto, o texto escrito como objeto de estudo desta pesquisa e parte perscrutada em demasia, mas é necessário chamar atenção para a fala, parte que primeiramente foi focada em estudos que serviram de modelo para o aporte metodológico das TDs, com os estudos de Brigitte *História do falar e história da linguística* (1993).

Esse aspecto social assume uma dimensão antes não tão importante para as conclusões e análises de trabalhos que permaneciam na superfície estrutural linguística.

São algumas questões levantadas por Schlieben-Lange (*op. Cit.*, p. 40-41), as seguintes reflexões:

Quem fala que língua, com quem e quando? Quem troca argumentos linguísticos com quem, sob que condições e em que tipo de meio? Quem fala sob a língua? São poetas ou são filósofos? Quem são os parceiros de comunicação? Quais são as modalidades e as formas pelas quais se constroem os argumentos linguísticos? Que formas predominam na troca de argumentos, as formas orais ou as escritas e, em qualquer caso, interviriam nas argumentações as condições de constituição de ambas as modalidades de manifestação da língua, sob forma de discussões científicas?

Essas são apenas algumas questões a serem pensadas em pesquisas que relacionem o lado sócio-histórico às manifestações formais da língua bem como para traçar padrões de análise para mudanças e permanências num determinado tipo de texto.

Para que se analisem as mudanças e permanências num determinado texto ou família de textos, é interessante notar a concepção de que os textos possuem uma história e que além de tudo, ela pode ser investigada metodologicamente e de forma bem definida. Essa é o ponto central das investigações das Tradições Discursivas.

Kabatek (2008), afirma que apesar de parecer um fato óbvio e ser pensando na linguística contemporânea com uma certeza, há muitas questões ainda não respondidas, inclusive o fato de algo considerado óbvio ter sido ignorado por algum tempo. E ainda chama atenção para o fato de que a linguística sincrônica, depois do paradigma saussureano, ter sido supervalorizada em detrimento do paradigma diacrônico.

E embora este seja um campo ainda relativamente novo, muito se tem avançado em pesquisas sobre as TDs. Uma das temáticas que mais têm chamado atenção dos pesquisadores é a *gramaticalização*³⁸, que opera através de um contínuum evolutivo e observa as hierarquias, principalmente nos contextos que são sintáticos e semânticos que tenham a ver com o significado de modo inovador e pesquisa-se como essa forma se mantém ou não na língua, e o seu progresso e contextos nos quais aparecem (COMPANY COMPANY, 2008, p 17).

³⁸ As pesquisas sobre gramaticalização começaram a se tornar mais consolidadas no Brasil, a partir dos anos 1990. O conceito permite que a gramaticalização seja vista tanto quanto paradigma quando teoria para estudos de mudança linguística, resumidamente, pode-se entender a gramaticalização como “um conjunto de princípios” que fornecem a aparato teórico metodológico para identificar processos que permitem reconhecer mudanças categoriais na língua. (GONÇALVES et al., 2007)

O conceito de Tradições Discursivas pode ser encontrado em um texto inicial de pesquisas de Kabatek, no qual ele tenta a formulação da ideia sobre a qual a metodologia de pesquisa será formulada:

A historicidade discursiva seria, por exemplo, a da história dos gêneros textuais, dos atos de fala, os gêneros literários e retóricos e os estilos. Falar seria, pois, uma atividade universal que se realizaria através de um duplo filtro tradicional: a intenção do ato comunicativo teria que passar em cada momento pela ordem linguística que encadeia os signos de uma língua segundo suas regras sintáticas e pela ordem textual que atualiza certas Tradições Discursivas (KABATEK, 2001, p. 99).

Dessa perspectiva, *os textos compreendem conjuntos de enunciados linguísticos que se relacionam a uma realidade, a uma situação e a todos os outros textos já enunciados* (LONGHIN, 2014, p. 10) estabelecendo, portanto, uma espécie de rede de gêneros, ideia defendida pelos pesquisadores Adamzik (2001) e Klein (2000), citados num trabalho de pesquisa de Costa (2008, p. 2), em que a autora argumenta, baseada nos autores citados, que os gêneros não estão desconectados um dos outros, ou seja, não são isolados em termos de constituição mas, que fazem parte de um sistema em que cada gênero possui seu valor. Assim, a pesquisa em Tradições Discursivas seria aquilatada constando o repertório dos gêneros e, além disso, que esses diferentes gêneros de uma mesma rede fossem comparados, na tentativa de compreender questões como as estruturais, as interrelações entre outros pontos importantes a serem observados.

Uma outra definição um pouco mais clara sobre as Tradições Discursivas é trazida por Kabatek (2006, p. 512).

Entendemos por Tradição discursiva (TD) a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Parece-nos que esta definição, em conformidade com o que pensa Longhin (2014), apresenta critérios mais claros e que possibilitam delimitar o conceito, que não parece ser fácil para se firmar. No entanto, o critério definidor de fato, parece ser a repetição, mas não apenas qualquer repetição por si só, trata-se da repetição que manifeste um valor de signo,

ou seja, que a fórmula ou estrutura ou elemento tenha atingido um valor próprio. E isso está ligado à sua composicionalidade.

Os filtros sobre os quais Kabatek (2006) fala e vários outros autores como Koch (1997) e Oesterreicher (1997) e também já aparece de maneira mais adjacente em Schlieben-Lange (1993), no capítulo inicial que trata sobre as normas do falar, da língua e dos textos. Segundo ela, Coseriu afirma que as comunidades partilham as tradições de uma língua, mas que as que são passadas por tradição textual não podem ser comparadas à medida que não se tratam do mesmo objeto.

Do ponto de vista da autora, as técnicas do falar e do escrever dependem da relação dos usuários com um *modus*, que são diferentes para as duas técnicas, e como é amplamente discutido e aceito na linguística atual, essa diferença parece ser mais clara hoje.

Na produção, ela destaca a consciência do falante em relação à fala ou ao texto que podem ser ingênuas (para aqueles falantes em geral); e a teórica (para os especialistas). Essa divisão tem a ver com a produção do sentido, mas do ponto de vista do falante.

Já Kabatek e Oesterreicher (1997) também dissertam sobre a produção do sentido, mas centrados no discurso em si, na atividade linguística *per se*. Esse viés, apesar de não ser o mesmo que a autora comenta nos oferece outra visão sobre a produção de sentido relacionado ao nível histórico:

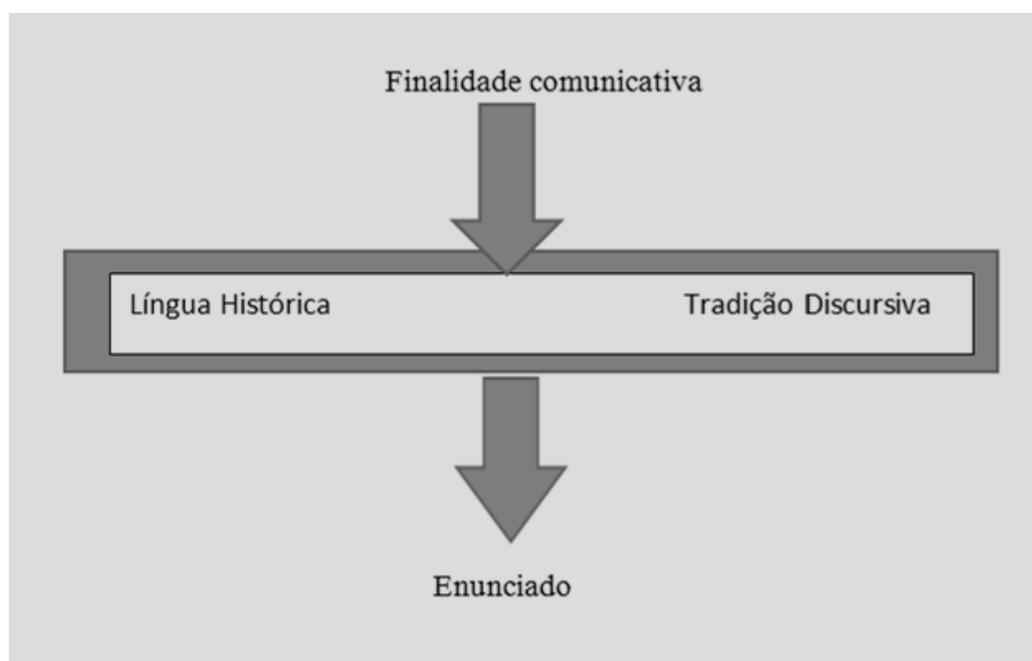


Diagrama 3. Tradições Discursivas

Dessa forma, o falante tem a seu dispor, acreditamos que de forma inconsciente, as regras da língua, que possibilitam certas escolhas, mas que permanecem ligadas e limitadas ao sistema e as tradições textuais às quais ele conhece. E nesse último, conforme cita Longhin (2014), estão relacionados aspectos organizadores do linguístico-textual, como domínio mais amplo do sentido, composicionalidade e estilo.

3.5 A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NOS ESTUDOS DE TRADIÇÕES DISCURSIVAS

A noção de historicidade da língua e dos textos, como já foi mencionado anteriormente, é o cerne da concepção das Tradições Discursivas e está contida num dos esquemas que Coseriu organiza sobre os entornos – elementos circunstanciais da atividade linguística- que segundo o autor, participam de maneira efetiva intervindo no falar, pois não há discurso que não seja influenciado pela circunstância, que não tenha um “fundo” (COSERIU, 1979, p. 228).

Um dos conceitos de entorno que serve aos estudos de Tradições Discursivas é o contexto, que tanto pode ser verbal quanto extraverbal. O contexto verbal é o discurso como parte a oferecer dados para a compreensão do signo, como por exemplo: A bolsa de Maria em que Maria serve como um elemento contextual que atribui um significado à bolsa. Já o contexto extraverbal refere-se a todos os elementos externos à língua que têm efeito para a significação e são denominados como físico, empírico, natural, prático ou ocasional, contexto histórico e cultural, sendo estes dois últimos os mais esclarecedores da relação de um texto com um determinado momento histórico.

Assim, os contextos históricos e culturais são respectivamente constituídos pelas circunstâncias históricas conhecidas pelos falantes e como todos os fatores pertencentes a uma cultura ou comunidade.

Para efeito de análise de Tradições Discursivas os contextos históricos e culturais são importantes à medida que resgatam informações que só podem ser explicadas nessas circunstâncias históricas e culturais, como podemos perceber nos editoriais por nós estudados e recontextualizados para efeito de entendimento, os contextos históricos da monarquia no Brasil do século XIX, as transformações industriais por que passava o país e culturalmente sermos um povo com muitas desigualdades sociais, principalmente à época.

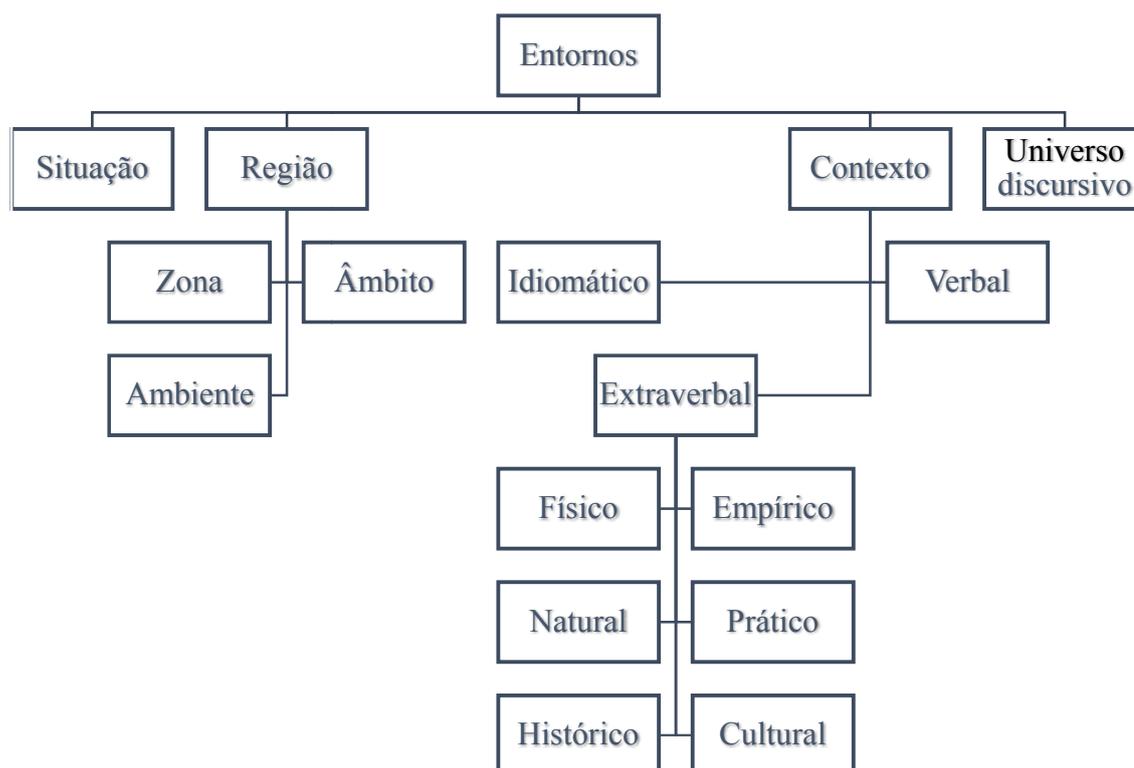


Diagrama 4: Entornos de Coseriu (1979, p. 229)

Nos estudos diacrônicos de textos, sem esclarecermos esses contextos em que os textos estão imersos, teremos uma análise que prescinde da verdadeira natureza do enunciado, que se determina, nos casos dos textos de épocas passadas, nas alusões a personagens históricos como por exemplo, *Dom Pedro I*, nos fatos históricos como *a nova constituição imposta*, no contexto local de organização *a mesa de rendas*, e mesmo no contexto cultural *o poder absoluto*, informações sem as quais estaríamos fadados a uma interpretação falha.

3.6 A ORALIDADE E A ESCRITURALIDADE

Um ponto fulcral no estudo das características prototípicas do texto é a relação existente entre a oralidade e a escrita e que foi claramente explicado nos trabalhos de Lwiding Söll³⁹ num esquema gráfico que evidencia que os textos têm uma concepção e uma realização que podem ser coincidentes ou divergentes, implicando em características diferentes em cada caso. A dupla conceituação mostra que é possível à língua ser realizada opositivamente no meio gráfico ou fônico e a partir das estratégias comunicativas dadas num contínuo oral ou escritas, de forma que temos a seguinte representação.

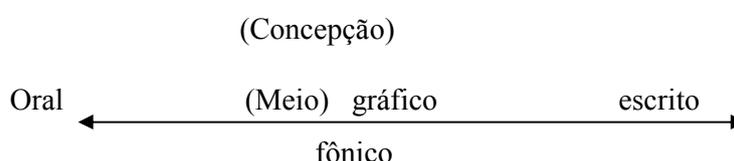


Diagrama 5. Adaptado de Söll

Essa representação resolve um problema metodológico no momento em que desfaz uma espécie de restrição à forma de realização da língua (OESTERREICHER E KOCH, 1997) situando a oralidade e a escrita num contínuo em que todos os fenômenos linguísticos podem ser alocados nesse gráfico. Desta forma, os acontecimentos linguísticos se situam nessa espécie de linha contínua que compreende essas formas de enunciar, o que explica alguns aspectos relevantes na realização dos textos, como a distância comunicativa do enunciador para com o receptor, polarizada como mais distante no meio gráfico e mais imediata no meio fônico.

Essas questões a concepção/meio do texto são reveladoras por que apresentam características atreladas a essas formas de realizações, o que pode nos indicar, por exemplo, as concepções orais dos textos de sincronias passadas oferecendo aos linguistas um meio para entender a composição dos textos dessas sincronias (COSTA e SIMÕES, 2015) bem como as relações entre a escrita e a oralidade na época.

³⁹ OESTERREICHER, Wulf; KOCH, Peter. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua *Linha d'Água*, n. 26 (1), p. 153-174, 2013.

3.7 TRADIÇÕES DISCURSIVAS E OS ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS

Aparentemente, e para muitos estudiosos os estudos de Tradições Discursivas e os estudos de gêneros ou gêneros do discurso, são relativamente metodologicamente parecidos e muito difíceis de serem diferenciados.

Se começarmos a pensar nos conceitos de cada uma das linhas de pesquisas poderemos começar a ver algumas nuances que permitem essa diferenciação, essa tentativa vem sendo feita por muitos pesquisadores, mas parece que ainda não um limite claro. Começando pela história dos estudos dos gêneros é possível perceber que seu uso foi usado ao longo da história da linguística com várias acepções diferentes, e conforme Bawarshi e Reiff (2013) as áreas que mais sofreram impactos foram as da tradição literária, linguística e retórica/ sócio-retórica.

Nas abordagens chamadas neoclássicas as definições de gênero são feitas com base nas características taxonômicas e tem como objetivo classificar o texto literário. Segundo o mesmo autor, essas delimitações eram feitas com intuito de apenas classificar e descrever as relações entre os gêneros literários.

A próxima abordagem de gênero consta do contexto estruturalista de pensamento, em que o gênero é tido como *entidades que organizam e, até certo ponto, moldam textos e atividades literárias em uma realidade literária* (BAWARSHI e REIFF, *op. Cit.*).

As definições de gênero estavam sempre atreladas à tradição literária e eram tecidas em torno de explicar as significações das atividades linguísticas nesse contexto literário. Ainda segundo Bawarshi e Reiff (*idem*), as abordagens românticas e pós-românticas negam o gênero enquanto critério para classificação dos textos literários, supondo, a exemplo Bawarshi e Reiff (2013), que os textos literários, como por exemplo, a poesia romântica seria de certa forma 'livre e infinita', alcançando um status superior que perpassa a classificação tipológica de um gênero.

Outra abordagem também ligada às tradições literárias é a abordagem estética, em que a classificação depende mais da competência do leitor em classificar o Gênero que mesmo dessa pré-existência de uma tipologia apriorística.

Uma última abordagem ligada às tradições literárias está a abordagem dos estudos culturais, que conforme explica Bawarshi e Reiff, oferece uma visão mais ampla de todas as outras já citadas, pelo fato de não limitar o ponto de vista ou ao receptor, ao caráter social, ou

ao objeto artístico em si mesmo. Como em outras áreas da linguística⁴⁰, o fator social tem sido considerado crucial para uma interpretação mais completa e panorâmica de qualquer proposta de análise de objetos.

As pesquisas em gêneros, também podem ser enquadradas nesta miríade de múltiplos pontos de vistas e várias abordagens, sobre isto Bawarshi e Reiff (2013) falam sobre as noções nas teorias literárias, antes mencionadas neste tópico, nas tradições linguísticas, nas tradições linguísticas em inglês para gêneros específicos, nas tradições retóricas e sociológicas, nos estudos retóricos de gêneros.

Além disso, traz capítulos do seu livro dedicados às pesquisas linguísticas em gêneros em diversos contextos, como por exemplo, o acadêmico, em ambientes de trabalho, em contextos públicos e nas mídias e ainda sobre as abordagens no ensino da escrita. Todas elas compartilham a noção de que este é um campo de tênues limites, se é que existem claramente esses limites.

Vijay Bhatia apresenta bem esse estado da arte em teorias de gêneros no texto *Análise de gêneros hoje* em que contempla uma visão panorâmica de várias teorias ou as principais vertentes que tratam de questões sobre gêneros, as principais questões levantadas e suas implicações para o desenvolvimento de uma teoria sistematizada. A análise de gêneros, conceituada por ele, tem como ponto de partida o estudo do comportamento linguístico em contextos acadêmicos ou profissionais. Após conceituar o campo, o autor traça pontos

⁴⁰Aqui compartilhamos e comungamos da ideia de Labov (1972) e de seu antecessor Meillet (1991) de que a linguística não deve se limitar a explicar os fatos apenas pelos fatores estruturais internos, embora seja empírica também, não se deve limitar suas análises a porções isoladas. E abandonando este pensamento reducionista descrito por Lyons (2013, p. 33), não existem ciências mais básicas que outras, nem cadeia hierárquica de ciências.

A linguística é tão importante quanto a física, quanto a biologia e química, sociologia e etc. e não pode a ela ser renegado este status de importância. Como visto no início do capítulo, como ciência, vem se estabelecendo com seus construtos teóricos bem definidos e com abordagens importantíssimas para o estudo da língua em diversas interfaces. O grande problema das ciências humanas, sejam em sociologia, linguística, ou psicologia e outras em geral, é a coleta dos dados, no entanto, segundo Lyons (idem), o linguista está em melhores condições que os pesquisadores das outras áreas sociais, devido a clareza da diferenciação do que é pertinente ao comportamento linguístico e do que não é.

Além disso, há problemas de método em todas as ciências e áreas de conhecimentos inclusive nas ciências naturais. French (2009) elabora um estudo precioso sobre como a ciência acontece, como os cientistas trabalham e sobre como eles propõem suas hipóteses e como as testam. Essas reflexões partem do escopo da filosofia, pois durante muito tempo ciência e filosofia eram tidas como uma só, a ponto de não se questionarem os métodos, mas como ele mesmo afirmou, os filósofos apenas descreviam os meios através dos quais os cientistas chegavam às suas conclusões. Em toda a obra, o autor apresenta problemáticas para questões de pesquisa que vão desde a formulação de hipóteses, aplicação dos métodos, das observações, a forma de verificação dos fatos e dos dados, oferecendo meios para se pensar as ciências, de forma geral, mas traduzindo a ideia de que as ciências naturais podem não ser tão objetivas quanto se pensa. E o mesmo ocorre nas ciências sociais.

Sendo a linguística uma ciência social, as explicações para mudanças, variações, e etc. não podem existir de forma desconectada do fator social. E são essas tentativas de escolher uma metodologia que dê conta tanto dos fatores linguísticos estruturais quanto dos fatores externos que muitos linguistas enfrentam em suas pesquisas, sem, no entanto, cindir estruturas e estudos de indivíduos pressupondo que a explicação dos dois fatores isolados pode levar a uma compreensão do todo como deve ser a conclusão dos trabalhos que abordem os fatores sociais.

comuns entre várias teorias dos quais ele destaca como mais importantes o *conhecimento convencional*⁴¹, a *versatilidade da descrição dos gêneros*⁴² e a *tendência para inovação*⁴³.

Para reforçar a importância dos aspectos convencionados nas interpretações genéricas Bhatia cita Fairclough (1989, p. 59) que ilustra a situação de uma consulta ginecológica na qual a paciente não tende a compreender os procedimentos adotados pelo médico ginecologista como um encontro amoroso trazendo questionamentos e em seguida dando pistas de que isso se deve ao fato de haver limitações no contexto dessas consultas. O convencional aqui estaria ligado ao que é reconhecido e compartilhado pela comunidade como aceitável numa determinada situação.

Outro ponto interessante destacado por Bhatia é a noção de que os gêneros raramente mantêm valores estáticos principalmente em ambientes acadêmicos e profissionais. Isso se deve ao fato de estarmos inseridos numa cultura consumista que vai influenciar diretamente na produção desses gêneros integrando nas estruturas convencionais aspectos ou elementos promocionais, de forma que como aponta Fairclough, há uma reestruturação das ordens do discurso e das práticas discursivas em casos como este, mas que o usuário hábil tem que fazer uso do que está disponível na comunidade e acrescentar diferenças sutis para que atenda ao seu objetivo. A mistura acontece devido à mistura de valores genéricos que normalmente atendem a propósitos comunicativos específicos já os gêneros imbricados são tidos como falsos gêneros em que se observa um gênero dentro de outro.

Dos pontos explicitados acima, a relação que parece prevalecer em análises de gênero em sua maioria, é a dos gêneros com as práticas sociais, enfatizando a ligação da produção linguística com as questões contextuais. É nítida essa relação quando se pensa que quando se produz não se produz para ninguém, isto também ressalta o caráter dialógico da linguagem

⁴¹No conhecimento convencional destaca-se aspectos convencionais que estão postos como interrelacionados de forma a se complementar pois o conhecimento convencional, que tem a ver com o contexto sócio-cultural, leva a identificação de situações típicas o que culmina com o reconhecimento dos propósitos comunicativos compartilhados serão mais facilmente compreendidos através das formas típicas organizacionais e estruturais.

⁴²Já a versatilidade genérica é uma espécie de quadro de possibilidades que um determinado gênero possui de se estruturar, que vai desde a identificação do propósito comunicativo à estruturação propriamente dita, como estratégias discursivas, forma final do gênero. No caso dos gêneros promocionais há um conjunto de gêneros servindo ao mesmo propósito comunicativo, mas que apresentam diferenças sutis na sua estruturação.

⁴³ No item tendência para inovação, Bhatia afirma que apesar de os gêneros estarem ligados a contextos específicos e situados e institucionalizados eles são construtos dinâmicos e têm tendência natural para inovação que é explorada pelos membros experientes da comunidade. Frente a essa tendência para inovar o autor esclarece que pode ser que alguém seja chamado a responder a uma necessidade sócio-cognitiva em transformação e será exigido dele uma negociação perante as convenções estabelecidas o que permitirá ao usuário do gênero uma certa liberdade aos membros mais experientes da comunidade que poderão manipular recursos e convenções genéricas.

Texto original disponível <<<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10047/7896>>> acesso em 12/01/2017

trazido à tona por Bakhtin (1979) e noção com a qual concordamos por reconhecer a imagem do nosso interlocutor em qualquer interação linguística.

Numa abordagem retórica dos gêneros, que é uma das perspectivas mais recentes adotadas por novos estudiosos, sendo alguns deles Carol Berkenkotter e Thomas Huckin (1993) citados por Bawarshi (1993) obtivemos a seguinte definição:

Nossa tese é que os gêneros são estruturas retóricas inerentemente dinâmicas que podem ser manipuladas de acordo com as condições de uso e que o conhecimento de gêneros, conseqüentemente, é mais bem conceituado como uma forma de cognição situada encravada em atividades disciplinares. Para fazer as coisas acontecerem, ou seja, publicar, exercer influência na área, ser citado e assim por diante, os escritores devem saber como usar estrategicamente sua compreensão de gêneros (BAWARSHI, 1993, p. 477).

É evidente que esta definição tem a ver exatamente com contextos específicos de produção, que no caso são os contextos acadêmicos, mas por que não dizer que em contextos livres podem-se manipular os gêneros ou delimitá-los a partir, primeiramente, de sua delimitação como este ou outro gênero? Esta seria uma questão interessante já que não vê com óbvia ou como possível manipular um gênero.

Mas se for correto pensar em questão do ensino/aprendizagem dos gêneros, nas escolas, quando nós professores tomamos certos gêneros como modelos e os dissecamos, explicitamos sua ordem lógica de construção, avaliamos aspectos estruturais e podemos discutir sobre ele, e quando das atividades de produção em que “criamos” as condições específicas e colocamos as condições para que haja a produção, não estaríamos manipulando o gênero? Essa é uma questão que exige um pouco mais de profundidade e por agora, não seria o ponto central da história.

Muitas são as abordagens que poderíamos trazer para a discussão, mas uma em especial nos chama atenção que é a que se liga à linguística histórica e a linguística de corpus. Esses estudos que observam as tipologias e as mudanças linguísticas são de fato, bastante importantes para nos ajudar na árdua tarefa de delimitar o campo de pesquisa em gêneros e o campo de pesquisa das Tradições Discursivas.

Bawarshi (idem, p. 189-190) exemplifica os tipos de pesquisa histórica com gêneros públicos que mudaram ao longo de anos. Segundo ele, estudos de David Barton e Nigel Hall (1999) mostram a mudança de cartas em contextos históricos e culturais e que elas mediaram uma grande quantidade de relações e interações humanas. Além destes estudos, os trabalhos de Company Company (2008), Koch (2008), Aguilar (2008), Erique-Arias(2008), Jover (2008), Eberenz (2008), Alconchel (2008), Rodríguez (2008), Oesterreicher (2008), Kabatek

(2003, 2006), Lamas (2010) dizem respeito a estudos de Tradições Discursivas que têm se intensificado nos últimos anos.

Como critérios de análise, a maioria dos estudos focalizam a relação funcional que os textos têm com suas partes e também o contrário, com o entorno, com o contexto em si. No entanto, apenas os estudos mais recentes, e os inspirados na romanística alemã se tratam de estudos de Tradição discursiva. Esse limite ficará mais claro ao final do capítulo.

Nessa delimitação, entre Gêneros e TDs, os gêneros são tidos como tal utilizando critérios como a sua localização num sistema de relações de gêneros e em sistema de atividades. Assim Miller (2012, p. 27) chama atenção para uma definição que seja “baseada na prática retórica e, conseqüentemente, aberta- em vez de fechada- e organizada em torno de ações situadas” (isto é, pragmática em vez de sintática ou semântica).

Esta abordagem trata-se da sócio-retórica que possui uma visão histórica do gênero e a ele atribui um poder de se vincular às instituições nas quais e pelas quais são produzidos. Nesse caso, a visão não é voltada para o ensino, a perspectiva pedagógica é mais acentuada na abordagem sociodiscursiva (MARCUSCHI, 2008).

Uma definição que nos parece satisfatória seria a de Mascurchi (2008, p. 155), na qual ele apresenta de forma detalhada e num panorama sociodiscursivo que se volta para o ensino de Língua Materna, a noção de gênero:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração das forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas.

A tríplice composicionalidade do gênero, que se refere à funcionalidade, a construção dos objetos da enunciação e os estilos, que dizem respeito aos modos individuais de se dizer algo revela um ponto de vista que assim como Coseriu (1979) e Saussure (1916), consideram como parte essencial o fator social. Mesmo que Saussure tenha deixado essas preocupações com o externo longe de suas pesquisas aplicadas, sua formulação e suas ideias serviram para corolário que aí está de pesquisas e teorias de cunho contextual e sociodiscursivo.

O estatuto do gênero textual se apresenta, diante de tantas formas de abordagem como transdisciplinar, e antes de tudo como uma forma de ação social expressa por Miller (2012, p. 39):

1.O gênero se refere a uma categoria convencional de discurso baseada na tipificação em grande escala da ação retórica; como ação, adquire significado da situação e do contexto social em que essa situação surgiu.

2.Como ação significativa, o gênero é interpretável por meio de regras; regras de gênero ocorrem num nível relativamente alto de uma hierarquia de regras para interações simbólicas.

3.O gênero é distinto de forma: forma é o termo mais geral usado em todos os níveis de hierarquia. O gênero é uma forma num nível particular, que é a fusão de formas de níveis mais baixos e a substância característica.

4.O gênero serve como substância de formas em níveis mais altos; como padrões recorrentes de uso linguístico, os gêneros ajudam a constituir a substância de nossa vida cultural.

5.Um gênero é um meio retórico para a mediação das intenções privadas e da exigência social; ele é motivador ao ligar o privado com o público, o singular com o recorrente.

As regras expressas acima ajudam a tecer a cadeia de ideias que podem expressar de uma forma mais clara possível a conceituação de gêneros dentro dessa perspectiva sociodiscursiva e como uma forma de ação. Já que essas ideias têm com precípua a linguagem com uma determinada finalidade expressa na materialidade linguística e realizada nas possibilidades que a estrutura interna oferece.

Em Tradições Discursivas, os textos são tidos como TDs, considerando não só aspectos relativos à funcionalidade da língua, ou mesmo ao contexto, como também as estruturas internas da língua.

Sob esta definição ampla, TD não é obrigatório, mas corresponde ou aparece corresponde a uma extremidade do alto-falante ou o ouvinte para estabelecer uma ligação entre dois elementos historicamente relacionáveis (daqui : " pode formar ") . Por conseguinte, dá um complexa relação entre produtor e receptor pesquisador: podem ter tradições descobertas pelo pesquisador não intencional ou pelo produtor ou por outros receptores etc.

Euma TD oferece, nessa visão ampla, com base em dois (ou mais do que dois, é claro) textos relacionáveis por seu conteúdo, a linguagem ou forma ou com base em dois cenários (ou constelações Ambientais) evocando dois textos relacionáveis⁴⁴ (KABATEK, 2004, p. 1).

Mas as relações de repetição e evocação que no mínimo, dois textos estabelecem um com outro, no qual a Tradição discursiva, que é a fórmula, expressão formulaica, ou o próprio texto que apresenta um valor de signo. Kabatek (idem) demonstra com um esquema essa relação entre os textos que se evocam:

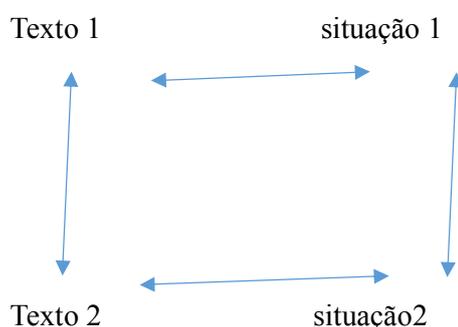


Diagrama 6. Como os textos se evocam

A tradição discursiva não é somente repetir, mas além de tudo trazer à tona a memória de um outro texto ou expressão, ou discurso, concluindo com isso, que se nos traz à memória esse texto ou discurso, é por que ele já é conhecido e convencionado como tal.

Sobre essa diferenciação e estabelecimento de conceito, Zavam (2009), em sua tese de doutorado sobre uma carta editorial e com uma ideia de lançar uma proposta de metodologia para estudo da diacronia dos gêneros, explica com clareza as ideias de Kabatek:

O que Kabatek pretende deixar claro é que uma tradição discursiva pode ser tanto um dizer já convencionado (e, portanto, tradicional, no sentido daquilo que se transmite), como os três exemplos acima, quanto uma forma textual em sua totalidade. (ZAVAM, 2009, p. 84).

44 Trecho original: según esta amplia definición, una TD no es necesaria, sino que corresponde o parece corresponder a una finalidad del hablante o del oyente de establecer un lazo entre dos elementos históricamente relacionables (por lo tanto: “se puede formar”). Se da, pues, una relación compleja entre productor, receptor e investigador: puede haber tradiciones descubiertas por el investigador no intencionadas ni por el productor ni por otros receptores etc. È una TD se establece, en esta amplia visión, a base de dos (o más de dos, claro está) textos relacionables por su contenido, lengua o forma o a base de dos situaciones (o constelaciones de entornos) que evocan dos textos relacionables.

Assim, os gêneros diferem das Tradições Discursivas principalmente no que se refere à repetição e à evocação de um texto, já aceito como tradição por estar na memória linguística da comunidade, mas também por conter expressões como, por exemplo, “era uma vez” que é uma expressão identificável de um gênero, mas não é o gênero e adquiriu para si um significado ligado à sua definição e que por ser uma fórmula tradicional pertencente somente ao gênero é que possui o status de ‘tradição’.

É essa tradição historicamente constituída como uma forma de dizer, que é passada nos textos a comunidades específicas e que são o próprio texto ou tradições menores que o constituem que analisaremos no próximo capítulo; os editoriais do jornal *O Mossoroense*.

4 A ANÁLISE DA TRADIÇÃO DISCURSIVA EDITORIAL

Esta pesquisa se constitui como uma pesquisa bibliográfica e documental, de acordo com a definição de Lakatos e Marconi (2010). Nossa análise se configura como estrutural, descritiva e interpretativa dos dados.

O enfoque multidimensional do texto e a noção de que os textos são dinâmicos e de que como a língua mudam, nos guiaram para uma abordagem metodológica quali-quantitativa. Descreveremos a seguir as etapas metodológicas que seguimos.

a) Constituição do arcabouço teórico: nesta etapa foi construída a base teórica necessária para discutir com profundidade a história dos textos. Como tratamos de textos jornalísticos da história de Mossoró, a primeira fase dos periódicos ainda se dá na monarquia, montamos um referencial que suprisse a necessidade de recontextualizar esses textos.

- i. Relativos à história da imprensa no Brasil temos Molina (2015), que recupera a história dos jornais mostrando os fatores que marcam o desenvolvimento destes aqui no país; Martins e De Luca (2015), narrando a história da imprensa no Brasil sob o viés do protagonismo e de suas influências à conjuntura social; Barbosa (2007, 2010), que contribui com a história da imprensa pelo viés cultural e histórico, além de mostrar o perfil da formação da imprensa; Melo (2003) contribui com o conceito do jornalismo opinativo; Lustosa (2003, 2006) nos ajuda a compreender a relação entre imprensa e a organização da política; Sodré (2011) apresenta uma obra magistral descritiva da imprensa brasileira, desde a gênese; Rizzini (1997) nos apresenta um estudo das formas de comunicação antes da tipografia, o que nos ajuda a compreender algumas mudanças que foram ocorrendo antes da imprensa brasileira ser inaugurada. Para sabermos sobre a história da imprensa em Mossoró, tomamos Rosado (2006, 2004), que narram a história de Mossoró e também do jornal, os próprios especiais publicados pelo jornal *O Mossoroense* em suas páginas, lembrando a história do periódico.
- ii. Referencial teórico relativo aos estudos de gêneros: as questões relativas aos gêneros textuais tem como basilares os trabalhos de Bakhtin (1997) *Estética da criação verbal*, o capítulo *Gêneros dos discursos*; Swales (1990) que defende uma abordagem do texto situado em seu contexto, Bazerman (2011a, 2011b, 2007) e Miller (2012, 2009) com a perspectiva de que os gêneros são textos sócio-historicamente concebidos e com a

ideia de que os gêneros possuem características de fácil reconhecimento estando intimamente ligadas à função principal do gênero, Marcuschi (2008) e seu trabalho panorâmico sobre gêneros.

- iii. A abordagem das Tradições Discursivas, teve como fonte os trabalhos de Coseriu (1979) que vê a língua como atividade/ processo e não como um produto. Divide a língua em três níveis distintos. Além de trazer os conceitos de entorno como algo de extrema importância para entendimento de fenômenos linguísticos; Oesterreicher (1997) e Koch (1997), que criam o conceito de Tradição Discursiva partindo da duplicação do nível histórico criado por Coseriu, no qual postularam que havia dois níveis históricos: um em que se trata da historicidade da língua (idioma) e outro em que se tem a história dos textos (as Tradições Discursivas). Tomamos como base trabalhos de Kabatek (2001, 2003, 2004, 2008), que desenvolveu pesquisa sobre a historicidade dos textos. Além do conceito de tradição discursiva, Schieliben-lange (1993), que falou sobre a escrituralidade.
- iv. Alguns estudos aplicados ao português serviram de base para esta pesquisa, como o de Pessoa (2003), que será aporte teórico para uma interpretação da organização textual no nível linguístico-discursivo numa perspectiva microestrutural⁴⁵, Fonseca (2003), que estudou as cartas oficiais da Paraíba, Simões (2007) estudou a sintaxe do gerúndio pelo viés da gramaticalização, Zavam (2009) investiga os editoriais cearense, Gomes (2007) que estuda editoriais pernambucanos.

b) Coleta dos dados: Fez-se a seleção de 71 textos, publicados no jornal *O Mossoroense* representativos do gênero Editorial. Este jornal material está organizado em grandes volumes anuais dispostos no Museu Municipal Lauro da Escocia. *O Mossoroense* tem 145 anos de existência. Foi feita a separação das amostras em três períodos diferentes, em intervalos de cerca de 50 anos para o início da coleta de cada parte representativa do corpus para análise, com a finalidade de observar o perfil constitutivo dos textos nesse intervalo de tempo e de acordo com a disponibilidade do material para a coleta. O período que constitui o primeiro intervalo vai de 1872 ao ano de 1875, e conta com 34 exemplares de textos. O segundo

⁴⁵ Essa proposta prevê duas dimensões de análise, a primeira que relaciona fatores contextuais à produção do gênero, os entornos e a segunda que dá ênfase à materialidade do texto.

período vai de 1928 a 1935 e é composto de 23 textos e o último, vai do ano 1980 ao ano de 2007 e comporta 14 textos representativos dos editoriais.

c) Tratamento do corpus: os exemplares de jornais foram fotografados no setor dos jornais do museu. Após isso, foram transcritos seguindo as normas de edição do PHPB⁴⁶. As normas orientam serem respeitados o espaçamento, a quebra de linha (representada pelo sinal de uma barra /), ainda o parágrafo que é representado por duas barras (/ /). O critério utilizado na escolha foi a identificação do gênero com base em alguns critérios como a posição do texto no jornal, a temática, e a sequência prototípica da constituição do texto como hoje o conhecemos. A disposição do texto seguiu a ordem cronológica e identificamos a sequência pelo número de ordem em que o texto foi encontrado, conforme pode ser visto nos anexos.

d) Análise dos dados: nesta fase chegamos à interpretação dos dados. Análise aqui efetuada trata-se de uma abordagem multidimensional em que elementos linguístico-discursivos são interpretados com o auxílio dos fenômenos extralinguísticos, ou seja, os contextuais. Esse tipo de análise permite que as descrições possam evidenciar as motivações pragmáticas que as mudanças podem ter e pode ser considerada uma abordagem mais ampla, nesse sentido.

Passaremos, então, à última etapa da pesquisa a que nos propomos que é a interpretação dos dados coletados e descritos.

4.1 DEFINIÇÃO DO GÊNERO EDITORIAL

Na tradição dos gêneros jornalísticos, o Editorial é um gênero que figura entre os gêneros opinativos e ao contrário do que se costuma dizer em relação à sua vinculação ideológica, ele nem sempre reflete o pensamento da empresa, como bem afirma Marques de Melo (2003), na maioria dos casos, o interesse é de representar as posições resultantes da articulação política das forças detentoras da propriedade do veículo e essas forças são constituídas de acionistas, sócios e etc., ou seja, representa o pensamento cuja síntese emana de um consenso sobre as teias político-ideológicas em torno do qual gira a cúpula do jornal.

Bahia (2015, p. 117) conceitua o Editorial como:

⁴⁶Link onde estão disponíveis as normas do PHPB: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/normas-de-edicao-do-phpb-2a-versao>

Matéria jornalística opinativa por natureza, impessoal e sem assinatura, sobre quaisquer acontecimentos, para expressar a posição do **veículo** ou da **empresa** que o edita, seja jornal, revista, rádio ou TV. Substitui o **artigo de fundo**, desde a transformação verificada no jornalismo depois da Segunda Guerra Mundial, depurado o ângulo retórico, personalista e agressivo, e beneficiado pela modernização e eficácia do **estilo**. O **editorial** separa a **notícia** do **comentário**, introduzindo na informação uma linha divisória em proveito de ambos. É alguma coisa a mais do que a simples opinião do proprietário do veículo, porque o julgamento crítico que expressa, resulta, quase sempre, da análise em comum de diretores, editores e editorialistas, para os quais o mais importante é identificar conceitos que dignifiquem a opinião. **Ensaio, artigo, comentário, análise, o editorial** é comunicação seletiva, dirigida mais ao leitor, ouvinte ou telespectador que não encontra no mero relato dos fatos orientação suficiente para formular o próprio juízo. (grifos do autor).

Esse espaço segue uma tendência diversificada, no que concerne às opiniões, sendo considerado pelo autor, *ipsis verbis* “o espaço das contradições” (*idem*, 2003, p. 104), tendo em vista que o discurso é organizado pelas forças que sustentam as instituições. Esse fato pode gerar uma incongruência quando se pensa na dualidade que se sustenta nas multifunções desses discursos, no entanto, observar a forma como a argumentação é construída e por quem, cabe-nos concluir, a partir da leitura de “gêneros opinativos na imprensa Brasileira”⁴⁷ e ainda outros editoriais como os que compõem o *corpus* desse trabalho, que os editoriais travam um diálogo com o Estado.

Ainda, quanto à função do gênero discursivo Editorial, é mister dizer que esse diálogo feito com o Estado só se justifica por que a sociedade brasileira tem uma relação assimétrica com o poder governante, o qual é tido como demasiado importante. Isso frustra a expectativa que se tem sobre o público-alvo do Editorial, pois, comumente se afirma ser o público leitor, a classe que lê os editoriais e os jornais em busca de ajuda para formulação de ideias a partir da argumentação desenvolvida no Editorial, e, no entanto, como Marques de Melo (2003, p. 105) afirma:

Não se trata de uma atividade voltada para perceber as reivindicações da coletividade e expressá-las a quem de direito. Significa muito mais um trabalho de “coação” ao Estado para a defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam. Esta é a nossa percepção do Editorial na imprensa Brasileira.

47A obra de José Marques de Melo “Os gêneros opinativos.

O Editorial figura entre os gêneros publicitários opinativos e que apresentam fatos em sua estrutura e se propõe a argumentar sobre algo, um determinado fato ou ideias. Argumentar, nesse sentido utilizado por nós aqui nessa pesquisa, quer dizer convencer e persuadir, conforme as palavras de Abreu (2009, p. 25):

Argumentar é a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. Etimologicamente, significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro. Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. A origem dessa palavra está ligada à preposição per, "por meio de" e a Suada, deusa romana da persuasão. Significava "fazer algo por meio do auxílio divino"

Ao argumentar em favor de uma opinião, o Editorial se utiliza de várias estratégias para convencer o leitor sob o seu ponto de vista ser o correto, o adequado. Dentre elas, estão o uso dos fatos concretos. No entanto, o uso desses fatos não pode ser feito inadvertidamente, é feito um sofisticado processo de depuração dos fatos (MARQUES DE MELO, 2003, p. 107.), conferência das fontes e consulta da verdade dos dados e a escolha da publicação fica a cargo da diretoria do jornal, de forma que a opinião do jornal não seja suprimida ou contrariada pelos fatos, mas há que se alinhar o conteúdo e o posicionamento do Editorial às instituições ou organizações que sustentam esse veículo de comunicação.

Há um detalhe que merece ser citado, é que essa regra de checagem e conferência dos fatos, corriqueiramente se refere a grandes empresas, o caso de grandes mídias, veículos de comunicação, o que não dialoga com o nosso jornal, que como já citado antes, era um jornal ainda pequeno, em uma cidade que a pouco tivera seu status de vila elevado à cidade, como pode ser visto no excerto abaixo.

Quando no anno de 1848 foi esta cidade./ então povoação, teatro pela vêz primeira/ do grande pleito eleitoral em que o partido/ liberal, unido e arregimentado, numeroso e/ invencivel, tendo a sua frente um chefe de/ nome, influencia e prestigio, luctava vantaço-/zamente contra as forças de um governo, cu-/jo poder éra delegado na pessoa e satelites/ de um phantasma político, já intitulado de/ pastor Evangélico, appareceo logo o genio do mal/ envolto no ruidoso e negro turbilhão das/ paixões políticas, arvorando o estandarte da/ supertição e cimentando por toda a parte o/ germen da discordia, afim de estabelecer e/ firmar sobre todos os espiritos sua barbara/ dominação jesuitica ou especie de tyrannia sel-/vagem.

Excerto do texto nº 3, data: 30 de novembro de 1872.

Note-se que neste excerto, há fatos e dados na arquitetura do texto, o fato histórico que é citado na introdução do período destaca um importante acontecimento da cidade de Mossoró. Trata-se do acontecimento político em que o Partido Liberal participa do pleito eleitoral e que segundo o jornal, obtém uma expressiva votação e que devido à falta de seriedade das forças

políticas à frente do poder, perde as esperanças ao se verem sujeitos ao livre arbítrio de líderes religiosos não democráticos e que ultrajam a verdade das urnas em prol do seu comando político. Essa estratégia é apenas uma dentre as tantas que são utilizadas no gênero Editorial.

Existem atribuições de características do Editorial assinaladas por Beltrão (apud. MARQUES DE MELO, 2003, p. 108) que correspondem à *impessoalidade, topicalidade, condensalidade e plasticidade*. Assim, o texto deve ser escrito em terceira pessoa do singular ou a primeira pessoa do plural e não precisa ser assinado, entendendo-se que normalmente não o é, mas acontece de encontrarmos em nosso *corpus* textos com assinatura; outro fator característico do gênero é a temática, comumente bem limitada a uma área ao acontecimento social; embora se possa ter argumentos para ajudar a comprovar ou a convencer os leitores de algo que está sendo dito é mais comum a ênfase as afirmações que propriamente aos fatos, dados e etc. . E por último, a plasticidade diz respeito à ser não-dogmático e manter um diálogo coerente com o contextual valorizando o que acontece no momento presente e dando vazão aos vários modos de pensar uma ideia, opinião ou fato, sendo dinâmico ao invés de estático.

Sobre este último atributo percebe-se que a sociedade regula a forma como os gêneros se apresentam para ela, não só o Editorial ou os gêneros jornalísticos, mas todos os outros de esferas adjacentes podem seguir esta ideia de que são constituintes da sociedade e por isso, seu papel liga-se, obrigatoriamente, a ela:

Vejamos o gênero como um constituinte específico e importante da sociedade, um aspecto principal de sua estrutura comunicativa, uma das estruturas de poder que as instituições exercem. Podemos compreender o gênero, especificamente, como este aspecto da comunicação situada que é capaz de reprodução, que pode manifestar-se em mais de uma situação, em mais de um espaço-tempo concreto. As regras e os recursos de um gênero fornecem papéis reproduzíveis de falante e de ouvinte, tipificações sociais de necessidade sociais e exigências recorrentes, estruturas tópicas (ou “movimentos” e “passos”) e modos de relacionar um evento a condições materiais, transformando-as em restrições ou recursos (MILLER 2009, p. 52).

Assim, tem-se o Editorial como o espaço em que se divulga o pensamento ora do proprietário do jornal, no caso de um jornal pequeno, ora do consenso entre as ideias dos acionistas que mantém a empresa, em que se percebem o alinhamento do que é dito com o querer dos leitores, fator esse que não é desconsiderado na produção do texto, sendo, pois, um dos primeiros pontos a serem pensados na escritura de um texto.

4.2 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO EDITORIAL NO JORNAL *O MOSSOROENSE*

A perspectiva de estudos diacrônicos ou históricos tem como basilar a concepção de que para uma análise ser bem-feita e responder ao máximo os questionamentos sobre um texto histórico é preciso de contexto. A aceção por nós aqui usada parte da premissa de que não há como se estudar língua, linguagem, discurso e textos sem considerar as condições em que a atividade linguística foi realizada.

Na história da linguística há proposições de linguistas como Meillet (1866-1936), que externava uma visão de cunho sociológico ao corroborar com as ideias de Émile Durkheim de que a língua é um fato social, ou como o próprio Saussure considerou relevante o caráter social⁴⁸ da linguagem, sem, no entanto, dar atenção a esse aspecto, o que de certo ponto, permite que haja lacunas consideráveis em descrições “imanescentes”.

Ainda se busca respaldo nas ideias de dialogismo de Mikhail Bakhtin, segundo a qual os enunciados, ou os que o caracteriza é seu aspecto social, a relação que existe entre o falante e a sociedade, lugar em que se realizam os discursos por meio desse dialogismo, daí a justificativa para uma análise que se proponha a observar os entornos, sendo, pois, as circunstâncias que influenciam a atividade linguística. Sobre a mudança linguística ou variação, Bakhtin considerou que elas são inerentes à língua e que reflete a variação das estruturas sociais em que toda modificação de ideologia acarreta uma modificação na língua (WEEDWOOD, 2002.)

Outro linguista que valorizou o aspecto social e modificou a forma de se estudar a fala em linguística foi Labov, que assim como Bakhtin, observava que o contexto social no qual estava imersa a língua era de onde surgiam as variações, as irregularidades, flutuações e conseqüentemente que as mudanças seguem regras internas, mas também são influenciadas por fatores externos à língua. É por esse caráter de se observar a produção dos enunciados como uma dupla realização em que se percebe tanto uma história do texto em particular como uma influência de condições sócio-históricas na constituição dos enunciados.

Obviamente, faz-se necessário compreender o que Coseriu (1979, p. 228) chamou de *entorno* que intervêm necessariamente em todo o falar. Para o autor, não há discursos que não ocorra numa circunstância, que não tenha um “fundo”⁴⁹, pois os entornos participam de maneira quase constante na determinação dos signos e amiúde substituem os determinadores

⁴⁸ De acordo com Calvet (2002, p. 31), o sentido de “social” usado por Saussure significa “pluri-individual” e não tem relação com interação, não tendo nenhuma relação com a visão bakhtiniana da natureza essencialmente dialógica da linguagem.

⁴⁹ Grifo do autor.

verbais. Mas sua funcionalidade é muito mais ampla. Os entornos orientam os discursos e lhe dão sentido, podendo determinar o nível de verdade dos enunciados.

Esmiuçando os termos, temos situação como uma circunstância criada no momento da comunicação entre as pessoas, é algo que se cria quando se há a atividade linguística, já a região se configura como o espaço em que o signo funciona em um sistema de significação específico. Esse ambiente é o que conhecimentos como culturalmente a família, a escola, a igreja, (COSERIU, 1979, p. 229 – 230).

Já o contexto tem a ver com a realidade na qual o signo se insere, sendo este de três tipos; o contexto idiomático, ou seja, a própria circunstancia em que se encontra; o contexto verbal, são especificamente as circunstâncias linguísticas que rodeiam o discurso e o extra-verbal, que tem a ver com os elementos não verbais (COSERIU, 1979, p. 232).

Sobre os entornos, que poderíamos chamar, numa acepção mais generalista, como contexto de produção, o fato que é determinante para a análise gramatical e determinação dos signos.

Da necessidade de incursão nessa realidade específica faz-se necessário adentrar na sócio-história do Jornal *O Mossoroense* e conforme Gomes (2007, p. 71) ao situar a sócio história estamos tentando:

Acompanhar as configurações das práticas comunicativas, culturais, econômicas, tecnológicas e políticas em desenvolvimento, como também refletir acerca das condições linguísticas e extralinguísticas necessárias para a identificação do Editorial no decorrer de sua circulação.

Muitas são as influências externas que um texto pode sofrer e o jornal *O Mossoroense* carrega em sua história a própria história da cidade que surgia em meio ao processo de urbanização que se espalhava rapidamente pelo Brasil afora, e além da urbanização que efervescia, havia a economia que passava de economia rural, até metade do século XVII, em que as atividades se concentravam na criação de gado, havia os vaqueiros, procuradores das fazendas. Segundo Rocha (2005, p. 25), as cidades brasileiras refletiam um crescimento desalinhado e espontâneo, ficando a arquitetura das cidades muito a gosto dos seus moradores. Ainda em 1870, aos 14 de dezembro, era aprovada uma lei de nº. 646 que autorizava a construção de uma estrada de ferro com intuito de ligar Mossoró ao porto de descarga dos navios que entrassem no rio (ROSADO, 2006).

É neste contexto, em que há mudanças por todos os lados, seja na economia, na política, seja pela aprovação de uma lei n.º 621 cuja intenção era estabelecer a cadeira de instrução primária para o sexo masculino na cidade, ou seja, os indícios de primeiros letrados em Mossoró, nasce o jornal *O Mossoroense*.

Destacamos a epígrafe cujos predicativos como “semanário, político, comercial, noticioso, literário” traduzem um anúncio dos temas de que trata o jornal.



Figura 9. Jornal reconstituído pela equipe jornalística no ano de 2012⁵⁰

Esses predicativos ou a epígrafe do Jornal, revelam o caráter de oposição que marca todo o jornalismo publicado nas folhas do veículo. No ano de sua estreia, 1872, a cidade de Mossoró⁵¹ completava 2 anos de sua fundação⁵², fato ocorrido por intermédio do Padre Vigário Colado Antônio Joaquim Rodrigues, em sua ida à natal. Desta viagem resulta a lei que a promovia a vila à cidade, a qual se trata da lei n. 620 de 9 de novembro, época em que administração da cidade estava sob o comando de Manoel Filgueira. (ROSADO, 2006).

A cidade de Mossoró estava ainda em processo de urbanização e organização dos espaços coincidindo com o que acontecia no Brasil, que desde a vinda da família Real para cá e em 1872, era irrefreável. Ainda sob o comando de um império em crise, éramos governados

50 Restaurado o número 1 do jornal por ocasião do aniversário de 140 do jornal em 17 de outubro de 2012. Neste especial, a história do jornal é relatada e se confunde com a história da cidade, sendo testemunha de grandes acontecimentos da região e sendo o único veículo impresso de comunicação. Disponível em: <<<http://p.download.uol.com.br/omossoroense/mudanca/pics/pdf/Capa-Especial.pdf>>> Data de acesso:

51 Segundo Cascudo (2001), no livro *Notas e documentos para a história de Mossoró*, no ano de 1739 já existe o sítio de Santa Luzia, concedidas em 25 de abril do referido ano ao Capitão João Do vale e embora tenha sido habitada por muitas autoridades “capitães-mores”, apenas em 1772, quando da construção da capela de Santa Luzia, pelo sargento-mor Antônio de Souza Machado em cujos arredores se erguiam dezenas de casas, de taipa, de palha algumas com telhas a irem-se formando pequenos sítios conglomerados, dando origem à vila de Mossoró.

52 Cascudo (*Id. Ibid.*) em virtude de ser a data da fixação demográfica e autorização para a construção da capela, ficou sendo a data comemorativa para o nascimento de Mossoró a data de 5 de agosto de 1872, afirma ainda que a imagem de Santa Luzia viera de Portugal.

pelo Imperador D. Pedro II e vivíamos uma situação econômica difícil, em virtude da crise decorrente da guerra do Paraguai e a forte crítica, por parte da elite intelectual, à escravatura que ainda existia no país, tornando o Brasil o último país da América do Sul a libertar seus escravos.

A monarquia ruía e perdia aos poucos o apoio de cada um dos pilares que a sustentavam; primeiro a lei Eusébio Queiróz (1850)⁵³ proibia o comércio transatlântico de escravos causando uma crise na mão de obra. A sociedade, seguindo a tendência capitalista em que se fervilhavam aplicações e construções, urbanização das cidades, compra de maquinário, via contradição entre o regime de trabalho assalariado do novo modelo de economia e a presença massiva de escravos ainda sendo a principal fonte de mão de obra.

Segundo, a fuga dos escravos e a formação de muitos quilombos, a resistência da cultura negra e de suas tradições e a dificuldade de chegar a esses quilombos e recuperar esses negros geraram também um movimento pró-abolicionista que marcou esse período final do século XVIII. A nova elite, ou a busca da formação de uma elite tentava se encaixar no padrão europeu e a memória da escravatura, a escravidão deveria ser um passado condenado por essa nova mentalidade⁵⁴.

E embora os movimentos pro-abolicionistas fossem fortes e característicos dessa nova sociedade, a aristocracia não ficaria feliz quanto então, em 1888 a princesa Isabel assinou a lei áurea e determinou o fim da escravidão no Brasil, esse descontentamento, no entanto, não tinha a ver necessariamente com a necessidade de se ter escravos ainda nessa época, de fato, os escravos não eram mais tão indispensáveis para a economia do país mas por serem considerados “bens” e por serem tomados sem nenhuma recompensa ou pagamento, gerou-se um descontentamento incomum para a classe aristocrática, o que a fez se posicionarem contra a monarquia.

Um terceiro fator considerável sobre essa crise da monarquia vem a ser o papel dos militares nessa nova configuração social, segundo Castro (1985), depois da vitória da guerra do Paraguai juntamente com seus aliados, o Exército Brasileiro requeria um novo papel, em

53Segundo Bosi (1988) que fala sobre o aspecto moral do comércio negreiro, Eusébio, que foi ministro da Justiça e ex-chefe de Polícia do Rio de Janeiro, procede a uma descriminalização dessa atividade: "Sejamos francos: o tráfico, no Brasil, prendia-se a interesses, ou para melhor dizer, a presumidos interesses dos nossos agricultores; e num país em que a agricultura tem tamanha força, era natural que a opinião pública se manifestasse em favor do tráfico; a opinião pública que tamanha influência tem, não só nos governos representativos, como até nas próprias monarquias absolutas. O que há, pois, para admirar em que os nossos homens políticos se curvassem a essa lei da necessidade? O que há para admirar em que nós todos, amigos ou inimigos do tráfico, nos curvássemos a essa necessidade?"

vistas do seu status e se negando a cumprir uma função secundária, como a que a eles competia até então. A monarquia se orgulhava por deter o poder civil e aos militares era relegado um poder marginal, sendo inclusive cogitada por alguns políticos da época a extinção do Exército, o que causava apreensão e possivelmente a virada dos militares contra a monarquia, no ano de 1889⁵⁵.

Há ainda o conflito entre a Igreja Católica e o Império em que a possibilidade de o Império meter-se nas decisões religiosas, o conhecido padroado⁵⁶, suscitava uma indigestão entre o clero e o Império, sendo esta intromissão os indícios para a defesa do Estado Laico em que a Igreja teria liberdades que lhe era negado no padroado, sistema este que durou até a proclamação da República no País, e nisto o Brasil deixava de ter uma religião oficial (DONATO, 2005).

Na imprensa, cada vez mais se via textos críticos dessa sociedade imperialista e o movimento pró-república crescia rapidamente no bojo da crise em se que emergia o Brasil e os textos publicados valiam-se de uma espécie de mescla entre literatura romântica e a oratória bacharelesca. É a chamada imprensa abolicionista, a mais popular campanha engendrada no país, sobre isso Martins e de Luca (2015, p. 74) destacam a grandeza de tal movimento:

Intensa e arrebatadora, posto que sob a pena de talentosos literatos e de inspirados ilustradores, envolveu representantes da elite, das camadas médias urbanas, do funcionalismo público, do segmento estudantil, parte da Igreja e agentes emblemáticos da população negra. [...] Entre os estudantes, o jovem Castro Alves, assíduo na imprensa e na Academia, foi a voz apaixonada da causa que traduziu no poema *Navio Negreiro* a luta de uma raça. A cada linha de atuação emancipacionista ou abolicionista, ensaiou-se e/ou editou-se um jornal.

A campanha suscita um cenário envolvente em que todos os intelectuais mais pendentes ao Liberalismo⁵⁷ econômico, afirmavam o caráter desumano da escravidão e isso se refletia na

55 Sobre esse tema, indica-se um aprofundamento em Castro (1985) “os militares e a república: um estudo sobre a cultura e ação política.

56 O padroado data do século XV e era uma consequência direta da manutenção das despesas da Igreja pelos cofres do Reino, essa organização causava estremecimento entre os religiosos e o Império acelerando uma adesão, pelos católicos à ideia de república.

57 O liberalismo travestido de boas intenções pode não ter passado de uma estratégia da classe dominante como uma manobra política fruto dos ideais liberais ainda em 7 de setembro e embora a liberdade dos portos promovesse um livre comércio isso não queria dizer que a sociedade estaria livre como efeito imediato. Segundo BOSI (1988), “o par, formalmente dissonante, escravismo-liberalismo, foi, no caso brasileiro pelo menos, apenas um paradoxo verbal”. O seu consórcio só se poria como contradição real se se atribuísse ao segundo termo, liberalismo, um conteúdo pleno e concreto, equivalente à ideologia burguesa do trabalho livre que se afirmou ao longo da revolução industrial europeia. Ora, esse liberalismo ativo e desenvolvimento simplesmente não existiu,

opinião pública veiculada nos jornais de caráter revolucionário. Em Mossoró, além dessas questões respingarem ainda que tardiamente na sociedade, havia o pensamento similar ao de Nabuco “sem jornal próprio não se é nada aqui e vive-se do favor alheio” (MARTINS e DE LUCA, 2015, p. 77) e a política nacional era o cerne das discussões aguerridas nas folhas editoriais desde as primeiras edições.

A política, na maioria dos textos que compõem o corpus deste trabalho, será abordada pelo viés inflado e o acirramento entre ideais liberais e conservadores. Em 7 de setembro de 1872 realizou-se o pleito para escolha de vereadores e juizes de paz e o líder do Partido Conservador, Padre Vigário Antônio Joaquim Rodrigues, autorizou que a urna fosse levada para serem contados os votos no interior da igreja, sem a permissão da entrada de pessoas da oposição. Na porta haviam capangas armados de porrete e punhais impedindo a entrada dos adversários políticos.

No corolário da eleição feita à revelia, em 17 de outubro de 1872 é publicado o exemplar número 1 de *O Mossoroense* e em sua primeira fase que se deu até 1876, seu maior alvo eram os conservadores⁵⁸.

Dados dos próprios editoriais e históricos acerca do jornal confirmam a visão que temos sobre a postura revolucionária desse gênero e de que a história constrói, no arcabouço da imprensa e alinhados às ideologias dominantes, os olhares que se têm sobre as coisas numa determinada época. Assim, esses textos revelam, em suma, o que de fato permeia as concepções de mundo, da ética, dos costumes, das organizações culturais e sociais.

4.3 TRAÇOS DE COMPOSICIONALIDADE DA TD EDITORIAL: DIMENSÃO ESTRUTURAL

Nesta seção serão descritas características estruturantes do Editorial no jornal *O Mossoroense* com base no modelo de análise de processamento textual elaborado por Dijk e Kintsch (1983, 1985), em que organizam a análise dos textos em três níveis distintos mas que se permeiam, ou sejam, são isócronos, como a microestrutura (corresponde à organização num nível local; a coesão), a macroestrutura (corresponde à representação num nível global,

enquanto ideologia dominante, no período que se segue à Independência e vai até os anos centrais do Segundo Reinado.

⁵⁸ Disponível em <http://www2.uol.com.br/omossoroense/170910/conteudo/historico.htm>>>Data de acesso: 25/08/2014

semântico: coerência), e a superestrutura (diz respeito às formas ou tipos textuais a partir da qual se organiza o texto).

Outro modelo de organização textual que converge para abordagens semelhantes ao nível – superestrutura - de Dijk, é o de Swales (1990), em cujo modelo se tem a divisão do texto em unidades retóricas maiores (moves) e as subunidades (steps). Tentaremos compor um quadro de análise com as duas propostas de descrição, bem como foi feito por Gomes (2007).

4.3.1 Aspectos estruturais dos editoriais

O Editorial prototípico apresenta a natureza de ser essencialmente argumentativo e conforme visto na literatura corrente, é comumente dividido nas seguintes partes: (i) título, (ii) introdução, (iii) discussão, (iv) conclusão. Nos nossos editoriais, essa estrutura parece não ter correspondência, o que será mais amplamente discutido na seção sobre a organização retórica (4.3.1.3) e apresenta modificações expressivas a ponto de indicarem algum processo em andamento ou mudança na estrutura. Esse fato permite pensarmos que o Editorial (ou os textos que ocupavam essa posição) mudou nesse aspecto, o que confere a ele, uma certa instabilidade.

Faremos a análise da dimensão estrutural que se divide em observação da diagramação, a tipologia dos textos e a organização retórica de cada fase

4.3.1.1 A diagramação: posicionamento do gênero

Os jornais, em sua maioria, no século XIX, a partir de 1811, passaram a ser publicados em duas colunas com o objetivo de caberem mais palavras no espaço total. Também se tornam mais largos para acomodar os novos formatos de múltiplas colunas ao qual aderiu o novo projeto gráfico (BARBOSA, 2010, p. 10), *O Mossoroense* já nasce sob a influência de tantos outros jornais como o *Diário de Pernambuco*, o qual sempre cita e de onde replica notícias consideradas importantes, prioritariamente, ligadas à política nacional.

A diagramação diz respeito ao posicionamento do gênero no suporte, as letras, o espaço e todas as características gráficas do gênero. No *O Mossoroense* pudemos confrontar diversos posicionamentos para o Editorial ao longo de todo o percurso histórico investigado nesta pesquisa, que vai de 1872, passando pelos anos 30 e mais recentemente pelos anos 90. Em seus primeiros números, o Editorial, aparecia logo na primeira seção destinada aos textos jornalísticos, sem nenhuma exceção, dos 35 textos que compõem o intervalo de tempo correspondente ao primeiro período analisado.



Figura 10. Editorial n.º 2, 23 de novembro de 1872



Figura 11. Editorial n.º 20, 25 de outubro de 1873



Figura 12. Editorial n.º 29, 7 de junho de 1874



Figura 13. Editorial n.º 32, 23 de agosto de 1874

Nessa primeira fase do periódico, os editoriais eram padronizados quanto à diagramação no suporte. Quase nunca variava o local em que era disposto o texto e conforme pode ser visto nas figuras 11, 11, 12 e 13, a regra era aparecer no primeiro espaço.

A primeira página do Jornal apresenta o título do jornal, bem como elementos contextuais no cabeçalho (data, número do periódico), elementos informativos no que se refere à assinatura do jornal e os textos, que já não são mais apenas Editorial, como nos jornais mais primitivos investigados por Gomes (2007), mas aparecem outros gêneros que são separados graficamente por uma barra e os títulos de suas seções, como por exemplo a seção de notícias.

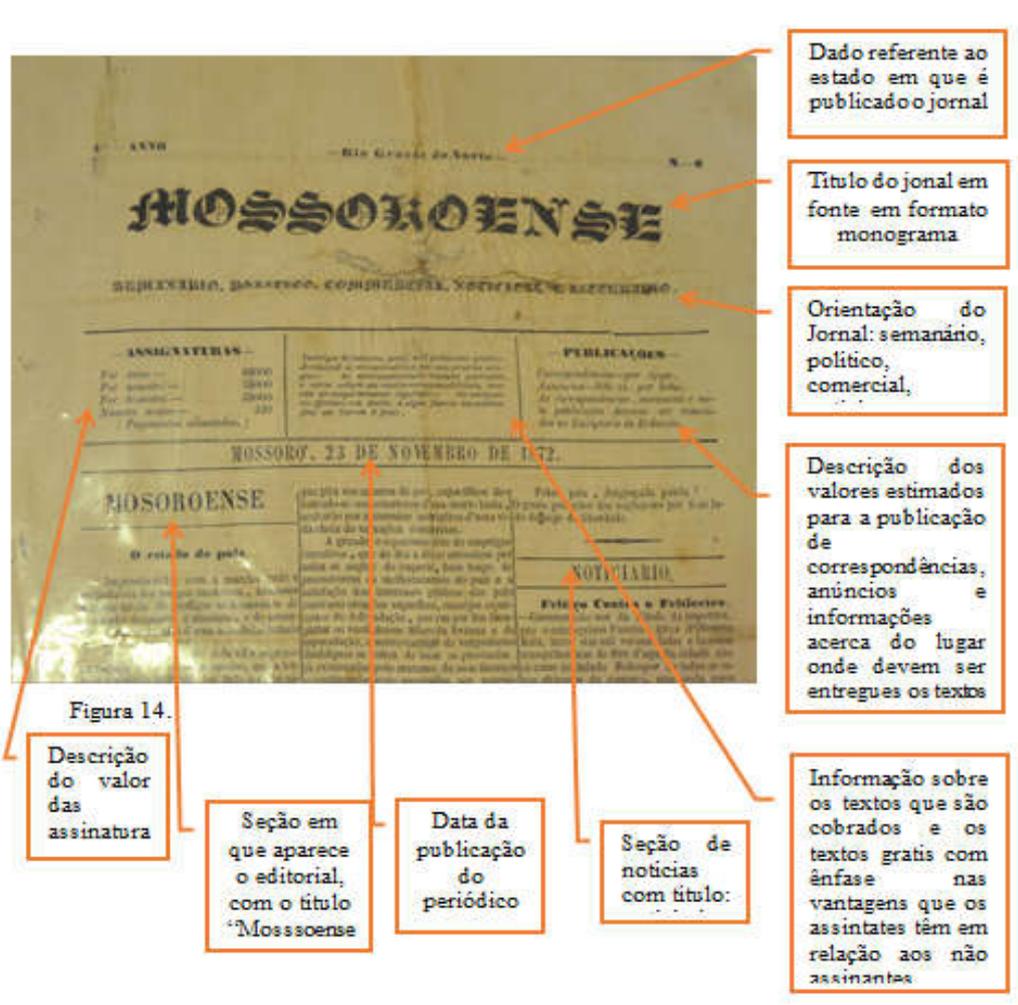


Figura 14. Diagramação do jornal na primeira fase

A figura 14 explica as partes diagramadas do Jornal e a disposição entre os espaços. Notamos que o nome do estado do Rio Grande do Norte vem centralizado na parte superior do jornal em fonte bastante pequenas.

O título do jornal vem impresso em fonte com formato de monograma, caracteres em caixa alta e logo abaixo, em caracteres monogramáticos, a orientação do jornal que se resume como: Semário, político, comercial, noticioso e literário.

Dispostas abaixo da orientação discursiva do periódico, vêm informações acerca de valores da assinatura do periódico, após, são dadas explicações sobre quais os textos devem ser cobrados; aqueles cujo interesse for de nível particular e os textos com conteúdo mais generalista e que fazem do rol de interesse da sociedade, como educação, política, saúde, cultura, artes, ciências entre tantos outros, não precisariam de honorários para serem impressos.

Logo em seguida, no canto direito dessa descrição dos textos que devem e não devem ser pagos, enumera-se os tipos de textos e os seus respectivos valores para efeito de permissão para a divulgação.

Seguidamente, o dado exposto trata de mais elementos contextuais, desta feita tem-se o local (Mossoró) e a data em que o jornal é publicado.

A seção intitulada “mossoroense” é o segmento em que se situa o Editorial. E está organizada em pequenos blocos, divididos por colunas estreitas. Ao final, um símbolo que embeleza a coluna, com traços arredondados e o encadeamento da nova seção que no caso, é a seção de notícias. O título da seção “o mosoroense” revela se tratar do pensamento defendido e expresso pela instituição, mesmo que a figura do editor, redator se mesclm à figura do proprietário do periódico.

O periódico contém 4 páginas no total, em que organiza todo o conteúdo jornalístico em diversos gêneros, como a notícia, textos traduzidos ou publicados em periódicos maiores e também europeus, anúncios diversos, grafados, em sua maioria e fonte pequena, utilizando-se se todas as convenções gráficas, as letras em formato de caixa baixa alta. Como já mencionamos, nessa fase, o projeto gráfico do jornal aparenta estar bem delineado e com finalidades próprias e conservadas rigorosamente em todos os números que se seguem ao primeiro e segundo anos, até a data de 1874, em que se encerra as amostras de corpus da primeira fase.

Em 2 de fevereiro de 1874, a epígrafe com a orientação temática do jornal aparece modificada neste exemplar, que passa a se declarar órgão do Partido Liberal de Mossoró.



Figura 15. Diagramação nova

Percebe-se uma nova fonte para o Jornal “Mossoroense” e realocamento de outros elementos como o marcador de local “Rio Grande do Norte”, o qual ocupa agora um lugar centralizado e logo abaixo das informações, em uma única linha horizontal, sobre as publicações, elemento que se manteve nessa nova formatação.

Na segunda fase do nosso recorte temporal, que data de 1928 a 1934, a diagramação sofre mudanças importantes, entre elas a perda do espaço destinado ao texto opinativo editorialístico.

Para o cabeçalho, o elemento contextual identificador do estado em que o jornal é feito, desaparece. Há a mudança em relação à fonte do título do jornal, que agora aparece menos detalhado e com menos curvas, mas ainda tem um design arredondado com traços assimétricos para a posição inferior.

Um elemento que se mantém é o segmento destinado a definição da orientação do periódico, que agora passa de Partido Liberal de Mossoró, a se denominar como um órgão do Partido Republicano Federal.⁵⁹

59 No Rio Grande do Norte, o partido Republicano Federal só foi criado em 1930 por Pedro Velho, dados da FGV (Fundação Getúlio Vargas), disponível em <<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-republicano-federal-do-rio-grande-do-norte>>> Data de acesso: 12/06/2015



Figura 16. Texto n.º 36 , 11 de março 1928.

No canto superior direito, aparece um novo quadro que contém o elemento contextual temporal (data) e ainda uma pequena nota com um assunto nacional, provavelmente de interesse geral da população, de grande importância que ocorreu naquela mesma data em data pretérea.

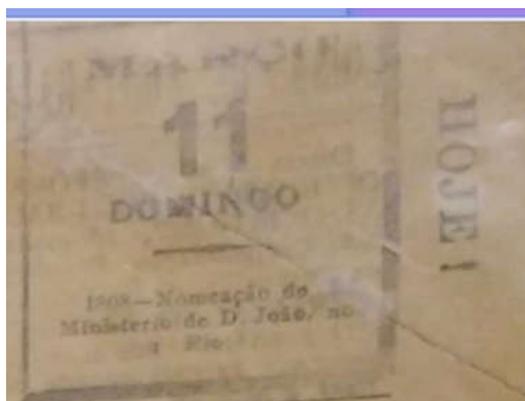


Figura 17. Legenda: 1808 - Nomeação do ministério de D. João, no Rio (Aniversário)

Outras informações como o nome do redator chefe são adicionadas ao formato da segunda fase e o nome do proprietário do periódico, aparecem em duas colunas abaixo da orientação temática. E ainda, o ano referente a existência do jornal (anno XXVI) e dados do fundador e a data em que nasceu o órgão de imprensa. Essas informações enfatizam a historicidade que o periódico tem, e atestam a credibilidade a partir de sua longa existência para um periódico que resiste a várias situações econômicas difíceis e com alguns casos de fechamento por falta de recursos.

O lugar destinado ao texto editorialístico nas primeiras fases, é ocupado em alguns números por outros gêneros. Como exemplo do texto de 19 de fevereiro de 1928, no qual se fala sobre o carnaval numa linguagem mista de informação com literatura, em que há o excesso de adjetivos para qualificar os nomes e tem autoria definida, o texto é de *João da cidade*. Isso revela que o Editorial, com a função social e localização como conhecemos hoje, ainda não possuía status de necessário e intrínseco a uma proposta jornalística desse jornal na sua época, o que é perfeitamente comum, dado o estado incipiente de estabelecimento da mídia impressa jornal no Brasil, no ano de 1928.

A oscilação entre ter ou não um texto opinativo, significativo e confluyente com os ideais do periódico demonstra o estabelecimento desse gênero como algo conseguido aos poucos e percebe-se a necessidade de acompanhar os interesses da população nas datas festivas e passagens solenes do calendário.



Figura 18. Texto nº 35 de 1928⁶⁰

60Transcrição do texto nº 35 CARNAVAL

Estamos em plena folia! Atravez a tunica cho-/roide de nossa visão, um mascarado com suas/ mães e ares de pateta, passa invergando a/ real mascara que o conduz disfarçado.//O espectro de Evohe com o seu infernal/ maracá caminha desengonçado. Contornando e se/ envolvendo na turba multa que o applaude.//Ao longe, um semblante festivo se nos apresenta. É o arremesso de serpentinas multicores/ que, cortanto os ares enfeitam a praça de guerra. Vem-nos uma exalação odorífera do chloretil que/ domina o ambiente; alternativamente se approxi-/ma e eis que surge com seus trejeitos eróticos e/ danças rythimadas, seguido por um corpo musical, um cordão carnavalesco, que canta://

VIVA, ZÉ PEREIRA;//QU' A NINGUEM FAZ MAL!//VIVA ZE PEREIRA//NO DIA DE CARNAVAL...//E o mavioso bando musical://TIM...BARARÁ...//TIM...BARARÁ...//VIVA O CARNAVAL!

E por todo o recanto da praça, populares se/ confundem, attrahinho em sua passagem nova/ adeptos ás bataljas da tarde.//Toda cidade gargalha!//Risos se confundem... E a tarde passa nessa/ [...] de folia, até a hora

Outro elemento que chama atenção por aparecer neste periódico, é uma espécie de anúncio feito à margem da folha em direção perpendicular à escrita horizontal, os elementos anunciados, tratam-se de produtos dos mais variados encontrados no comércio local.

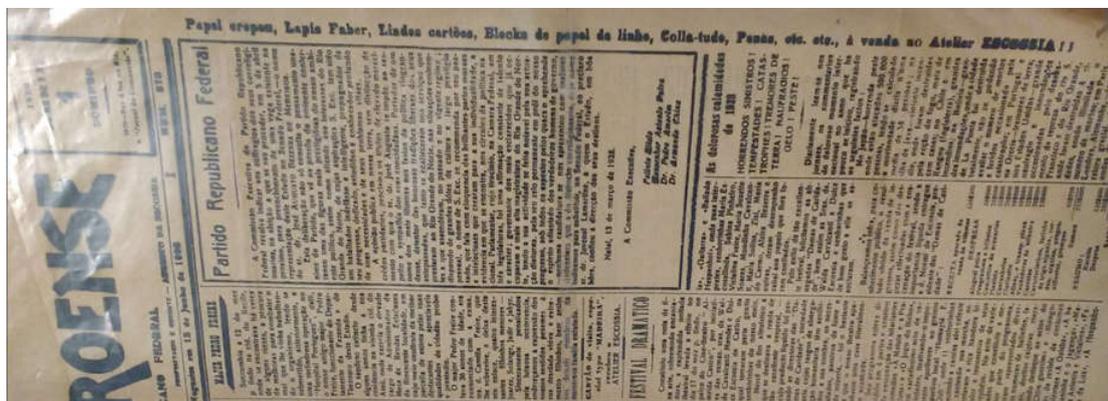


Figura 19. Escrita perpendicular

E embora num primeiro momento a diagramação da segunda fase seja mais simples que a da primeira fase, há em 1930 um rebuscamento no design, das fontes, o aparecimento de mais gêneros e agora a multimodalidade faz parte desse novo projeto. O número de divisões em colunas aumentou, e o Editorial passou a ser veiculado na seção denominada nótulas e contar com a autoria de Dorian Jorge, como é possível observar na figura abaixo:

crepuscular...//Cae o véo da noite... Carros dispersos revi-/ravelleiam ainda, focando seus olhos de fogo nos/ tantos Pierrots e amadas Colombinas, infallíveis/ na festa da Alegria e do Prazer...//Os salões se descerram para as danças. Após/ a entrada dos convivas, um jazz toca e os pares/ se movimentam...//Mas Arlequim lugubre[...]/ Os enfastam de ether, o ambiente ouve cons-/tantemente o espoucar de uma lança e as pare-/des se abraçam pela comunicação das serpen-/tes...//Tudo está bem...” Risos estridentes, garga-/lhadas sonosas” e Baccho, o inseparavel compa-/nheiros de Momo, domina os pares...//As horas se vão passando e a musica anun-/cia os ultimos accordes...//Rodophiam os pares. Momo- choroso, cabis-/baixo e ebrio, vae fugir...//Assim, os trez dias deccorrem...//Rompe a quarta-deira...// Cinzas!//As calçadas de sua amada, um Arlequim/ dorme, envolto nas migalhas de sua sorte.../ Pobre Arlequim... Há de dizer consigo://“ A mentira que é a vida/ o erro que é a humanidade...” João da cidade.



Figura 20. Jornal de 10 de janeiro de 1932

Na última fase em que analisamos os textos, é perceptível uma mudança ainda maior em face da rapidez com que chegaram novas tecnologias digitais e de imprensa ao país. Assim, são infindas e impactantes as mudanças que a informatização da imprensa trouxe para o jornalismo, sobre essas mudanças, Barbosa (2007, p. 221) comenta:

Diante do universo tecnológico que não cessa de construir uma espécie de eterno presente- transformando rapidamente em obsoleto práticas e representações-, também os jornais diários irão multiplicar as estratégias narrativas que indicam a velocidade e a aceleração da atualidade. Neste sentido, a adoção de um estilo entrecortado- em colunas onde as notas são síntese ou em matérias cada vez mais subdivididas e condensadas em infográficos, retrancas, etc. – parece ser a materialização narrativa dessa nova temporalidade.

A partir mais ou menos dos anos 80 o uso do computador permitiu novas formas de representação no discurso impresso ou mesmo digital. Aqui poderíamos dizer, considerando oportuno as ideias de Chartier (2002, p.23), que o mundo digital provoca uma espécie de tríplice ruptura: “propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição”. Essa ruptura implica transformações

principalmente em termos imagéticos, de diagramação e design. Mas também condiciona mudanças estruturais nos textos, visto que essas novas técnicas reformulam a relação dos leitores com seus textos e dos textos com os seus contextos de produção.

Nesta parte da análise, as mudanças referentes à parte de diagramação é que são exploradas, conforme indica o título da seção. Vejamos:



Figura 21. Exemplar dos anos 80

Das escolhas para a diagramação de um jornal ecoam as intenções e prioridades dadas no projeto gráfico, de forma que a imagem associada ao texto, nessa fase em que as invenções na área da informática são tão modificadoras, carrega uma responsabilidade de comprovar, mostrar, chamar a atenção do leitor.

A diferente mensura das fontes também revelam a proporção que se quer dar à notícia, fato ou título, considerando o efeito causado pela proporção da fonte escolhida. Os dados contextuais como data, ano do periódico, o fundador.

O Editorial vai ocupar lugares alternados, às vezes na segunda lauda, às vezes na quarta, no entanto, é disposto numa posição de destaque, dentro de um quadro:



Figura 22. 4 de outubro de 1980



Figura 23. 5 de janeiro de 1990.

Na página em que se encontra o Editorial de 1980, há a inserção de muitas imagens, vários gêneros como anúncios publicitários, numa miscelânea de textos de diferentes propósitos comunicativos. Isso ocorre para chamar atenção do leitor para os anunciantes que contribuem com o ônus da empresa e também para acomodar a grande quantidade de anunciantes que se utilizam desse meio para chegar à população, visto que à época o acesso a televisão ainda era mais restrito a classes com mais recursos financeiros, e embora o rádio

chegasse a muitas casas, o jornal materializado garantia a preservação do anúncio por mais tempo, era algo mais palpável.

O Editorial nos anos 90 já é disposto numa página em que há menos gêneros publicitários e mais opinativos, de forma que o jornal é organizado com um maior cuidado em relação aos tipos, às intenções comunicativas dos textos, numa clara evidência de um projeto pensado para formar opinião, e as publicidades são inseridas ao longo das outras páginas seguintes.

Na atualidade, o jornal *O Mossoroense* deixou de circular em sua versão impressa, ficando apenas a versão on line. Neste formato, geometricamente diferente, só para citar uma das grandes diferenças; as cores, o hipertexto, novos elementos como *gifs* são integrados aos textos, corroborando com a ideia de Chartier (2007, p. 25) “o texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica”.



Figura 24. O jornal *O Mossoroense* em formato digital

O Editorial, neste novo formato, não é tão fácil de encontrar, pois não está explícito o local em que há opinião do editor, ou da instituição, mas há uma aba no site denominada “opinião”, em que vários jornalistas assinam os textos e um tópico com título “notas da redação”, em que há pequenos textos expositivos sobre diversificados temas, sem que haja de forma concatenada e logicamente organizada, a defesa de um ponto de vista. Isso nos passa, de certa forma, a noção de imparcialidade implícita nesta forma de expor opinião, a matéria assinada, é em teoria, de responsabilidade do seu produtor.

Todavia, sabemos que o grau de discordância de uma matéria em relação às posições do grupo que coordena o veículo não pode ser tão descomunal, diluindo, certa maneira, o pensamento da diretoria no pensamento nos escritores do jornal.

Além de aspectos relacionados à diagramação, podemos salientar que houveram muitas mudanças em torno do Editorial. Com a nova mídia⁶¹, antes impressa, agora digital; até a última fase por nós analisada, o Editorial havia passado por muitas alocações, antes na primeira página, isso por que o jornal, na sua gênese tinha a essência prioritariamente opinativa e em muitos casos, agressiva ao expor seu posicionamento. Na diagramação, o gênero passou da página principal para uma página secundária.

Essa mudança segue a tradição já estudada por Gomes (2007) de que se deu prioridade, nas primeiras páginas, aos títulos de notícias, com fontes colossais e variadas, além de pequenas notas do que seria encontrado no corpo do jornal. O Editorial ocupou uma posição de destaque, em que se encontra numa 2ª coluna na parte superior, na segunda página do jornal (em sua última versão impressa), local de fácil identificação.

Nos jornais atuais ocorreram mudanças drásticas que influenciaram totalmente a disposição gráfica do gênero. O jornal *O Mossoroense* sofreu uma transformação em seu funcionamento eliminando a circulação física, impressa em papel e aderindo às tecnologias informatizadas para trabalhar com o jornal *on line*⁶².

Nessa mudança, observamos que o Editorial ocupa agora não mais uma posição privilegiada em relação aos outros textos mas perde o posto principal, como era capa na

61 Bonini (2011), no artigo *mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações* traz a discussão acerca dos conceitos de mídia e suporte que circulam na literatura sobre gêneros, sendo utilizados muitas vezes, como sinônimos, outras vezes como conceitos diferentes tornando o entendimento difícil para quem lê. No rol de um conjunto de significações, ele opta por utilizar o conceito pautado na distinção popular de que mídia se trata de “coletivo de meios de comunicação” e que o suporte seria apenas um componente material da mídia.

62 Esse fato aconteceu devido a facilidade com que se divulga hoje as notícias e as informações e por que é desafiador manter o jornalismo impresso diante de tantas mídias rápidas e de fácil acesso a todos.

imprensa do século XIX, e ocupa um link específico para vários tipos de opiniao como esporte, economia e etc.

4.3.1.2 A temática do Editorial

Nas páginas de *O Mossoroense* possível perceber uma tendência para falar sobre política, fatos e acontecimentos relativos à situação sócio-política do país. Sobre este elemento, Norberto (*apud.* Marques de Melo, 2003, p. 106) faz um relato de caso no Jornal do Brasil, na década de 60:

Tendo em geral a notícia como fator determinante, os editoriais ou são baseados em fatos atuais ou em assuntos de interesse permanente- o tráfego, por exemplo. Para sua elaboração, os editorialistas (...) se reúnem com a Diretoria do Jornal, para debaterem os assuntos em pauta e selecionarem os itens que vão ser abordados no dia. Para isto, todos os setores da redação e sucursais do JB por todo o país mandam as informações mais recentes sobre os fatos que estão acontecendo, ajudando assim na atualização dos editorialistas- que já devem estar a par das notícias através das leituras não só do JB, mas também de outros jornais, para que a visão dos acontecimentos seja mais ampla possível. Os assuntos são todos anotados e debatidos, ouvindo-se a opinião dos presentes para chegar a uma conclusão, que é então submetida à Diretoria, responsável pela linha do Jornal, para o tratamento do assunto.

Nota-se que nesse caso específico há uma cuidadosa avaliação da temática a ser abordada no Editorial o que não poderemos confirmar nos nossos textos, pois essa análise diacrônica pretere o elemento situação comunicativa (tipificação, segundo Bazerman, 2011a).

Os editoriais do jornal *O Mossoroense* revelam uma tendência para falar sobre assuntos relativos às questões organizacionais do país, seja administração, seja política, seja a religião que orienta o povo, entre outros assuntos ligados à vida da sociedade.

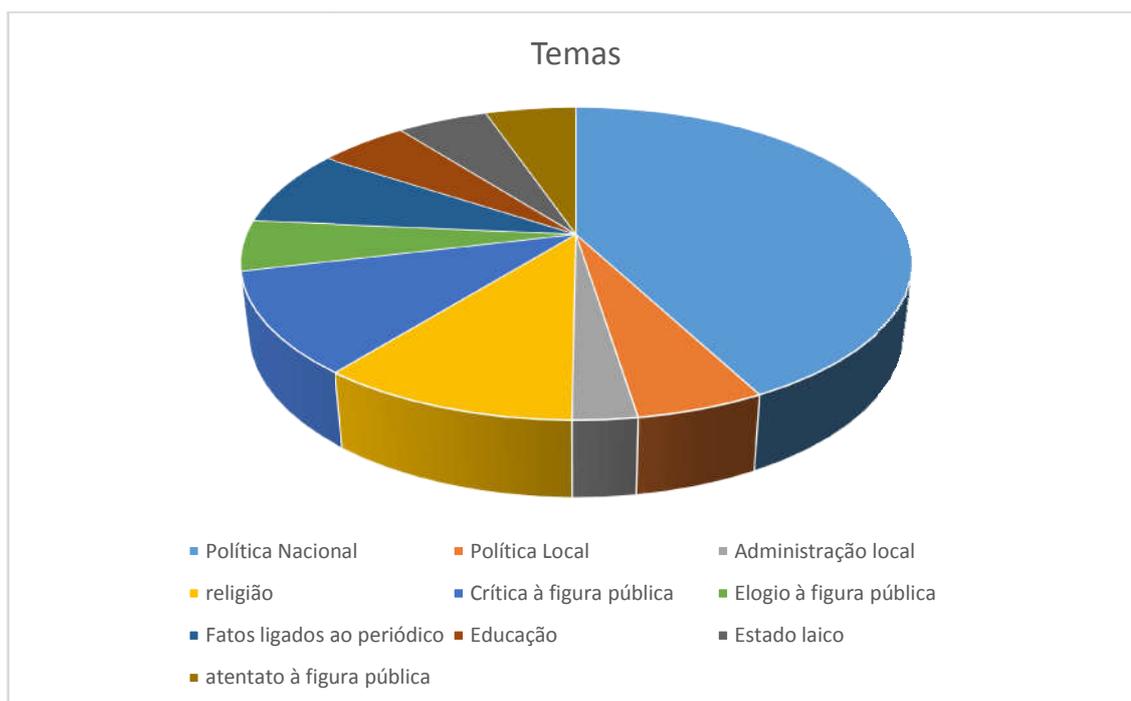


Gráfico 1. Temas mais recorrentes no primeiro período analisado.

Sobre a primeira fase em que analisamos os textos que datam ainda no século XIX, a chamada fase heroica do jornalismo brasileiro (MARTINS e DE LUCA, 2015) a temática crítica se sobrepõe à uma visão mais branda dos fatos, é nesta época que o jornal ou a imprensa se configura como um instrumento eficaz para se fazer críticas ao sistema político. E entre os anos de 1872 e 1873, o forte viés crítico em relação à forma como se direciona o poder na cidade, representando uma espécie de despotismo, em que se age com naturalidade e sem pensar no bem-estar do povo.

É provável que esse sentimento seja guiado pelos fortes ideais republicanos que permeiavam a sociedade na época. É por esta característica que é atribuída à imprensa do Período Colonial, e pela liberdade de imprensa que havia na época, enorme contribuição para a consolidação da unidade do país assim como o estabelecimento das bases do sistema representativo.

O nacionalismo defendido pelos jornais está diluído nos diversos gêneros que constituem o jornal da época, numa espécie de tentativa de engessar um discurso formativo que pretende instruir o povo e contruir a identidade do país, até pouco tempo colônia de Portugal e vivendo sob a influência da europa em língua, cultura, educação, tecnologia e religião.

Na primeira fase do nosso recorte, a temática que predominava nos textos era a *Política Nacional*, como pode ser visto nos excertos:

- 1) Na tremenda reacção do fim do seculo/ passado, os governos e os governados, pres/tes a serem submergidos n'um mar de san-/gue, acordaram-se, uns cederam metade/ dos seus direitos sagrados, os outross renun-/ciaram a obstinação, salvando-se todos na especie – monarchico-representativo. De/ um lado povo de outro rei.
(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)
- 2) Tendo inaugurado o poder pessoal do/ *primeiro e mais sabio* de todos os impara-/dores para presidir ao triumpho solemne da/ estúpida lei das minorias sancionada no/ absurdo golpe d'Estado de 22 de Maio; e/ assistindo nos diversos theatros de carnefi-/cina politica do imperio a essas hecatom-/bes do voto livre inventadas para afogar a sede angustiosa dos minotauros do poder e/ applarar as iras do *sagrado e perpetuo Defensor* dos Brasileiros, o velho 72 não quis/ fazer suas despedidas sem deixar na gran-/de Synagoga reunidos em pharizaicas des-/putas os escolhidos das baionetas!!!
(Texto n. 8, 4 de janeiro de 1873)

Essa característica é comum a todas as gazetas do país, instauradas num primeiro momento, a partir de ações afincadamente visíveis para a formação uma linha de raciocínio tendo o objetivo de formar “um discurso de cunho político a base de sua produção editorial” (BARBOSA, p. 25, 2010). Consequentemente, os textos da maioria dos jornais, unissonamente falavam sobre política conforme visto em Gomes (2007), Zavam (2009), em grande parte, por que o processo de separação entre colônia e metrópole no Brasil foi demasiadamente lento e mesmo na República Velha, a necessidade de formar uma cultura de compreensão política ou mesmo de incentivar as ideias liberais, era ainda um dos principais focos de um periódico libertário.

Seguidos de textos que versavam sobre a conjuntura política local e o debate acentuado sobre posições ideológicas e críticas aos diversos acontecimentos de ordem partidária e inclusive de ordem religiosa num nível local, na cidade.

- 3) no anno de 1848 foi esta cidade./ então povoação, teatro pela vêz primeira/ do grande pleito eleitoral em que o partido/ liberal, unido e arregimentado, numeroso e/ Quando invencivel, tendo a sua frente um chefe de/ nome, influencia e prestigio, luctava vantajo-/zamente contra as forças de um governo, cu-/jo poder éra delegado na pessoa e satelites/ de um phantasma político, já intitulado de/ pastor Evangélico, appareceu logo o genio do mal/ envolto no ruidoso e negro turbilhão das/ paixões politicas, arvorando o estandarte da/ supertição e cimentando por toda a parte o/ germen da discordia, afim de estabelecer e/ firmar sobre todos os espiritos sua barbara/ dominação jesuitica ou especie de tyrannia sel-/vagem.
(Texto n. 3, 30 de nov. de 1872)

Uma outra temática bastante recorrente nesta fase é a crítica ao jesuitismo e a ênfase nas divergências religiosas e a defesa do ponto de vista do estado laico.

- 4) A' hora, em que escrevemos preocupa to-/dos os espiritos e prende a atenção publica/ do norte ao sul do império a questão magna,/ que tendo de á muito se agitado entre a/ maçonaria brasileira e os bispos ultramon-/tanos do paiz, por cauza do jesuitismo, aca-/ba de provocar da parte da população per-/nambucana a mais terminante e seria ma-/nifestação contra os ultimos attentados do/ Exm.
(Texto n.11, 25 de janeiro de 1873)
- 5) O conservador, este partidario das velhas/ ideias, este cumplice das tentativas retro-/gradas do clero, disputando [...] jesuita de [...]/dos os tempos a gloria do alraço e cegueira/ fatal do genero humano, tem com elle com-/tribuiso para a obra infernal da demolição/ da sociedade!//
(Texto n. 15, 22 de fevereiro de 1873)
- 6) [...] deixando por isso o triumpho de ser vomple-/to sobre o jesuitismo.// Com tudo já foi uma boa lição, que esti-/mo aproveite ao nosso bispo e sobre tudo/ ao miseravel governo da actualidade, que/ mais que ninguem tem contribuido para/ que se creasse untão desgraçado estado de/ couzas religiozo.
(Texto n. 19, 25 de maio de 1873)
- 7) Eis as miserias de que está cheia/ a historia de todos os paizes, que co-/mo o nosso tem tido a desgraça de/ alimentar em seu seio o cancro da/ religião official. //
(Texto n. 28, 12 de abril de 1874)

Essa temática recorrente se justifica na epígrafe do periódico de Jeremias da Rocha Nogueira, autointitulado como anti-jesuítico. As ideias Liberais que fazem parte do pensamento da classe leitora e progressista, cujo interesse maior é combater veementemente os dogmas estabelecidos pela igreja, que não permite o pensamento livre e, além disso, cerceando a vida e as atividades cotidianas das pessoas pela influência da religião e a força que ela tem na sociedade da época.

Outro tema bastante frequente diz respeito às notícias internas do jornal. Assim como Gomes (2007) que considera a multiplicidade de textos sob o mesmo título, em alguns casos com objetivos até divergentes, nada tão descomunal, e ainda que um mesmo nome para diferentes Tradições Discursivas, assim como é o caso do Editorial, que inclusive pode ter como objetivo informar algo ao público. Dessa forma, em vários números, o periódico se ocupou de expor fatos internos à organização do jornal e ainda o motivo de vários episódios de fechamento pelos quais passou o jornal:

- 8) O dia 17 de Outubro, corrente, marcou ao/ nosso jornal um anno de de existencia. – Foi/ nesse dia que o << Mossoroense>> deu o seu pri-/meiro brado de alerta aos soldades da liber-/dade, e desde então não se arredou uma só li-/nha da orbita traçada em seu programma,/ que continuará d'ora em diante a ser o mesmo/ com que entrou na arena jornalística.

(Texto n. 21, 17 de outubro de 1873)

- 9) Rasgou-se hoje o veu do silencio que/ a 2 meses envolvia o nosso jornal por/ motivos razoavelmente explicaveis. // Em uma Cidade já bastante populosa/ como esta fazia-se necessário um pe-/riodico com asmoas dimensões, que po-/desse comportar a materia, que por fal-/ta de espaço deixava muitas vezes de ser/ publicada. Era preciso por isso uma/ alretação no formato d*O Mossoroense*. //
- (Texto n. 23, 2 de fevereiro de 1874)
- 10) Aos nossos assignantes/ O Mossoroense, com quanto não/ seja orgão da publicidade de subido/ valor e nem moeda de ouro que po-/as agradar e satisfazer a todos, acha-/se todavia animado dos melhores de-/sejos de não succumbir ou retroceder/ no caminho do progresso.//
- (Texto n. 29, 19 de abril de 1874)

Ainda, o Editorial trazia como temática os ônus que o periódico tinha e que precisava organizar, para que continuasse a circular de forma ininterrupta, servindo a sociedade de uma forma linear e honesta.

Nas temáticas abordadas, aparecem em exclusividade no nosso recorte de texto, temas ligados à educação na sociedade local, o comentário de um episódio de demissão de um funcionário do império e ainda a semana santa como tema de um Editorial. Não são temas recorrentes, mas fazem parte do rol de assuntos de interesses gerais que podem ser abordados nos textos editorialísticos.

- 11) Homem zeloso, honesto, inteligente e/ ilustrado, q' a uma boa indole e coração/ bem formado reúne outros predicados e/ qualidades não menos distinctas, o Sr. Cou-/to era um desses empregados, que no meio/ do pessoal geralmente pessimo do funccio-/nalismo, que atualmente se vê em nosso/ paiz, se podia dizer uma das mais bellas re-/liquias ou honrosas excepções, que raras/ vezes se encontrão. //Foi por tanto a sua demissão alem d'in-/justa e impolitica um completo erro admi-/nistrativo.
- (Texto n. 6, 21 de dezmebro de 1872)
- 12) Estamos na semana do Calvario. E/ não podendo, como christãos, ser indif-/ferentes ao anniversario d'essa trage-/dia sublime, que a 19 seculos so desen-/rolou a face do universo enluctando os/ ceos da Judea, horrorisando a natureza/ e abalando o mundo até seus funda-/mentos, vamos-lhe consagrar alguns/ instantes externando para nossas co-/lumnas o quadro que eminente es-/criptor portugues Sr. Pinheiro Chagas/ traçou com mão de mestre sobre o as-/sumpto.//
- (Texto n. 27, 3 de abril de 1874)
- 13) S. Ex. o Sr. Dr. Bandeira de Mel-/lo, a quem não podem ser estranhas/ as dificuldades e embaraços, com que em taes condições lucta o ma-/gisterio, em detrimento da da instruc-/ção publica, poderia bem, se quizes-/se, amiserando-se deste lamentavel/ estado da eschola, já não dire-mos impulsionar vigorosamente o/ carro do progresso da instrucção mos-/soroense, mas ao menos desencravaló/ removendo-lhe aquelles obstaculos/ pela criação de mais 2 cadeiras, cu-/jos professores se encarregassem da/ instructiva e moral educação da me-/tade d'aquelles pobres alumnos.//
- (texto n. 26, 22 de março de 1874)

A grande diversidade de temas, sociais, políticos, econômicos e de interesse geral da população, parece ser um ponto característico do Editorial, que toma como baliza para orientar a sua escritura, a consciência do que é ou não relevante para o social, numa triagem que vem sendo respeitada e repetida, conforme vamos exemplificando em todo o trabalho.

Na segunda fase de publicação do jornal, pudemos observar que as temáticas principais como os assuntos relacionados à política nacional e local se mantiveram presentes na maioria dos editoriais da época.

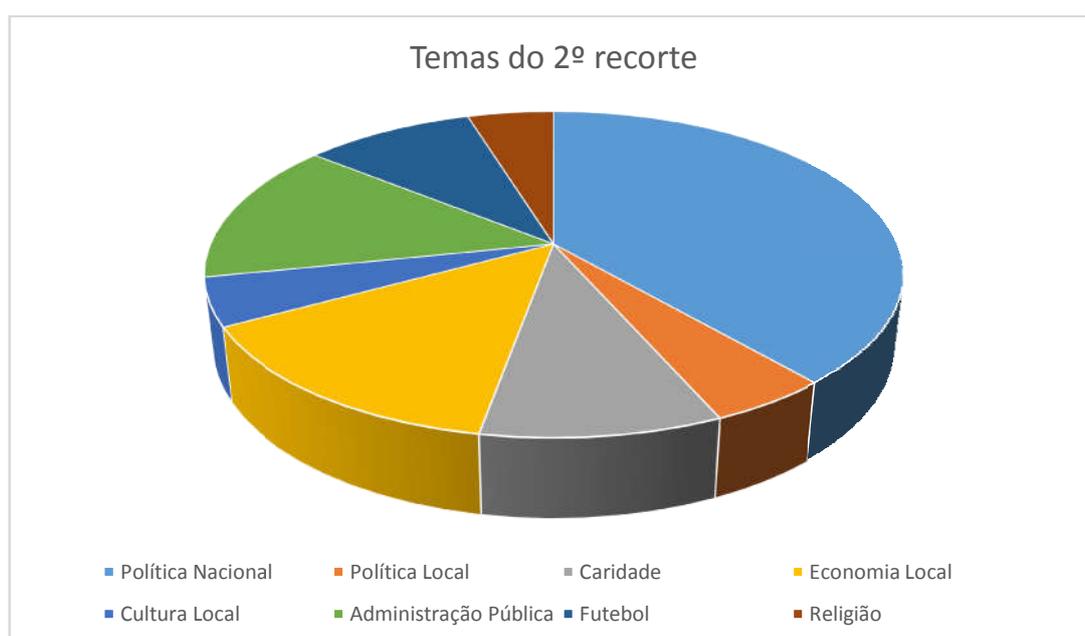


Gráfico 2. Temas mais recorrentes da segunda fase

Nesse sentido, a manutenção das temáticas principais “Política Nacional” e “Política Local” conferem aos textos uma continuidade com algumas modificações.

14) Raros governantes têm/ iniciado, em nosso Estado/ seu periodo presidencial de-/baixo de tão promissoras/ perspectivas como o que ora/ dirige nossos destinos.//
(Texto n. 37, 11 de março de 1928)

15) Revelou-//se o Coronel Luiz Colombo,/ n’esse periodo quase findo,/ o administrador de erguidas/ indicativas, fazendo se sentir/ em todos os recantos da/ nossa urbana acção ininter-/rupta do seu labor fecundo/ e probó. Conhecedor profundo/ das nossas mais palpitantes/ necessidades, agiu S. Excia./ em terreno proprio e aberto/ às suas vistas de observador/ perspicaz.
(Texto n. 49, 23 de dezembro de 1874)

Conforme Sodré (2011, p. 277) “a preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político. Note-se: não é a política, mas o fato político. [...] Daí o caráter pessoal que

assumem as campanhas; a necessidade de endeusar ou de destruir o indivíduo”. Isso justifica o aparecimento dos editoriais em que há a defesa pública de uma figura política importante ou crítica repulsiva às figuras que não se alinham ao pensamento da “empresa”. Chamamos agora de empresa - os jornais- considerando que as relações com o público e organizacionais foram fortemente modificadas devido à influência dos ideais capitalistas e em conformidade com o que afirma Sodré (2011) sobre essas transformações, das quais fala serem atribuídos à imprensa do início do século XX, de uma forma geral, traços burgueses. No entanto, no interior, ainda continuaria como um empreendimento pequeno, isolado.

Acrescentadas aos temas dos textos que mais apareceram na segunda fase, temos as temáticas do futebol, do carnaval, cultura local, que antes não apareciam e que fazem parte do interesse geral. Vejamos os exemplos dos textos editoriais nos excertos a seguir:

- 16) Estamos em plena folia! Atravez a tunica cho-/roide de nossa visão, um mascarado com suas/ mães e ares de pateta, passa invergando a/ real mascara que o conduz disfarçado.//(texto n. 36, 19 de fevereiro de 1928)
- 17) Na sexta-feira transactam 1-/ de junho, Mossoró em peso/ assistiu a um espectáculo de-/veras encantador do Cine-/ Almeida Castro.// Encantador é mesmo o/ qualificatico que bem lhe/ calha. (Texto n. 41, 3 de junho de 1928)
- 18) A iniciativa que o “Hu-/mayta” tomtou a sim de prestar/ o seu culto á Patria nos/ dias nacionaes é daquellas/ que se impõem só pelo seu/ objectivo. Realmente não era/ possivel que as nossas asso-/ciações esportivas, principal-/mente as de mais resalto/ social, como o “Humayta”[...] (texto n. 46, 18 de novembro de 1928)

Como uma das temáticas comuns à primeira fase, podemos ainda citar a preocupação com a economia e administração local, em uníssono com os periódicos, influenciados pelo capitalismo e a nova relação com o público, descrita em Sodré (2011, p. 277).

- 19) Mossoro pela sua eccellente/ posição geographica, foi, por/ muitos annos, o centro princi-/pal de exportação e importa-/ção de ricas regiões do nosso/ hinter land que que para alli com-/vergiam de preferencia por não/ encontrarem outro escoadouro/ mais proximo para a sahida de/ seus productos ou logar menos/ distante em contacto directo,/ por via maritima com as gran-ses praçaz do paiz.// (Texto n. 45, 7 de outubro de 1928)

E ainda, as publicações referentes a datas festivas e à circulação do periódico:

- 21) Festejamos na trajetoria de nossa vida de ir-/gam provinciano o 26º anniversario de uma exis-/tencia ininterrupta nas lides jornalísticas da gleba/ mossoroense.// (Texto n. 42, 17 de junho de 1928)

No nosso terceiro recorte temporal, final do século XX, novas temáticas foram adicionadas às páginas do periódico. Esse fato não causa estranheza, principalmente, se considerarmos que no final do século XX, mudanças rápidas e globais criaram uma sociedade com novas características; moderadamente industrializada, mais desenvolvida em diversas áreas como a tecnologia, a indústria, a economia e a própria conjuntura política é nova. Conseqüentemente, a complexidade dessa nova sociedade desperta um campo maior de interesses, o que passa a ser refletido nos discursos oficiais e midiáticos.

As temáticas são demasiadamente diversas, a política nacional continua sendo uma temática que aparece neste século, todavia, a política nacional não seria a preocupação central, os ideais já não são tão frequentemente questionados e a administração pública e a política local ganham um destaque especial nesse novo século.

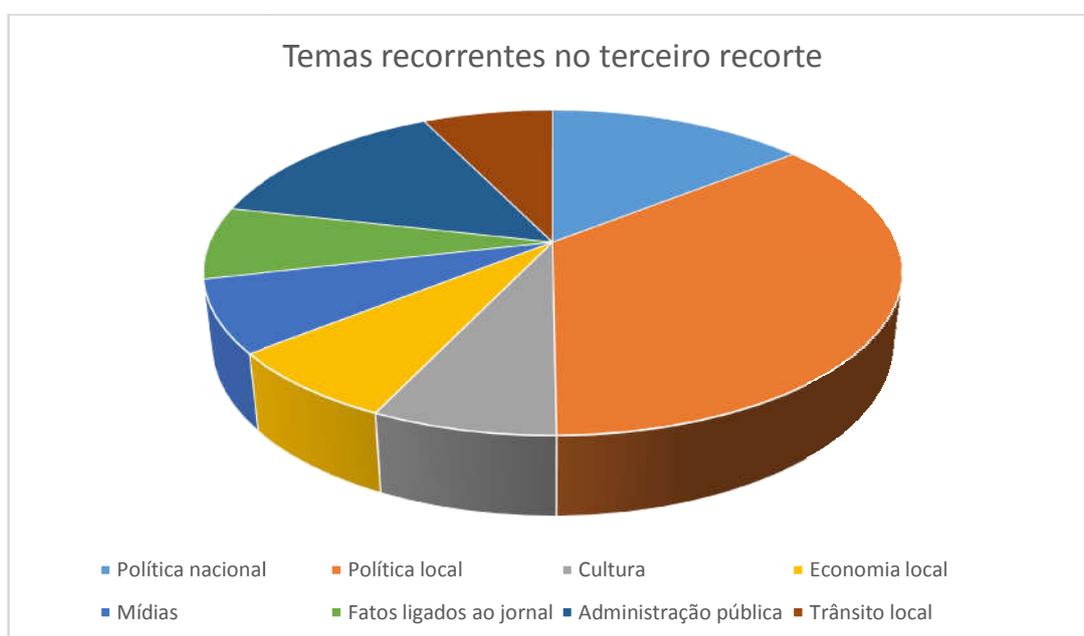


Gráfico 3. Temas do terceiro recorte metodológico

Como se pode perceber, a variedade de temas encontrada nos últimos anos pode evidenciar uma sociedade mais complexa e com mais necessidades de serem discutidas temáticas importantes para a organização social. As mudanças no jornalismo da época podem ser facilmente percebidas; a informatização é uma delas, o avanço dos temas econômicos (BARBOSA, 2007), inclusive tornando a editoria de economia um dos cernes das publicações. Nesse sentido, esse novo cenário influencia a tradicionalidade dos temas, que se

alinham agora, também às funções desempenhadas pelo jornal que necessita ter uma “utilidade social” (BARBOSA, 2007, p. 221).

A historicidade dos editoriais estaria aqui sofrendo algumas modificações em relação às temáticas, aos modos tradicionais de dizer (KABATEK, 2004), no tocante à dimensão estrutural, de forma que abriu novas possibilidades de temáticas abordadas nos textos, absorvendo as transformações sócio-culturais do contexto em que se realiza, em que cumpre sua função.

4.3.1.3 Organização retórica

A tradição clássica conceitua retórica como a arte do bem dizer, estando diretamente relacionada com a oratória e a dialética. O objetivo da retórica é formular um pensamento de forma expressiva e eficaz para atingir a persuasão. No capítulo III (do Livro I) Aristóteles afirma que a Retórica comporta três gêneros: deliberativo, demonstrativo e judiciário. No gênero deliberativo, que trabalha com as noções de futuro, delibera-se aconselhando ou desaconselhando para uma ação futura. O judiciário, ações do passado, a acusação ou defesa incide sobre os fatos pretéritos; e o demonstrativo, com ações do presente, louva-se ou censura levando-se em conta o estado atual das coisas. De acordo com essa classificação, pode-se afirmar que o gênero demonstrativo é dominante na trama do Editorial do jornal *O Mossoroense*, cujo objetivo é louvar as ideias libertárias ao mesmo tempo criticar a monarquia e a censura que ela impunha aos cidadãos.

Ainda de acordo com Aristóteles⁶³, o discurso para ser coerente deve ser composto de quatro partes: exórdio, narração, provas e peroração. O *exórdio* é a introdução do discurso em que se começa por exprimir logo de entrada o que se pretende dizer, podendo iniciar com um elogio, uma censura, um conselho que nos induz a fazer uma coisa ou dela nos afastar. O exórdio é a parte mais representativa do nosso material de análise, visto que o Editorial estabelece uma relação de similaridade com o Manifesto e este tem como característica basilar a exortação. A *narração* é a parte do discurso em que se mencionam apenas os fatos conhecidos, sem prolixidade. As *provas* devem ser demonstrativas. Como a deliberação se refere ao tempo futuro, podem-se tirar exemplos de fatos passados para aconselhar. A *peroração* é o epílogo, sendo composto de quatro fases: a primeira consiste em predispor o

⁶³Capítulo XIII do livro II da Arte Retórica.

ouvinte em nosso favor; a segunda amplifica ou atenua o que foi dito; a terceira, excita as paixões no ouvinte; e a quarta faz uma recapitulação do que foi dito.

Essas fases estão presentes no *corpus* ora analisado, como podemos ver a seguir:

- 22) Impressionados com a marcha rude e/ escandalosa dos tempos modernos, tomamos/ a ardua tarefa de profligar os desmandos de/ um poder despótico e absoluto, e de censu-/rar as incoherencias d'uma actualidade cheia [.....]// (Texto n. 2, 23 de nov. de 1872)

Nesse trecho, o autor enuncia o ato de “profligar” já na introdução (Exórdio) que significa “tentar destruir com argumentos, criticar duramente”, o que se comprova facilmente no desenvolvimento do texto de tom excessivamente crítico.

- 23) Os agentes do governo, meros destri-/buidores de graças e esbanjadores dos dinhei-/ros públicos, em vez de protegerem os talen-/tos que morrem desconhecidos na indigência/ e na miséria, e derramarem a luz dos conhe-/cimentos e da verdade por milhões de craneos/ onde reina a escuridão, **vão sugando com/ onerosos impostos as ultimas gôtas de sangue,/ que gira nas artérias do po[...], cujos filhos de-/batendo-se nos estertores d'uma morte lenta,/ acabarão por sucumbir aos rigores d'uma vi-/da cheia de veixações** e [malyrios?].// (Texto n. 2, 23 de nov. de 1872)

No corpo do texto, o autor segue apresentando argumentos para que o ato de profligar seja realizado, conforme anunciado na introdução do texto, desta forma, a coerência, o sentido segundo Aristóteles vem sendo mantido no desenrolar do texto. A prova utilizada pelo autor como argumento para a sequenciação do texto é a exposição do fato de que há “numerosos impostos” que se comparam ao próprio sangue do povo, fazendo uso da noção de que o sangue é sinônimo de vida, de viver, assim “cobrar impostos” e “tirar o sangue” corroboram para fundamentar a falta de empatia do governo para com o povo.

- 24) Eis em poucas palavras dezenhado o/ quadro pavoroso e tetrico das miserias da ac-/tualidade; eis o luctuoso espetáculo, que **re-/presenta** um paiz em desfilada por entre as/ alas do crotêjo funebre que lhe **formão** as des-/graças da patria; eis finalmente o quadro las-/timôso d'um imperio em decadencia, que os/ satelites do despotismo **vão** de dia a dia **ar-/rastando** ao sepulchro das nações.
//

O exemplo 24 nos mostra o quarto tipo de epílogo – faz uma recapitulação do que foi dito, exemplificado dos trechos “quadro pavoroso”, “país em desfilada”, “quadro lastimoso de um império em decadência”, corroborando para que verifiquemos a estrutura organizacional que Aristóteles defendia haver nos textos coerentes.

No entanto, há muitas metodologias para analisar a organização dos discursos, como a de Van Dijk (1992), com a divisão de duas dimensões para análise; a macro-estrutura e a microestrutura, o que seria uma espécie de revisão da retórica aristotélica. Ainda a noção de

Swales (1990) de que há movimentos retóricos prototípicos em um determinado gênero textual.

Contudo, nos estudos de Gomes (2007), a aplicação do modelo CARS (*Create A Research Space*), elaborado por Swales (1990) parece ter encontrado sucesso para explicar a forma como as informações são dispostas no texto, na tentativa de delinear o padrão dessa disposição. Como o gênero analisado por ela se trata do mesmo objeto da nossa pesquisa e considerando a grande importância do trabalho dessa pesquisadora, nos propusemos a dialogar com os resultados com seu trabalho.

Todos os gêneros mudam se adequam a novas necessidades socio-culturais e isso, conseqüentemente modifica os modos de organizar as informações. Neste aspecto, nos propusemos a mostrar como a organização retórica do texto opinativo era disposta nos tempos do nosso recorte, final do século XIX, anos 30 e final do século XX. Obviamente, essas mudanças parecem ser inegáveis, a começar pela extensão do texto, no entanto, o que procuramos discutir nos leva a crer que embora pareçam óbvias as mudanças são bastante pontuais e às vezes discretas.

A organização das informações será analisada a partir do modelo elaborado por Souza (2004, p. 68 *apud* Gomes, 2007) organiza o seguinte padrão organizacional para os editoriais.

| | |
|--|------|
| Unidade retórica 1 – Contextualização do tema | |
| Subunidade 1.1 – Apresentando uma informação introdutória | e/ou |
| Subunidade 1.2 – Esclarecendo uma informação | |
| (e) | |
| Unidade retórica 2 – argumentação sobre a tese | |
| Subunidade 2.1 – Argumentando convergentemente | e/ou |
| Subunidade 2.2 – Argumentando divergentemente | |
| (e/ou) | |
| Unidade retórica 3 – Indicação da posição do jornal | |

Quadro 4. Organização retórica do Editorial

Segundo esse modelo, o primeiro movimento ou unidade retórica diz respeito à apresentação do tema, em que há o trabalho com o tema, explicitando que será tratado no texto. As subunidades de cada tópico podem ou não coexistirem, no entanto, pelo menos uma delas é necessária para que o tópico “contextualização do tema” seja válido.

Na unidade retórica 2, o desenvolvimento da argumentação é o tópico organizacional deste ponto e as subunidades podem se dar em forma de argumentação em defesa da tese

(convergente) ou em refutação da tese, com fatos concretos, argumentos diversificados em que a tese a contestada (divergente).

E na última unidade tem-se a explicitação da posição do jornal e o encerramento do tema, às vezes de forma clara e às vezes de maneira que o leitor deve inferir a partir da leitura dos argumentos.

a) Unidade retórica 1 (a introdução)

Em nosso corpus a organização retórica do texto opinativo demonstra na primeira unidade que a exploração inicial do tema sempre se faz presente em todos os exemplares, a regularidade se mantém mesmo ao longo dos séculos. Vejamos alguns exemplos tirados do texto n. 1 intitulado “*a corrupção*” datado de 16 de novembro de 1872:

- 25) A constituição, a mais liberal, e a mais sabia/ do mundo, que nos foi imposta por von-/tade absolutamente soberana, no meio das/ commoções e dos terrores, e forçosamente/ por n’s aceita, como uma taboa de salvação, / para não ser uma verdadeira trapaça, seria/ preciso que não criasse as especies, que dis-/sesse a verdade, e ainda mais, que não men-/tisse; mas não, mente, e mente sempre!//Não dizer a verdade, deixar na igno-/rância, e [...].// Fomos cruelmente atirados as profunde-/zas do erro: o erro nos tem levado ao desa/tino.//

No parágrafo 1º, o autor escreve sobre a constituição que vige desde 1824 e anuncia de maneira densa e categórica de que assunto tratará o texto, cumprindo uma função de opinar já no primeiro parágrafo do texto. No 2º e 3º parágrafo continua a unidade retórica de anunciar tanto a temática geral da discussão como demarcar a posição político-ideológica.

Em outro texto, de n. 3, “*O partido Liberal de Mossoró diante dos chefes conservadores*”, de 30 de novembro de 1872, o primeiro parágrafo anuncia também o tema a ser discutido no decorrer da argumentação. Neste texto, o autor discorrerá sobre O Partido Liberal e a sua característica de ser oposição ao partido dos conservadores. Essas posições demarcadas de confronto são fortemente influenciadas pelo maniqueísmo peculiar à época do império, em que os progressistas, revolucionários ou libertários granjeam uma mudança, sobretudo político e o fim das benesses às classes nobres, sempre num ideal de igualdade para a nação brasileira.

No texto de número 6, de 21 de dezembro de 1872, “*A demissão do Sr. Ricardo Vieira do Couto e o Exmo. Vice-Presidente da província*”, a demissão de um funcionário público é apresentada nas primeiras linhas do texto:

- 26) O vapor costeiro vindo do sul, que to-/cou em nosso porto no dia 18 do corrente/ trouxe-nos a fatal noticia da demissão do/ nosso amigo Ricardo Vieira do Couto, escri-/vão da Meza de rendas desta cidade.//

A unidade retórica 1, apresentação do assunto aparece junto com a demarcação de posição e opinião sobre a temática, como podemos constatar no segundo parágrafo:

- 27) Homem zeloso, honesto, inteligente e/ ilustrado, q' a uma boa indole e coração/ bem formado reúne outros predicados e/ qualidades não menos distintas, o Sr. Cou-to era um desses empregados, que no meio/ do pessoal geralmente pessimo do funccio-/nalismo, que atualmente se vê em nosso/ paiz, se podia dizer uma das mais bellas re-/liquias ou honrosas excepções, que raras/ vezes se encontrão. //

Essa característica pode ser examinada em outros textos da primeira época do nosso recorte, como no texto 9 de 11 de janeiro de 1873 de título “*A falta de throno I*”:

- 28) No dia 21 de Dezembro próximo passa-/do mentiu-se à nação com ignóbil cynis-/mo!// O discurso da corôa faz tremer o cora-/ção de todo Brasileiro , que sente, pelos [...] //Esta peça de [...]tio sempre!//
- 29) A despeito do sepulchro, que a indigna-/ção nacional ergueo já ao execrando e sem-/pre detestável ministerio – 7 de março- com--/tinua este arrastar o pezado fardo de sua/ desgraçada existencia.// Essa negra constellação de satellites, que girando em torno do planeta irresponsavel/ tem ensombrado o paiz de nuvens de tor-/pezas e levado aos confins do imperio o tem-/pestuso [...] e suas [iniquidades], sobre-/carregando a sombria atmospha social e/ politica, em que a custo pode respirar uma nação/ angustiada, paira ainda nas altas re-/giões administrativas ostentando ao mundo/ em cynismos de soberano desdem a gloria/ ephemera d'uma existencia morta, apenas/ sustentada pelos caprichos do Jupiter imperial.//
(Texto n. 12, 1 de fevereiro de 1873)
- 30) He impossivel que na phrazeologia, ou/ sciencia techonologica da lingua se possão/ descobrir expressões e termos com que se-/de uma pequena ideia do estado de abando-no fatal, a que o governo da provincia tem/[...] esta infeliz porção do terr[...]/ grandense, que se [...] Mossoró!//
(Texto n. 17, 9 de março de 1873.

Notam-se nos exemplos 2, 3 e 4 a existência da exposição do assunto sequenciados assim; o discurso proferido pela coroa, a indignação social contra a coroa e seu ministério e ainda a crítica ao abandono de Mossoró pelo governo provinciano. Logo em seguida, marcado pelo uso demasiado de adjetivos, o autor marca um posicionamento a partir de suas escolhas, que na maioria das vezes são densamente críticas e fervorosa em relação ao governo imperial.

Esse posicionamento é característico da unidade retórica 3 analisada por Sousa (2004), no entanto, em nosso corpus ele aparece como subunidade da unidade retórica 1.

Em nosso segundo período recortado para estudo, a tendência se manteve:

- 31) Raros governantes têm/ iniciado, em nosso Estado/ seu periodo presidencial de-/baixo de tão promissoras/ perspectivas como o que ora/ dirige nossos destinos.// Duas razões primaciaes/ amparam esse vaticinio.// (Texto n. 37, 11 de março de 1928)

E a unidade retórica 1 continua sendo apresentação de temática marcada, desta vez, por leve posicionamento, indicando o rumo que o autor do texto irá tomar no prolongar do texto.

Nota-se que o posicionamento na unidade retórica 1, já não é feito a partir da exploração demasiada da classe valorativa de palavras; os adjetivos, mas já apresenta um uso moderado, como que a indicar um comedimento maior na escrita. Isso pode ser mais evidente nos trechos abaixo.

- 32) Um empreendimento de/ incontestável utilidade no nos-/so meio e de finalidade emi-/nentemente social acaba de se/ objectivar entre nos com a/ fundação de uma caixa rural/ de systema Raiffeisen.//
(Texto n.39, 6 de maio de 1928)
- 33) Na sexta-feira transactam 1-/ de junho, Mossoró em peso/ assistiu a um espectáculo de-/veras encantador do Cine-/ Almeida Castro.// Encantador é mesmo o/ qualificatício que bem lhe/ calha.
(Texto n. 41, 3 de junho de 1928)
- 34) Os funcionarios da Mesa/ de rendas de Mossoró, len-/do á frente seus distincto e/ operoso Administrador, major/ Manuel Seabra de Mello, pro-/porcionaram à elite mosso-/roense, no que ella tem de/ mais representativo, alguns/ momentos de intenso pra-/zer, com uma festa simples,/ porem muito significativa.//
(texto n. 44, 12 de agosto de 1928)

O que observamos aqui, é que há um enxugamento dos adjetivos e a unidade retórica 1 aparece mais simplificada, mais breve, de forma que apresente os temas que serão desenvolvidos no decorrer do texto. O uso de poucos qualificadores é que permitem que esse efeito seja alcançado.

No final do século XX, a tendência em manter o padrão de abertura é confirmada, sendo esse um traço constante do texto opinativo, no entanto, a maioria dos editoriais dessa década apresenta de forma concisa, clara e objetiva o assunto a ser desenvolvido no texto.

- 35) A lei orgância dos partidos,/ recentemente modificada, concitui, estruturalmente, o maio/ empecilho erguido às organizações políticas. Os/ doutores legistas há tempos efiam na cabeça/ de alguns militares conceitos abstrusos e, em/ contrapartida, receberam outros, no escambo/ dos interesses menores.
(texto n. 60, 4 de outubro de 1980)

No exemplo 35, o autor anuncia que discorrerá no texto sobre uma lei específica e segue argumentando de forma a acrescentar novas informações e sempre estabelecendo a coerência entre as ideias postas.

- 36) Enquanto o General Presidente ao inaugurar/ a sede do PDS pouca gente sabe traduzir essa/ siglas afirmava-se chefe de um governo de/[...] chegava a imprensa resultado de mais/ uma pesquisa [...].
(texto n. 61, 10 de outubro de 1980)

No exemplo 36, o autor abre falando (1º parágrafo) sobre o partido "PDS" e ainda sobre uma pesquisa eleitoral que chegara à imprensa, fato que tematiza o texto 61. Conseqüentemente, os dados apresentados formarão o corpo da argumentação.

37) Na continuidade de / de melancolia que envolve o/ primeiro aniversário da atual/ administração municipal de/ Mossoró, surgiu o resultado/ da pesquisa publicada na úl-/tima terça-feira pelo jornal/ "folha de São Paulo" colo-/cando a senhora Vilma Maia/ em 19º lugar entre 23 prefei-/tos de capitais de pior desem-/penho. É claro e natural que/ este acontecimento tenha os/ seus desdobramentos. E, cer-/tamente que tem os seus re-/flexos também por sobre a/ administração municipal de/ Mossoró, onde a pesquisa da/ capital apenas constatou/ aquilo que na prática a gente/ já vem denunciando diaria-/mente, como o dia-a-dia do/ mossoroense. // (texto n. 63, 6 de janeiro de 1990)

No exemplo 37, a abertura é direta e apresenta o resultado de uma pesquisa de opinião em relação ao desempenho da prefeita Wilma de Faria, na cidade de Natal -RN.

Nos nossos últimos textos coletados, observamos que na parte da abertura, o autor pretende ser mais claro e direto sobre o que falará no decorrer do texto, conforme vemos no exemplo 38.

38) Aqui não é o paraíso (título)
Sob todos os aspectos os mossoroenses que por aqui mourejam sabem, porque vivemos no dia-a-dia desta cidade, que nós **não vivemos no paraíso** que a prefeitura anda pintando nos meios de comunicação e nos discursos da prefeita e seus candidatos. (texto n. 67, 6 de dezembro de 2004)

No decorrer do texto, os fatos apresentados confirmam os motivos pelos quais o autor afirma que a cidade não é um paraíso, elencando uma série de problemas que contestam as afirmações feitas pela prefeita da cidade na mídia mossoroense.

Os outros textos desse período de recorte, apresentam essa natureza comum de serem mais objetivos e mesmo evidenciando uma mudança considerável na composição do texto, revelam que essas mudanças são uma espécie de alinhamento do autor com as necessidades dos leitores modernos.

E apenas um texto apresentou uma abertura que aparentemente responde a uma pergunta, o texto n. 70, no entanto a pergunta retórica só será respondida no corpo do texto e a abertura apresenta o tema de forma vaga.

39) Onde estão as ambulâncias?
No apagar das luzes do seu passageiro mandato de deputado federal Múcio Sá colocou no Orçamento Geral da União a quantia de 800 mil reais para que a prefeitura de Mossoró adquirisse seis ambulâncias.

Quando emparelhamos o primeiro texto do nosso corpus e o último, percebemos quanta diferença existe em os dois textos. A organização retórica dos dois textos, porém, é bastante

parecida por que apresentam a i) apresentação do tema e marcação de posição do jornal; ii) a argumentação convergente ou divergente, que no caso dos nossos textos a maioria é convergente, ou seja, os argumentos são organizados de forma a comprovar a tese exposta e por último iii) o fechamento em que ele afirma ou reafirma o posicionamento do Editorial.

b) Unidade retórica 2 (desenvolvimento do texto)

Nesta unidade, a estrutura do corpo do texto ou a argumentação, é considerada ou convergente ou divergente da tese apresentada na unidade retórica 1, segundo Sousa (2004).

Vejamos os exemplos de como o texto se desenvolve em alguns dos nossos exemplares, o primeiro dele é o texto 1. Em nossos textos dos primeiros jornais analisados (século XIX), notamos que os argumentos aparecem muito distante da introdução do texto. O texto número 1, de 16 de novembro de 1872 apresenta a unidade retórica 2 (argumentos) e a subunidade 2.1 de forma a comprovar a tese exposta na introdução.

A corrupção

A constituição, a mais liberal, e a mais sabia/ do mundo, que nos foi imposta por von-/tade absolutamente soberana, no meio das/ commoções e dos terrores, e forçosamente/ por nós aceita, como uma taboa de salvação, / para não ser uma verdadeira trapaça, seria/ preciso que não criasse as especies, que dis-/sesse a verdade, e ainda mais, que não men-/tisse; mas não, mente, e mente sempre! //Não dizer a verdade, deixar na igno-/rância, e [...]// Fomos cruelmente atirados as profunde-/zas do erro: o erro nos tem levado ao desa-/tino. //

Essa obra de iniqua velhacaria, fran-/queou-nos os grãos de distinção como uma/ necessidade para glorificação do patriotismo. //

Mentira! A principal virtude do cida-/dão bem merecido a patria è a abnegação. / - Essa necessidade que tanto exaltam- só po-/de achar saciedade na - corrupção. //

Desta vamos tractar hoje neste nosso po/brissimo artigo, das mentiras que lhe deram/ o ser, e das que lhe são congenitas tractare-/mos em outra occasião, - quanto e como/ poder-mos.//

Desculpem-nos as lacunas das locuções/ e das ideias; mas ouçam-nos://Diz-se que as monarchias devem ter bri-/lho que cegue. //E certo! //

O aparato deslumbrante da côrte Real, / sempre foi necessário para assegurar o poder/ e o arbitrio, assim como a sumptuosidade/ dos templos, as galas dos sacerdotes e dos/ magos, as ceremonias symbolicas, os mys-/terios, as oblações e os sacrificios dos tempos/ do paganismo (e em todos os tempos) o fo-/ram para implantar nos animos a supertição/ e o fanatismo – a ignorancia e a pretotência. //

O povo avista de profusão e riqueza, / comparando-se, não podia deixar de bradar, / com toda a theophobia, apontando para o ido-lo/: aquele é Jupter- o deos dos deozes!

Do mesmo modo o povo aos pés do thro-/no eburneo de um sardanapalo deslumbrado por tanta magnificencia, que jorra de toda/tambem comparando-se, não podia/ deixar de acreditar no direito divino, no rei/predestinado p-elos deuses do Empyrio. //

Muito esplendidas, pompozas, magni-/ficas mesmo deviam ser essas riquezas! Mui-/to deviam subjugar. //

Figura 25. Organização retórica do texto 1

Os argumentos convergentes, as provas de que a corte agiu e aje de forma a manter o poder são apresentadas apenas no 10º parágrafo. No entanto, essa fórmula é encontrada e

corroborar com o quadro de Sousa (2004), ou seja, mesmo se estendendo por meio de uma linguagem prolixa, o autor apresenta argumentos válidos para comprovar a tese de que “ A monarquia é uma farsa, sustentada a partir de mentiras de um poder despótico” e segue a subunidade retórica 2.1 (argumento favorável 1) A corte mantém o poder através dos aparatos, parágrafo 10, (argumento favorável 2) ao ver tanta ostentação o povo acredita ser realmente um poder concebido por Deus (parágrafo 11); (argumento favorável 3) o povo pensa que é coitadinho se não tivesse uma realeza (parágrafo 12); (argumento favorável 4) ainda pior que a superfluidade é a corrupção (parágrafo 13) e segue uma sequência de mais argumentos convergentes para a comprovação da tese de que a Monarquia é supérflua e corrupta.

Já no texto 3, a unidade retórica 2, esta assim organizada: Tese: O partido Liberal surge rompendo com as forças conservadoras que o sepultaram.

O Partido liberal de Mossoró diante dos chefes dos conservadores

Depois de longos annos de ostracismo po-/litico, a que a mão da prepotencia e do fana-/tismo, havia reduzido o partido liberal desta/ cidade, eil-o que ressurgue do sepulchro da his-/toria rasgando as vestes negras do passado e/ quebrando os grilhões, com que o pedantismo/ ouzado e cruel dessa prepotencia o vic/[imára] , para mostrar-se forte e inabalavel/ em suas crenças, attestar a constancia e fir-/meza de seus princípios e dar um solemne testemunho da marcha crescente e victorio-/sa de suas nobres aspirações.//

Quando no anno de 1848 foi esta cidade,/ então povoação, theatro pela vêz primeira/ do grande pleito eleitoral em que o partido/ liberal, unido e arregimentado, numeroso e/ invencivel, tendo a sua frente um chefe de/ nome, influencia e prestigio, luctava vantajo-/zamente contra as forças de um governo, cu-/jo poder éra delegado na pessoa e satelites/ de um phantasma político, já intitulado de/ pastor Evangélico, appareceo logo o genio do mal/ envolto no ruidoso e negro turbilhão das/ paixões politicas, arvorando o estandarte da/ supertição e cimentando por toda a parte o/ germen da discordia, afim de estabelecer e/ firmar sobre todos os espiritos sua barbara/ dominação jesuitica ou especie de tyrannia sel-/vagem. Desde então que a arvore santa da/ liberdade não sentindo mais solido apoio no/ solo virgem, de que brotara, teve de camba-/lear aos empuchões violentos desse tufão mal-/dito, e o despotismo começou a produzir se-/us espantosos estragos. Nessa epocha o par-/tido liberal reagindo contra os effeitos per-/niciosos de tão nefasta dominação, obteve/ como era d'esperar nas urnas aquelle trium-/pho real e legitimo, que lhe devia assegurar/ a razão de sua força numerica; porém a frau-/de, de que sempre costumão servir-se os sa-/telites do despotismo aliados aos ministros/ da superstição, simulando forças criminosas/ em que a lei e os sagrados principios da jus-/tiça e da moralidade forão sacrilegamente vio-/lados, disputando as honras do triumpho e-/leitoral e arrogando-se o direito da legitimi-/dade, satifez completamente á expectativa/ do governo imperial, que com cunho da le-/galidade sellou mas este drama immoral de-/falsidades iniquas! //

Abatido assim e dezanimado pelas extor-/ções e ultrages do poder e recluzo no estreito/ circulo de suas sagradas aspirações, o parti-/do liberal de Mossoró abraços com a deses-/perança ao ver de dia a dia extinguir-se-lhe/ o

Figura 26. Organização retórica do texto 3

A primeira parte da argumentação, se dá no segundo parágrafo em que o autor contextualiza o momento em que apareceu um conservador denominado “gênio do mal” que semeou a discórdia no povo contra os ideais liberais, contribuindo para a suplantação do partido. O argumento mais forte (subunidade 2.1) e primeiro se dá no final do segundo parágrafo em que o o autor vai defender a postura e o respeito tido pelo partido liberal que conseguiu desviar às discordias do “gênio do mal”.

Como um argumento convergente, ele ainda cita no parágrafo 3, que o sacerdote é o responsável por trair grupos e facções e elenca no parágrafo 4 os tipos de traições a que submeteu a sociedade da época. No 6 parágrafo, ele afirma o mal-intencionado uso da religião para fanatizar o povo e fazer com que o sigam inquestionavelmente. Vimos, então, que toda a argumentação parecer ser convergente.

Um fato interessante por nós avaliado, é que apenas as argumentações convergentes fazem para da unidade retórica 2 dos nossos exemplares de jornal.

No segundo período de tempo que analisamos (século XX, anos 30), a unidade retórica 2 também predominou a subunidade 2.1 de argumentação convergente, que busca comprovar a tese por meio de dados e fatos que atestem e comprovem o enunciado. No texto 41, de título “*Sesamo (opereta infantil de Elyseu Vianna encenação- música)*”, datado de 3 de junho de 1928, o autor segue a defesa da tese “*O espetáculo foi encantador*”.

Sesamo (opereta infantil de Elyseu Vianna encenação – música)

Na sexta-feira transactam 1- de junho, Mossoró em peso/ assistiu a um espectáculo de-/veras encantador do Cine-/ Almeida Castro. // Encantador é mesmo o/ qualificativo que bem lhe/ calha. Sem querermos obnu- /bli[...]nas falhas tão naturaes a/ conjunctos dos que levaram/ Sésamo, falhas que o esfor-ço e a competência do dr./ Elyseu não era possível lo-/grassem obviar [:::] encantador o effeito da en-scenação da esplendida re-/vista que tivemos opportuni-/dade de apreciar.// O seu autor está de para-/béns e o publico entendido/ de nossa terra já lhe com-/pensou moralmente do traba-/lho ingente a que se deu, em/ prol do nosso hospital, com/ a profusão de palmas e ap-/plausos com que cobria ca-/da um dos numeros ensce-/nados.// É bem possível que alguém// por ahi queira dissentir desse/ modo de julgar. Não admi-/ra. Basta vêr se que se trata/ aqui de um trabalho de arte em que nem sempre os gostos se afinam. // A arte é uma cousa muito relativa, pessoal, que bem de/ perto justifica aquella velha/ parecia com que os antigos/ conceituavam sobre insta-/bilidade do juizo humano:// de *gustibus nob disputandum*. // Não há por ahi até [...] uma/ só obra de arte que. Até hoje, / não tivesse ligrado os juizos/ mais dispaes mais aleatorios//. Haja vista o velho Luzia-/das de que camillo e gar-/reit fazem crítica interiamen-/te contraria. Para um Ca-/mões era de maravilhosa fa-/cilidade dna rima; para o ou-/tro, o grande epico era de/ uma inopua de metter dó/ nos recursos da versificação. // E assim as demais, Sésamo, / pois, não poderia escapar á/ regra universal de que. No/ futuro dos homens, as cousas/ tomam rumos e cores diferentes.// Numa cousa, porem, todos/ hão de accordar: nas louça-/nias de estylo que aquele alli/ repontam, com garbos de re-/quintes litterarios; no apura-/do gosto artistico de seu/ autor, indo beber inspiração/ numa lenda encantadora da-/quellas com que o riente/ my- terloso, tanta vez, nos/ fala á imaginação e à sensibilidade, e ainda na engenho-/as disposição das scenas e/ distribuição do cenário.// O cuidadoso apuro que se/ notava na escolha das per-/sonagens, o rico da indu-/mentaria, o harmonioso das/ cores, o profuso das luzes, tudo constitue motivo sobejo/ para que se bendiga do es-/forço do dr. Elyseu Vianna/ e seus auxiliares no ingente/ trabalho que despenderam/ naturalmente, em um meio/ reverso, por tantos motivos/ de ordem material e moral, a/ tentament[e] daquelle [...]

Quando à apresentação qua-/se não podemos destacar/ personagens. Toda incarna-/ram magnificamente seus pa-/peis. No entanto, como es-/quecer o mimoso grupo de/ Girls, onde a petisada se/ desempenhou maravilhosa-/mente?! A platea pagou-/lhe bem, com um bis fervo-/roso que traduziu o enhtu-siasmo despertado. Aliás não/

Figura 27. Organização retórica do texto 41

Apresenta as subunidades 2.2 (argumento contrário 1) após afirmar que o espetáculo é encantador, o autor cita que houve falhas, falhas comuns que não podiam ser evitadas, com esse argumento contrário, a afirmação de que o espetáculo foi encantador sofre uma

contrariedade lógica. Em seguida, ele reafirma que o espetáculo foi encantador, mas ainda não apresenta argumentos para isso.

Apenas no terceiro parágrafo ele apresenta uma convergência com a tese (argumento favorável 1) afirmando que o público compensou moralmente o espetáculo com a grande quantidade de palmas. “As palmas ressoaram como um reconhecimento público do encanto e do sucesso que fôra a apresentação teatral”, tratando-se da subunidade 2.1 ou argumentação convergente;

Um fato interessante neste texto, que encontramos em outros textos da primeira fase é a prova do argumento estar bastante distante do fato. Ele inicia o parágrafo quarto com a afirmação de que muitas pessoas podem discordar de uma avaliação positiva do espetáculo e apenas no oitavo parágrafo ele introduz um argumento de exemplo “ Os lusíadas de camões também foram criticados por outros autores da época, e como beem sabemos, os Lúsiadas são um clássico da Literatura portuguesa, lido até hoje em vários países.

Essa distância entre o fato e a prova argumentativa provocam uma dificuldade considerável para o leitor do texto, sendo esse, um dos motivos da difícil compreensão dos textos dos dois primeiros recortes de tempo.

Dessa forma, notamos que a argumentação se dá toda de forma a ser convergente com a tese expressa, e a lista de argumentos é grandiosa e ressoa a estrutura comum dos editoriais também analisados por Gomes (2007).

No texto 44, de título “*Pela mesa de rendas*”, datado de 12 de agosto de 1928, as subunidades retóricas também convergem para a confirmação da tese que de que “ *Os funcionários da mesa de rendas, juntamente com seu representante principal, ofereceram à elite Mossoroense uma festa significativa, mesmo simples*”, de fato a subunidade 2.1 (argumento favorável 1) apresenta a ideia de que o salão aparenta estar desusado mas estava regurgitando as pessoas de tão excedente que apresentava-se, o que reforça a ideia de que a festa foi bastante significativa pois estava cheia ; (argumento favorável 2) em seguida, elencou os funcionários que compuseram a mesa e aquele que falou, ressaltando que este último, não haveria de ser daqueles que preferiria inverdades (parágrafo 3) ; ademais o autor segue enumerando vários argumentos convergentes, o que se repete desde o século anterior nos textos opinativos.

Nos últimos anos correspondentes à última época do nosso recorte, podemos observar na unidade retórica 2, do texto de número 60, “*A democracia impossível*”, datado de 4 de outubro de 1980, corroboram para depor em favor da tese que seria “ a lei orgânica que fôra instituída recentemente é um empecilho às organizações políticas”. O primeiro reforço

(argumento favorável 1) dessa afirmação está ainda no primeiro parágrafo, como que uma espécie de complemento da parte introdutória do texto, 2.1 em que afirma que o fato de a lei determinar que as organizações políticas têm de ser territorialmente nacionais causa um sufocamento das expressões locais no campo político, reforça a ideia que esta lei é, de fato, um grande empecilho.

Ainda como subunidade 2.1 (argumento favorável), o autor usa um dado comparativo de outra área, a economia e administração para mostrar que a mesma perda sofrida na área se aplicou também à política, o que concorre para a afirmação de que esta lei foi prejudicial às organizações políticas.

Do exposto, no que se refere à unidade retórica 2, ao que tange à argumentação, embora tenhamos encontrado em nosso corpus um exemplo de que os dois tipos de subunidade aparecem, essa estrutura de convergir sempre para a tese exposta é uma constante e característica estruturante do gênero nos três recortes por nós analisados, sem indícios de haja havido alguma mudança ou realinhamento nessa esfera. Passemos agora à unidade retórica 3.

c) Unidade retórica 3-

Nesta unidade retórica, está centralizada a tomada de posição que o Editorial exprime. O fechamento do texto, normalmente se confunde, hoje, como a posição editorialística, e esse seria o padrão, obviamente estamos ligando a sequência lógica argumentativa à progressão textual, em que ao final da exposição da tese e dos argumentos, teria-se a tomada posição do Editorial. Não obstante, nossa pesquisa mostra que essa sequência progressiva não era o padrão nos nossos primeiros exemplares avaliados. Na maior parte do jornal, havia a tomada de posição do Editorial. Vejamos:

No primeiro texto (Texto I) avaliado por nós, temos o posicionamento diluído ao longo da argumentação, expresso a partir dos qualificadores e pelas escolhas lexicais:

- 40)** A constituição, a mais liberal, e a mais sabia/ do mundo, que nos foi imposta por von-/tade absolutamente soberana, no meio das/ commoções e dos terrores, e forçosamente/ por n's aceita, como uma taboa de salvação, /para não ser uma verdadeira trapaça, seria/ preciso que não criasse as especies, que dis-/sesse a verdade, e ainda mais, que não men-/tisse; mas não, mente, e mente sempre! //(Texto n.1, 16 de novembro de 1872)

O viés crítico é revelado ainda na introdução do texto quando o autor coloca que a constituição foi imposta, num claro e bom ataque à nobreza e ressaltando a qualidade de

passivos na expressão “*forçosamente por nós aceita*. Ainda se posiciona veementemente no trecho em que se refere à instituição da constituição como uma “*verdadeira trapaça*”.

No parágrafo 6, o autor se posiciona novamente:

- 41) [...] vamos tractar hoje neste nosso po/brissimo artigo, das mentiras que lhe deram/ o ser, e das que lhe são congenitas tractare-/mos em outra occasião, - quanto e como/ poder-mos.// (Texto n.1, 16 de novembro de 1872)

Desta vez, reitera a afirmação de que a imposição ou determinação da constituição lhe parece ser uma mentira, uma hipocrisia para com a sociedade.

- 42) [...]Tem só esses monstruosos espetaculos o grande inconveniente de custarem extraordinariamente caros. (Texto n.1, 16 de novembro de 1872)

Nesse 13 parágrafo, o texto também apresenta a posição contrária aos gastos exagerados que acontecem para engrandecer a coroa e preservar o “status quo” de magnificência que o povo tanto admira e que talvez, por isso mesmo, se mantenha passivo e não questione as ações irresponsáveis dos monarcas.

- 43) Mas o peor dessas cortes Reais não é a / superfluidade, é a corrupção de exhalam,/ como se fossem monturos de podridões!// (Texto n.1, 16 de novembro de 1872)

Neste exemplo 43, encontrado no parágrafo 14 do texto opinativo, observamos um ataque impetuoso à monarquia aqui instalada, destacando o que ele considera de pior na classe nobre, que seria a superfluidade, principalmente quanto colocada num contexto de 1872, em que a população brasileira padecia de uma miséria acentuada e uma crise econômica séria, logo, os gastos exagerados da corte eram uma espécie de declaração de indiferença à situação do país.

Já no parágrafo 22, há também um posicionamento contra todo o sistema absolutista ao qual estavam submetidos à época:

- 44) Procurando, por tanto, reagir send[o]/ a luta inevitavel, sem o cutello do algoz, qu[e]/ arrancaram-lhe das mãos, tem o rei a muni-/ficencia que lhe deixaram, para fazer mais pe-/la seducção, e firmar mais forte seu absolutis-/mo, não sustentafo pela força mas creado pe-/la corrupção, que é mais terrivel, por que/ deprava os costumes e abate os brios- e o ar-/bitro e immoralidade.//

Neste excerto, o autor ainda destaca a corrupção como uma das formas de manutenção do poder absoluto, e essa corrupção como um dos males para a sociedade por que degrada a integridade e os bons costumes.

Como exposto, em todo o texto aparecem trechos de forte posicionamento avesso aos costumes dos monarcas em detrimento de uma sociedade mais justa e igualitária em que o povo também tivesse suas necessidades básicas atendidas. Estruturalmente, os textos opinativos do primeiro recorte, apresentam em todos os exemplares, posicionamentos ácidos e fortes em torno das temáticas discutidas. E aparentam ser textos ou de ataques ou de elogios, quando se concorda com a posição ou ato praticado por alguém.

No segundo recorte temporal, ou seja, os anos 30, verificamos que a unidade retórica 3 é semelhante ao primeiro recorte temporal, apresenta uma modificação quanto à extensão do texto, agora se apresenta um pouco menor mais enxuto.

- 45) Raros governantes têm/ iniciado, em nosso Estado/ seu periodo presidencial de-/baixo de tão promissoras/ perspectivas como o que ora/ dirige nossos destinos.// Duas razões primaciaes/ amparam esse vaticinio.// Em primeiro lugar, o/ legado do governo que fin-/dou, traduzido no forte cabe-/dal de trabalho proficuo,/ moralidade administrativa e/ politica, soerguimento de/ nossas fontes de renda,/ e impulsão vigorosa das/ forças economicas do Estado; / em segundo lugar, o passado/ politico do Preseidente Juvenal/ Lamartine, significando ope-/rosidade, intteligencia aguda/ e realizadora, visão precuci-/ente e multiforme, energia/ dominadora, autoridade de/ acção e direcção.//
(Texto n. 37, 11 de março de 1928)

Antecipa a posição defendida logo no primeiro parágrafo do texto, essa é uma característica mais presente nos textos do século anterior, mas constam ainda nos textos no início do século XXI. Neste excerto, nota-se que a ideia de que o Juvenal Lamartine é um governante qualificado e trabalhador é reforçada logo em seguida à abertura do texto, em duas enumerações conseguintes.

A opinião vem sendo trabalhada de forma clara e isso é perceptível graças as escolhas lexicais feitas pelo autor.

No final dos anos 80 e início dos anos 90, os editoriais se alinham ao que Beltrão (apud. Marcos de Melo, 2003, p. 104) define como características e sobre os quais aponta quatro atributos específicos; impessoalidade, topicalidade, condensalidade e plasticidade. A impessoalidade parece ser o atributo específico que norteia a tomada de posição dos textos opinativos. Seu conceito é assim estabelecido: Impessoalidade - não se trata de matéria assinada, utilizando, portanto, a terceira pessoa do singular ou a primeira pessoa do Plural-, de forma que isso permita que a opinião seja dada de forma mais leve e menos diretiva.

Em nosso estudo, não apenas a impessoalidade é um fato importante para o enxugamento do texto e realinhamento das tomadas de posição (unidade retórica 3), mas também a modificação ocorrida quanto ao uso dos qualificadores. Vejamos o seguinte texto:

↳ Incompetência em dose dupla

Na continuidade de / melancolia que envolve o/ primeiro aniversário da atual/ administração municipal de/ Mossoró, surgiu o resultado/ da pesquisa publicada na úl-/tima terça-feira pelo jornal/ “folha de São Paulo” colo-/cando a senhora Vilma Maia/ em 19º lugar entre 23 prefei-/tos de capitais de pior desem-/penho. É claro e natural que/ este acontecimento tenha os/ seus desdobramentos. E, cer-/tamente que tem os seus re-/flexos também por sobre a/ administração municipal de/ Mossoró, onde a pesquisa da/ capital apenas constatou/ aquilo que na prática a gente/ já vem denunciando diaria-/mente, como o dia-a-dia do/ mossoroense. //

Se a pesquisa do Datafolha/ tivesse sido extensiva a outras/ grandes cidades brasileiras e/ em meio elas se incluisse/ Mossoró, o resultado poderia/ ter sido ate pior do que o/ verificado em Natal. Na ca-/pital do Rio Grande do Norte/ pelo menos 38 por cento dos/ entrevistados classificaram a/ administração Vilma Maia/ entre o ruim e o péssimo. Pelo/ menos 49 por cento deles/ acharam o seu desempenho/ pior do que o de Garibaldi/ Filho, que foi o seu anteces-/sor. //

Os grandes problemas e o/ emperramento da máquina/ administrativa detectados em/ Natal não são diferentes do/ que se verifica atualmente em/ Mossoró. Por isso, sem medo/ de errar, podemos reafirmar/ hoje que se a pesquisa alcan-/çasse esse município, os nú-/meros poderiam até ser dife-/rentes, mas para pior. //

Aliás, a atual administra-/ção mossoroense tem primado/ em copiar tudo o que vem de/ Natal. Desde o esquema de/ limpeza pública que, aqui/ como lá, também não funcio-/na, até mesmo aos erros nos/ cálculos dos aumentos de ta-/rifas de coletivos. As majora-/ções para as tarifas de ônibus/ são dadas na mesma propor-/ção que na capital e sempre/ sob a legação da melhoria do/ serviço, coisa que nunca/ acontece. Na capital do Esta-/do a administração pública/ está desacreditada como a da-/qui por que estão ambas cer-/cadas de auréola da incom-/petência. E isso esta mani-/festo na propria expressão do/ povo ouvido na pesquisa. E a/ incompetência em dose dupla. //

Diante deste quadro rea-/firmamos que não poderia há-/ver clima para festa. Essas/ administrações viram passar o/ seu primeiro ano debaixo do/ crivo exigente do povo que se/ sente por elas enganado, pois/ ambas se travestiram de so-/cialistas e foram a praça pú-/blica, vestindo a camisa do/ PDT, com promessas dema-/gógicas e mirabolantes que se/ tinha a certeza, não cumpri-/riam. Ao povo que as eleger/ não caberia outro comporta-/mento que não o que assumiu/ agora fazendo a sua pública/ condenação. Desdobramentos/ ainda virão.

Figura 28. Texto n. 63, 6 de janeiro de 1990

O posicionamento do Editorial só vai ficar mais claro no 5 parágrafo quando o editorialista afirma que a administração mossoroense tem copiado tudo que vem de Natal, até o que não é bom, bem como no trecho, em que ele afirma que a administração da capital está desacredita como também está a administração mossoroense confirmadas como opinião na escolha da palavra *incompetência*. A palavra escolhida é um qualificador que emite um julgamento de valor e evidentemente, uma tomada de opinião, o que é bastante escasso em todo o texto, sendo filtradas esporadicamente por um leitor atento e proficiente, que veja nas entrelinhas a convergencia da argumentação do editorialista.

No último parágrafo, o editorialista faz uso das palavras *demagógicas e mirabolantes* revelando mais uma vez seu ponto de vista de ser oposição aos governos, tanto estadual quanto municipal. E faz um fechamento com tom vaticínico de que mais fatos ocorrerão.

Quanto ao aspecto da impessoalidade e a tomada de posição, notamos que há também textos em que se expressa de forma bastante pessoal, há textos mais impessoais mas há

também textos em que o editorialista revela com facilidade sua posição, como no texto 64, de 9 de janeiro de 1990:

- 46) Foi um espetáculo deve-/ras deprimente e bastante/ desolador aquele praticado na/ última sexta-feira, pelos fun-/cionários da Prefeitura de/ Mossoró sob o comando de/ pessoas ligadas ao próprio/ gabinete da prefeita Rosalba/ Ciarlini, retirando a força as/ barracas, quiosques e os per-/tences dos seus proprietários,/ com a ajuda da força policial./

Na abertura do texto, ele já anuncia o rumo argumentativo que seu texto vai tomar, também de oposição ao governo de situação. Essa forma de se posicionar é recorrente em muitos de nossos textos, que não reservam um espaço específico para manifestar a opinião. Assim, podemos dizer que a unidade retórica 3, a tomada de posição, aparece diluída no texto. Em alguns poucos casos, aparece discretamente, a grande quantidade de exortação encontrada nos nossos textos remete a outros gêneros que compartilham o mesmo tom ácido e a natureza agressiva como o manifesto e o pasquim.

Vejamos um quadro que sintetiza a trajetória da organização retórica:

| | 1ª fase | 2ª fase | 3ª fase |
|---------------------------------------|---|--|---|
| Unidade retórica 1 (introdução) | A unidade retórica de anunciar tanto a temática geral da discussão como demarcar a posição político-ideológica. | A unidade retórica 1 trata da apresentação de temática marcada, desta vez, por leve posicionamento, indicando o rumo que o autor do texto irá tomar no prolongar do texto. | Observamos que na parte da abertura, o autor pretende ser mais claro e direto sobre o que falará no decorrer do texto |
| Unidade retórica 2 Desenvolvimento | Argumentação convergente Unidade 2. 1 | Argumentação convergente Unidade 2.1 Argumentação divergente Unidade 2.2 | Argumentação convergente |
| Unidade retórica 3. Tomada de posição | Diluído em todo o texto | Diluído em todo o texto mas de forma mais objetiva | A tomada de posição é claramente percebida no início do texto |

Quadro 5. A organização retórica das 3 fases.

4.3.1.4 A titulação

Dentro das características composicionais, os títulos dos textos, nessa tradição discursiva Editorial, se constituem como uma própria TD do eixo sintagmático (KABATEK, 2004) sendo uma característica estruturante e cumprem, no primeiro intervalo analisado (final do século XIX), três funções comunicativas específicas: resumir o conteúdo temático a ser

desenvolvido no corpo do texto, convidar o leitor à leitura e sequenciar os textos para que sejam lidos a partir de uma ordem específica.

Dialogamos com o trabalho de Gomes (2007) por que reconhecemos a importância e a abrangência do seu estudo no sentido de delinear a tradição discursiva Editorial no estado de Pernambuco e por acreditar que as pesquisas científicas só podem ser relevantes se puderem inspirar outros olhares sobre o mesmo objeto, além do mais, tomamos como referência o trabalho da autora por se tratar de *corpus* similares, bem como por entender que as categorias por ela analisadas podem nos dar pistas significativas quanto à estruturação do Editorial em Mossoró e no Rio Grande do Norte.

A titulação, conforme foi demonstrado por Gomes (*Idem*), teve um percurso curioso em relação aos séculos em que é analisado, e em alguns exemplares nem titulação aparecia, apenas o nome do jornal, segundo a autora “o percurso dessa tradição discursiva revela diversas variações nesse sentido, que vão desde a inexistência de título à sua indispensável presença como um fator de organização de expectativas.” (Gomes, p. 153).

Ela analisou os títulos sob duas perspectivas diferentes: a primeira sob o escopo da teoria de Travassos (2003b), que pensa o título como elemento da macroestrutura textual composta por um conjunto de macroproposições de macroestrutura; e na perspectiva linguístico-discursiva, essa última seria suficiente para elencarmos a trajetória dos títulos dos nossos editoriais.

| Período | | Título | Tipo |
|------------|-------------------|--|-----------|
| Século XIX | Texto 1 | A corrupção | Nominal |
| | Texto 2 | O estado do paiz | “ |
| | Texto 3 | O partido liberal de Mossoró diante dos chefes dos | Oracional |
| | Texto 4 | conservadores | Adjetival |
| | Texto 5 | O poder irresponsável | Adjetival |
| | Texto 6 | Ainda o poder irresponsável | Oracional |
| | | A demissão do Sr. Ricardo Vieira do Couto e o Exmo. Vice | |
| | Texto 7 | Presidente da província | Nominal |
| | Texto 8 | Crise | Nominal |
| | Texto 9 | Mossoró, 4 de janeiro de 1873 | “ |
| | Texto 10 | A falta de throno I | “ |
| | Texto 11 | A falta de throno II | “ |
| | Texto 12 | O bispo e os jesuitas, a maçonaria e o povo pernambucano | “ |
| | Texto 13 | O ministério e o déspota | “ |
| | Texto 14 | O absolutismo treme | “ |
| | Texto 15 | A indiferença | “ |
| | Texto 16 | O conservador e o jesuita | “ |
| | Texto 17 | A irresponsabilidade da coroa | “ |
| | Texto 18 | Mossoró e o governo da província | “ |
| | Texto 19 | Silencio em torno da monarquia | Adjetival |
| | Texto 20 | Grande triunfo potiguar contra os jesuitas | Nominal |
| | Texto 21 | Anatema por anatema | Nominal |
| | Texto 22 | Mossoroense | “ |
| Texto 23 | O ultraromantismo | “ | |

| | | |
|----------|--|-----------|
| Texto 24 | Mossoró, 2 de fevereiro de 1874 | Oracional |
| Texto 25 | O que é o município e a importância das instituições políticas | Nominal |
| Texto 26 | Mossoroense | “ |
| Texto 27 | Nem a luz e nem sangue | Oracional |
| Texto 28 | Consummantum est. | Nominal |
| Texto 29 | Igreja livre no estado livre | “ |
| Texto 30 | Aos nossos assignantes | “ |
| Texto 31 | Falta de trono | --- |
| Texto 32 | ----- | Nominal |
| Texto 33 | Mossoró, 24 de junho de 1874 | --- |
| Texto 34 | ----- | Nominal |
| | Manifesto ao público: o atentado do dia 1 de janeiro | |

Quadro 6. Títulos dos editoriais do século XIX

Nas nossas amostras colhidas no corpus, observamos que os títulos no primeiro intervalo de tempo e também no segundo apresentam variações em relação à extensão do texto, note-se que os títulos *O partido liberal de Mossoró diante dos chefes dos conservadores* (texto 3) de 30 de novembro de 1872 é bastante extenso. E se observarmos bem veremos que até os tempos atuais a extensão foi reduzindo de forma a tornar-se mais obetivo como por exemplo *A municipalização do trânsito*.

Do primeiro quadro percebe-se uma inconstância tanto na forma de elaborar o título (nominal, adjetival, oracional) quanto a extensão o que poderia indicar um certo desconhecimento ou ainda falta de manejo nesta etapa do texto. Ainda, chama atenção o fato de que em uma parte considerável dos editoriais, os títulos sempre trazem dois sintagmas nominais que vão ser discutidos ao longo do texto como antagonistas, ou dispares e ainda como contrários, a exemplo disso (texto 3) *O partido liberal de Mossoró diante dos chefes dos conservadores*, (texto 11) *O bispo e os jesuitas, a maçonaria e o povo pernambucano*, (texto 12) *O ministério e o déspota*, (texto 15) *O conservador e o jesuita*.

Quando a data é importante, ela ocupa a posição de título como é o caso do título do exemplar número 8, que foi o primeiro do ano de 1873, de título *Mossoró, 4 de janeiro de 1873*.

Como se vê, predominam os títulos nominais e que apresentam uma ideia resumitativo assunto a ser tratado no texto.

Também há títulos que se repetem como é o caso do título “ falta de trono I” e “falta de throno II” dos textos 9 e 10 e ainda do texto 30, títulos que aparecem três vezes no primeiro período analisado, são o mesmo e o assunto discutido no texto também gira em torno da mesma temática, a crítica ao poder monárquico. Os títulos “ Falta de throno I e II” cumprem a função de sequenciar a leitura, conduzindo o leitor a buscar a sequência para a leitura.

Ainda se repete o título “mossoroense”, sem conquanto, apresentar a mesma temática e sim funciona com uma espécie de delimitação de local do assunto a ser tratado, ou mesmo uma espécie de duplicação do título do jornal.

Há poucos números sem um título, pois ele se constitui como fator importante de antecipação do assunto que será abordado no texto, e na grande maioria dos exemplares analisados constatamos uma relação resumitiva do título para com o texto, atestando a sua importância estrutural.

Numa segunda fase, os títulos nominais são mais abundantes de forma a exprimir a informação central do texto.

| | | | |
|---------------------|---|--|-----------|
| Início do século XX | Texto 35 | Sociedade “damas de caridade” | Nominal |
| | Texto 36 | Carnaval | “ |
| | Texto 37 | Ratificação de augúrios | “ |
| | Texto 38 | Dr. José Augusto B. de Medeiros- embaixador do Rio Grande do Norte no Senado | “ |
| | Texto 39 | Caixa Rural de Mossoró | “ |
| | Texto 40 | No bairro dos paredões: uma conferência de Vicente | “ |
| | Texto 41 | Sesamo (opereta infantil de Elyseu Vianna encenação-música) | “ |
| | Texto 42 | Nosso aniversário | “ |
| | Texto 43 | Humanitário ideal | “ |
| | Texto 44 | Pela mesa de rendas | “ |
| | Texto 45 | Mossoró e a causa de sua decadência | “ |
| | Texto 46 | 15 de novembro de “Humayta f. Club”. | “ |
| | Texto 47 | O movimento Sportivo da Capital do estado: impressões do “Footballes” Julio Maciel de Lima | “ |
| | Texto 48 | A passagem de 9º aniversário de sua morte | Nominal |
| | Texto 49 | Administração que finda | Oracional |
| | Texto 50 | Sua chegada ao nosso meio, de regresso dos trabalhos da baixa camara do Paiz: A imponente recepção dos mossoroenses ao seu eminente representante. | “ |
| | Texto 51 | Industria salifera | Nominal |
| Texto 52 | O despertar de Minas | “ | |
| Texto 53 | Minorias audazes: à margem de explorações revoltantes | “ | |
| Texto 54 | Inexequibilidades | “ | |
| Texto 55 | O governante e o idealista | “ | |
| Texto 56 | De marcha batida para o desconhecido | “ | |
| Texto 57 | Caveant Consules | “ | |

Quadro 7. Editoriais do início do século XX (anos 30)

Nessa fase, os títulos não mais apresentam um grande número de dualidade opositiva característica dos títulos dos primeiros textos, ou pelo menos, esses aparecem em menor número como no texto 55, “o governante e o idealista”.

A função convidativa do título, que busca seduzir o leitor à leitura se cumpre ainda neste segundo recorte, com exceção da função de sequenciar um texto, pois os títulos enumerativos não são recorrentes nessa fase analisada.

Ainda os títulos que vem sob a forma e data se mantém nesta fase, destacando uma informação contextual de relevância, sendo um traço estrutural que permanece. Outro tipo de título que identificamos comum à primeira fase é o título em latim visto nos textos 27 “Consummantum est.” e o 57 “Caveant cōsules”, o uso do latim é justificado pela eloquência atribuída ao autor do texto para uso de estratégias que conferem erudição, como é uso do latim, ou dos argumentos comprováveis ou de autoridade.

Nos anos mais recentes verificamos que a função de antecipar o conteúdo a ser lido no corpo do texto, se manteve, se constituindo como um traço de permanência no gênero.

Os títulos com pistas contextualizadoras como a data, também se mantiveram no final do século XX, o que agrega ao título, além da função de resumir o conteúdo do texto, a função de dar detalhe a um fato ocorrido numa data específica. Essa característica, presente também em cartas, cartas do redator, remete à gênese epistolar do editorial, evidenciando a sistemática estabilização por qual passou o gênero ao longo dessa trajetória. Na tabela abaixo podemos observar os títulos do último recorte:

| | | | |
|---|----------|---------------------------------|-----------|
| Final do século XX e início do século XXI | Texto 58 | Segunda-feira, 9 | Nominal |
| | Texto 59 | A denúncia de Vingt | “ |
| | Texto 60 | A democracia impossível | Adjetival |
| | Texto 61 | Falas e fatos | Nominal |
| | Texto 62 | <i>O Mossoroense</i> | “ |
| | Texto 63 | Incompetência em dose dupla | “ |
| | Texto 64 | Um ato insensível | Adjetival |
| | Texto 65 | Tv propaga violência | Oracional |
| | Texto 66 | Uma preocupação procedente | Adjetival |
| | Texto 67 | Aqui não é o paraíso | Oracional |
| | Texto 68 | Numeros que mostram crescimento | “ |
| | Texto 69 | A federalização da uern | Nominal |
| | Texto 70 | Onde estão as ambulâncias? | Oracional |
| | Texto 71 | A municipalização do transito | Nominal |

Quadro 8. Títulos do último recorte (anos 80 até a atualidade)

Na última fase, observamos que há uma equivalência na quantidade dos tipos de títulos utilizados nos textos, os adjetivais que antes eram menos utilizados, agora ganham um destaque maior, provavelmente por que já imprimem à primeira vista, um indicio de posicionamento ou mesmo uma qualificação.

Todavia, embora haja algumas variações quanto ao tipo dos títulos utilizados nos editoriais desde os primeiros exemplares, é perceptível que o título se constitui como um elemento que tem continuidade nos textos modernos e que integra a estrutura do gênero analisado. No percurso, manteve a função principal de sumariar a temática do texto e a função de chamar atenção do leitor para a leitura.

E apesar de não haverem mais títulos em latim ou mesmo títulos que sequenciem textos, podemos dizer que o título constitui uma tradição discursiva que sofreu pequenas alterações se adequando ao contexto moderno em que o texto se insere, sendo, portanto, um traço de permanência.

4.3.1.5 O propósito comunicativo

A atividade linguística está sempre ligada a situações específicas e ao contexto do qual emana, estando, de certa forma, ligado a fins específicos que regula toda produção linguística (BAKTHIN, 1997, p. 279). Todo gênero se organiza em torno de características composicionais que são tidas como critérios para que esse gênero seja classificado.

Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKTHIN, 1997, p. 279).

Isso significa dizer que os textos, orais ou escritos, têm sempre uma finalidade e uma razão de existir que em consonância com todos os outros elementos formais, fazem parte da constituição do gênero, sendo um dos pontos que podem ser decisivos para a sua definição. Como exemplo, basta pensarmos em uma receita de comida que embora seja um gênero considerado mais fixo e tem como finalidade instruir o preparo, têm sua definição bastante ligada à sua finalidade.

Alguns autores abordam essa questão da finalidade sob diferentes pontos de vista; Bakthin (1997, p. 300) utiliza-se do termo *intuito discursivo* para explicar que o enunciado tem um *querer-dizer* que forma a totalidade do texto e que emoldura o tratamento dado ao objeto, ou sob que ótica se olha o que é dito. Assim, todo texto, formulado a partir de um querer dizer determina, antes de tudo, uma escolha de um gênero. Esse seria um conceito que comporta uma visão sociohistórica do gênero, reconhecendo que ele cumpre seu papel a partir de necessidades sociais, assim como também o é para Kabatek (2003).

Para Askehave e Swales (2001), o propósito comunicativo não deveria ser um critério absoluto para a classificação dos gêneros, visto que os produtores dos textos podem realinhar as finalidades comunicativas nas diversas situações (BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 240). Dessa maneira, o Editorial é um gênero que tem a finalidade de opinar sobre temas de

assuntos interessantes à sociedade, de forma que sejam aproveitados nas produções textuais os contextos globais de acontecimentos. Com a complexidade da sociedade e a imensidão de assuntos que podem ser abordados nos editoriais; as finalidades podem ser sempre realinhadas, nisto, pode-se opinar sobre moda, política, economia, futebol, administração, direitos, saúde e mais uma gama de possibilidades de que desfruta o editorialista para cumprir o papel social do gênero. Os editoriais, segundo a tradição atual transmitida nos manuais usados em curso de jornalismo e conforme Marques de Melo (2003), têm a função de expor uma opinião.

E embora a finalidade possa se realinhar de acordo com as necessidades, a finalidade ou o propósito comunicativo do Editorial se mantém próximo aos mais prototípicos que têm o propósito de influenciar a opinião do leitor se utilizando de estratégia argumentativa. Nos editoriais que compõem a primeira fase de nossa análise podemos destacar os seguintes propósitos comunicativos nos textos:

| Nº | Data do Editorial | Título | Propósito comunicativo |
|----|--------------------|--|--|
| 1 | 16 de nov. de 1872 | A corrupção | Opinar sobre monarquia e tentar convencer o leitor de que esse é um sistema corrupto |
| 2 | 23 de nov. de 1872 | O estado do paiz | Opinar negativamente sobre monarquia |
| 3 | 30 de nov. de 1872 | O partido liberal de Mossoró diante dos chefes dos conservadores | Opinar positivamente sobre o partido liberal |
| 4 | 8 de dez. de 1872 | O poder irresponsável | Opinar negativamente sobre a monarquia |
| 5 | 14 de dez. de 1872 | Ainda o poder irresponsável | Opinar negativamente sobre a monarquia |
| 6 | 21 de dez. de 1872 | A demissão do Sr. Ricardo Vieira do Couto e o Exmo. Vice Presidente da província | Opinar negativamente sobre a demissão denominando o governo como sem senso |
| 7 | 28 de dez. de 1872 | Crise | Opinar negativamente sobre o poder monarquico |
| 8 | 4 de jan. de 1873 | Mossoró, 4 de janeiro de 1873 | Opinar sobre os acontecimentos políticos do ano de 1872, numa espécie de retrospectiva |
| 9 | 11 de jan. de 1873 | A falta de throno I | Opinar sobre um episódio de aparição pública e discurso da coroa e criticar a reunião |
| 10 | 18 de jan. de 1873 | A falta de throno II | Opinar negativamente contra o assassinato de Tiradentes. |
| 11 | 25 de jan. de 1873 | O bispo e os jesuitas, a maçonaria e o povo pernambucano | Opinar negativamente sobre a expulsão dos maçons das irmandades religiosas |
| 12 | 1 de fev. de 1873 | O ministério e o déspota | Opinar negativamente sobre o imperialismo |
| 13 | 8 de fev. de 1873 | O absolutismo treme | Opinar sobre política nacional, principalmente em relação a corrupção |
| 14 | 15 de fev. de 1873 | A indiferença | Opinar sobre o absolutismo destacando a corrupção inerente ao sistema |

| | | | |
|----|----------------------|--|--|
| 15 | 22 de fev. de 1873 | O conservador e o jesuita | Opinar e influenciar negativamente sobre perfis políticos de conservadores e os pertencentes à irmandade jesuítica |
| 16 | 28 de fev. de 1873 | A irresponsabilidade da coroa | Opinar negativamente sobre o “golpe da maioria” e sobre a monarquia e seus joguetes |
| 17 | 9 de mar. De 1873 | Mossoró e o governo da província | Opinar positivamente sobre uma figura pública da administração local |
| 18 | 22 de mar. 1873 | Silêncio em torno da monarquia | Opinar positivamente sobre a república |
| 19 | 25 de maio de 1873 | Grande triunfo potiguar contra os jesuitas | Opinar positivamente sobre a reação popular contra atos dos jesuitas |
| 20 | 19 de julho de 1873 | Anatema por anatema | Denunciar ao público uma agressão praticada por um padre e convencer o público de que os padres seguidores do jesuitismo são fanáticos e tiranos |
| 21 | 25 de out. de 1873 | Mossoroense | Congratular o jornal pelo seu aniversário |
| 22 | 8 de nov. de 1873 | O ultraromantismo | Opinar negativamente sobre o jesuitismo no Brasil |
| 23 | 2 de fev. de 1874 | Mossoró, 2 de fevereiro de 1874 | Expor ao público o papel do jornal da sociedade |
| 24 | 11 de fev. de 1874 | O que é o município e a importância das instituições políticas | Defender a ideia da importância das instituições políticas para a sociedade |
| 25 | 7 de mar. 1874 | Mossoroense | Relatar ao público o ato da nomeação e opinar sobre a ação do padre vigário na cidade de Mossoro |
| 26 | 22 de mar. 1874 | Nem a luz e nem sangue | Opinar sobre o absurdo de falta de investimento público na educação |
| 27 | 3 de abril de 1874 | Consummantum est. | Relatar sobre a semana santa e opinar sobre isso ao final do texto |
| 28 | 12 de abril de 1874 | Igreja livre no estado livre | Defender a ideia positivista de estado laico |
| 29 | 19 de abril de 1874 | Aos nossos assignantes | Convencer o público a pagar as contas atrasadas |
| 30 | 7 de junho de 1874 | Falta de trono | Opinar sobre política |
| 31 | 13 de junho de 1874 | ----- | Noticiar um episódio e inserir um comentário sobre a excomunhão dos maçons |
| 32 | 28 de junho de 1874 | Mossoró, 24 de junho de 1874 | Discursar sobre a ordem maçônica |
| 33 | 23 de agosto de 1874 | ----- | Expor a posição ideológica do jornal e se justificar |
| 34 | 3 de jan. de 1875 | Manifesto ao público: o atentado do dia 1 de janeiro | Criticar figuras públicas e suas ações vistas sob o ponto de vista ideológico. |

Quadro 9. Propósito comunicativo

Como podemos ver, no rol das possibilidades de um propósito comunicativo do texto opinativo, à propósito da denominação opinativa, a opinião parece ser apriorística para efeito de constatação do propósito comunicativo, no entanto nos nossos exemplares verificamos a existência de outras possibilidades como pano de fundo da intenção de convencer, entre elas, a possibilidade de criticar valorativamente de forma negativa ou positiva na grande maioria dos nossos exemplares, à semelhança dos editoriais estudados por Zavam (2009).

Além disso, a exposição de um pensamento também é possível nesses textos, já que o contexto da imprensa colonial demarcava um maniqueísmo na cultura impressa que permitia apenas servir ao governo ou criticá-lo, conseqüentemente, o jornal exprimia o pensamento da época e o Editorial – o lugar da opinião- fazia uso de toda a realidade que entornava o povo para usar como ferramenta de influenciar. As notícias, os relatos de acontecimentos ainda eram usados como um argumento para transfigurar uma opinião, a exemplo do texto nº34 de 3 de janeiro de 1875:

- 47) No dia 1 de Janeiro do corrente/ anno reunindo-se o mencionado depu-/tado Rafael Archanjo – a um seu co-/mensal de nome Jsé Tertuliano, guar-/da da Meza de Rendas- percorreram/ os suburbios desta cidade assalariando/ capengas cacetistas, para um fim só com-/patível com a natureza corrompida/ desta miserável gente, e conseguiram,/ que a elles se encorporarem os seguintes/ indivíduos, - Quintilismo França e um/ filho do coo todo, João Martins da/ Silveira e 2 ou 8 filhos, um [...]/ Dr. Euclides [.no 11 pessoas,/ depois de haverem afogado a mente/[...], armaram-se de-/ cacetes, punhaes e pistollas, e dirigi-/ram-se, ás 3 horas da tarde pouco mais/ ou menos, capitaneados pelo referido/ Rafael- na mais selvagem gritaria e/ criminosa [...], á casa on-/de reside José Damião de Souza Mello e/ Frederico Antonio de Carvalho, onde/ tem estes seu estabelecimento commer-/cial, e o ultimo o escriptorio da Agen-/cia consular portuguesa; e ahi furio-/sos como tigres, aos gritos da *mata, morra etc.* penetrarão no interior del-/la indo até a cozinha, onde não encon-/trando suas victimas, que surprehendi-/das pelo accomettimento inexperado,/ sem tempo para ganharem uma posição/ convenientemente defensiva, subiram/ ao andar da casa por cima do refe-/rido estabelecimento, onde permanece-/ram e onde aguardavam a subida dos aggressores.//

Se o noticioso era usado como um meio para influenciar a opinião pública e em alguns exemplares aparecia no corpo do Editorial ou mesmo se misturava em sua estrutura e propósito comunicativo e outros elementos composicionais, parece-nos justo explicar que embora exista a definição dos gêneros a partir de determinado critério didático para classificação, um bom domínio dos gêneros discursivos é que faz com o que o produtor do texto tenha a possibilidade de explorá-lo numa abrangência maior, de forma, inclusive, criativa, trata-se de um conhecedor experiente, que pode mesclar gêneros e ainda conduzi-los em função de um querer dizer (BAKTHIN, 1997, p. 303).

Ademais, os gêneros, como bem é disseminado na literatura específica, não são *formas estanques* mas são formas culturais e cognitivas de ação (MILLER, 1984 *apud* MASCUSCHI, 2008), o que revoga em certo ponto o caráter engessado que às vezes damos

aos gêneros e permite que haja uma fluidez em suas manifestações a depender da pretensão do autor e das condições de produção.

Dos propósitos mais comuns dos exemplares opinativos, estão o de criticar, avaliar, influenciar, elogiar, apresentar um fato, e que marcam esse final de século XIX em um contexto social de muitas mudanças e necessidades sociais. As multiplicidades de propósitos comunicativos indicam uma instabilidade quanto à estrutura do gênero e essas variantes, em muitos casos, podem se tratar de variantes do mesmo gênero ou gêneros aproximados. Em casos em que há variantes diferentes, esses textos podem se sobrepor um ao outro, concorrendo para que se tenha continuidade histórica (KOCH, 1997).

Na segunda fase analisada por nós podemos ver no quadro seguinte os propósitos comunicativos encontrados nos textos.

| | | | |
|----|----------------------|--|--|
| 35 | 15 de jan. de 1928 | Sociedade “damas de caridade” | Exaltar a iniciativa de constituição de uma instituição de caridade. |
| 36 | 19 de fev. de 1928 | Carnaval | Celebrar uma data festiva como o carnaval |
| 37 | 11 de Março de 1928 | Ratificação de augúrios | Apoiar positivamente o governador Juvenal Lamartine |
| 38 | 18 de março de 1928 | Dr. José Augusto B. de Medeiros- embaixador do Rio Grande do Norte no Senado | Apoiar a indicação de Dr. José Augusto para representante do Rio Grande do Norte na instância do senado |
| 39 | 6 de maio de 1928 | Caixa Rural de Mossoró | Criticar positivamente um empreendimento local |
| 40 | 20 de maio de 1928 | No bairro dos paresões: uma conferência de. Vicente | Comparar dois rituais religiosos e avalia-los |
| 41 | 3 de junho de 1928 | Sesamo (opereta infantil de Elyseu Vianna encenação-música) | Resenhar sobre um espetáculo artístico |
| 42 | 17 de junho de 1928 | Nosso aniversário | Historiar o jornal <i>O Mossoroense</i> avaliando positivamente a sua trajetória de existência |
| 43 | 1 de julho de 1928 | Humanitário ideal | Estabelecimento da fundação de caridade para leprosos |
| 44 | 12 de agosto de 1928 | Pela mesa de rendas | Avaliar positivamente um evento destinado à elite mossoroense |
| 45 | 7 de out. de 1928 | Mossoró e a causa de sua decadência | Criticar os grandes investimentos em ferrovias quando o autor se posiciona em favor do investimento em estradas para os automóveis |
| 46 | 18 de nov. de 1928 | 15 de novembro de “Humayta f. Club”. | Avaliar positivamente o evento proporcionado pelo clube de futebol como importante para o povo |
| 47 | 9 de dez. de 1928 | O movimento Sportivo da Capital do estado: impressões do “Footballes” Julio Maciel de Lima | Expor um panorama do futebol da capital do Estado |
| 48 | 16 de dez. de 1928 | A passagem de 9º aniversário de sua morte | Relembrar a morte do fundador do jornal e destacar a importância dele como homem |
| 49 | 23 de dez. de 1928 | Administração que finda | Avaliar a administração local que está acabando |
| 50 | 3 de março de 1929 | Sua chegada ao nosso meio, de regresso dos trabalhos da | Narrar a chegada do deputado Rafael Fernandes, ainda dar boas vindas à figura |

| | | | |
|----|-----------------------|--|--|
| | | baixa camara do Paiz: A imponente recepção dos mossoroenses ao seu eminente representante. | considerada ilustre |
| 51 | 12 de maio de 1929 | Industria salifera | Criticar e sugerir ação política na valorização da indústria salifera do estado do Rio Grande do Norte |
| 52 | 7 de setembro de 1929 | O despertar de Minas | Avaliar positivamente a postura do estado de Minas Gerais no âmbito da política nacional. |
| 53 | 3 de nov. de 1929 | Minorias audazes: à margem de explorações revoltantes | Posicionar-se contra os últimos acontecimentos políticos na cidade |
| 54 | 10 de jan. de 1932 | Inexequibilidades | Criticar a divisão política de dar prioridade às outras regiões em detrimento da Região Nordeste |
| 55 | 6 de março de 1932 | O governante e o idealista | Defender a postura política do Cascard e apoiar o socialismo sadio e propor pensar a possibilidade de ir construindo uma sociedade mais socialista |
| 56 | 13 de março de 1932 | De marcha batida para o desconhecido | Apresentar questionamentos sobre os rumos da política brasileira depois da revolução de 30 |
| 57 | 20 de março de 1932 | Caveant Consules | Criticar a política nacional e as decisões “ditatoriais” que são tomadas na esfera administrativa |

Quadro 10: Propósitos comunicativos dos textos da segunda fase

As possibilidades dos propósitos comunicativos na segunda fase aumentaram consideravelmente e passaram a apontar uma maior complexidade do texto opinativo nesse quesito. Esse fato parece nos dizer que o gênero continua com o propósito de se posicionar sobre os temas referentes à sociedade brasileira, uma vez que criticar, resenhar, elogiar, defender, avaliar, sugerir correspondem também a um posicionamento.

Na terceira fase por nós avaliada, observamos algumas semelhanças com as duas épocas analisadas:

- 1) Posicionar-se a favor ou contra alguma atitude administrativa tomadas pelos representantes políticos;

48) Não sou, evidentemente, especialista em/ urbanismo. Nem esperto em praças publicas.// As minhas opiniões são de leigo, de curio-/so.// Meto a minha colher, tentativa de/ ajudar o debate, para que os assuntos es-/clarecidos, limpamente, possam encaminhar/ as soluções que atenda, melhor aos inter-/resses gerais dos mossoroenses. Entendo/ que no instante em que ofereceu ao poder/ judiciário do Estado, um local para a cons-/trução do futuro Fórum Municipal, o pre-/feito João Newton teve em vista, exclusi-/vamente, atender ao interesse publico.//
(texto n. 28, 11 de junho de 1980)

- 2) Criticar o governo em suas diferentes instâncias;

49) Aliás, a atual administra-/ção mossoroense tem primado/ em copiar tudo o que vem de/ Natal. Desde o esquema de/ limpeza pública que, aqui/ como lá, também não funcio-/na, até mesmo aos

erros nos/ cálculos dos aumentos de ta-/rifas de coletivos. As majora-/ções para as tarifas de ônibus/ são dadas na mesma propor-/ção que na capital e sempre/ sob a legação da melhoria do/ serviço, coisa que nunca/ acontece. Na capital do Esta-/do a administração pública/ está desacreditada como a da-/qui por que estão ambas cer-/cadas de auréola da incom-/petência. E isso esta mani-/festo na própria expressão do/ povo ouvido na pesquisa. E a/ incompetência em dose dupla. // (texto n. 63, 6 de janeiro de 1990)

3) Expor algum fato referente ao jornal;

- 50) Por dois dias, o jornal “O/ Mossoroense” não circulou,/ no que seria a sua primeira edi-/ção do ano de 1990. Desta vez,/ problemas com as máquinas de/ composição impediram que isso/ acontecesse. Para os que estão/ de fora acompanhando o dia a/ dia da imprensa escrita apenas/ através da leitura diária, é difícil; imaginar a luta que se faz ne-/cessária para se colocar o jornal/ nas mãos de cada um. Contudo, temos que reconhecer as inúme-/ras conquistas que foram alcançadas, até agora, pela equipe/ que vice o nosso jornal.// (texto n. 62, 5 de janeiro de 1990)

4) Sugerir ações para a administração pública;

- 51) torna-se imperativo que os órgãos de segurança se unam e coloquem na prática uma ação comum com poder e responsabilidade para assegurar, pelo menos aos que não se envolvem nas brincadeiras comuns desse tempo, uma total tranqüilidade. E um aviso: não dá para ser complacente com aqueles que colocam em perigo a vida de pessoas desavisadas. (texto n. 66, 18 de fevereiro de 2004)

5) Incitar uma reflexão sobre algum tema polêmico;

- 52) Mas, até aqui, só se conhece o destino de três dessas ambulâncias. E onde estariam as outras três tão caras ambulâncias?
- 53) São duas situações distintas que estão colocadas para a avaliação do público leitor. (texto n. 70, 15 de agosto de 2006)

Na terceira fase da nossa análise podemos observar que o editorialista se propõe a mais ações que simplesmente opinar positivamente ou negativamente. Apresentamos abaixo um quadro completo desse período.

| | | | |
|----|---------------------|-------------------------|--|
| 58 | 11 de junho de 1980 | Segunda-feira, 9 | Críticas contra a decisão administrativa e sugestão de aproveitamento de espaço |
| 59 | 25 de junho de 1980 | A denúncia de Vingt | Denúncia contra o governo estadual pela discriminação praticada por eles contra os órgãos de imprensa |
| 60 | 4 de out. de 1980 | A democracia impossível | Crítico a lei orgânica que regulamenta o estabelecimento de partidos |
| 61 | 10 de ou. De 1980 | Falas e fatos | Crítico as ações governamentais sobre a organização política |
| 62 | 5 de jan. de 1990 | <i>O Mossoroense</i> | Relatar as dificuldades pelas quais passam a administração do jornal para que possibilite a sua edição |
| 63 | 6 de jan. de 1990 | Incompetência em | Comparar criticamente a administração na capital à |

| | | | |
|----|---------------------|---------------------------------|---|
| | | dose dupla | situação de Mossoró |
| 64 | 9 de jan. de 1990 | Um ato insensível | Criticar negativamente a ação da prefeita Rosalba Ciarlini de retirar à força e com a guarda da PM, os quiosques de autônomos do centro da cidade |
| 65 | 17 de set. de 2003 | Tv propaga violência | Se posicionar contra o excesso de acesso à tv e alertar para o cuidado que se deve ter com as mídias especialmente a TV |
| 66 | 18 de fev. de 2004 | Uma preocupação precedente | Sugerir que as administrações públicas se programem para as festividades do carnaval, a fim de evitar falta de tranquilidade para os viajantes e para os locais |
| 67 | 6 de dez. de 2004 | Aqui não é o paraíso | Se posicionar negativamente sobre a administração da cidade que prioriza os adornos a resolver as situações críticas da cidade |
| 68 | 17 de julho de 2004 | Numeros que mostram crescimento | Avaliar positivamente a economia local |
| 69 | 6 de dez. de 2005 | A federalização da uern | Avaliar positivamente a proposta de federalização da UERN |
| 70 | 15 de ago. de 2006 | Onde estão as ambulâncias? | Propor reflexão sobre o mau uso das verbas públicas pela prefeita da cidade que não entregou ambulâncias compradas por um valor altíssimo |
| 71 | 17 de abril de 2007 | A municipalização do transito | Opinar positivamente sobre a municipalização do trânsito na cidade. |

Quadro 11: Propósito comunicativo da 3ª fase do jornal.

Os propósitos comunicativos dos textos mantêm, em certo grau, o mesmo teor dos primeiros textos por nós avaliados, no percurso, a nomeação do gênero não estava explícita em nenhum local dos jornais e um dos elementos que nos ajudou a categorizá-los, junto à diagramação do texto, foi o propósito comunicativo, desta forma, o propósito é um dos traços que se mantiveram no decorrer dos anos em que o Editorial é por nós estudado. Conforme podemos ver no quadro abaixo:

| 1ª fase | 2ª fase | 3ª fase |
|---|---|---|
| criticar, avaliar, influenciar, elogiar, presentar um fato, | criticar, resenhar, elogiar, defender, avaliar, sugerir correspondem também a um posicionamento | Posicionar-se a favor ou contra alguma atitude administrativa tomadas pelos representantes políticos; Criticar o governo em suas diferentes instâncias; Expor algum fato referente ao jornal Sugerir ações para a administração pública Incitar uma reflexão sobre algum tema polêmico |

Quadro 12. Propósito comunicativo das três fases

O propósito comunicativo não é, por si só uma característica estruturante, mas é responsável por ajudar a identificação e a estruturação do gênero de forma precisa, no entanto,

não pode ser tomado sozinho como critério para identificação do gênero (BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 240).

4.3.1.6 Função Social do Editorial

Os textos opinativos existem desde muito tempo, sejam eles orais ou escritos e fazem parte de uma necessidade humana de se posicionar. Os gêneros textuais opinativos cumprem uma função importantíssima na sociedade; que é dar voz a alguém que possui um posicionamento formado a partir da capacidade de análise e síntese de informações.

O Editorial remonta sua origem no artigo de fundo e essa transformação se dá a partir da multiplicidade e da atualização de funções do jornalismo, ainda no século XIX (BAHIA, 2011). Segundo o autor, ocorre uma espécie de reformulação técnica e de conteúdo em face da divisão industrial na redação, assim ao Editorial compete a função de expor a opinião do dono, do grupo de editorialistas, da instituição, refletindo os princípios que norteiam os interesses do representado.

No entanto, essa opinião não pode ser uma mera opinião fundamentada em achismos ou apenas em convicções particulares de interesses. Nesses casos em que falta uma dimensão crítica, o Editorial enfraquece e a qualidade do texto é duvidosa, principalmente no caso de apenas refletir a “opinião do chefe”, se tornando uma espécie de texto manipulado.⁶⁴

Os textos jornalísticos situados na esfera da opinião são vários; o comentário, o artigo de opinião, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica e o Editorial. O que os diferencia, além da estrutura ou aspectos composicionais é sua função. Como a opinião emerge de quatro núcleos a) da empresa, b) do jornalista, c) do colaborador, d) do leitor (MARQUES DE MELO, 2010, p. 97), podemos afirmar que os editoriais que constituem o nosso corpus, tinham inicialmente, a função de expor a opinião do jornalista, já que o jornalista também era inicialmente o dono do jornal. Nesse cenário, Mossoró era uma área de difícil acesso pela censura régia, uma cidade pequena numa área isolada, como já fora citado anteriormente, havia uma liberdade maior em relação a outros jornais da mesma época de diferentes cidades como os jornais das grandes cidades.

⁶⁴ Bahia (2011) destaca como uma característica comum aos editoriais brasileiros a quota de autoridade pessoal para as decisões sobre a natureza do editorial, assumindo assim uma conotação manipulatória intrínseca a muitos jornais do país.

Para saber mais sobre manipulação na mídia ver os trabalhos de Thomson (1998).

Nos anos de 1870 a 1872 surgiram inúmeros jornais republicanos no Brasil que combatiam a monarquia duramente e o estilo de texto combativo se disseminava e influenciava várias publicações que mais relações tinham com um manifesto e com os pasquins que propriamente com o Editorial nos moldes como o conhecemos. Assim, incentivar, exortar, chamar às batalhas e não apenas expor a opinião era função dos editoriais da época, conforme podemos ver nos trechos abaixo:

54) Por tanto, cidadãos, é tempo acordai. / Já se ouve ao longe o som da trombeta do/ anjo da liberdade.
Eia filhos da patria. //
Allons *enfants*.
(Texto n. 14, 15 de fevereiro de 1873)

Neste exemplo, o editorialista expõe numa retórica empolada, a situação de corrupção que existe na monarquia e ao final do texto convoca o povo a agir. Os textos encontrados no Jornal *O Mossoroense* no final do século XIX, principalmente dos primeiros exemplares, cumpiram a função social de combater, criticar, alertar, e defender os ideais republicanos aspirados pelo proprietário do jornal e por toda uma sociedade que estava insatisfeita com a forma monárquica de governar o país. Esses textos em tom fortemente exortativo mantinham diálogos com os pasquins e com os manifestos.

Já no século XX, anos 30, a revolução industrial chegada à imprensa provoca a divisão da figura do jornalista e do chefe do jornal, passando o editorial ter a função de expor a opinião da redação, isso no Brasil de forma mais geral, mas é conveniente lembrar que Mossoró ainda se constitui como uma cidade interiorana, com o desenvolvimento ainda lento⁶⁵.

Nesse sentido, convém enfatizar que os textos desse período continuam a tradição de lutar pelos interesses do povo:

55) **E animados em nossos largos interesses de/ trabalhar pela colectividade**, estamos convictos de/ que a estrada pelo” *O Mossoroense*” trilha-/da durante seus longos annos de vida, hade um/ dia ser atapetada de rosas verdes, symbolos da/ esperança de melhores auroras em vez de cardos/ e

⁶⁵ Nessa época chegava à cidade companhia elétrica Força e Luz, por meio da lei 76, de 2 de janeiro de 1926. Ainda nos anos 30, Lampião invade a cidade de Mossoró, em 13 de junho de 1927, pedindo a quantia de 400.000\$ ao prefeito Rodolpho Fernandes num bilhete “*Cel. Rodolpho, Estando Eu até aqui pretendo din.º já foi um a viso ahí pa o Sin Loris, si por acauso resolver, mi e mandar, im a enportança que qui nus pedi, Eu envito di Entrada, ahí porem não vindo, esta Emportança eu entraru ate hi penço que adeus queru, eu entro, i vaiaver muito estrago, por isto si vir odro eu não entro, ahí sem me respote logo. Capmº Lampião.* (Cópia do original). O prefeito montou uma estratégia de reação popular armada, impedindo que Lampião dominasse, mesmo acompanhado por mais de 50 cangaceiros, por volta de 4 horas da tarde, no conflito perdeu dois cangaceiros Colchete e Jararaca. Fonte: Notas e documentos para a história de Mossoró, Luís da Câmara Cascudo (2001).

espinhos que atormentam as lides jornalísticas de/ um orgam provinciano.//Ainda bem, levaremos avante o proposito de/ nossos antecessores.
(texto n. 42, 17 de junho de 1928)

Os editoriais, nesse contexto, cumprem uma função social atrelada aos interesses sociais, sendo os temas políticos muito comuns à época por que havia mais jornais, a leitura estava mais disseminada, as pessoas mais conscientes dos seus direitos, além do fato de que a década de 30 foi o período das revoluções⁶⁶ que ocorriam no mundo Brasil e no mundo⁶⁷, o que por si só já provocava o sentimento de que os governos deveriam ser cobrados.

A partir dos anos 80, é inegável que as mudanças tecnológicas forçaram um alinhamento dos periódicos, dos jornalistas não somente às novas técnicas, como também uma nova relação com o texto escrito (CHARTIER, 2007). *O Mossoroense* nesse período, já contava com computadores comprados na cidade de Recife e substituía as linotipos. Nesse tempo, publicava editoriais que mantinham o mesmo tom no qual buscava sempre tratar dos temas mais relevantes do cotidiano e que são de interesse geral:

- 56) Que não queiramos imputar apenas à TV a responsabilidade por tudo quanto está se vendo hoje em dia em termos de violência, mas, em contrapartida, a ela deve ser creditada grande parte da responsabilidade pela disseminação desse verdadeiro culto que se faz nos dias atuais aos movimentos de violência. Uma violência que está não apenas dentro dos lares, mas difundida por toda parte.
(Texto n. 65, 23 de setembro de 2003)

Nessa última fase, a opinião ou o posicionamento emerge da empresa, visto que o jornal *O Mossoroense* pertence à mesma linhagem do fundador e serve aos interesses desse grupo político estável e tradicional na cidade de Mossoró.

Função social 1ª fase

Função social da 2ª fase

Função social da 3ª fase

⁶⁶A década de 30 ficou conhecida como o período das revoluções por ser o período em que houve a revolta armada em Brasília, tirando do poder o então presidente Washington Luiz. Em consequência disto, chegava ao poder através de um golpe, Getúlio Vargas, que havia perdido as eleições para o indicado paulista Júlio Prestes numa eleição considerada fraudulenta e contou com o apoio dos militares para depor o presidente Washington Luiz. Nesse cenário, vários periódicos se dividiram em dois grupos; um que apoiava o presidente deposto, dentre eles os jornais de Assis Chateaubriand, *O correio da Manhã*, *O globo*, *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, e os jornais chamados de “velha ordem”, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *A noite*, *o Jornal do Brasil etc.* (MARTINS e DE LUCA, 2015, p. 166)

⁶⁷A quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, influenciou a crise disseminada em vários países, incentivando a se repensar os princípios liberais nos países. Já se pensava que a sociedade capitalista tinha muitas contradições, desigualdade social, disputa de classes. Motivados por esse pensamento e pelas inúmeras instabilidades vivenciadas, vários Países como a Itália (1922), Portugal (1926), Alemanha (1933), já eram governado pela extrema-direita e experimentavam o intervencionismo estatal.

| | | |
|---|--|---|
| <p>Combater, criticar, alertar, e defender os ideais republicanos aspirados pelo proprietário do jornal e por toda uma sociedade que estava insatisfeita com a forma monárquica de governar o país.</p> | <p>Cumprem uma função social atrelada aos interesses sociais, sendo os temas políticos muito comuns à época por que havia mais jornais</p> | <p>A função social dos textos, embora estejam em sintonia com os assuntos mais relevantes para a sociedade, defendem, prioritariamente os interesses do grupo proprietário do jornal.</p> |
|---|--|---|

Quadro 13. Síntese dos propósitos comunicativos das três fases

A função social dos textos, embora estejam em sintonia com os assuntos mais relevantes para a sociedade, defendem, prioritariamente os interesses do grupo.

4.4 A DIMENSÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DOS EDITORIAIS DO SÉCULO XIX

Nesta seção analisamos aspectos referentes à composição dos editoriais na dimensão linguístico-discursiva do editorial do século XIX, essas categorias estão contidas em Oestereicher (1994, 1996).

4.4.1 Elementos constitutivos da argumentação

A argumentação do Editorial é considerada inerente ao gênero, dado o propósito comunicativo que é tido como influenciar a opinião pública e tentar persuadir o leitor de seu posicionamento, além disso, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002), defendem que a argumentação pretende a adesão do auditório a uma determinada tese.

A argumentação, desde os estudos aristotélicos, é considerada uma atividade primordial da linguagem e à linguagem é atribuída sempre uma intenção ou um objetivo de agir sobre o outro, de convencer, persuadir. Sobre isso, nenhum texto está livre de ideologia (KOCH, 2011) e mesmo os menos argumentativos constituem-se também de argumentação, mesmo em menor grau. Koch (2001, p. 33) elenca algumas marcas de argumentativas, descritas abaixo:

1. As **pressuposições**; 2. As marcas das **intenções**, explícitas ou implícitas ou veladas, que o texto veicula; 3. Os modalizadores que revelam sua **atitude** perante o enunciado que produz (através de certos advérbios, dos tempos e modos verbais, de expressões do tipo: “é claro”, “é provável”, “é certo” etc. 4. Os **operadores argumentativos**, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva; 5. As **imagens recíprocas** que se estabelecem entre os interlocutores e as **máscaras** por eles assumidas no jogo de representações ou, como diz Carlos Vogt, nas pequenas cenas dramáticas que constituem os atos de fala.

Porém, a argumentação no Editorial não seria um único tipo presente e inicialmente não seria tão estável assim, visto que os textos ainda não apresentavam estruturas prototípicas. Pode-se encontrar narração, injunção, exposição, descrição como formas de sequenciar o discurso e o texto é visto como predominantemente argumentativo por conter marcas linguísticas que atestam isso, como as marcas citadas acima. Além dessas marcas menores, os verbos ou tempos verbais também são uma marca argumentativa para a mesma autora que recorre à teoria de Weinreich (1968) na sua obra *Tempus*.

Observaremos alguns aspectos referentes aos tempos verbais, modalização, adjetivação, citação, pergunta retórica e etc.

4.4.1.1. Os tempos verbais

Centramos nossa análise nos tempos verbais verificados nos editoriais como necessários e definidores de aspectos relativos à construção da argumentação.

De acordo com Koch (*ibidem*, p. 181), citando a teoria de H. Weinreich, “os tempos verbais podem ser classificados em dois grandes grupos, que vão caracterizar a **atitude comunicativa** do locutor como **relato** ou como **comentário**⁶⁸”. Há dois grupos em que se separam os tempos verbais; o grupo I, que diz respeito às manifestações de comentários, em que o autor toma o leitor como responsivo, chamando-o a praticar alguma ação, expressos a partir dos tempos verbais presente (indicativo), pretérito perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto, e as locuções verbais formadas por estes tempos e o grupo II em que o autor apenas narra uma história e requer um ouvinte atento, expresso através dos tempos verbais pretérito perfeito simples (indicativo), pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do presente e locuções verbais formadas por esses tempos.

O comentário partilha das intenções comunicativas do Editorial, sendo este, um gênero em que constam, predominantemente estes tempos verbais. O tempo presente, chamado também de tempo zero, é considerado principal para o mundo do comentário e é partir dele que os outros tempos do comentário surgem.

Esse aspecto, nos ajuda a entender como o Editorial se comporta ao longo de alguns anos num contexto específico de Mossoró. Abaixo, mostra-se um exemplo de como os verbos se organizam no Editorial:

68 O comentário é tido como um sinal de alerta para falar para o ouvinte que aquele discurso exige um ato responsivo, seja por palavras ou não. (KOCH, 2001, p 36.)

57) Introdução do Editorial

Impressionados com a marcha rude e/ escandalosa dos tempos modernos, **tomamos**/ a ardua tarefa de **profligar** os desmandos de/ um poder despótico e absoluto, e de **censu-rar** as incoherencias d'uma actualidade cheia [...]

58) Desenvolvimento

O mérito individual, unico que **devia/ condecorar** os homens do poder e **brilhar** nas/ altas regiões administrativas, votado ao mais/ indigno e completo ostracismo, è hoje subs-/tituido pela insignificância de petulantes me-/diocridades, elevadas somente pela vontade/ imperiosa do mais escandaloso patronato, / este monstro social e politico, que **coabrindo**/ todo o paiz por uma rêde de funcionarios/ pervertidos, **ouza** ainda **disputar** os fóros d'uma soberania absoluta. //

59) Fecho

Eis em poucas palavras deenhado o/ quadro pavoroso e tetrico das miserias da ac-/tualidade; eis o luctuoso espetaculo, que **re-presenta** um paiz em desfilada por entre as/ alas do crotêjo funebre que lhe **formão** as des-/graças da patria; eis finalmente o quadro las-/tímôso d'um imperio em decadencia, que os/ satelites do despotismo **vão** de dia a dia **ar-rastando** ao sepulchro das nações. //

(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

Nos editoriais estudados neste trabalho, o tempo presente aparece recorrentes vezes em todo o texto nos três recortes temporais, conforme visto no exemplo acima, o texto se inicia com o tempo presente “tomamos”. Disto, observa-se a introdução de elementos como verdades constatadas em que o leitor é convidado a ler e a concordar com a ideia expressa e ainda os verbos no futuro, indicam também a segurança com que se afirma algum fato ou dado.

O fato de não se demonstrar no discurso, a dúvida, a incerteza ou mesmo a falta de compromisso com o que se diz, expressa muitas vezes pelo uso do condicional, traduz a ideia de um texto pautado em verdades assumidas pelo autor como tal.

E embora haja, em alguns textos outros tempos verbais característicos de narrativas, ou que expressam a insegurança sobre o acontecido, podemos ver uma predominância destes *presente*, *pretérito perfeito*, *futuro do presente* nos editoriais estudados, e que se repetem ao longo dos anos. Exemplos de editoriais:

Nestes editoriais, percebe-se que, considerando os verbos utilizados, pertencem ao mundo do comentário, em que se persegue a argumentação a respeito de uma ideia, afirmada com certeza, considerando as escolhas verbais, e o fato de se repetirem, nos textos como editoriais podem nos dizer que neste aspecto, o Editorial preservou as características relativas ao modo dizer e de argumentar.

Além disso, há a permanência do uso dos chamados semitempos verbais em que não conseguem sozinhos expressar informações completas e estando ligados à alguma outra forma, das quais têm dependência para serem eficazmente completas de sentido.

Sobre a estrutura do Editorial, normalmente se inicia com verbos no presente do indicativo para inicialmente, afirmar a posição que se quer defender ao longo do desenrolar do texto.

Feita a introdução, há uma miscelânea no uso de verbos tanto do grupo que corresponde ao relato quanto ao que corresponde ao comentário e ainda o uso dos semitempos verbais. O uso do grupo dos verbos que indicam uma narrativa se justifica, em certa medida, pela necessidade de se ter audiência de um leitor atento e “ouvinte”, de uma narração que será preparado para argumentação e a opinião dada pelo autor do texto. Em todas as épocas, pudemos observar tal estrutura que se mantém.

E na última parte do texto, o fecho, há diferenças quanto à forma de finalização e reafirmação dos argumentos. Em alguns textos, há a predominância dos verbos no presente e em outros, mesmo em menor quantidade, há a predominância dos verbos no futuro. A diferença se dá pela escolha do autor de, ou reafirmar o que se disse, com o tempo presente, ou expressar desejo ou previsão em relação ao tema exposto.

4.4.1.2 Ponto de vista discursivo

Os limites entre os gêneros são, muitas vezes, fronteiras tênues e que necessitam de acuidade para uma adequada classificação dos textos, nesse sentido o apoio das formas, conteúdo e do propósito corroboram para que se tenha segurança na classificação dos textos.

Dessa forma, o ponto de vista discursivo dos editoriais é um desses elementos composicionais dos editoriais do jornal *O Mossoroense* que se mantêm no percurso histórico por nós analisados. Ele demonstra a adesão do autor do texto ao conteúdo explicitado, às ideias defendidas no desenvolvimento, sendo um indício de tomada de posição, assim como a adjetivação, a modalização, o uso dos verbos em primeira pessoa.

- 60) Desta **vamos** tractar hoje neste nosso po/brissimo artigo, das mentiras que lhe deram/ o ser, e das que lhe são congenitas **tractare-/mos** em outra occasião, - quanto e como/ **poder-mos.**//
(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)
- 61) Quando à apresentação qua-/se não **podemos** destacar/ personagens. Todas incarna-/ram magnificamente seus pa-/peis. No entanto, como es-/quecer o mimoso grupo de/ Girls, onde a petisada se/ desempenhou maravilhosa-/mente?!
(Texto n. 3 de junho de 1928)
- 62) Diante deste quadro **rea-/firmamos** que não poderia há-/ver clima para festa. Essas/ administrações viram passar o/ seu primeiro ano debaixo do/ crivo exigente do povo que se/ sente por elas enganado, pois/ ambas se travestiram de so-/cialistas e foram a praça pú-/bica, vestindo a camisa do/ PDT, com promessas dema-/gógicas e mirabolantes que se/ tinha a certeza, não cumpri-/riam.

(Texto n. 63, 6 de janeiro de 1990)

- 63) Que não **queiramos** imputar apenas à TV a responsabilidade por tudo quanto está se vendo hoje em dia em termos de violência, mas, em contrapartida, a ela deve ser creditada grande parte da responsabilidade pela disseminação desse verdadeiro culto que se faz nos dias atuais aos movimentos de violência.

(Texto n. 65, 13 de setembro de 2003)

Essa marca se mantém até mesmo nos editoriais mais recentes como o exemplar do ano de 2003, em que o editorialista evidencia forte adesão ao ponto de vista defendido, não demonstrando dúvidas ou insegurança.

Outro aspecto que evidencia o ponto de vista discursivo é o uso dos pronomes de 1ª pessoa do plural e comumente é encontrado nos editoriais do nosso *corpus* em todos os recortes, mantendo a continuidade na composicionalidade do gênero.

- 64) Mas, se tal é/ a importancia do poder municipal, co-/mo se acha elle constituido entre **nós**? //

(Texto n. 24, 11 de fevereiro de 1874)

- 65) Temos, de **nós** para conos-/co, que ainda sob este par-/ticular o idealista que res-/ponde pelos destinos da ter-/ra de Miguelinho está inde-/ne de criminalidade.

(Texto n. 55, 6 de Março de 1932)

- 66) Sob todos os aspectos os mossoroenses que por aqui mourejam sabem, porque vivemos no dia-a-dia desta cidade, que **nós** não vivemos no paraíso que a prefeitura anda pintando nos meios de comunicação e nos discursos da prefeita e seus candidatos.

(Texto n. 67, 6 de dezembro de 2004)

- 67) **Nós** até reconhecemos que uma decisão como essa demanda algum tempo para se ajustar visto que para que ela seja levada ao dia-a-dia de todos nós depende de alguns procedimentos, alguns deles que são verdadeiros entraves de ordem burocrática.

(Texto n. 71, 17 de abril de 2007)

Nesse exemplo, a adesão do autor do texto se manifesta em um alto grau e como no primeiro momento o Editorial expõe a opinião do dono que ao mesmo tempo se revela como sinônimo da instituição, os pronomes de 1ª pessoa referem-se tanto ao dono do jornal como ao próprio jornal e também inclui o leitor nesse rol.

Em nossas amostras encontramos um texto com uma ocorrência da forma “a gente”, expressão típica da oralidade, usado informalmente como substituição de “nós”. Essa forma em processo de gramaticalização de “gente⁶⁹” foi identificada pela primeira vez nos estudos de Lopes (2004) no século XIX.

- 68) E, cer-/tamente que tem os seus re-/flexos também por sobre a/ administração municipal de/ Mossoró, onde a pesquisa da/ capital apenas constatou/ aquilo que na prática **a gente/** já vem

⁶⁹Acontece um rearranjo no sistema pronominal por que o paradigma de 2ª (a gente) com o pronome de 3ª pessoa eliminam o paradigma da 2ª pessoa do plural, abrindo novas possibilidades de combinação.

denunciando diaria-/mente, como o dia-a-dia do/ mossoroense. // (Texto n. 63, 6 de janeiro de 1990)

Esse dado encontrado nos nossos editoriais chama atenção por ser uma tradição própria de contextos mais informais e oralizados, o que não caracteriza o espaço destinado ao Editorial, nem mesmo a função do texto está mais despojada para comportar essa tradição.

4.4.1.3 Modalização

Uma das pistas argumentativas que evidenciam o posicionamento do autor é a modalização. A modalização a partir de uma abordagem anunciativa é tida como a expressão do enunciador em relação àquilo de se diz (POTTIER, 1992, p. 98).

A modalização pode ser expressa, segundo Schlee (2007, p. 1321):

1- Verbos: 1.1-Auxiliar modal (dever, poder...) 1.2- Verbos indicadores de opinião, crença, saber (achar, crer...) 2- Advérbios (provavelmente, brigatoriamente...) 3- Adjetivos (necessário, impossível...) 4- Substantivos (opinião, impressão...) 5- Categorias gramaticais de tempo, aspecto, modo do verbo. 6- Algumas orações principais 7- Entonação

Nos editoriais do final do século XIX, argumentativamente o autor se coloca claramente posicionado nos textos e essa posição é demarcada pelos vários tipos de modalizadores:

a) Verbos;

69) Não **queremos** porem./ traçar na angustura destas/ columnas, a analyse completa/ e detalhada de um caracter/ e de uma intelligencia, em/ cuja estrutura se amalgamou/ uma multiplicidade de virtu-/des, que transcendem a li-/geireza de um comentario/ de jornal.//
(texto n. 48, 16 de dezembro de 1928)

70) **Desculpem-nos** as lacunas das locuções/ e das ideias; mas ouçam-nos://Diz-se que as monarchias **devem** ter bri-/lho que cegue.//E certo!//
(texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

b) Auxiliar modal *dever*;

71) He contra esta ultima especie de tyrannia/ que o povo brasileiro se **deve** prevenir e ar-/mar para que um dia possa mostrar o Sedan/ fatal ao ultimo dos seus tyrannos, reinveni-/car os direitos de sua soberania usurpada/ e dissipar do azulado ceo do cruzeiro as nu-/vens negras, que enoítão os destinos da pa-/tria.
(texto n. 12, 1 de fevereiro de 1873)

72) que Exm. Vice-/Presidente desta Provincia possa aventurar/ no periodo da existencia efemera e transito-/ria de sua interinidade administrativa, não/ pode e nem **deve** passar sem um correctivo/ energico da parte da impensa Rio-gran-/dense

(Texto n. 6, 21 de dezembro de 1872)

- 73) No nosso intender, pondo as/ cousas nos seus justo lugares – os outros/ trez poderes do estado é que **deverião** ser/ irresponsáveis perante a nacção[...]
(Texto n. 8 de dezembro de 1872)

O uso do verbo *dever* evidencia de que posição o autor do texto fala, que neste caso expressa um status de autoridade ao instruir a obrigatoriedade de uma ação.

c) Auxiliar modal *poder*;

- 74) Desta vamos tractar hoje neste nosso po/brissimo artigo, das mentiras que lhe deram/ o ser, e das que lhe são congenitas tractare-/mos em outra occasião, - quanto e como/ **poder-mos.**//
(texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

75) que Exm. Vice-/Presidente desta Provincia possa aventurar/ no periodo da existencia efemera e transito-/ria de sua interinidade administrativa, não/ **pode** e nem deve passar sem um correctivo/ energico da parte da impensa Rio-gran-/dense
(Texto n. 6, 21 de dezembro de 1872)

- 76) Não **podendo** a nação nomear o func-/cionalismo, esse so tem de submeter-se a-/quem lhe deo o ser.
(texto n. 4, 8 de dezembro de 1872)

Assim como o verbo *poder* também expressa a ideia de permissão que só é dada por quem tem autoridade ou se julga com tal poder, ou seja, revela uma força impositiva do autor.

d) Verbos indicadores de opinião;

- 77) **Sabemos** que uma tal medida não/ satisfaria completamente a grande/ necessidade publica, por não trazer/ ainda aquella somma de luz correla-/tiva ao grande numero de alumnos/ que frequenta, as 2 eschollas, os/ quaes so poderião contar cantagens/ reaes de aproveitamento, na razão de/ 25 para cada professor
(texto n. 26, 22 de março de 1874)

- 78) A imprensa,/ **cremos** nós, só deveria discutir ou disputar/ a partilha fraudulenta e egoistica que nos/ deu o quinhão desvantajoso, nos direitos/ politicos; protestar sempre contra esta le-/são enorme até q' fosse annullada.
(texto n. 4, 8 de dezembro de 1872)

- 79) Já hoje a/ imprensa **acha** no que censurar esse poder,/ já um ministro apeado na véspera disse no/ outro dia em plena camara que havia uma/ couza chamada- poder pessoal!
(texto n. 5, 14 de dezembro de 1872)

- 80) Quando nisto **pensamos**, sobe de/ potno a nossa indignação contra um/ governo ingrato e desconhecido, pa-/ra não dizer nefando e ambicioso.//
(texto n. 26, 22 de março de 1874)

Esses verbos indicativos de opinião, pensamento, crença demonstram a subjetividade do texto opinativo da época, sabemos que o texto opinativo/argumentativo apresenta um alto grau de interpretação da realidade, não correspondendo, em muitos casos, a uma verdade dos fatos, mas sim de uma ótica.

e) Adverbios modalizadores;

- 81) Eis **resumidamente** o facto lamenta-/vel e **tristemente** assombroso, parte d'-/uma imaginação escaldade no cader-/nos vinhos e da devvassidão, facto at-/tentatorio de todos os direitos legitimos, de que foi theatro esta cidade no/ dia 1 de Janeiro do corrente anno.
(texto n. 34, 3 de janeiro de 1875)

Gramaticalmente os advérbios são tidos como palavras que expressam modo e uma posição de pensamento do autor expressa na escolha lexical.

Nos editoriais do século XX, a marca linguística verbal de posicionamento parece ter se mantido e foi encontrada nos editoriais mais modernos;

a) Verbos;

- 82) Nós até **reconhecemos** que uma decisão como essa demanda algum tempo para se ajustar visto que para que ela seja levada ao dia-a-dia de todos nós depende de alguns procedimentos, alguns deles que são verdadeiros entraves de ordem burocrática. Mas, também **convenhamos** que essa proposta da atual prefeita já se arrasta por mais de dois anos.
(texto n. 71, 17 de abril de 2007)
- 83) Ora,/ se não agarramos com unhas e dentes o que/ ainda sobra, logo seremos uma cidade sem/ história, que destuiu o seu passado.
(texto n. 58, 11 de junho de 1990)

b) Auxiliar modal *dever*;

- 84) Os que acompanham de perto as ações da atual prefeita até acham que essa municipalização tão sonhada **deverá** ser feita até junho desse ano, enquanto os mais pessimistas acham que ela ainda vai a setembro.
(Texto n. 71, 17 de abril de 2007)

c) Auxiliar modal *poder*;

- 85) Quem de bom senso pode dizer que é mentira de quem afirma que nós temos em Mossoró 60 mil desempregados?
(texto n. 67, 6 dezembro de 2004)

d) Verbos indicadores de opinião;

- 86) Ao nos aproximar de uma nova chance de reverter esse cenário quando das eleições de outubro vindouro, não **percamos** de vista a eleição do dia 3, pois esta é a grande chance de modificar radicalmente tudo isso.
(texto n. 67, 6 de dezembro de 2004)

e) Advérbios modalizadores;

- 87) O deputado Múcio Sá agiu **estritamente** dentro do que previa a sua tarefa de parlamentar.
 88) [...]aludiu **exatamente** à palavra ambulância. **E certamente** isso deixou uma interrogação muito grande diante das pessoas que a ouviam.
 89) [...]um preço **absolutamente** compatível com a nossa realidade.
 (texto n. 70, 15 de agosto de 2006)

Esse traço, revela que o editorialista, embora defenda interesses de uma classe, de um grupo político, tem uma relação de identificação e adesão às ideias defendidas no texto.

4.4.1.4 Adjetivação⁷⁰

No jornal *O Mossoroense* há o uso excessivo de adjetivos usados para qualificar quase sempre negativamente os substantivos a que se referem no corpo do Editorial, sendo essa uma das características mais marcantes dos textos da primeira fase de publicação. O uso do adjetivo exprime e marca as posições ideológicas e as opiniões do autor. Sobre isso Koch (2002, p. 154) afirma que as escolhas de palavras feitas na escrita de um texto são intencionais e não seria diferente com o uso dos adjetivos, pois “é através dela [seleção lexical] que se estabelecem as oposições, os jogos de palavras, as metáforas, o paralelismo rítmico etc”.

Em relação ao uso dos adjetivos a gramática tradicional os define a partir da sua funcionalidade “caracterizam o substantivo” ou ainda como pode ser encontrado em Azeredo (2011, p. 170), podem ser de dois tipos; o que expressam conteúdos existenciais objetivos e “[...] expressam noções referencialmente variáveis ou decorrentes de opinião: passagem estreita”. Essa noção também é explicada por Borges Neto (1991), quando explica que o adjetivo estabelece dois tipos de relação com o substantivo; relação atributiva e relação predicativa.

A análise *do corpus* permitiu apontarmos que os tipos mais recorrentes de adjetivos são aqueles que expressam as noções referencialmente variáveis ou decorrentes de opinião, se configurando nesse material uma das características mais marcantes da escrita dos editoriais do final do século XIX. Além disso, muitas vezes, as adjetivações excessivas desses textos deixam os discursos empolados, floreados e prolixos, deslocando os assuntos considerados importantes para aspectos de carácter mais subjetivos.

70 A adjetivação é amplamente discutida em Borges Neto (1991) na obra denominada *Adjetivos: predicados extensionais e intensionais*. Na obra ele faz um mapeamento das perspectivas teóricas que discutem sobre o tema começando pela visão tradicional da NGB, apresentando três propostas de Bolinger (1967), de Vendler (1968) e de Zuber (1973).

O uso recorrente dos adjetivos nos editoriais do século XIX do jornal *O Mossoroense* faz com que esses textos se assemelhem aos Paquins, periódicos panfletários de “características específicas” (SODRÉ, 2011, p. 137) que pregavam a Independência do Brasil em relação a Portugal, a liberdade e combatiam a cúpula da igreja. Esse tipo de imprensa foi amplamente combatida nas províncias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro⁷¹. A linguagem dos Pasquins era verborrágica, contundente e agressiva. Considerada por Sodré “atrevida”, refletindo o ardor apaixonado das facções em divergência, chegando muitas vezes a excessos, ataques pessoais e insinuações maldosas.

Assim, as expressões usadas imprimem um valor semântico de negatividade, de desaprovação, de depreciação:

a) Adjetivos ou locuções adjetivos avaliativos que exprimem negatividade, depreciação;

90) Tem só esses **monstruosos** espetaculos o grande inconveniente de custarem extraordi-/nariamente caros.

91) Mas o peor dessas cortes Reais não é a / superfluidade, é a corrupção de **exhalam**,/ como sefossem monturos de podridões!//
(texto n. 1, 16 de fevereiro de 1872)

92) Impressionados com a marcha **rude** e/ **escandalosa** dos tempos modernos, tomamos/ a **ardua** tarefa de profligar os desmandos de/ um poder **despótico** e absoluto, e de censu-/rar as incoherencias d'uma actualidade cheia [.....]//O [paiz][...] pela **vil** e asquero-/sa ambição de seus políticos **insensatos**, que a tro-/co das maiores indignidades tudo invidão pa-/ra satisfação de seus caprichos e interesses/ pessoas, ostenta ao mundo, que o [co]ntem-/pla cheio de pasmo, o **triste** quadro da de-/pravação moral de seus homens públicos, e/ ao fundo o ponto **negro** de suas iniquidades e/ torpezas.//
(texto n. 2, 23 de novembro de 1872)

93) O homem, como todo animal, tem o ins-/tincto da propria conservação quer a vi-/da, mas não lhe basta só isto, sua razão pe-/de mais, quer o viver bem. Sendo natural-/mente **egoista** e **ambicioso** só o que pode com-/tel-o na torrente **impetuosa** dos seus desejos/ illimitados e sem duvida o interesse maior/ de todos os interesses – a sociedade que o/ garante contra a injustiça da força e o leva/ mais rapidamente o bem estar.//

⁷¹O jornal *O Mossoroense* teve o início de sua circulação em 16/11/1872, época em que a situação política do Brasil estava entrando em colapso com o regime monarquista na figura de D. Pedro II como Imperador. Schwarcz e Starling (2015, p. 617) esclarece que em 1870 o *Manifesto Republicano* foi publicado num jornal político de São Paulo. No âmbito mundial dava-se o início a Segunda Revolução Industrial, com o desenvolvimento da eletricidade, da siderurgia e da petroquímica. Acontecimentos importantes para que intelectuais da época se rebelassem com a condição de país escravocrata e com um regime de governo absolutista como era o país no século XIX. Apesar de ter todas as características dos Pasquins com o uso excessivo da adjetivação, uso da linguagem atrevida, de ataques à sociedade local o jornal não sofria penalidades em sua circulação porque sua publicação se resumia a uma área situada longe do controle Real (Mossoró, apesar de ser uma área estratégica que fica entre Fortaleza (CE) e Natal (RN), à época ainda era considerada uma província do interior e de difícil acesso). Isso dificultava o controle e a censura da Coroa. De acordo com Sodré (2011, p. 136) “para encontrar jornais livres era preciso viver nas áreas rebeladas, como em Pernambuco de 1824.” Como podemos atestar, não era o caso do jornal ora analisado.

- 94) Em outros tempos, que não vão muito/ longe, o poder **irresponsável** era acusado/ de **tibio, fraco, condescendente** de mais/ com o executivo que atrás e horrivelmente/ menosprezava as leis.//
(texto n. 5, 14 de dezembro de 1872)
- 95) A despeito do sepulchro, que a indigna-/ção nacional ergueo já ao execrando e sem-/pre **detestável** ministerio – 7 de março- com--/tinua este arrastar o pezado fardo de sua/ **desgraçada** existencia.// Essa **negra** constellação de satellites, que girando em torno do planeta **irresponsavel/** tem ensombrado o paiz de nuvens **de tor-/pezas** e levado aos confins do imperio o tem-/pestuso [...] e suas [iniquidades], sobre-/carregando a sombria atmosphaera social e/ politica, em que a custo pode respirar uma nação/ **angustiada**, paira ainda nas altas re-/giões administrativas ostentando ao mundo/ em cynismos de soberano desde a gloria/ ephemera d'uma existencia **morta**, apenas/ sustentada pelos caprichos do Jupiter imperial.//
(Texto n. 12, 1 de fevereiro de 1873)

Essas escolhas lexicais carregadas de uma negatividade exagerada revelam o descontentamento do editorialista em relação ao governo imperial e o tom combatente do seu discurso contribui para que o leitor claramente identifique o lugar de onde ele enuncia os seus dizeres. Podemos notar que as escolhas negativas sempre estavam relacionadas à temática do poder monárquico, o que é indício e ao mesmo tempo prova de que o editorialista defendia o seu ponto de vista ideológico sob forma de ataque.

No início do século XX, o regime governamental, embora se tratasse da república ou nova república, a história política do Brasil tem mostrado que a nação sempre esteve dividida entre ser situação totalmente defensora do poder ou dos grupos que estavam no poder e ser oposição dura e crítica aos grupos vitoriosos.

A adjetivação com efeito depreciativo também era encontrada nesses editoriais, como podemos observar nos excertos abaixo:

- 96) Effectivamente, como no/ cycli das “salvações milita-res” o nosso povo, **sedento/** de liberdade, **cansado** de ter/ sobre seus hombros o **continuo** azorrague dos snrs./ **mandões** da primeira repub/blica, recebeu com enthusias-mo, com o clamor da maior/ alegria, a avançada victorio-/as dos que realizaram e 24/ de outubro.
(texto n. 56, 13 de março de 1932)
- 97) **Incapa-/citados** de realizarem a res-/tauração, a moralidade e o/ governo que prometeram,/ esses **debeis** pimpolhos da/ politica revolucionaria insur-/gem-se contra a propria im-/prensa que lhes não tolera/ a mediocridade, e para ella/ pedem o rastêlo da censura/ **reaccionaria** e **recrementicia!**//
(texto n. 57, 20 de março de 1932)

No entanto, a quantidade de adjetivos com sentido negativo caiu consideravelmente, o que pode revelar, talvez não um contentamento geral, mas uma conformidade parcial com as ações políticas e governamentais tomadas pelo grupo representante do povo. Ao passo que nos anos 80 do mesmo século e sempre relacionando a mesma temática, a escolha dos adjetivos parece ser mais cuidadosa e num tom mais polido:

98) Apresentou uma queda ainda maior que os ou-/tros. Desculpa **rota**, porém, uma vez que no Es-/tado do Rio, o descenso será explicável por fa-/tores tão fortes como a presença de correntes/ mais ativas na oposição ao governo federal e ao/ sistema, como sejam o PMDB, OPDT e os se-/tores engajados na esquerda.//
(texto n. 61, 10 de outubro de 1980)

99) Em primeiro lugar só se/ pode atribuir a muita insensi-/bilidade essa atitude pratica-/da pela PMM agindo de for-/ma **autoritária, arbitrária, in-/discriminada**, contra pobres/ pais e mães de família que/ não têm outra forma de ga-/rantir o seu sustento nem o/ sustento dos seus.

O exagero característico dos editoriais da primeira fase parece ter sido realinhado com o passar dos anos, provavelmente com uma intenção de estabelecer uma opinião mais centrada nos fatos que propriamente no julgamento do editor. Nota-se que dos anos 80 até a atualidade, a opinião ainda é sim a finalidade do texto editorialístico, o que é uma característica estruturante do gênero, no entanto, parece-nos que a forma de opinar sofreu transformações quanto ao modo de influenciar. Não seria mais a exposição de um julgamento individual do editor, da instituição, mas a colocação de argumentos que direcionariam a tomada de posição do leitor. Sobre isso, as escolhas dos fatos abordados, o tratamento dado a eles é que seria agora, o principal requisito para ser pensado enquanto editorialista.

b) Pudemos encontrar também em nossos exemplares do século XIX e no século XX, vários adjetivos avaliativos com valor semântico de positividade, afirmativos ou favoráveis;

100)A imprensa, a geração **nova**, e as ideias do/ seculo já vem entrando as portas do Oriente/ no carro **civilizador**, e o partido liberal de/ Mossoró que se levante **cheio** de fé, **rico** d'es-/peranças e **animado** do mais **nobre** enthusi-/asmos para sahir ao encontro dessa locomoti-/va **magnífica**, aguarda o dia do sahimento fu-/nebre do seu tyranno oppressor para assistir/ aos **explendidos** festins da liberdade e cantar/ hozanas ao Rei **immortal** da criação.
(texto n. 3, 30 de novembro de 1872)

101),/- o nosso futuro Senador/ foi sempre uma individuali-/dade de actuação **serena**, mas/ **inconfundível**, creando em/ derredor do seu nome uma/ aureola de **justa** admiração,/ pelo prumo das attitudes,/ pela proficuidade na acção,/ pela **forte** projecção intellec-/tual com que encarou e re-/solveu os mais **importantes**/ problemas sociaes, economi-/cos e políticos.//
(texto n. 38, 1 de abril de 1928)

Nos editoriais do final século XX, observamos que os adjetivos valorativos com valor semântico de afirmação/comprovação quase não aparecem nos exemplares analisados. Essa é uma tradição própria do gênero Editorial que têm como propósito comunicativo, dos século XX até a atualidade: i) posicionar-se a favor ou contra alguma atitude administrativa tomadas pelos representantes políticos; ii) criticar o governo em suas diferentes instâncias; iii) expor algum fato referente ao jornal; iv) sugerir ações para a administração pública; v) incitar uma

reflexão sobre algum tema polêmico, ou seja, objetivos diferentes com compartilham sempre alguma tendência para posicionamento, o que é feito, inclusive, a partir da adjetivação.

4.4.1.5 A citação

A citação num texto é vista como uma característica erudita do escritor que denota um certo grau de conhecimento, de outras leituras, outras análises bem como confere intertextualidade a um texto. Kabatek (2012, p. 586) caracteriza a citação como uma tradição discursiva que pode compor outras tradições “Num texto no qual aparece uma citação literária, a citação mesma já é uma tradição, assim como o é a tradição da ação de citar”, como é o caso dos textos acadêmicos em que citar outros autores se faz necessário para provar a amplitude do conhecimento discutido no gênero acadêmico. No caso dos editoriais, a citação era uma tradição discursiva que compunha esse gênero no século XIX e que passou a não mais ser encontrada nos editoriais atuais no jornal *O Mossoroense*.

Nos textos por nós avaliados, a citação é uma das características estruturantes que deixaram de existir nos editoriais atuais, mas que era uma estratégia amplamente utilizada como uma característica da escrita do gênero à época. Ela foi encontrada em estudos de gêneros editorialísticos, como por exemplo, de Gomes (2007) e de forma semelhante o que parece ser indício que era uma tradição textual da época.

Bazerman (2011a) faz menção às técnicas que conferem intertextualidade a um texto e dentre elas, menciona a citação direta, indireta, menção a uma pessoa ou documento, comentário ou avaliação acerca de uma declaração do texto ou da voz evocada, estilos reconhecíveis e usos de linguagem que ecoam de certos textos sejam eles orais ou escritos.

Encontramos em nossos primeiros editoriais vários modos de citação; no título, em forma de subtítulo, no corpo do texto e como fechamento.

a) Em forma de subtítulo:

102) *Ambos florentes atalibus, Arcades ambo.* (Texto n. 15, 22 de fevereiro de 1873)

b) No corpo do texto:

103) Esse grande genio que voa la pelos altos/ pincaros das hespanhas seberá volver um/ olhar de piedade e compaixão para os sel-/vagens d’America e repetir estas sublimes/ palavras do cordeiro do Golgota://*Pater, ignosce illis, quia nesciunt quid/ faciunt.* // (texto n. 18, 22 de março de 1873)

104) *E no teu craneo ó povo/ No teu craneo sem luz, que elles derramam/ Das vãs superstições a flama inutil;/ É sobre as rudes masas/ que elles desfêcham da ignorancia o pezo./ Se oscuro pregador, fauno devasso/ Sobre ao pulpito audaz, como um bandido,/ e, lubrico, fareja/ As lubricas beatas,/ Tu,*

generoso, os escoltas!// Nunca ninguém te dice << A ignara besta/ Quer do teu rude braço o forte auxílio,/ Para mais livre s'esponjar na na infamia!//
(texto n. 20, 19 de julho de 1873)

c) No fechamento do texto:

105) Que proferiste/ ao realisar o sacrificio immenso: *Com-/summatum est!>>*
(Texto n. 27, 3 de abril de 1874)

Todavia, nos textos mais recentes não encontramos a citação direta com frequência, principalmente excertos de textos literários. Apenas um caso de menção a discursos que possam conferir erudição ou atestar alguma afirmação dita pelo editorialista. Essa seria uma mudança na composicionalidade da tradição discursiva, a descontinuidade no traço de evocar uma citação como recurso argumentativo largamente usado nos textos jornalísticos do século XIX.

106) Diz Jaime Hipólito Dantas, que parece adept-/-to do aproveitamento daquela praça para/ a construção do Fórum Municipal, diz Jaime,/ qu eali não há nada: “...sequer calçada/ para se pidar. Ou grama. Ou um arbusto”.
(Texto n. 58, 11 de junho de 1980)

Neste caso, ainda encontramos um exemplar com a citação direta no ano de 1980, no entanto, não se trata de uma citação literária como as que eram comumente encontradas mas de uma citação de fala de alguém considerado importante, o que aumenta a força argumentativa do texto. Em outros editoriais mais recentes o traço citação não se manteve na composicional tradicional do gênero.

4.4.1.6 Pergunta retórica

O entendimento comum que se tem de pergunta retórica é de que ela é uma estratégia argumentativa que insere o leitor na participação do texto e o conduz a pensar sob o prisma de quem elabora a pergunta. Trata-se de uma estratégia amplamente utilizada nos primeiros editoriais:

107) Poderia a cazo o Mossorò pertencer eter-/namente a um verdugo, que o tem esmagado/ e comprimido em um circulo de ferro, obsti-/nando –se a reduzil-o uma cegueira perpe-/tua, a uma perpetua escravidão?! Não se/ lembrava que devia aparecer finalmente a/ luz do espirito para afugentar o anjo das tre-/vas que presidia à negra noute das almas?!
(texto n.3, 30 de novemenbro de 1872)

O autor do texto elabora a pergunta e já detém a resposta e essa é uma estratégia bastante recorrente nos editoriais dos dois primeiros recortes e em várias ocorrências apresenta um tom irônico e sarcásticos, visto que o estilo dos editoriais da época é combativo e extremamente crítico.

Como uma estratégia é muito pouco recorrente nos editoriais mais atuais só constatamos a ocorrência em um exemplar dos modernos:

108) Quem de bom senso pode dizer que é mentira de quem afirma que nós temos em Mossoró 60 mil desempregados? Ou que por aqui vivem nada mais, nada menos de 20 mil trabalhadores rurais sem terra? Ou ainda: que por aqui vivem nada menos de 30 mil pessoas sem uma casa para morar?

(Texto n. 67, 6 de dezembro de 2004)

Observou-se que essa é uma estratégia que não se repete com tanta frequência nos textos atuais, de forma que o estilo do Editorial mais moderno é mais direto, sem a linguagem empolada da imprensa colonial.

4.4.1.7 Atributos do Editorial

Ainda sobre os critérios e características do Editorial aponta quatro atributos específicos Beltrão (1980 *apud*. MARQUES DE MELO, 2003, p. 104):

Impessoalidade (não se trata de matéria assinada, utilizando, portanto, a terceira pessoa do singular ou a primeira pessoa do Plural); topicalidade (trata de um tema bem definido, mesmo que ainda não tenha adquirido configuração pública), condensalidade (poucas ideias, dando maior ênfase às afirmações que às demonstrações), plasticidade (flexibilidade, maleabilidade, não dogmatismo.)

Em nossos exemplares, o aspecto da impessoalidade se mostrou análogo, conforme pode ser visto no excerto, constata-se que no primeiro intervalo averiguado, o aspecto da impessoalidade não sofreu variações, aparecendo nos textos a terceira pessoa gramatical, expressa pelas desinências de pessoa *-mos*, 1ª pessoa do plural e em menor número de ocorrências, a terceira pessoa do singular.

109) A constituição, a mais liberal, e a mais sabia/ do mundo, que **nos** foi imposta por von-/tade absolutamente soberana, no meio das/ commoções e dos terrores, e forçosamente/ por **nós** aceita, como uma taboa de salvação./ para não ser uma verdadeira trapaça, seria/ preciso que não criasse as especies, que dis-/sesse a verdade, e ainda mais, que não men-/tisse; mas não, mente, e mente sempre!/
 Texto n. 1, 6 de nov. de 1872

- 110) Impressionados com a marcha rude e/ escandalosa dos tempos modernos, **tomamos**/ a ardua tarefa de profligar os desmandos de/ um poder despótico e absoluto, e de censu-/rar as incoherencias d'uma actualidade cheia [.....]//
 Texto n. 2. 23 de nov. de 1872
- 111) A' hora, em que escrevemos preocupa to-/dos os espiritos e prende a attenção publica/ do norte ao sul do império a questão magna,/ que tendo de á muito se agitado entre a/ maçonaria brasileira e os bispos ultramon-/tanos do paiz, por cauza do jesuitismo, aca-/ba de provocar da parte da população per-/nambucana a mais terminante e seria ma-/nifestação contra os ultimos attentados do/ Exm. Diocezano que chega[rao] ao auge do/ delirio ordenou por meio de uma circular.
 Texto n. 11, 25 de Jan. de 1873

Os pronomes possessivos também aparecem em grande parte dos editoriais mais antigos, como forma de marcar o posicionamento do Editorial em relação ao referente exposto, ou ainda, para tratar de forma mais parcial a opinião exposta na argumentação.

- 112) No **nosso** intender, pondo as/ cousas nos seus justo lugares – os outros/ trez poderes do estado é que deverião ser/ irresponsáveis perante a nacção, assim co-/mo é o artista na execussão d'uma obra/ para com aquelle que lh'a não encommen-/dou.
 (Texto n.º 4. 8 de dezembro de 1872)
- 113) Continuando nós a tractar ainda do po-/der irresponsável o **nosso** fito é somente ap-/presental-o como uma causa; os seus effeitos/ são os que se dão todos os dias e que todos/ nós soffremo-lhes os damnos, estão nas dores/ de cada um, não há poder esquecel-os. /
 (Texto nº 5. 14 de dezembro de 1872)
- 114) A **nossa** própria extensão territorial è uma razão irretorquível para que novas composições não dessem aos **nostros** estados.
 (Texto n. 54, 10 de janeiro de 1932)

No entanto não se identificou a personalidade típica do primeiro momento do Editorial no Brasil, nos anos mais recentes dos nossos exemplares. Registramos, por conseguinte, um tom demasiadamente impessoal e institucional. O que confirma a tese de Beltrão sobre esse aspecto, no nosso corpus e o que se assemelha ao estudo de Gomes (2007) .

Sobre a topicalidade, na maiorias dos nossos exemplares tratou-se sobre a política nacional e local, variando sempre em função de conflitos e críticas administrativas, de responsabilidade e obrigação de direitos sociais dos gestores para com a população, num tom claro e direto de denúncia e combate.

Sobre o aspecto da condensalidade, em que se priorizam as afirmações em detrimento das demonstrações para efeito de argumentação, os editoriais mossoroense apontam regularidades dos moldes tidos na literatura corrente como característicos do gênero. Nesse aspecto, as afirmações sobre a temática revelam a preocupação com o assentamento e a instauração da posição ideológica, seja ela de combate, polêmica ou mesmo de consonância.

- 115)** Os direitos sociaes postergados acada momento, a constituição violada em seus princípios mais puros e mais santos, e os interesses do provo intregue aos caprichos e desvarios de uma corte adulatora e corrompida, eis o painél, que se ostenta aos olhos da humanidade soffredora
(Texto n. 2, 23 de novembro de 1872)

No fragmento, o discurso permanece na afirmação “ a constituição violada em seus princípios mais puros e mais santos” sem, no entanto, ser possível desenvolver em que sentido e de maneira essa afirmação se confirma. A condensalidade não era um fator característico do Editorial em suas primeiras aparições, nos nossos exemplares, havia em nossos textos o exagero lexical para falar sobre o tema escolhido e essa espécie de “verborragia” poderia dificultar consideravelmente a interpretação do enunciado.

A demonstração, a nosso ver, aparece em poucos exemplares apenas, o exemplo abaixo consta do ano de 1980.

- 116)** A consequência prática do assunto foi /a asfixia ainda maior das expressões locais, pedra/ de toque de qualquer sociedade democrática./ Assim como no plano de distribuição das rendas,/ o município passou a ter apenas 5% delas, os Estados foram sacrificados ao centralismo global./ Na organização política realizou-se o mesmo
(Texto n. 60, 4 de outubro de 1980)

Nesse caso, observa-se que dados e exemplos foram utilizados como argumento do que havia sido afirmado antes. Embora toda prática discursiva seja essencialmente argumentativa (KOCH, 2011), a argumentatividade pode acontecer em menor ou maior grau, dependendo inclusive do tipo textual. Seguindo esse critério de tipo textual, é mister dizer que o Editorial é, em suma, um gênero argumentativo mas que apresenta também outras formas de organizar o texto.

4.4.1.8. As palavras e expressões estrangeiras

Uma característica que nos chamou atenção na leitura dos editoriais dos primeiros números, além da linguagem densa, cheia de adjetivos e frases longas e um estilo rebuscado foi a presença de termos estrangeiros nos textos. Nós conseguimos constatar o aparecimento de três idiomas distintos; o latim, o inglês e o francês.

No primeiro intervalo de tempo, nos anos finais do século XIX, o uso da língua latina era bastante forte, e era introduzido em citações, em passagens bíblicas com fins de passar uma mensagem relativa à discussão travada no Editorial. O latim⁷² aparecia em maior número e

⁷²Gomes (2009) registrou várias citações de origem latina no corpo do editorial. As passagens encontradas por ela tinham sua introdução feita pelo verbo *discendi* que é aquele que é tido como introdutor de outros discursos e de falas nos textos.

por ser considerada uma língua clássica confere erudição ao escritor que utiliza com pertinência os termos e expressões.

117) Quem Deus **dementat perdit!** //(Texto n. 2, 30 de novembro de 1872)

118), **Si fractus illabatur orbis, im-/pavidum ferien ruinae** (texto 6, 21 de novembro de 1872)

119) **Ambos florentes atalibus, Arcades ambo** (texto n 15. 22 de fevereiro de 1873)

120) Proclamados **urbi et orbi** como/ os maiores inimigos do progresso humano. (Texto n. 15, 22 de fevereiro de 1873)

121)[...] e repetir estas sublimes/ palavras do cordeiro do Golgota:// **Pater, ignosce illis, quia nesciunt quid/ faciunt.** //(texto n. 18, 22 de março de 1873)

122) DEUS disse: **Fiat lux**, (texto n. 20, 19 de julho de 1873)

123) Mas/ acaba confessando ser elle << **jus institutum**>> e/ como tal digno de ser obedecido. (texto n. 22 , 8 de novembro de 1873)

124) Só assim pertencerá livremente a-/quella o fiel e a este o cidadão e se/ realizarão completamente as palavras do proprios Christo:// **Detur Deo quod est Dei, et Cesaris/ Cesari:// Eis as peças://** (Texto n. 28, 12 de abril de 1874)

125) dizer-lhe Christo ao paralitico:// **surge et ambula**, levanta-te e prose-/gue;(texto n. 29, 19 de abril de 1874)

Nesses casos, alguns trechos vinham acompanhados de sua tradução e outros apenas eram citados sem a tradução. O uso das expressões latinas se justifica em parte, por ser a língua oficial da igreja Católica e por se tratarem as passagens inseridas nos textos, muitas vezes de excertos bíblicos com finalidade formativa.

Nesse período em que se nota a grande aparição de expressões e palavras latinas no texto, tem-se uma influência significativa da disciplina de latim nos currículos escolares nacional, começando a decair sua presença e a ser diminuída dos currículos escolares a carga horária destinada à disciplina, a partir da metade do século XX.

Sobre a presença de expressões latinas em textos jornalísticos ocorrem em discursos mais estilizados, quando se quer imprimir uma eloquência no texto.

O idioma Francês teve um registro, apenas num fechamento do texto, pois o contato dos estudantes brasileiros com o idioma ainda não era tão forte quanto na segunda metade do século XX, quando o francês passou a integrar mais fortemente o currículo brasileiro superando, inclusive a disciplina de latim, sendo o francês obrigatório e as outras disciplinas de línguas estrangeiras, optativas (SANTOS SOBRINHO, 2013).

Em francês, destacamos apenas o exemplo abaixo encontrado na primeira fase recortada para análise:

126) *Allons enfants*. (Texto n. 14, 15 de fevereiro de 1873)

O francês embora já tivesse uma importância reconhecida como língua viva, pois o argumento de ser uma língua morta é que justificou a retirada do latim dos currículos escolares, ainda não havia atingido tão fortemente a cultura escrita no Brasil colonial. No entanto, o contato com os modelos de textos europeus, trazidos pelos viajantes, pelo navios, eram conhecidos e divulgados entre o público leitor, o que faria essa língua aparecer em muitos textos jornalísticos da época.

O Inglês crescia também com as outras línguas estrangeiras e sua influência já era vista em áreas como o futebol, áreas tecnicistas e na influência literária, e consumíamos muito do que era produzido na europa, culturalmente falando.

127)[...]ãos clubs fazendo *mieting* e reuniões po-/pulares (Texto n. 11, 25 de janeiro de 1873)

A segunda fase do nosso recorte houve uma diminuição considerável no número de expressões estrangeiras, mas principalmente do latim. Toda a problemática em que estava envolta a língua latina e o seu ensino no Brasil, a discussão apresentada pelo professor José de Leite Vasconcelos, em uma turma de 86 alunos em que falava da importância do Latim para os falantes de português (SANTOS SONBRINHO, 2013), num contexto em que a língua latina saía de cena das escolas brasileiras, demonstra a importância das decisões políticas nas ocorrências linguísticas.

As mudanças econômicas e sociais pelas quais a Europa passava e a influência que fazíamos questão de ter “a elite colonial era naturalmente bastante zelosa dos valores europeus, buscando assimilar e preservar ao máximo os modelos de cultura e de língua vindos d’além mar” (LUCCHESI, 2015), faz-nos aceitar facilmente as expressões estrangeiras que aqui chegassem, sem ambicionar que a língua portuguesa tivesse um referente para os termos estrangeiros. Ademais, a questão estilística parece se sobrepor a questões da língua vernácula.

O inglês, nesta segunda fase, foi privilegiado em relação ao latim e ao francês, pois, o Brasil sofre, nesse período, influências da industrialização tardia, tanto culturais – quanto a imprensa que impactou a escrita e a cultura letrada- quando linguística, que possibilitou o contato e o empréstimo linguístico.

- 128) ...o centro princi-/pal de exportação e importa-/ção de ricas regiões do nosso/ **hinter land** (Texto n. 45, 7 de outubro de 1928)
- 129) Foi uma recepção brilha-/te a que teve terça-feira ulti-/ma, o deputado Rapahel Fer-/nandes, <leader> da nossa/ bancada na camara Federal/ e Prefeito deste município.//(texto n. 50, 3 de março de 1929)
- 130) Ainda neste particular po-/demos evocar os periodos/ que Oliveira Vianna escre-/veu, retratando o **SELF-GO-/VERNMENT** de todo o Brasil (texto n. 56, 13 de março de 1932)
- 131) Pouco ou nada valem, nu-/ma hora de insanía e de/ confusão, a palavra dos mais/ experimentados, o conselho/ dos mais práticos, a razão/ imponderavel dos meios ter-/mos: IN MEDIO STAT VIRTUS./ Apegados a ideias que entre/ si se collidem, de olhos vem-/dados a inteireza das medi-/das que constroem, alardean-/do programmas que nos são antagonicos, jogam com os/ destinos da nacionalidade e,/ ainda por cima – SANTA SIM-/PLICITAS!-

Nos editoriais mais modernos não encontramos nenhuma expressão de língua estrangeira, nenhuma referência a termo técnico ou mesmo expressões abasileiradas. Disto, podemos deduzir que esse traço deixou de existir nos editoriais atuais, o que pode ter ocorrido para que esse traço desaparecesse so acha respaldo no fator textual – seria uma espécie de arcaísmo textual inserir expressões latinas, por exemplo, num texto Editorial mais arrojado e com uma construção estrutural menos massuda que os editoriais mais antigos.

No caso das línguas neolatinas e anglo-saxônica, parece-nos que o francês, por exemplo, teve sua influência linguística bastante reduzida, desde a saída de sua obrigatoriedade nos curriculos escolares, ao passo que o inglês foi altamente valorizado tendo como obrigatoriedade a sua presença em todos os cursos básicos de formação, além da revolução tecnológica que foi encabeçada pelos países que falam língua inglesa e a hegemonia do inglês mundial é possível por à comunidade que detem o poder de uma técnica confere à autoridade para nomear – Know how.

4.4.2 Aspectos diversos

Nesta seção serão analisados os aspectos formais convencionais dos textos editoriais, dentre eles, a pontuação, outros recursos gráficos, a ortografia.

4.4.2.1 A pontuação e aspectos gráficos convencionais

A pontuação é um dos aspectos que *a priori* chama atenção nos editoriais por se tratar de uma representação gráfica diversa da que hoje conhecemos. O primeiro ponto que chama

atenção é o uso descomedido dos pontos de interrogação e de exclamação e essas ocorrências serão abordadas logo mais a seguir.

A pontuação desperta, há tempos, um debate interessante em relação ao seu uso. Segundo Rocha (1997), embora pouco se tenha dito de novo sobre a pontuação ao longo do tempo, sabe-se que há um embate sobre se ela obedece a leis fonológicas ou a leis sintáticas.

Alguns conceitos baseados nas regras fonológicas para o seu uso, afirmam que ela serve para dar marcação aos aspectos prosódicos da fala ou da leitura. Gomes (2009) mostra que há uma aproximação entre a língua escrita e do falado e que essa aproximação é bem longínqua.

Rocha apresenta uma síntese das posturas teóricas tomadas por vários linguistas que estudaram a questão:

Com a primeira postura, encontramos Nunberg (1990:6) que considera a pontuação de fato como um subsistema lingüístico, portanto, a ser encarado como parte do sistema mais amplo da linguagem escrita.

Outro com a mesma posição é Tournier (apud Perrot, 1980:67), para quem a pontuação está no âmbito da escrita e não da fala, em razão de seus signos não serem pronunciados.

Smith (1982:156) também considera a pontuação exclusivamente no domínio da escrita, servindo apenas para delimitar os significados no texto e representar certas convenções da escrita, necessárias à sua consistência.

Já Halliday (1989:34) assume a segunda postura, considerando a pontuação relacionada tanto com a gramática, como com a fonologia. E diz mais: "se alguém está escrevendo um discurso conectado em inglês, a pontuação pode ser assumida (e é inconscientemente interpretada) *indiferentemente* como marcando unidades gramaticais ou marcando unidades prosódicas" (1989:36). É mais uma questão de *estilo*, de livre escolha do redator, podendo, inclusive, haver uma combinação dos dois modos de pontuar (No item 2.3., aprofundaremos os estilos de pontuar

Para Catach (1980:22), a pontuação também deve ser vista na segunda perspectiva de análise: "sintaxe, pausas, entonação e sentido são absolutamente inseparáveis, mesmo se nós os distinguimos para análise.

Neste sentido, a aceção mais aceita e justificada na nossa abordagem é a de que a pontuação exerce um papel interdisciplinar, assim como defende Halliday (1989), ora pode servir para demarcar entonação, ora para organizar a disposição dos sintagmas no texto.

A pontuação sofreu muitas mudanças desde seu aparecimento na escrita e é defendida por Pessoa (1997), a ideia de que o texto escrito estava mais direcionado à oralização e não à leitura silenciosa. Mas a principal mudança se deveu ao nascimento da imprensa, que trouxe inúmeros caracteres e marcas específicas, sem as quais, a escrita não teria o mesmo funcionamento (ROCHA, 1997).

Nos editoriais, observamos que alguns sinais de pontuação eram usados de forma indiscriminada tendendo ao exagero, tratando-se dos pontos de exclamação e da vírgula, os mais abundantes em todo o texto.

A vírgula foi usada equivocadamente em muitas passagens dos editoriais. No caso abaixo, a vírgula foi utilizada para separar um adjunto adverbial de lugar que não está anteposto, o que seria opcional, e neste caso o uso é equivocado e prejudica a interpretação e a captura rápida do sentido do texto.

132) Na bem inventada balança dos pode-/res políticos de que temos faltado, o poder/ irresponsavel por si só bastou para levar á/ baixo a concha, em que se collocou a mo-/narchia. Que absurdo!!(Texto n. 8 de dezembro de 1872)

Conforme destacou Gomes (2009), o uso da vírgula antes da conjunção e antes separando apenas dois termos enumerados foi abolido pela gramática mas é comumente encontrado nos editoriais mais antigos.

133) Logo após aos calorosos/ appalulos que cobriram as/ ultimas palavras do orador, / foi servido profuso copo de/ cerveja_e café. (texto n. 44, 12 de agosto de 1928)

Ainda verificamos usos inadequados dos dois pontos que são numa ordem crescente de pausa, maior que a vírgula e o ponto e vírgula e prospecta uma informação esperada, a fala de alguém ou algum esclarecimento ou conclusão de um trecho do texto e nos editoriais, observamos que o seu uso é indiscriminado, ora atuando no lugar da vírgula, ora no lugar do ponto e vírgula.

134) Lembre-se um dia que/ os Mossoroenses tambem são seus/ administrados; e que bem longe de/ o desejarem perseguir nas trevas co-/mo os phantasmas, antes se- applau-/dirão em bendisel-o afogados em/ eceanos de luz.// (Texto n. 26, 22 de março de 1874)

135) Arvorando-se em chefe de tribu ou Lopêz/ da localidade, tem ouzado constituir-se o ar-/bitro dos destinos deste povo sem luzes, que/ não quer ver esclarecido, para que possa com-/pletamente governal-o e dirigil-o pelos invi-/os e tortuosos caminhos da má fê e da hypo-/crezia: invocando o céo para dominar a ter-/ra[...] (Texto n. 3, 30 de novembro de 1872)

No exemplo 4, posto acima, a necessidade era de uma marcação de uma pausa mais breve já que estaria separando um dado de uma informação nova.

Os sinais de igual eram largamente utilizados nos editoriais mais antigos e nos da segunda fase analisada. Ele parecia ter valor de travessão e também foram encontrados no estudo de Gomes (2009).

136) E inutilizado quasi todos os/ nossos homens= alguns que escaparão des-/sa contaminosa deformação, cahirão na i-/nercia da indiferença. =Ninguem se quer/ interessar nos públicos negócios, uns por se/ tornarem impossiveis, outros pelo bem fun/dado receio das tristes *complicações*.

No sistema atual de pontuação, o sinal de igual não é utilizado para marcar o texto escrito, apenas no sistema algébrico, nas operações matemáticas.

O uso do ponto final não apresenta variáveis consideráveis em relação aos usos atuais, marca o final do tópico e o repouso do texto.

137) –Desobedeção, se ti-/verem coragem; o menos que lhes acontecerá/ é a despena de serviço e a negação d'um bom/ attestado – o ostracismo. (Texto n. 4, 8 de dezembro de 1872)

O travessão, ao contrário do que pudemos perceber dos editoriais atuais, é bastante utilizado como uma forma de inserir uma explicação de uma informação (exemplo 6), ou mesmo sem a duplicação, aparecendo apenas uma vez no texto. E também se verifica que seu uso é feito, por vezes, equivocadamente no lugar dos dois pontos:

138) [...] reconhecendo um/ único poder, - o da Igreja- e desconhecendo/ inteiramente aquelle, que nos graves conflictos/ tem de sar a ultima palavra- o do Estado.//

Vê-se que o último travessão não aparece duplicado e introduz uma definição que deveria ter sido inserida e marcada pelos dois pontos.

Na utilização da exclamação, percebemos que se trata de um sinal gráfico em que se apoia o editor para expressar o estado de euforia, ânimo, destaque. Além de aproximar o texto escrito da modalidade oral quando inserido próximo a palavras individuais, dando uma ideia de entonação. Relembrando o que foi afirmado por Pessoa (1997), esse texto, ao ser pontuado dessa forma poderia indicar que sua finalidade é a leitura em voz alta, como era comum à época.

139) Mentira! A principal virtude do cida-/dão bem merecido a patria è a abnegação. (Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

Nos textos atuais pouco encontramos o ponto de exclamação e essa diferença poderia residir na proposta que os textos editoriais hoje têm, que é ser o mais polido e preservados possível, de forma a estabelecer a opinião através de uma argumentação lógica e consistente.

O ponto de interrogação era também bastante utilizado e em função da mudança de estratégia argumentativa, sofreu uma queda considerável no seu aparecimento nos textos opinativos. A estrutura argumentativa dos primeiros editoriais apresentava frequentemente a pergunta retórica que direcionava o pensamento do texto e fazia o leitor aderir à tese proposta com base na indução a partir dos questionamentos com respostas esperadas.

- 140) O que não dirá o estrangeiro e a Euro-/pa civilisada boquiaberta quando uma tal/ noticia voando para alem Athantico e-/choar nas alpestres rochas do velho conti-/nente?!//
- 141) Que ideia se fará das nossas luzes, do nosso progresso dos nossos brios, da nos-/as cultura fatua ou presumida illustração/ deante da impressão triste e dolorosa de/ um factio barbaro, d'uma affronta crimono-/as e selvagem feia na capital brasileira pe-/los agentes do imperador aos paladinos da/ imprensa livre?!//
(Texto n. 18, 22 de março de 1873)

Os editoriais mais modernos já apresentam outra estruturação em relação ao ponto de exclamação e ao ponto de interrogação. Como já salientamos, as perguntas retóricas deixaram de ser estratégias de condução da argumentação e conseqüentemente, os questionamentos raramente são feitos. Já a exclamação também apresentou uma redução acentuada em função da mudança do estilo do Editorial, que agora precisa ser mais objetivo e mais centrado em dar a opinião de forma mais clara (GOMES, 2009).

As aspas simples eram bastante usadas para representar a queda de algum fonema e as aspas duplas para dar ênfase a uma palavra ou expressão e seu uso bastante frequente não teve continuidade no século atual.

Os colchetes quase não apareciam, e os parênteses eram utilizados para adicionar uma explicação a um fato anterior:

- 142) os mys-/terios, as oblações e os sacrificios dos tempos/ do paganismo (e em todos os tempos) o **fo-/ram** para **implantar** nos animos a supertição/ e o fanatismo – a ignorancia e a pretotência.//
(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

E nos textos mais recentes esses sinais gráficos quase não aparecem devido a muitos fatores, mas principalmente devido ao estilo mais objetivo que o Editorial teve de assumir na modernidade.

4.4.2.2 A interjeição

A interjeição é uma classe de palavras que indica a expressão do estado de espírito do falante e comumente é encontrada na oralidade ou em textos escritos que simulem os diálogos como as Histórias em quadrinhos (HQs), os textos literários que contenham diálogos e que tenham temáticas passionais, textos teatrais. Nos editoriais mais antigos foram encontradas várias interjeições.

- 143) Viva a religião christã! // Vivão as ideias liberaes! // Viva o povo Pernambucano! // Viva a maçonaria brasileira! // Fora os jesuitas! //
(Texto 19, 25 de maio de 1873)
- 144) Oh! Só as armas os levantamentos é/ que alterão a tranqu[ili]dale interna d'uma/ nação?!
(Texto n. 10, 18 de janeiro de 1873)
- 145) Ah!... Quem Deus dementat perdit!...//
(Texto n. 3, 30 de novembro de 1872)

Essas interjeições demonstravam, na maioria dos casos, que os textos eram repletos de subjetividade que se confundia com paixão e normalmente se tratavam de editoriais inflamados contra a monarquia, isso no primeiro momento do nosso recorte.

Esse traço demonstra a liberdade que o autor tem de expressar suas emoções, paixões, sentimentos para um interlocutor com quem ele estabelece uma relação de relativa proximidade que vai sendo modificada ao longo tempo até chegar ao que se tem hoje nos textos jornalísticos: a necessidade de manter uma distância comunicativa significativa por meio do estilo mais objetivo, adjetivação mais enxuta.

4.4.3 As marcas de oralidade nos editoriais

Uma discussão bastante comum quando se estudam os textos são os limites entre as modalidades orais e escritas e a dificuldade para classificar os textos que podem apresentar características diferentes do meio para o qual foi concebido. Para Oesterreicher e Koch (1990) os textos são produzidos a partir de uma dicotomia estabelecida entre a concepção (oral e escrita) e o meio (gráfico e fônico)⁷³.

⁷³ Essa distinção foi elaborada por Söll em 1985.

Assim, são dois grupos de dicotomias que se inter-relacionam em uma espécie de contínuo entre o gráfico e o fônico, e também entre o oral e o escrito. Nessa representação da comunicação, Oesterreicher dava conta da problemática que havia sobre a alocação de textos não tão prototípicos, por exemplo, da oralidade, como os discursos que são concebidos na escrita, mas que são oralizados, ou seja, textos orais que apresentam característica formais dos textos escritos.

No contínuo entre a oralidade e a escrita tem-se a noção de imediatez (os textos oralizados são mais imediatos) e a distância comunicativa (os textos escritos conservam um estilo mais formal e uma distância comunicativa infinitamente maior do interlocutor, que um texto oral). Oesterreicher e Koch, afirmam que os textos (orais ou escritos) estão caracterizados por uma série de valores paramétricos⁷⁴ para estas condições concretas de comunicação.

A comunicação linguística, desta forma, pode ser facilmente alocada no contínuo a partir desses fatores: a) grau de publicidade do texto – uma carta pessoal possui grau privado ao passo que um artigo de opinião possui um grau público; b) o grau de familiaridade dos interlocutores – que em uma carta é o mais familiar possível, enquanto que em um anúncio publicitário o autor tem pouca familiaridade com o interlocutor; c) o grau de emocionalidade percebido no texto – que pode estar centrada no interlocutor (afetividade) e ou em objetos (expressividade); d) grau de dependência dos atos comunicativos da situação ou da ação; e) ponto de referência da situação de comunicação; f) o grau de cooperação do co-enunciador; g) grau de dialogicidade; h) grau de espontaneidade da comunicação; i) grau de fixação temática. Esses parâmetros ajudam, por exemplo, a compreender qual o perfil concepcional de cada texto através dessa análise.

Os editoriais do corpus estão assim organizados segundo os valores paramétricos descritos acima:

| | |
|--------------------------------|--------------------------------|
| Século XIX | Atualidade |
| a) público; | a) público; |
| b) pouco familiar; | b) pouco familiar; |
| c) emocionalidade alta; | c) emocionalidade baixa; |
| d) não inserção do discurso no | d) não inserção do discurso no |

| | |
|--------------------------------|--------------------------------|
| contexto situacional; | contexto situação |
| e) referencialização indireta; | e) referencialização indireta; |
| f) fraca cooperação; | f) fraca cooperação; |
| g) monologicidade; | g) monologicidade; |
| h) reflexão; | h) reflexão; |
| i) fixação temática. | i) fixação temática. |

Quadro 14. Valores paramétricos dos editoriais

A distância comunicativa é claramente perceptível nos editoriais estudados, tendo apenas um ponto mais próximo da imediatez comunicativa (oral) nos primeiros editoriais estudados, a emocionalidade, percebida principalmente nas escolhas lexicais feitas pelo autor para qualificar -os adjetivos-. O meio em que o Editorial é reproduzido é o gráfico e a sua concepção é escrita, mesmo nos diferentes séculos.

Na elaboração dos textos, há algumas estratégias importantes no momento da comunicação que são vistas como marcas universais de cada uma das modalidades (oral e escrita) nos níveis textual- pragmático, morfossintáticos, lexical, fonético e que podem aparecer em mescladas nos textos, visto que os textos não são entidades “estanques” e nem muito menos seguem um estatuto rígido de uma fórmula.

Neste sentido, percebemos algumas marcas de oralidade, segundo Oesterreicher e Koch (2013) nos editoriais da primeira fase:

- a) No nível textual-pragmático, as pausas e hesitações, bem como as expressões que designam estados de espírito ou manifestações de emoções encontradas nos nossos exemplares da primeira fase, são indícios de que as técnicas escritas ainda não estavam bem sedimentadas no século XIX, conforme observou Pessoa (2003). Embora nos nossos textos não possamos afirmar a concepção oral, já descartada na análise acima, podemos perceber que estes textos têm em sua natureza, a mescla entre a concepção oral e escrita, tendendo a estar mais aproximado da escrituralidade, mas apresentando ainda esses traços facilmente perceptíveis na nossa análise.

- Partículas enfáticas:

146) Mentira! A principal virtude do cida-/dão bem merecido a patria è a abnegação. / - Essa necessidade que tanto exaltam- só po-/de achar saciedade na - corrupção.//
(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

147) Misero cego! Como ignorava que o Chris-/to, o divino democrata, o liberal por excel-/lencia, que quebrando os ferros do negro li-/bertou as nações oprimidas, havia de volver/ um dia suas vistas piedosas sobre esta cida-/de mizera e captiva d'um tyranete oppressor/ e seu falso ministro!

(Texto n. 3 , 30 de novembro de 1872)

- Interrupções e hesitações:

148) Sim!....Só o tempo!....//
(Texto 9, 11 de janeiro de 1873)

-Reprodução dos diálogos preferencialmente por discurso direto:

149) Mas há duas especies de assignan-/tes que convem distinguir. Uns que/ estendendo para o Jornal sua mão/ protectora e generosa sabem impri-/mir-lhe um vigoroso sopro de vida e/ dizer-lhe Christo ao paralitico:// **surge et ambula, levanta-te e prose-gue;**
(Texto 29, 19 de abril de 1874)

150) O lobo torquemada: Philipe, o escuro rei do escuro auto da fé!/ Sobre a Hespanha a seus pés jazendo ensan-/quentando,/ Narvaes... como o jaguar; como o tigre... Claret!//
(Texto, n. 20, 19 de julho de 1873)

b) No nível morfossintático, notamos que algumas estratégias são apropriadas para quem lê, como o excesso de pontuação como que a indicar pausas para respiração, mas que não são necessárias na modalidade escrita, ainda observamos que em muitos casos, a pontuação era usada excessivamente, como constatou Pessoa (2003) e Bastos (2016), os contextualizadores sequenciadores próprios de narrativas, muitas delas orais, como “quando”, “desde” são frequentemente encontrados nos nossos textos mais antigos, tanto do final do século XIX quanto do início do século XX. Os desvios na sintaxe de concordância verbal frequentemente encontrados na fala e considerados próprios dos contextos informais, também são encontrados nos primeiros editoriais :

-Marcadores temporais indicativos de narrativas:

151) **Quando** no anno de 1848 foi esta cidade,/ então povoação, theatro pela vêz primeira/ do grande pleito eleitoral em que o partido/ liberal, unido e arregimentado, numeroso e/ invencível.

152) **Desde** então que a arvore santa da/ liberdade não sentindo mais solido apoio no/ solo virgem, de que brotara, teve de camba-/lear aos empuchões violentos desse tufão mal-/dito, e o despotismo começou a produzir se-/us espantosos estragos. (Texto n. 3, 30 de novembro de 1872)

153) **Desde** esse tempo, que o único chefe, que/ se tem visto á frente da politica conservadora/ bajulando todos os governos, bandeando-se/ com todos os partidos, trahindo e vendendo/ todos os grupos e facções, foi e tem sido sem-/pre um sacerdote!// (Texto n. 3, 30 de novembro de 1872)

154) **Desde** esta epocha reina, governa e man-/da, O brazil, o marcha mais sabio do mun-/do. – Chegou á maioria. // (Texto n. 16, 28 de fevereiro de 1873)

- Parataxe:

155) A imprensa, a geração nova, e as ideias do/ seculo já vem entrando as portas do Oriente/ no carro civilizador, e o partido liberal de/ Mossoró que se levante cheio de fé, **rico d'es-/peranças** e animado do mais nobre enthusi-/asmos para sahir ao encontro dessa locomoti-/va magnifica, aguarda o dia do sahimento fu-/nebre do seu tyranno oppressor para assistir/ aos esplendidos festins da liberdade e cantar/ hozanas ao Rei immortal da criação.

- Pontuação excessiva:

156) O povo avista de profusão e riqueza, / comparando-se, não podia deixar de bradar,/ com toda a theophobia, apontando para o ido-lo/: aquele é Jupter- o deos dos deozes!
(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

- Pontuação equivocada:

157) É esta dificuldade, que faz hoje a/ grande crise da situação. (Texto n. 7, 28 de dezembro de 1872)

158) Essa obra de iniqua velhacaria, fran-/queou-nos os grãos de distinção como uma/ necessidade para glorificação do patriotismo. // (Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

-Desvios de concordância verbal:

159) Abençoada nação brazi-/leira, tú es afinal de contas um povo de cor-/deiros **ditosos e feliz**.
(Texto n. 10, 18 de janeiro de 1873)

160) Essas gallas suprehenden-/tes ainda hoje **deslumbra**, a população, ain-/da hoje divertem. . . . as creanças.//
(Texto n. 1, 16 de novembro de 1872)

c) No nível lexical, percebemos alguns usos considerados inadequados para a modalidade escrita como as palavras de uso mais generalizado *omnibus*, que fazem uso da polissemia para significar várias coisas, o que, conseqüentemente, ocasiona um empobrecimento do vocabulário. Constatamos ainda, que o autor fez alguns usos de palavras regionais, que têm seu significado restrito ao contexto local em que o texto se insere, além dos diminutivos, que encontramos em maior número e que são muito próximos da oralidade como por exemplo, “gavetinha”, “pobrezinha”, “palavrinhas”:

- Palavras *omnibus*:

161) Já um ministro apeado na véspera disse no/ outro dia em plena camara que havia uma/ **couza** chamada- poder pessoal!
(Texto n. 5, 14 de dezembro de 1872)

162) Uma só **couza** o podera salvar- é a decla-/ção official baixada do seu gabinete[...]
(Texto n. 6, 21 de dezembro de 1872)

163) A arte é uma **cousa** muito relativa, pessoal, que bem de/ perto justifica aquella velha/ parecia com que os antigos/ conceituavam sobre insta-/bilidade do juizo humano:
(Texto n. 41, 3 de junho de 1928)

164) E assim as demais, Sésamo,/ pois, não poderia escapar á/ regra universal de que. No/ futuro dos homens, **as cousas**/ tomam rumos e cores diferentes.// **Numa cousa**, porém, todos/ hão de accordar: nas louça-/nias de estylo que aquele alli/ repontam, com garbos de re-/quintes literários. (Texto n. 41, 3 de junho de 1928)

165) Na realidade, Mossoró está destruindo, de-/liberada e desciteriosamente, **coisas** que/ deveria preservar. (Texto n. 58, 11 de junho de 1980)

- Palavras de uso regional:

166) Fez bem esse **mimoso** da epocha de não lhe/ dar as honras de politico se a politica é como/ os seus executam- a deixarão de todo brio e-/ pundonor, se é, como [...], a locupletação e o/ ganho, Certamente o << Mossoroense>> nao podera ter nunca esse – tino. // (Texto n. 21, 25 de outubro de 1928)

167) No entanto, como es-/quecer o **mimoso** grupo de/ Girls, onde a petisada se/ desempenhou maravilhosa-/mente?! (Texto n. 41, 3 de junho de 1928)

- Palavras no grau diminutivo:

168) [...]será escusada a recommenda-/ção, elle os transformará em flagrantes ba-/foradas de fumo em quanto não os feixar-/des na **gavetinha** da vossa secretaria.// (Texto n. 4, 8 de dezembro de 1872)

169) Uma cren-/ça hypocrita, onde apenas [...] coad o / clarão sinistro da ideia do inferno, que a/ **pobrezinha** por mais que forceje despren-/der os voos dessa noute de horrores e fu-/gir para o mundo da luz [...] (Texto n. 15, 22 de fevereiro de 1873)

170) Agora duas **palavravrinhas** ao ouvido e te-/remos conhecido (Texto n. 20, 19 de julho de 1873)

- Assimilação entre vogais:

171) E' pois mais estavel e **filiz**/ a sociedade quando as leis do seu funda-/mento dão menos meios aos consorcios de ex-/ercerem uns contra os outros o interesse/ proprio e particular. A lei pode determi-/nar, ordenar, impôr, e estabelecer penas e/ rigores; mas não conseguirá dos homens a/ inteira observância se não previnir os abu-/sos. Dai ordem peremptoria ao vosso crea-/do da camara para que vos não fume os/ charutos que deixaes descuidado por cima/ dos bofêtes; será escusada a recommenda-/ção, elle os transformará em flagrantes ba-/foradas de fumo em quanto não os feixar-/des na gavetinha da vossa secretaria.// Não havendo o que **cubiçar** ninguem/ **cubiçar**á. (Texto n. 4, 8 de dezembro de 1872)

Conforme vimos, os textos iniciais que compõem nosso corpus ainda não apresentam uma total apropriação da modalidade escrita, evidenciando marcas de oralidade como as expostas acima, e embora sejam ocorrências moderadas, não prejudicando a compreensão global do texto, indicam que os escritores da época ainda estavam bastante influenciados pela modalidade oral, principalmente por que os textos eram escritos para serem lidos em voz alta, considerando que nem todas as pessoas tinham acesso ao jornal ou mesmo sabiam ler.

Dessa forma, esses textos expõem a relação entre a sociedade e escrita na história de Mossoró, visto que esses textos começaram a ser escritos dois anos após a fundação da cidade. Obviamente, não temos como criar um quadro completo de todas as características da escrita da época e nem foi o nosso objetivo neste trabalho, visto que a escrita também era praticada pela Igreja, pela maçonaria, pelos órgãos oficiais, mas uma visão da escrita jornalística de cunho crítico e ofensivo e do que circulava como a escrita que refletia a visão daqueles que detinham os meios jornalísticos pode ser relatada neste trabalho.

4.5 TRAÇOS DE MUDANÇA E DE PERMANÊNCIA NO GÊNERO

Em nosso estudo, fundamentados na noção de que as tradições discursivas de um gênero podem ser muitas e de variados níveis de análise como o contextual, o estrutural e o linguístico-discursivo, observamos que o texto Editorial do século XIX preserva ainda suas raízes no gênero Editorial moderno e tanto apresenta traços que continuaram na tradição atual quanto apresenta traços que mudaram.

- Na dimensão contextual, as mudanças parecem ser as mais significativas pois os textos servem a um *querer dizer* e esse *querer dizer* está ligado às necessidades dos enunciados tanto quanto da situação comunicativa envolvida num contexto global.

A situação comunicativa atual na qual se inserem os textos editoriais é complexa, principalmente por que o mundo em que vivemos é outro totalmente diverso daquele em que os textos opinativos no século anterior eram elaborados, para efeito de exemplificação, podemos destacar a conjuntura política atual como um fator contextual diferente que obviamente, tem efeito direto na forma como se é pensado o texto, a lógica de um texto está ligada também à forma como o pensamento é difundido na época e o Editorial hoje tem demonstrado também uma organização diferente e mais técnica na sua elaboração.

A mudança na conjuntura política e social parece ser a principal mudança de ordem pragmática que pudemos perceber em nosso estudo. Outra mudança de muita importância é o fato de que a era atual está altamente informatizada e as novas tecnologias facilitaram o aparecimento de novas mídias e o surgimento de muitos canais de comunicação recheados de opinião. Nisso, a influência do jornal parece ter sido afetada, pois há muito se fala em crise na imprensa, e evidentemente essa “crise” afeta as formas como os textos são pensados e divulgados e, obviamente a recepção destes pela sociedade. Nisso, o Editorial parece hoje ter um alcance menor que o que tinha há 100 anos, na sociedade em que o único meio de informação era o jornal impresso.

A sociedade sendo outra, mais aberta a novas opiniões, mais receptiva e ao mesmo tempo crítica, requer a criatividade na produção editorialística para que a instituição não fique excluída ou perca leitores e esses fatores contextuais podem influenciar diretamente na estruturação e inovação das Tradições Discursivas.

- Na dimensão estrutural temos ocorrências consideráveis: um dos fatores que chama atenção nos últimos 20 anos é a informatização dos jornais brasileiros e o fato de a temática “Economia” ser um dos carros chefes de todos os editoriais (BARBOSA, 2007) e a

construção do chamado jornalismo “cidadão” que deve ser útil à sociedade, de maneira que os textos dos jornais sejam necessários aos leitores.

Um dos primeiros pontos a serem vistos e constatados de que houve mudanças significativas, foi a diagramação. Como vimos no capítulo 4, na seção 4.3.1.1, o posicionamento dos gêneros no suporte passou por várias mudanças, iniciando na primeira página, como o primeiro texto, indo para o final da primeira página na segunda fase por nós analisada e chegando à segunda página, já em 1980, quando se inicia a nossa terceira fase de recorte metodológico, e ganhando um lugar destacado no texto, dentro de um quadro.

O Mossoroense segue a linha de vários outros jornais importantes do país e se moderniza disponibilizando também a versão online, e neste formato, o jornal se torna mais flexível em termos de espaço destinado aos textos, em função das cores e das novas ferramentas que a internet possibilita para os textos. Nesse sentido e em virtude de tantas mudanças visuais, o Editorial perde seu lugar privilegiado, destacado num espaço vistoso, para as notícias mais urgentes e importantes da atualidade. Ganha um espaço destinado aos textos opinativos que são assinados e passa a se chamar “notas da redação”, se comparando à fase de 1928 em que o Editorial se alocava na seção “nótulas”, o que nos permite afirmar que não é mais o centro do jornal moderno, como era nos jornais do final do século XIX, em todo o país.

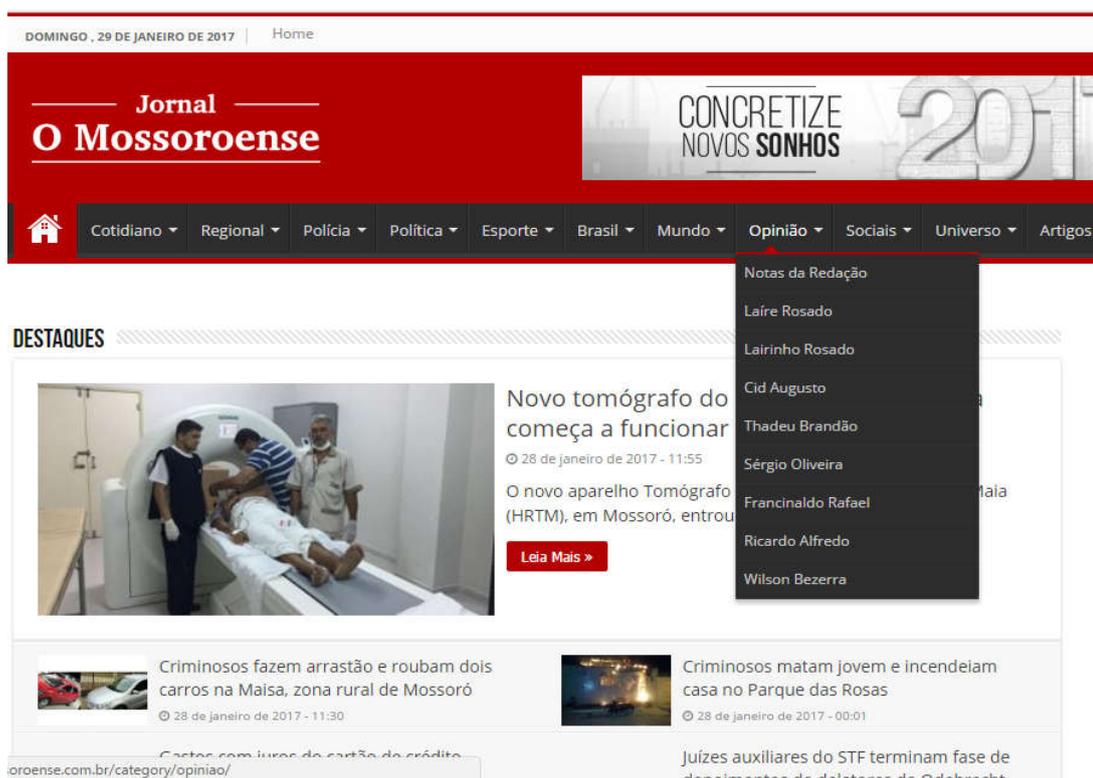


Figura 29. Localização do Editorial na atualidade

Nesse sentido, a diagramação definitivamente, modificou-se muito em razão dos anos decorridos desde os primeiros textos opinativos e em função da informatização dos jornais.

Em relação às temáticas, o mais comum nos textos editoriais mais antigos, era a abordagem obstinada dos temas políticos, principalmente quando se menciona o contexto instável da política nacional à época, seguidos dos temas religiosos, quando também se discutia com fervor a problemática da influência religiosa nos assuntos do governo. Ainda no rol dos temas mais recorrentes, estão os temas ligados à esfera local, assuntos administrativos, acontecimentos locais etc.

Se mantiveram os temas ligados à política, mas numa esfera mais local, e a política Nacional não ocupa mais o cerne dos posicionamentos dos editoriais. Além, dos temas sobre economia, o que ocorre em grande parte dos jornais nacionais. Numa cultura globalizada, a mídia, impressa ou virtual, é de extrema relevância para a propagação dos valores defendidos pela ideologia dominante, e essa influência só vem aumentando, principalmente a partir dos anos 1970 em que o controle do material divulgado nas mídias, exercido pela ditadura, impulsionou a intensificação dos temas econômicos, “fabricando o consenso sobre a superioridade das economias abertas e insistindo que não há saída fora dos pressupostos neoliberais” (BARBOSA, 2007, p. 224).

A inserção de novos temas, refletindo a diversidade e a complexidade da sociedade, é um fato novo nesses nossos textos. Os jornais, os textos diversos e os editoriais realinham-se para prestar serviço à sociedade, no chamado jornalismo “utilitário” e embora mantenham a tradição de falar sobre temas econômicos, políticos, abrem espaço para novas temáticas “cultura” e “novas mídias”.

No ponto referente à organização retórica dos textos, as unidades organizacionais que se preservam na atualidade são a introdução e a conclusão, a introdução faz a enunciação do que vai ser tratado no corpo do texto, conforme visto no ponto 4.3.1.3., e a conclusão que não se apresenta de maneira prototípica, sendo a ela destinado o posicionamento do Editorial, que aparece no desenrolar do texto, a partir das escolhas lexicais feitas pelos autores dos textos. Mesmo nos textos mais antigos, a opinião aparece em todo o texto, não constando apenas na conclusão. Esse traço, podemos afirmar que se estabeleceu a partir das necessidades práticas de se ler um texto, que permanecem até hoje, em que o leitor cada dia mais procura praticidade ao ler.

Em relação à titulação, conforme visto em 4.3.1.4, elas são uma característica composicional da tradição discursiva Editorial. Raríssimos textos não apresentam um título e quando isso ocorre, se tem acima do texto a repetição do título do jornal “*O Mossoroense*”, como uma forma de expor que se trata da opinião do jornal.

Os títulos cumprem uma função estruturante e nos primeiros textos, eles cumpriam três funções diferentes: a primeira seria uma função resumitiva do conteúdo a ser discutido posteriormente no texto, motivar os leitores à leitura, atraindo-os através do título, que deveria ser interessante para estimular a leitura do texto, e ainda a função de sequenciar os textos quando estes poderiam ser continuados em outro número do jornal ou mesmo quando seguidamente se tratavam sobre o mesmo assunto, mesmo não sendo uma continuação textual. Destas funções, a função de sequenciar o texto a partir do título, desapareceu dos editoriais mais modernos, que tratam de tantas temáticas diferentes e responde aos anseios sociais de diversidade temática, de versatilidade de análises. Assim, as duas funções que permanecem, são as de resumir o conteúdo temático e atrair o leitor.

Em relação ao propósito comunicativo, verificamos que os editoriais da primeira fase, além da intenção de opinar sobre um determinado assunto, eles podem apresentar outros propósitos comunicativos, tais como criticar valorativamente posturas, pessoas, ideologias, ações; além de instruir ou doutrinar, como é o tom de muitos dos jornais da época; noticiar um fato de forma a tentar induzir e influenciar o pensamento dos leitores; manifestar-se contra

atitudes e fatos ocorridos na esfera local ou no âmbito nacional; cobrar aos leitores os ônus referentes às assinaturas dos jornais.

A multiplicidade de propósitos indica uma instabilidade do gênero, pois o Editorial ainda não estava com todas as suas características definidas e embora saibamos que nenhum gênero pode ser engessado numa estrutura, esses aspectos composicionais é que revelam o grau de estabilidade desses gêneros.

Nos editoriais atuais, os textos circundam entre opinar, valorar (positiva ou negativamente), propor reflexão sobre alguma temática, comparar situações entre Mossoró e a capital do estado - Natal-, denunciar situações consideradas absurdas e que fogem, de alguma forma, à ordem, à justiça. Do exposto, os propósitos comunicativos se mantêm na linha de se posicionar frente à formas de governos, sobre fatos do cotidiano, sobre assuntos que sejam do interesse geral da sociedade.

Os editoriais cumprem funções diferentes do decorrer dos séculos. Nos anos de 1872 a 1875, anos em que havia uma dura crítica contra regime monárquico instaurado aqui no país, os textos cumprem a função social de convocar o povo agir, a pensar contra, a criticar, a lutar contra esse modo de governo que não estava agradando ao povo. Na atualidade, a função dos editoriais está muito mais ligada à opinião do grupo ao qual pertence o jornal, que ainda é da mesma linhagem do fundador do jornal e hoje se configura como veículo de apoio a um determinado grupo político na cidade.

A função social, embora não seja uma tradição discursiva, é uma característica estruturante que se adaptou à nova sociedade, passando a incluir objetivos além do convencimento do leitor, ou da persuasão como por exemplo, problematizar e jogar ao leitor a responsabilidade de atribuir um posicionamento a partir das escolhas do editorialista.

Na dimensão estrutural, podemos avaliar que algumas características fundamentais não mudaram no Editorial, apenas receberam ou incorporaram novas funções, como é o caso do propósito comunicativo, mas a diagramação e outros aspectos imagéticos sofreram uma transformação imponente, já que o meio em que eram divulgados os editoriais passou por adaptações contextuais e foram acrescentadas novas técnicas de produção.

A dimensão linguístico-discursiva dos editoriais, vista na seção 4.4, fornece muitas ocorrências interessantes para a nossa análise dos textos editoriais.

Um dos pontos que mais sofreram mudanças foi em relação à forma como acontece a argumentação. Um dos pontos analisados foi o uso dos tempos verbais como técnica de argumentação. Nesse sentido, os verbos se dividem, segundo Weinreich (1968) como do grupo do mundo comentado e do mundo narrado e destes, os editoriais apresentam a maioria

dos verbos característicos do mundo narrado, o que afirma que a composição dos textos, é predominantemente argumentativa.

Outra marca importante que evidencia quem fala, quem argumenta e a adesão do autor à tese defendida é o ponto de vista discursivo, a partir do qual, pelas marcas desinenciais de pessoa que no caso é 1ª pessoa do plural, que se mantém até hoje nos textos mais atuais. Essa marca evidencia que o autor do texto, mesmo defendendo interesses da empresa, do grupo tem forte aderência ao que é defendido nos textos. Esse ponto de vista, também fica claro nos modalizadores que permanecem até hoje nos textos, indicando uma autoridade expressa, por exemplo, nos verbos no modo injuntivo “deve”. O autor do texto dos editoriais permanece conectado à sua tese, de forma a transparecer essa adesão, o que vem desde os primeiros textos estudados por nós.

Uma das marcas mais relevantes no tocante à opinião é o processo de adjetivação de um texto. Por meio das escolhas que fazemos dos qualificadores, refletimos o nosso posicionamento em relação ao objeto definido, à ideologia que defendemos e adjetivação é uma marca importante para a captação da opinião. Nos primeiros editoriais estudados, observamos que esse processo de adjetivação era exagerado, tornando o texto excessivamente marcado, prolixo, e de difícil compreensão. A linguagem se aproximava muito da linguagem literária e por vezes, se apresentava confusa, com períodos longos e com referentes de difícil recuperação.

Percebemos que essa característica era comum a outros textos da época, como o manifesto e o pasquim e outros periódicos panfletários que combatiam veementemente a monarquia de D. Pedro II, além de combaterem também todo tipo de conservadorismo ideológico que travava o desenvolvimento – por vias mais liberais- da sociedade brasileira da época e Mossoró também não estava longe desse desejo de uma nação mais moderna, mais liberal.

No entanto, esse traço de adjetivação exagerada sofreu um realinhamento muito drástico em relação aos primeiros textos que analisamos, os textos atuais conservam a adjetivação de forma mais ponderada, diminuindo a prolixidade do texto. Esse redimensionamento no campo linguístico-discursivo tem forte relação com o estilo de pensamento mais objetivo praticado hoje na imprensa brasileira. As necessidades dos leitores modernos são totalmente diversas das dos leitores à época em que o jornal foi fundado, hoje, podemos perceber textos editorialísticos extremamente mais objetivos, considerando que o tempo dos leitores hoje é escasso e os textos pomposos e cheios de rebuscamento não são agradáveis e nem procurados pelos leitores ocupados do século XXI. A leitura deve ser mais prática, facilmente

compreendida e clara para que os leitores tenham acesso rápido às informações disponíveis nos textos. Esse ponto ressalta a dependência e influência que os textos têm dos fatores contextuais, nos quais os textos estão inseridos.

Ainda citação e a pergunta retórica deixaram de ser traços composicionais dos textos editoriais. A pergunta retórica como uma forma de condução de raciocínio na argumentação parece ter perdido espaço nos textos editoriais mais modernos para a demonstração de fato, como forte indício argumentativo. O leitor hoje, é um leitor mais informado e mais exigente quanto à verdade divulgada em mídias⁷⁵ e as perguntas retóricas como forma de indução lógica podem não ter mais o mesmo efeito.

Outra mudança na dimensão linguística diz respeito ao desaparecimento de expressões estrangeiras que visam um estilo textual mais erudito e com traços de eloquência, assim como a citação e a pergunta retórica.

Também percebemos uma distância maior do enunciador em relação ao público marcado pelas modalizações. Nos primeiros textos havia de forma enfática a inclusão do jornalista nas ações evidenciadas pelos verbos de primeira pessoa e nos textos atuais essas passagens ocorrem em menor número.

Uma característica importante que se realinhou nos editoriais mais modernos é o maior entendimento dos escritores das propriedades da modalidade escrita e da modalidade oral.

Os textos do século XIX apresentam muitas marcas do oral, ou “hablado en lo escrito”⁷⁶, o que foi também estudado por Pessoa (2003) e amplamente discutido em seu trabalho sobre a semi-oralidade no Recife. Encontramos muitas marcas de oralidade em vários níveis: no textual-pragmático (as pausas, hesitações, expressões que denotam estados de espírito, manifestações das emoções), no morfossintático (marcadores temporais próprios das narrativas, a parataxe, a pontuação excessiva e/ou inadequada, desvios de concordância verbal) e no lexical (as palavras *omnibus* que são utilizadas para várias coisas, palavras de uso regional, palavras do diminutivo, assimilação entre as vogais. Obviamente, percebemos muitas marcas da oralidade, o que significa que a apropriação da modalidade escrita e de todas as suas regras ainda não aconteceu totalmente, corroborando com as ideias de Pessoa (2003) de que os textos se aproximam bastante da modalidade oral por ainda se situarem num contexto em que o letramento ainda era pouco e destinado apenas a algumas classes sociais.

A maioria dessas marcas de oralidade sumiram nos textos mais atuais em virtude da apropriação em nível alto da modalidade escrita dos textos. Esses textos mais atuais estão estruturados mais prototipicamente imbuídos de uma distância comunicativa maior, sem

⁷⁵Os leitores hoje têm mais acesso mais rapidamente aos erros e algumas inverdades divulgadas pela mídia, caso essa informação não seja manipulada de forma a passar despercebida pelo leitor.

⁷⁶Texto de Oesterreicher

transcrições de discurso direto, de uma extensão menor, um uso mais ponderado da adjetivação, e com uma estratégia retórica bem definida.

O Editorial do século XXI é mais objetivo em termos de estratégia retórica e de linguagem, que embora não seja uma linguagem coloquial também não se trata da linguagem rebuscada com traços de literatura, como eram os textos coloniais.

5 CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, procuramos desvendar a composicionalidade da tradição discursiva Editorial do jornal *O Mossoroense*, publicado a partir de 17 de outubro de 1872, feita em três intervalos de tempo consideráveis para que houvesse mudanças importantes nos textos. A primeira fase se deu a partir de 1872 a 1875, a segunda fase de 1928 a 1932 e a terceira fase se deu a partir de 1980 a 2007. Estes textos estão disponíveis para consulta no Museu Municipal Lauro da Escóssia e constituem uma fonte rica de pesquisa tanto para as áreas da linguística, da história quanto do jornalismo.

Nós escolhemos 71 textos para análise considerando que poucas amostras não seriam suficientes para comprovar nossas hipóteses iniciais de trabalho. Nossa postura teórica nessa pesquisa se fundamenta num ecletismo necessário a dar respaldo a uma pesquisa que vai da dimensão macro à micro de análise, com explicações que se amparam na dimensão contextual em que os textos estão inseridos, envolvendo assim, áreas como a pesquisa histórica da gênese do jornalismo brasileiro, os modelos de análise retórica da nova retórica de Swales (1990), da história social da cidade de Mossoró, e conseqüentemente das Tradições Discursivas desses textos editoriais, que buscamos recompor a partir desses fundamentos.

As nossas hipóteses iniciais eram as de que o gênero Editorial no contexto *O Mossoroense* havia sofrido mudanças tanto estruturais como na dimensão linguístico- discursiva basicamente influenciados pelos fatores pragmáticos que envolvem temas como a organização política da sociedade, o grau de informatização da instituição jornalística bem como a relação com o público leitor.

A história do texto Editorial é, então, o cerne dessa investigação que agora finalizamos com resultados interessantes. A noção de tradição discursiva nasce da linguística românica fortemente influenciada pelos estudos de Coseriu (1979) que destaca a importância do entorno para os estudos da linguagem. Disto, começamos nossa trajetória com a contextualização do surgimento da imprensa brasileira os principais acontecimentos nacionais, como a criação do *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa, a vinda da família real para o Brasil e o surgimento da imprensa Régia, à época. Nos baseamos em estudos de grande envergadura como os de Nelson Werneck Sodré (2010), Martins e de Luca (2015), Molina (2015), Barbosa (2010, 2007), Lustosa (2003) para fazer essa contextualização a nível nacional.

Nesta importante fase, a monarquia era duramente criticada por alguns, e a imprensa se dividia entre polos maniqueístas dos que apoiavam e defendiam a monarquia e dos que combatiam veementemente.

Esse contexto econômico e político instável favorecia o descontentamento com a clara ostentação praticada pela realeza em discordância com as condições da população em geral, e com isto e desde a época da independência a imprensa ganha os ares de formuladora de projetos de nação, onde aparecem manifestos públicos e coletivos, ensaios que tecem considerações sobre a nação que deveria ser o Brasil.

A imprensa em Mossoró, contextualizando-se a história social, é considerada tardia por só ter aparecido em 1872, mas não poderia ter sido criada antes, já que se confunde com a própria fundação da cidade que se deu em 1870, apenas dois anos antes. A cidade estava lutando por ideais liberais e republicanos e o jornalista fundador do Jornal *O Mossoroense* dá muitos indícios de suas leituras de jornais pernambucanos, áreas consideradas rebeladas e fortemente censuradas. Para contextualização da imprensa em Mossoró baseamos nas obras de Cascudo (2001), Rosado (2003), Rosado (2006).

Partimos do pressuposto defendido por Kabatek (2001) de que os textos têm uma historicidade assim como os idiomas apresentam histórias de suas mudanças e estados. E essa historicidade tem como pano de fundo a dimensão pragmática na qual se inserem os textos. Essa é a razão de ser da metodologia de trabalho das Tradições Discursivas: relacionar os acontecimentos contextuais ao estabelecimento de tradições de um dizer, e logicamente estarem as tradições, noutro ponto de análise, ligadas a um momento específico na história e evocar, em algum momento, partes ou um texto historicamente situado, por isso a importância da verificação de que elementos textuais estão presentes no gênero que estão ligados aos fatores pragmáticos.

Escolhemos dialogar com vários trabalhos sobre as Tradições Discursivas, em especial a pesquisa de Gomes (2007) que investiga o mesmo objeto, os editoriais, que foram publicados no estado de Pernambuco a partir do século XIX e ainda o trabalho de Zavam (2009), que explora os editoriais cearenses e com o trabalho de Pessoa (2003) que fornece muitos subsídios para a caracterização de uma variedade influenciada pela oralidade.

Observamos comparativamente os textos das três fases distintas na sua dimensão estrutural destacando características mais gerais e características pontuais, como a diagramação do gênero, a temática, a organização retórica do texto, o propósito comunicativo a que serve o Editorial e ainda a sua função social.

A constituição desta TD e os traços de mudança e permanência do texto apontaram que ele é bastante heterogêneo, a ponto de afirmarmos que, na fase inicial de sua publicação, ele se assemelhava ao *Manifesto*, gênero textual que consiste em declarações públicas de caráter persuasivo com o objetivo de transmitir opiniões, decisões e ideias.

O Manifesto tem natureza essencialmente dissertativa e persuasiva, de estrutura livre, flexível com alguns elementos que o estruturam como o local e data (encontrados em 4 textos analisados: 8, 21, 23 e 32), a identificação do problema (de natureza diversa, mas quase sempre de cunho político, contrário à monarquia e aos abusos da Igreja Católica), a análise dos argumentos contrários e a favor. A assinatura dos textos que caracterizam o gênero Manifesto ficava subentendida, já que o jornal era escrito apenas por uma pessoa (o dono, Jeremias da Rocha Nogueira). Dessa maneira, encontramos nos Editoriais do século XIX do jornal *O Mossoroense* textos com estrutura dissertativa, presença de vocativos, interjeições e abundância de verbos no presente do indicativo ou no imperativo. No corpo do texto encontramos os argumentos que refutam ou validam o que o autor quis dizer.

Para convencer os leitores do jornal, recorre-se quase sempre a argumentos sólidos e prováveis. O uso excessivo de adjetivação torna o texto literário, rebuscado, empolado e, muitas vezes, incompreensível. O discurso é pautado na exortação, no convite à mudança e à aceitação dos argumentos apresentados. Outra característica desses primeiros textos é a natureza da sua escrita, pois o autor não a denomina com propriedade, já que ele se refere ao Editorial como “artigo”, “manifesto” e “noticiário”.

Com relação às expressões latinas, francesas e inglesas (estas duas um pouco menos) encontradas nos textos, se deve à erudição do autor já que este tinha a formação em ciências jurídicas (em que os textos são compostos por diversas Tradições Discursivas). O autor também mostra erudição e admiração pelos ideais libertários e faz referências às nações que proclamaram a sua independência, por isso as frases de exaltação e exórdio eram claramente encontradas nos editoriais do jornal como a expressão: *Allons enfants*.⁷⁷ (!) que remete ao hino francês da Revolução.

A tradição discursiva Editorial do jornal *O Mossoroense* tem forte viés textual e pragmático, visto que é um texto historicamente convencionalizado que faz parte da cultura potiguar. A estrutura do texto do jornal está assentada na história, nas convenções da escrita e na cultura local, traços indispensáveis para a compreensão da noção de tradição discursiva (TD).

⁷⁷ Esse trecho é encontrado logo no início no Hino da França – A Marselhesa – (de 1792): “Allons enfants de la Patrie/ Le jour de gloire est arrive/Contre nous de la tyrannie..”

Ainda na dimensão estrutural, pudemos observar que o Editorial do jornal *O Mossoroense* percorreu vários “lugares” no corpo do jornal, sendo na ultima versão impressa, o seu lugar final seria a segunda página do periódico. No entanto, as mudanças quanto à sua localização não influenciaram a sua natureza opinativa, o que se mantém até hoje, mesmo a versão online.

Na dimensão linguístico-discursiva observamos a forma como a argumentação se estrutura nos três recortes temporais, como é confeccionada a modalização dos textos, em que medida a adjetivação é eficiente para indicar posicionamento dos editoralista e ainda outros aspectos como as citações, expressões esntrangeiras de origem latina, francesa e inglesa, a pontuação, as interjeições.

Das reflexões provocadas, observamos que os textos opinativos se mostraram flexíveis quanto à sua estrutura, às temáticas e que ainda as mudanças de suporte, como a midia digital agora, as mudanças tecnológicas evidenciaram mudanças principalmente no que diz respeito à localização e disposição do gênero no suporte, o que não interfere, obrigatoriamente na funcionalidade do gênero.

Ademais a função social agregou mais possibilidades de manifestação na materialidade do texto que no final do século XIX, quando estava mais voltado apenas a expor a opinião do dono do jornal e podemos comprovar que atrelada à sua existência estão as questões sociais, políticas e econômicas que circundam os editorialistas, conforme afirmou Marques de Melo (2003).

Podemos também observar que a linguagem extremamente ácida e por vezes ofensivas já não é prototípica dos editoriais modernos, nem mesmo a extensão massuda são características dos editoriais mais atuais. Muda-se o tempo, mudam-se os interlocutores, os papéis sociais, as necessidades. Deste modo, percebemos a influência dos fatores extralinguísticos para efeitos de constituição do texto.

Quanto às características referentes à modalidade escrita, podemos afirmar que os nossos editoriais quase não apresentam traços da oralidade tão vistos nos editoriais mais antigos, exceto por um caso de “a gente” que é uma forma típica de contextos mais informais. Esse fato pode ser justificado tanto por causa das ferramentas tecnológicas que ajudam a fazer correções nos textos, tornando-os mais próximos da agregação total da escrita, quanto de mais qualificação que os jornalistas têm na atualidade.

Da nossa pesquisa, estamos cientes de que há ainda muitas lacunas a serem preenchidas, questões para outras pesquisas no campo, como as questões referentes aos vários gêneros que

compunham o jornal *O Mossoroense* à época, as questões ortográficas que não foram analisadas por nós, ou mesmo aspectos referentes às mudanças linguísticas nestes e em outros textos da região, em suma, há muitos caminhos ainda a serem percorridos sobre a história dos textos no Rio Grande do Norte. No entanto, a nosso ver, conseguimos traçar um perfil comparativo entre os diferentes períodos por nós selecionados metodologicamente e acreditamos que pudemos elaborar um quadro, não exaustivo, mas suficiente para caracterizar as Tradições Discursivas dos editoriais no jornal *O Mossoroense*.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **Filosofia da Linguagem**. Tradução de Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 17 ed. Rio de Janeiro Ediouro, 1998.
- ASKEHAVE, I.; NIELSEN, A. E. **Web-mediated genres: a challenge to traditional genre theory**. Working Papers, n. 6, p. 1-50, 2004.
- ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. **Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution**. Applied Linguistics, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001
- BAHIA, Benedito Juarez. **Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro. Mauad, 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BASTOS, Ana Karine P. Holanda. **Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de Tradições Discursivas nos jornais do Recife**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2011a.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2011b.
- BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAZERMAN, Charles. Formas sociais como habitats para ação. In: **Investigações: Lingüística e Teoria Literária**. Vol. 16, número 2, jun/2003. pp.123-141
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- BAHIA, Benedito Juarez. **Dicionário de jornalismo: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.
- BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASE-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife, EDUPE, 2009.
- BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina G.G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BIASE-RODRIGUES, Bernadete; BEZERRA, Benedito Gomes. Propósito comunicativo em análise de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan/abr. 2012

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003

BONINI, Adair. **Mídia/ suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações**. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011

BOSI, Alfredo. **A escravidão entre dois liberalismos**. Estud. av., São Paulo, v. 2, n. 3, p. 4-39, Dec. 1988. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 14/06/2016.

BRITO, Raimundo Soares. **Ruas e Patronos de Mossoró**(Dicionário). Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2003. Coleção *O Mossoroense*. Série J, v. 01.

COMPANY COMPANY, concepción. Gramaticalización, género discursivo y otras variables em la difusión del cambio sintactico”. In: Johannes Kabatek (ed). **Sintaxis histórica del espanhol y cambio linguístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Madrid: Iberoamericana, p. 17-52.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. 4 ed. Mossoró: FGD, 2001.

COSTA, Alessandra Ferreira Castilho da. Tradições Discursivas em A Província de São Paulo (1875): gêneros textuais e sua constituição. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MICHELETTI, Guaraciaba; MARÇALO, Maria João; Martin, Vima Lia de Rossi;. (Org.). **A Língua Portuguesa no mundo**. Sao Paulo: Editora da Universidade de Sao Paulo, 2008

COSTA, Alessandra Ferreria Castilho da. Transformação de gêneros discursivos em uma perspectiva diacrônica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). **História do Português Paulista**. v. 1. Campinas: Unicamp/Publicações, 2009, p. 637-663.

COSTA, Alessandra Ferreria Castilho da; SIMÕES, José da Silva. **Transposição da oralidade à escrituralidade: edição crítica de Textlinguistikde Eugênio Coseriu**. Pandaemonium, São Paulo, v. 18, n. 26, Dez. /2015, pp. 158-187.

COSERIU, Eugenio; LAMAS, Oscar Loureda. **Linguagem e discurso**. [Trad. Cecília Ines Erthal]. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

COSERIU, Eugenio. **A língua literária**. Agália, 41, 1995, p. 57-60

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos**. 2 ed. Trad. Agostinho dias Carneiro; rev. téc. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. –Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Trad. Evanildo Bechara, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira., Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1982.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1979a.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, Eugenio. **Gramática, semântica, universales: estudios de Linguística Funcional**. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

COSERIU, Eugenio. **Competência Linguística: elementos de la teoria de hablar**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. (org). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126

DONATO, Hernâni. **Histórica de usos e costumes do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

DUARTE, Jônatas Gomes [*et al*]. **As contribuições dos ensinamentos de Leonard Bloomfield para a linguística**. Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 09. p. 28-40. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/09/03.pdf>> Acesso: 12/02/2015

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussureanos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística 3: Fundamentos epistemológicos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo. Parábola Editorial, 2005.

FONSECA, Ma. Cristina de A. P. **Caracterização lingüística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FRENCH, Steven. **Ciência: conceitos-chave em filosofia**. Trad.: André Klaudat. Porto Alegre: Artmed, 2009, 196 pp.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 207p. ISBN: 978-85-88456-70x.

GUEDES, Marymarcia; BERLINK, Rosane de Andrade (orgs.). **E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros século XIX**. São Paulo: Humanitas, 2000.

GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GOMES, Valéria Severina; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. Marcas de proximidade comunicativa em editoriais em cartas de leitor dos séculos XIX e XX. In: **Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET**. Natal – RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ ALAB, 2011. V. único, p 1-18.

GUIMARÃES, Valéria. **Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX**. ArtCultura, Uberlândia, v. 11, n. 18, p. 227-240, jan.-jun. 2009

JUNGBLUTH, Konstanze. El carácter de los textos semiorales y el junctor que. In: OESTERREICHER, W. (ed.). **Competencia escrita, tradicion discursiva y variedades lingüísticas. Elespañol em los siglos XVI y XVII**. Tübingen: Narr, 1998 p. 339-358.

JUNGBLUTH, Konstanze. **Corpus – corpora: o método da seriação e outros aspectos**. Colóquio Internacional (Argentina – Brasil – Alemanha), Freudesntadt, 2004.

KABATEK, Johannes. Como investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: Daniel Jacob e Johannes Kabatek (Eds.) **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica: Descripción gramatical - pragmática histórica – metodología**. Vervuert: Iberoamericana, 2001, pp. 97-132.

KABATEK, Johannes. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. Fundacion Duques de Soria. Seminário de História da língua espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas. Soria, Del 7 al 11 de Julio de 2003. Disponível em : WWW.kabatek.de/discurso. Acesso 20/09/2012

KABATEK, Johannes. **Sobre a historicidade de textos**. Trad. José da Silva Simões. Linha d'Água, nº 17, p. 160 - 167, nov. 2004b. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/linhadagua/images/arquivos/LD/17/traducao2004.pdf>
Acesso em: 15 out. 2012.

KABATEK, Johannes . Tradições Discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs). **Para a História do Português Brasileiro**. Salvador, BA EDUFBA, 2006, Vol. VII, p.505-527.

KABATEK, Johannes. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Vervuert: Iberoamericana, 2008.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: **lingüística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 579-588. ISBN 978-85-232-1230-8.

KEWITZ, Verena e SIMÕES, Jose da Silva. Normas linguísticas, história social, contatos linguísticos e Tradições Discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a construção de corpora. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.) **História do Português Paulista**. Vol. I. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009, p. 699-720.

KINTSCH, W. & VAN DIJK, T. A. (1983) **Strategies of discouse comprehension**. San Diego, California, Academic Press.

_____. (1985) Cognitive psychology and discourse: recalling and summarizing stories. In: SINGER, H. & RUDELL, R. (eds.). **Teoretical models and processes os reading**. Newark, Delaware, IRA, 794-812.

KOCH, Peter. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEC, Johannes. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2008, p. 53-88

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (eds.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997 (ScriptOralia, 99), cf. a tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa e José Simões.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua**. Linha d'Água, n. 26 (1), p. 153-174, 2013.

LONGHIN, Sanderleia Roberta. **Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, Marco Antônio e TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924-1944**. Natal-RN: EDUFRN, 2012, p. 19-53.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004

LYONS, John. **Língua(gem) e linguística: uma introdução**. [trad] Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2013

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MALERBA, Jurandir (org.). **A independência brasileira: novas dimensões**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MARQUES DE MELO, José. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo**. Campos do Jordão, Editora Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. **Gêneros jornalísticos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MILANI, Sebastião Elias. **As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt**. 1995.

MILLER, Carolyn. Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Estudos sobre Gênero Textual, Agência e Tecnologia de Carolyn R. Miller. Recife: Universitária da UFPE, 2009. 232 p.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia: estudos**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

MOLINA, Matías. **História dos jornais do Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OESTERREICHER, Wulf. **Langage parlé et langage écrit**. *Lexicon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. 1, 2, s.v. 62. Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache, 2001.

OESTERREICHER, Wulf. **Autonomización del texto e recontextualización**. Dos problemas fundamentales en las ciencias del texto. In: Eduardo Hopkins Rodríguez (ed.) **Homenaje Luis Jaime Cisneros**. Lima, Pontificia Universidad Católica del peru, 2002. p. 343 a 387.

OESTERREICHER, Wulf. El español em textos escritos por semicultos. In: LÜDTKE J. (Org.). **Competencia escrita de impronta oral em la historiografía indiana** (siglo XVI). Actas del simposio del Instituto Ibero-Americano de Berlin, 23 y 24 de abril de 1992. Madrid: Iberoamericana, 1994. p. 155-190.

OESTERREICHER, Wulf. **La historicidad del lenguaje: variación, diversidad y cambio lingüístico**, in: Bustos Tovar, José Jesús de & José Luis Girón Alconchel (eds.), *Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, Bd. I, Madrid: Arco Libros, 2006a.

OESTERREICHER, Wulf. *Mudança linguística e recursos de expressividade na língua falada*. In: Lopes et alii (Ed.): **Sicronia y Diacronia de tradiciones discursivas em Latinoamerica**. Madrid: Iberoamericana, 2006b.

PESSOA, Marlos B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). **Para a história do português brasileiro: notícias de corpora e outros estudos**. vol. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de LETRAS da UFRJ/FAPERJ, 2002. p. 197-205.

PINTO, R. B. W. S. . **A heterogeneidade constitutiva do ethos no editorial português**. Calidoscópico, São Leopoldo, p. 25-32, 2004

POTTIER, B. **Théorie et analyse en linguistique**. Paris: Hachette, 1992

- RIZZINI, C. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.
- ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004): geografia, dinâmica e reestruturação do território**. Dissertação de Mestrado. Natal, RN: EDUFRN, 2005.
- ROCHA, Iúta Lerche Vieira. **O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva**. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 83-118, fev. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501997000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 28/12/2016.
- SANTOS SOBRINHO, José Amarante. **Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção: discursos, práticas, representações proposta metodológica**. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2013.
- SCHLEE, Magda Bahia. **A modalidade em editoriais de jornal**. 4º SIGET- Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão- 15 a 18 de agosto de 2007.
- SCHLIEBEN-LANGUE, B. **História do falar e história da linguística**. Tradução de Fernando Tarallo *et al.* Campinas: EDUNICAMP, 1993.
- SILVA, Suelen Sales da. **O percurso-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/FL/Departamento de Letras Vernáculas – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas.
- SILVA, Abrahão Sanderson Nunes F. da. **Musealização da arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares**. São Paulo: USP, 2008. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia.
- SIMÕES, José da Silva. A importância da história dos gêneros para a constituição de *corpora* diacrônicos. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerundio no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARZ, Rodrigo Garcia. **Trabalho escravo: a abolição necessária**. São Paulo: LTR, 2008.
- SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. (atualizada) Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- SWALES, John M. **Genre analysis**. English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Nas trilhas da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2013.

ZAVAM, Aurea Suely. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de Tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornal.** 2009. 419 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. 2009

Sites consultados

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2215-1.pdf> em 29/06/2015

<http://tribunadonorte.com.br/noticia/o-jornal-do-padre/284355> em 30/06/2015

<http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia-2/> em 30/06/2015

http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/DISSERT_pollyanna_honorata_silva.pdf acesso em 30/06/2015

<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/75.pdf> acesso em 30/06/2015

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso acesso em 01/07/2015

<http://www.anj.org.br/jornais-centenarios-2/> acesso em 01/07/2015

<http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/4sepla/artigos/Miriam%20Bauab%20PUZZO.pdf>

<http://vaconferir.com.br/museu-lauro-da-escossia-em-mossoro>

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2011v12n2p15/21356> em 13/10/2015

www.coseriu.de acesso em 18/10/2015

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/portugues_artigos/generojornal.pdf acesso em 01/05/2015

ANEXOS - CORPUS

Anexos

Texto nº 1

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: A política no país
4. Data do documento: 16 de novembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 981
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A corrupção

A constituição, a mais liberal, e a mais sabia/ do mundo, que nos foi imposta por von-/tade absolutamente soberana, no meio das/ commoções e dos terrores, e forçosamente/ por nós aceita, como uma taboa de salvação,/ para não ser uma verdadeira trapaça, seria/ preciso que não criasse as especies, que dis-/sesse a verdade, e ainda mais, que não men-/tisse; mas não, mente, e mente sempre!//Não dizer a verdade, deixar na igno-/rância, e [...].//Fomos cruelmente atirados as profunde-/zas do erro: o erro nos tem levado ao desa-/tino.//Essa obra de iniqua velhacaria, fran-/queou-nos os grãos de distinção como uma/ necessidade para glorificação do patriotismo.//Mentira! A principal virtude do cida-/dão bem merecido a patria é a abnegação. / - Essa necessidade que tanto exaltam- só po-/de achar saciedade na - corrupção.//Desta vamos tractar hoje neste nosso po/brissimo artigo, das mentiras que lhe deram/ o ser, e das que lhe são congenitas tractare-/mos em outra occasião, - quanto e como/ poder-mos.//Desculpem-nos as lacunas das locuções/ e das ideias; mas ouçam-nos://Diz-se que as monarchias devem ter bri-/lho que cegue.//E certo!//O aparato deslumbrante da côrte Real,/ sempre foi necessário para assegurar o poder/ e o arbitrio, assim como as sumptuosidade/ dos templos, as galas dos sacerdotes e dos/ magos, as ceremonias symbolicas, os mys-/terios, as oblações e os sacrificios dos tempos/ do paganismo (e em todos os tempos) o fo-/ram para implantar nos animos a supertição/ e o fanatismo – a ignorancia e a pretotência.//O povo avista de profusão e riqueza, / comparando-se, não podia deixar de bradar/ com toda a theophobia, apontando para o ido-lo/: aquele é Jupter- o deos dos deozes!Do mesmo modo o povo aos pés do thro-/no eburneo de um sardanapalo deslumbrado por tanta magnificencia, que jorra de toda/tambem comparando-se, não podia/ deixar de acreditar no direito divino, no rei/predestinado pelos deuses do Empyrio. //Muito esplendidas, pompozias, magni-/ficas mesmo deviam ser essas riquezas! Mui-/to deviam subjugar.//Se ainda hoje nos agrade ver, nos thea-/tros representados em pallidos fantasmas as/ magestades soberbas de Nabucodonosor e de/ Sezostres, enfeitados de coroas de papelão fo-lhiados de lata, ou de manots de estamenna/ sapapintados de malacachetas; se sempre nos/ apraz correr pressurosos, com as nossas cri-/anças, a janella, em dias de carnaval para/ admirar-mos o visinho taberneiro ou o bar-/beiro das lojas no nono sobrado, desfar-[...] o que não seria se vissemos uma/ d'essas realesas? Pelo menos os pe-/quenos, coitadinhos, ficarião loucos de con-/tentesa.//E' verdade! Essas gallas suprehenden-/tes ainda hoje deslumbra, a população, ain-/da hoje divertem. . . . as creanças.//Tem só esses monstruosos espetaculos o grande inconveniente de custarem extraordi-/nariamente caros. Os francezes par vê-/los/ representados em seu bello paiz, despende-/ram a titulo de honorários com Napoleão/ III, mais de duzentos mil contos Não fal-/lando na incalculável somma de mil/ milhões, que estão pagando a Prussia pela/ imprudência de o aturarem por tanto tempo.//Mas o peor dessas cortes Reais não é a / superfluidade, é a corrupção de exhalam,/ como se fossem monturos de podridões!//Na tremenda reacção do fim do seculo/ passado, os governos e os governados, pres/tes a serem submergidos n'um mar de san-/gue, acordaram-se, uns cederam metade/ dos seus direitos sagrados, os outross renun-/ciaram a obstinação, salvando-se todos na especie – monarchico-representativo. De/ um lado povo de outro rei. A garantia d'esse vinculo é o afamado e engenhoso equilibrio, ou fiel da balança, como lhe chama qualquer lente de direito publico; mas toda/ vez que o tal fiel pender mais para um lado, / esse apreguado equilibrio é uma – mentira.// Tirou-se, é verdade, as monarchias o/ cutello do algoz, porém deixou-se-lhe a um-/nificencia dos reis- quem faz graças tem/ graça. // Não seria preciso grande exforço para/ converter semelhante faculdade em arma de/ defesa e de acommetimento, quando era [ne]cessario sustentar o direito herdado ou querido.// Isto aconteceu.// Sejamos francos; digão o que disse [a]/ despeito de Tito, que contava o dia per[.]/ em que não fazia um bem, e do honrado l[eo]/poldo I, q' foi sempre um homem de probi[da]/de, o rei vive em constante antagonismo[...]/ povo. È o cão com o gato.// Rei e povo são materias heterogeneas./ Aquelle é inimigo deste por sua conservaç[...]/ por amor da prole, ou somente

por sua[linha]/ gem.// Se essas causas não tem certa força[...]/ direito, tem sua duvida o absurdo da am-/bição. Este é inimigo daquelle [por]/ simples entendimento> já que não sou o[...]/, sejas o que eu sou. Se não for este r[a]/ciocinio o peccado da inveja, tem em seu f[a]/vor a irrefragabilidade da justiça.//Procurando, por tanto, reagir send[o]/ a luta inevitavel, sem o cutello do algoz, qu[e]/ arrancaram-lhe das mãos, tem o rei a muni-/ficencia que lhe deixaram, para fazer mais pe-/la seducção, e firmar mais forte seu absolutis-/mo, não sustentado pela força mas creado pe-/la corrupção, que é mais terrivel, por que/ deprava os costumes e abate os brios- e o ar-/bitro e immoralidade.// Nessas condições sempre o rei é vito-/rioso, não tras atado ao seu carro de triumpho/ os soldados vencidos, não tem simples [...] um povo inteiro, famelico, de rojo a seos/ é mãos supplices implorando de Sua gra-[...] um. Hei por bem. . . . //E o povo pede, e deve pedir!-// Quando somos coagidos por um[...] contrahimos uma necessidade: a todo cus[to]/ será satisfeita.//Agora algum optimista, desses, qu[e]/ como rato ermitão da Fabula, tambem[...] seu eremiterio de um immenso queijo, n[...]/ podera perguntar: Então o merito não de[ve]/ ter recompensa? O galardão do merecimento[...]/ O merito, poderíamos responder[...]/ tem o atributo da lua, que precisa da luz e [...] sol para clariar embaciada, é igual ao mês/mo sol, e o seu brilho está na sua essencia. // E de facto. Que outro apreço podia dar, do que [a]/-quelle que deu, a uma fita dignataria,/ que por delicada cortezia não atou ao pesco-/ço do seu gato, o eminente escriptor portu-/ [...]

Texto nº 2

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: A política
4. Data do documento: 23 de novembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 681
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O estado do paiz.

Impressionados com a marhca rude e/ escandalosa dos tempos modernos, tomamos/ a ardua tarefa de profligar os desmandos de/ um poder despótico e absoluto, e de censu-/rar as incoherencias d'uma actualidade cheia [.....]// O [paiz][...] pela vil e asquero-/sa ambição de políticos insensatos, que a tro-/co das maiores indignidades tudo invidão pa-/ra satisfação de seus caprichos e interesses/ pessoaes, ostenta ao mundo, que o [co]ntem-/pla cheio de pasmo, o triste quadro da de-/pravação moral de seus homens públicos, e/ ao fundo o ponto negro de suas iniquidades e/ torpezas.//Os direitos sociaes postergados acada/ momento, a constituição violada em seus/ princípios mais puros e mais santos, e os in-/teresses do provo intregue aos caprichos e/ desvarios de uma corte adulara e corrom-/pida, eis o painél, que se ostenta aos olhos/ da humanidade soffredora. //O certame das idéas que na arena poli-/tica se vê diariamente transformado em lucta/ pessoal e mesquinha, bem longe de bazear-/se em princípios e regras que sirvão de sus-/tentátuelo e garantia á ordem publica, è pelo/ contrario o móvel poderoso, que a impele/ para o abismo insondável da anarchia.//O mérito individual, unico que devia/ condecorar os homens do poder e brilhar nas/ altas regiões administrativas, votado ao mais/ indigno e completo ostracismo, è hoje subs-/tituido pela insignificância de petulantes me-/diocridades, elevadas somente pela vontade/ imperiosa do mais escandaloso patronato./ este monstro social e politico, que cobrindo/ todo o paiz por uma rêde de funcionarios/ pervetidos, ouza ainda disputar os fóros d'uma soberania absoluta.//Os agentes do governo, meros destri-/buidores de graças e esbanjadores dos dinhei-/ros públicos, em vez de protegerem os talen-/tos que morrem desconhecidos na indigência/ e na miséria, e derramarem a luz dos conhe-/cimentos e da verdade por milhões de craneos/ onde reina a escuridão, vão sugando com/ onerosos impostos as ultimas gôtas de sangue,/ que gira nas artérias do po[...], cujos filhos de-/batendo-se nos estertores d'uma morte lenta,/ acabarão por sucumbir aos rigores d'uma vi-/da cheia de veixações e [malyrios?].//A grande e espantosa serie de empregos/ lucrativos, que de dia a dia se estendem por/ todos os anglos do império, bem longe de/ promoverem os melhoramentos do paiz e a/ satisfação dos interesses publicos são pelo/ contrario creações supérfluas, manêjos crimi-/nosos de defraudação, que em por fim lucu-/pletar os verdadeiros filhos da fortuna e da/ especulação, e sobre-carregar de vergonhosos/ desfalques os cofres de todas as provincias,/ já extenuadas pelo marasmo de suas finanças/ e continuadamante oprimidas por necessi-/dades crescentes. //O regimen eleitoral cuja organização/ devia constituir as garantias do suffragio e da /vontade geral, legitima única baze sobre/ que pôde solidamente firmar-se o nosso sys-/tema politico, suffismado em todos os seus/ principios e convertido pelos abutres sagui-/narios do poder em eterno assumpto de trage-/dias horrosas, presta-se as consultas e manê-/jos de um imperialismo disfarçado, que/ tem mandado representar em todos os tem-/plos essas inauditas scenas de escandalo, a/ que preside o crime e a liberdade das baio-/nêtas, para despedaçar as santas imagens,/ profanar todos os sacrarios, arrancar a tan-/tos cidadãos o duplo direito de suffragio e de/ vida e lavar os sagrados pavimentos de ondas/ ferventes de sangue humano!//Em quanto a nação a-/ssim prostada e abatida geme curvada ao pezo da dor crucian-/te, com que a torurão as differentes formas/ do despotismo que a esmaga, a hydra da/ corrupção vai serpeando insidiosa pelo ave-/ludados salões da aristocracia até enroscar-se/ no sopê do throno da prepotencia. E dis-/parando d'ali os seus mil botes de veneno morti-/fero, procura instillar a ultima gôta no co-/ração da sociedade e dar esta, pela decomposi-/ção e gangrena, o seu mais completo absolu-/to aniquilamento. //Eis em poucas palavras dezenhado o/ quadro pavoroso e tetrico das miserias da ac-/tualidade; eis o luctuoso espetaculo, que re-/presenta um paiz em desfílada por entre as/ alas do crotêjo funebre que lhe formão as des-/graças da patria; eis finalmente o quadro las-/timôso d'um imperio em decadencia, que os/ satelites do despotismo vão de dia a dia ar-/rastando ao sepulchro das nações. //

Pobre paiz, desgraçada patria!//

O genio protector das nações ore por ti ao la-/do do anjo da liberdade.

Texto nº 3

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: Política
4. Data do documento: 30 de novembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 1243
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O Partido liberal de Mossoró diante dos chefes dos conservadores

Depois de longos annos de ostracismo po-litico, a que a mão da prepotencia e do fana-/tismo, havia reduzido o partido liberal desta/ cidade, eil-o que ressurge do sepulchro da his-/toria rasgando as vestes negras do passado e/ quebrando os grilhões, com que o pedantismo/ ouzado e cruel dessa prepotencia o vic/[imára] , para mostrar-se forte e inabalavel/ em suas crenças, attestar a constancia e fir-/meza de seus princípios e dar um solemne testemunho da marcha crescente e victorio-/sa de suas nobres aspirações.//Quando no anno de 1848 foi esta cidade,/ então povoação, theatro pela vêz primeira/ do grande pleito eleitoral em que o partido/ liberal, unido e arregimentado, numerozo e/ invencivel, tendo a sua frente um chefe de/ nome, influencia e prestigio, luctava vantajo-/zamente contra as forças de um governo, cu-/jo poder éra delegado na pessoa e satelites/ de um phantasma político, já intitulado de/ pastor Evangélico, appareceo logo o genio do mal/ envolto no ruidoso e negro turbilhão das/ paixões politicas, arvorando o estandarte da/ superstição e cimentando por toda a parte o/ germen da discordia, afim de estabelecer e/ firmar sobre todos os espiritos sua barbara/ dominação jesuitica ou especie de tyrannia sel-/vagem. Desde então que a arvore santa da/ liberdade não sentindo mais solido apoio no/ solo virgem, de que brotara, teve de camba-/lear aos empuchões violentos desse tufão mal-/dito, e o despotismo começou a produzir se-/us espantosos estragos. Nessa epocha o par-/tido liberal reagindo contra os effeitos per-/niciosos de tão nefasta dominação, obteve/ como era d'esperar nas urnas aquelle trium-/pho real e legitimo, que lhe devia assegurar/ a razão de sua força numerica; porém a frau-/de, de que sempre costumão servir-se os sa-/telites do despotismo aliados aos menistros/ da superstição, simulando forças criminosas/ em que a lei e os sagrados principios da jus-/tiça e da moralidade forão sacrilegamente vio-/lados, disputando as honras do triumpho e-/leitoral e arrogando-se o direito da legitimi-/dade, satifez completamente á expectativa/ do governo imperial, que com cunho da le-/galidade sellou mas este drama immoral de-/falsidades iniquas! // Abatido assim e dezanimado pelas extor-/ções e ultrages do poder e recluzo no estreito/ circulo de suas sagradas aspirações, o parti-/do liberal de Mossoró abraços com a deses-/perança ao ver de dia a dia extinguir-se-lhe/ o vigor e o ultimo alento de suas forças vitas/ inclinou a frente resignado para exgotar ate/ as fezes o calix de suas provações politicas/ sugeitando-se aos horrores do arbitrio e da/ prepotencia athe que passasse o longo perio-/do d'esse reinado de crimes. // Desde esse tempo, que o único chefe, que/ se tem visto á frente da politica conservadora/ bajulando todos os governos, bandeando-se/ com todos os partidos, trahindo e vendendo/ todos os grupos e facções, foi e tem sido sem-/pre um sacerdote!// Instrumento azado e bem escolhido para/ todos os mysteres, em que é precizo abdicar/ a honra, o brio e a dignidade de homem, este/ sacerdote, desvairado e perdido em de-/trimento do templo da parocchia e das almas,/ tem-se visto, abandonando os amigos da ves-/pera, acampado sempre nos arraiaes da po-/litica dominante, para ahi converter-se em/ caudilho eleitoral e director da mais vergon-/hosa caballa, em que mercadeja os proprios/ sacramentos a troco dos suffragios d'um povo/ cego e ignorante, que tem procurado escravi-/sar. //Arvorando-se em chefe de tribu ou Lopêz/ da localidade, tem ouzado constituir-se o ar-/bitro dos destinos deste povo sem luzes, que/ não quer ver esclarecido, para que possa com-/pletamente governal-o e dirigil-o pelos invi-/os e tortuosos caminhos da má fé e da hypo-/crezia: invocando o céo para dominar a ter-/ra arrogase o divino e predestinado regula-/dor de todas as manivellas policiaes e admi-/nistrativas para melhor proteger os crimino-/sos que o insensão e perseguir aos que não/ se conservarem submissos ao [nuto] (?) de sua sacrilega prepotencia.//Fazendo da eleição e da politica um appen-/dice da relegião do crucificado, vai fanatizan-/do o povo em nome de Deos e iniciando este/ ao Alcorão das doutrinas conservadoras, dis-/pondo os expiritos a horrorisarem-se das ide-/ias livres , do progresso e da luz, sem duvida/ no duplo intuito de poder melhor arrancar/ ás victimas da superstição e da cegueira os/ votos da adhezão e do suffragio.// Convertendo o templo do Sr. Em forum/ politico , ou verdadeira praça publica e a ca-/deira sagrada em tambor ecclesiastico, donde/ por mais de uma vez tem sahido o écho de alarma/ e o signal de revolta contra

os liberaes/ tem chegado a servir-se (proh dolor!) do/ proprio nome do martyr do gólgota para the-/ma das mais desvairadas digressões politicas,/ em que por mais de uma vez se tem visto/ fulminar de anathema com os injuriosos epithe-/tos de reptis, viboras e serpentes aos que/ não seguem as doutrinas do seo alcorão, dizendo por entre um milhão de disparates que,/ o Christo nunca foi liberal; talvez com o fim/ de persuadir a um povo fanatico que é mi-/nistro d'um Deos conservador!//Todos estes sacrilegios, blasfemias e absur-/das impiedades, de que o templo Mossoroen-/se foi theatro antes das aleições de 18 d' A-/gosto de 7 de Setembro, vão felismente reve-/lando os ultimos arrancos da impotencia de-/lirante, a quem ferem da morte os raios da/ luz brilhante, que já se vai fazendo no reino/ escuro deste principe das trevas.//Oh! Como o seu reino está por um fio e/ proximo a barathrear-se na voragem do ne-/gro abismo!...//Espere que hade ser afogado em um ocea-/no de luz!...//Por em quanto proste-se em adoração di-/ante da filha de Guthemberg e contemple es-/ta estrella dos povos, que guiando os Magos/ do progresso a estes dominios do novo Hero-/des, brilha já radiante e luminosa sobre a phe-/nix, que renasce das cinzas do partido liber-/tador.//Misero cego! Como ignorava que o Chris-/to, o divino democrata, o liberal por excel-/lencia, que quebrando os ferros do negro li-/bertou as nações oppressas, havia de volver/ um dia suas vistas piedosas sobre esta cida-/de mizera ecaptiva d'um tyranete oppressor/ e seu falso ministro!//Não sabia que a luz devia abrir-se como/ relampago no tenebroso deste cahaos para i-/luminar a consciencia do escravo, e fazer del-/le um ser pensante e livre um homem, um cidadão?!//Poderia a cazo o Mossorò pertencer eter-/namente a um verdugo, que o tem esmagado/ e comprimido em um circulo de ferro, obsti-/nando –se a reduzir-o uma cegueira perpe-/tua, a uma perpetua escravidão?! Não se/ lembrava que devia apparecer finalmente a/ luz do espirito para afugentar o anjo das tre-/vas que presidia à negra noute das almas?!// Ah!...Quem Deus dementat perdit!...//Levante-se o reprobó, abra os olhos no/ espaço e repare ao longe no azulado céo dos/ horisontes. Não vê por entre os palôres d'uma bruma sagrada e os prenuncios d'uma/ aurora divina certa emanação deresto ange-/lico, uma imagem sacrosanta?!// Trema!. He o anjo da liberdade, que se/ aproxima.// N'uma das mãos tem elle esvoaçando a fita/ auriverde d'um pargaminho que arrancára/ dentre seios mysteriosos; - é a carta d'eman-/cipação deste povo d'ifelizes: na outra, re-/pare bem, traz elle o negro estigma do pre-/cito que hade malsinar essa fonte maldita!// Oh! Como se annuncia magestoso e bello/ o romper d'aurora desse grande dia!// A imprensa, a geração nova, e as ideias do/ seculo já vem entrando as portas do Oriente/ no carro civilisador, e o partido liberal de/ Mossoró que se levante cheio de fê, rico d'es-/peranças e animado do mais nobre enthusi-/asmos para sahir ao encontro dessa locomoti-/va magnifica, aguarda o dia do sahimento fu-/nebre do seu tyranno oppressor para assistir/ aos esplendidos festins da liberdade e cantar/ hozanas ao Rei immortal da criação.

Texto nº 4

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 8 de dezembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 840
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O poder irresponsável

Na bem inventada balança dos pode-/res políticos de que temos faltado, o poder/ irresponsavel por si só bastou para levar á/ baixo a concha, em que se collocou a mo-/narchia. Que absurdo!!! O homem em suas faculdades é o res-/ponsavel de seus actos; só o mentecapto é,/ que, sendo uma consequencia não o pode-/rá ser. Este poder ou é idiotismo ou u-/ma essencia da Divindade: o idiotismo é/ o desarranjo e o impossivel, e essa essencia/ não é partilha dos mortaes: logo o poder/ irresponsável é o absolutismo. Este poder,/ unido á faculdade de fazer e dasfazer o exe-/cutivo, é o maior e o mais tremendo arbi-/trio. Ninguem para à um criado para lhe de-/sobedecer.
//

Não podendo a nação nomear o func-/cionalismo, esse so tem de submitter-se a-/quem lhe deo o ser; e se a gratidão não fos-/se uma virtude o mêdo do desfavor o cha-/maria á obediencia. Formado por quem po-/de o Ministerio, que vai ser a acção e a exe-/cução, este por seu influxo faz surgir a/ Camara; nem esta e nem aquelle tem cou-/za alguma com o Paiz, a quem nada devem/ e dequem nada podem temêr; não pertencem/ á patria pertencem a hum homem, e por de-/ver dos seus encargos devem amarrar o asno/ a vontade do seu dono. – Desobedeção, se ti-/verem coragem; o menos que lhes acontecerá/ é a despensa de serviço e a negação d'um bom/ attestado – o ostracismo. Desobedeção – A ca-/mara será enxotada com o lenço, como um/ bando de aves daninhas e o Ministerio, como/ já disse o Sr. Rio Branco, será despedido co-/mo o lacaio, que tivesse furtado o relógio de/ seu amo. //O executor differe do autor, em quan-/to este inventa ou ordena, aquelle segue/ a vontade alheia, sugeita-se a um modello/ e a uma ideia já formada; o proprio ver-/bo o indica em sua estricta difinição. Execu-/tar representa a ação determinadamente/ com relação a outra acção anterior, a re-/solução, a ordem, a ideia que precedeu a/ execução. No nosso intender, pondo as/ cousas nos seus justo lugares – os outros/ trez poderes do estado é que deverião ser/ irresponsáveis perante a nacção, assim co-/mo é o artista na execussão d'uma obra/ para com aquelle que lh'a não encommen-/dou. Quando o Brazil poder ter Ministros e/ representantes seus, então cumprir-le-há/ louvar ou censurar: por hora so deve envi-/dar todos os seus exforços, sacrificar-se mê-/mo para reformar o que não presta, trocan-/do a mentira pela verdade. A imprensa, / cremos nós, só deveria discutir ou disputar/ a partilha fraudulenta e egoistica que nos/ deu o quinhão desvantajoso, nos direitos/ politicos; protestar sempre contra esta le-/são enorme até q' fosse annullada. Em quan-/to persistir a mesma ordem de cousas nada/ mais se pode esperar dos nossos homens se/ não que se defacerem em luctas e estrategias/ mal combinadas para se disputarem os des-/pojos fratrecidas d'um poder que não pode –/ do poder de receberem imposição.//E nem se poderia esperar outra cousa;/ não fossem elles homens!!!! O homem, como todo animal, tem o ins-/tincto da propria conservação quer a vi-/da, mas não lhe basta só isto, sua razão pe-/de mais, quer o viver bem. Sendo natural-/mente egoista e ambicioso só o que pode com-/tel-o na torrente impetuosa dos seus desejos/ illimitados e sem duvida o interesse maior/ de todos os interesses – a sociedade que o/ garante contra a injustiça da força e o leva/ mais rapidamente o bem estar.// A pesar dessa salutar/ sugeição não perde elle suas tendencias na-/turaes; e toda vez que pode exerce o egois-/mo e a ambição. E' pois mais estavel e filiz/ a sociedade quando as leis do seu funda-/mento dão menos meios aos consorcios de ex-/ercerem uns contra os outros o interesse/ proprio e particular. A lei pode determi-/nar, ordenar, impôr, e estabelecer penas e/ rigores; mas não conseguirá dos homens a/ inteira observância se não previnir os abu-/sos. Dai ordem peremptoria ao vosso crea-/do da camara para que vos não fume os/ charutos que deixaes descuidado por cima/ dos bofêtes; será escusada a recommenda-/ção, elle os transformará em flagrantes ba-/foradas de fumo em quanto não os feixar-/des na gavetinha da vossa secretaria.//

Não havendo o que cubiçar ninguem/ cubiçará. No paiz onde não se tenha creado/ distincções e titulos a corrupção tem menos/ um elemento uma possibilidade. A permis-/são sem responsabilidade, dada a um úni-/co braço de impedir a impulsão, é a vont-/de, é o capricho, é o autor que determina/ a acção, a resolução, a ideia, é arbitro em/ fim; pode ser até a perversidade, só não/ pode ser nunca a perfeição, porque esta não/ é a partilha da

humanidade. O poder irres-/ponsavel, este absurdo, é uma das mentiras/ que promettemos discutir e fulminar em um/ dos nossos numeros passados. Continuare-/mos no doce encargo de desmascaras a men-/tira; se nos falta a força da palavra sobraão-/nos desejos ardentes de tambem concorrer pa-/ra a perfeição da nossa sociedade; nós todos/ teremos um interesse, o bem estar de cada/ um sem o prejuizo de ninguem.//A mentira foge quando a verdade apa-/rece, - digamos a verdade.

Texto nº 5

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 14 de dezembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 474
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Ainda o poder irresponsável

Continuando nós a tractar ainda do po-/der irresponsável o nosso fito é somente ap-/presental-o como uma causa; os seus effeitos/ são os que se dão todos os dias e que todos/ nós soffremo-lhes os damnos, estão nas dores/ de cada um, não há poder esquecel-os./ As-/sim dispensamo-nos de analysar: deixamos/ o improficuo trabalho de combater os [effei-/tos] a quem não conhece a cauza.//Felizmente já o paiz vai acertando: os/ tiros vão chegando perto do alvo. Já hoje a/ imprensa acha no que censurar esse poder,/ já um ministro apeado na véspera disse no/ outro dia em plena camara que havia uma/ couza chamada- poder pessoal! –O Sr. Jo-/sê d’Alencar, ou despeitado ou não, disse/ uma grande verdade, em um lugar e em u-/ma occasião tão adequada, que deve muito/ concorrer para as reformas de algum dia./ A patria lho agradecerá.//Em outros tempos, que não vão muito/ longe, o poder irresponsável era accusado/ de tibio, fraco, condescendente de mais/ com o executivo que atrás e horrivelmente/ menosprezava as leis.// Essa censura indebita era o maior elo-/gio que se lhe podia fazer; ser assim condes-/cendente era deixar- a quem tinha de di-/reito a responsabilidade tel-a tambem de/ facto. Simulavam, ou de veras acreditavão/ as nossas melhores cabeças, que – o rei rei-/na e não governa; porem durou isso so até aos/ ultimos instantes da vida incomparável do/ venerando Sr. Marquez de Olinda! Hoje o/ Sr. Rio Branco, por mais talento, impavi-/dez e flexibilidade, que tenha, aproveite e/ empregue azadamente, não attingio e nem/ at-/tingirá a altura do defunto Marquez. Po-/de fazer todas as reformas mancas que lhe em-/commendarem, não tera do paiz as honras/ da responsabilidade: - é que commissio-/nou-se em occasião desfavoravel- quando/ a mentira vai deixando a mascara.// Os tiros, diziamos nós, vão se approxi-/mando, mas ainda não tocaram ao alvo. // A nossa comedia politica é uma peça/ mal combinada, e o publico que a vê no pros-/cenio se tem desagradado tanto que já pa /[...] os comparsas, os lacaios e os bobos,/ depois passaram aos protagonistas e agora/ já vão tambem pateando ao emprezario do/ teatro; mas a composição defeituosa não/ foi por ora reprovada, faz o todo do reper-/torio: em quanto não for de revista, emenda-/da e correcta, fará fiasco, e apesar disso este/ ou outro emprezario achará conveniencia/ em levar-a á scena, e o pobre do publico,/ que paga para haver espetaculo, sera sem-/pre bigodeado, poderá ser a execução/ incumbida a novos comediantes, preceder/ programmas ou annuncios pomposos, nem/ por isso o sucesso será mais feliz, por que/ o defeito não está na execução está na mons-/truosidade da infeliz concepção- que terá/ infalivelmente um aborto de desparatadas/ inverossimilhanças; // O alvo pois a que ainda não attingiram/ é a comedia chamada constituição.// O acanhado espaço do nosso jornal não/ permite-nos por agora maior desenvolvimen-/to. Fazemos ponto para continuar-mos de-/pois.

Texto nº 6

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto:
4. Data do documento: 21 de dezembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 869
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A demissão do Sr. Ricardo Vi-eira do Coutro e o Exm. Vice/ Presidente da província

O vapor costeiro vindo do sul, que to-/cou em nosso porto no dia 18 do corrente/ trouxe-nos a fatal noticia da demissão do/ nosso amigo Ricardo Vieira do Couto, escri-/vão da Meza de rendas desta cidade.// Homem zeloso, honesto, inteligente e/ ilustrado, q' a uma boa indole e coração/ bem formado reúne outros predicados e/ qualidades não menos distinctas, o Sr. Cou-/to era um desses empregados, que no meio/ do pessoal geralmente pessimo do funccio-/nalismo, que atualmente se vê em nosso/ paiz, se podia dizer uma das mais bellas re-/liquias ou honrosas excepções, que raras/ vezes se encontram. // Foi por tanto a sua demissão alem d'in-/justa e impolitica um completo erro admi-/nistrativo; erro, que constituindo um dos/ passos mais arriscados, que Exm. Vice-/Presidente desta Provincia possa aventurar/ no periodo da existencia efemera e transito-/ria de sua interinidade administrativa, não/ pode e nem deve passar sem um correctivo/ energico da parte da impensa Rio-gran-/dense, e com especialidad desta Redacção/ de quem o Empregado demissionario é bem/ conhecido e apreciado por sua nobres qua-/lidades. //Enganarão-nos completamente as nos-/sas previzões. O juizo que a priori havia-/mos formado do character do novo Vice-/Presidente, sentindo-se, por um tal acto, fal-/seado em sua baze, fez-nos baquear o edifi-/cio das mais lizongeiros esperanças. Não há/ mais que ver. Diante d'um acto sellado/ com o cunho da maior injustiça contra quem/ o bom senso e a opiniãe publica desta cida-/de se revoltão indignados, é forçoso arran-/car d'alma esta dolorosa exclamação. O nos-/so paiz é uma desgraça e a politica a mais/ horrivel de todas as monstruosidades!!! // De duas uma; ou o novo administra-/dor da Provincia levado por alheias sugges-/tões, malignamente insinuadas para o illu-/direm, fulminou sem conhecimento e com-/seguintemente sem consciencia nem justiça/ aquelle funcionario, ou o seu espirito está/ realmente affectado d'uma especie de furio-/so delirio maniaco-dimissorio , e como/ tal revela a cegueira fatal das paixões poli-/ticas que lhe refervem no cancro e a sede/ de vingança, que lhe vai n'alma. Cercado/ pelas duas pontas deste dilemma terrível,/ o Exm. Presidente desta Provincia, sem ter/ aonde se acastelle, hade confessar o seu gran-/de erro ou peccado tres vezes condemnavel.// Uma só couza o podera salvar- é a decla-/ção official baixada do seu gabinete em que/ sinceramente se diga ao paiz que o Sr./ Couto é um homem completamente indig-/no desta miseravel situação. Demittir se um/ empregado publico probro, honrado e intel-/ligente, para ser substituido por outro não/ menos talentoso, e ornado e tão bons, ex-/cellentes ou melhores predicados, é isso às/ vezes natural e tem-se visto praticar por ad-/ministrações honestas ou governos, que se-/ dizem ter moralidade; porem substituir um/ funcionario zeloso e fiel por outro imbecil/ e sem confiança, um empregado sem macula/ por outro corrompido e prevaricados, o agen-/te moderado e prudente pelo phosphoro des-/vairado, o homem honesto e razoavel pelo/ peralvilho insensato, a aguia pelo reptil, a/ intelligencia pela materia e o racional pelo/ bruto, é praticar uma destas couzas que não/ tem nome, e ostentar a grande voluptuosida-/de de se sentir sinceramente abominavel; é/ ver um desses partos monstruosos sahir d'u-/ma montanha administrativa, que se preten-/de tornar celebre pela enormidade de sai pe-/quenhez.!! E é mais do que tudo isto. È querer/ deixar no quadro geral dos feitos adminis-/trativos da provincia um ponto negro como/ aureola da ignominia que hade marear/ brilho da ferdera presidencial!!! Fica pois patente a toda luz da evi-/dencia, que se na demissão do Sr. Ricardo/ Vieira do Couto há um erro, na sua sunsti-/tuição há mais do que isto, há um verda-/deiro crime. Prova-o o corpo de delicto e/ a nota infamante de prevaricação, que ne-/greja nos fastos da alfândega da capital;/ prevaricação, que servindo de alta recom-/mendação, confere um titulo de merito do/ novo nomeado. //

Estes e outros factos vergonhoso sig-/nificando pela hediondez de sua eloquencia/ os deleterios miasmas de corrupção, que se/ respirão nas altas regiões do poder e o nau-/seabundo fedito, que exhala o putrido ca-/daver dest miseravel situação, são verda-/deiros monumentos erguidos a desonra e depravação moral, a que tem chegado os/ nossos homens publicos com, e immortaes pa-/drões d' ignominia, que a inexorabilidade/ da historia hade atirar para alem dos evo/ com os que fazem consistir a gloria n'uma eternidade d'infamias. // Ao Sr. Couto pois damos os [nossos] em-/boras sinceros e entusiaticos, por ter dei-/xado de ser agente d'um governo, para

quem o talento e avirtude são os mais des-/graçados titulos de recommendação. Com-/sole-se o amigo lembrando-se d'isto. - As/ perolas não devem perder-se nos esterquili-/nios da actualidade. Louvamos-lhe a sua hereoica e santa re-/signação de philosopho e mais que tudo a-/quella alegria e serenidade d'espírito, com/ que de sangue nas faças recebeo a noticia/ do golpe moral, que sobre sua cabeça des-/fechara o seu algoz administrativo. Foi-nos/ summamente grato ver por entre sorrizos/ de desdem cahir de seus labios quando ad-/miravamos palavras- Então suppunhs que me/ fugisse a paz do espirito ou das fazes aquelle/ rubor. Que nem o caminho da forca seria ca-/paz de arrancar-me?!// Palavras taes so proprias das grandes/ almas fizeram-nos recordar a constancia do/ varão justo naquella phrase sublime do velho Horacio, Si fractus illabatur orbis, im-/pavidum ferien ruinae. Honra pois a tão il-/lustre victima! Vergonha e oppobrio a se-/melhante governo.!

Texto nº 7

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 28 de dezembro de 1872
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 537
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Crize

Sempre que se reúnem as nossas cama/ras depois de uma dissolução, quando se/ tem já consultado a *opinião do paiz*, ha no/ publico uma certa anciedade, um certo es-/tremecimento nos espíritos, que não passão/ do alvoroço muito natural que [tem] sua ex-/plicação na novidade; mas dessa vez há/ mais do que isso- ha sérios receios que a-/bastão os ânimos mais firmes. Tal é o esta-/do a que o capricho e a politica a [mais] sub-/versiva tem levado o nosso malfadado paiz./ Esta cituação anormal não podia deixar de/ ter os nefastos effeitos desse perigoso golpe/ de estado de 18 de julho, dessa horrível ful-/minação, com que a *irresponsabilidade*, a-/castelada, não fêz do Brazil um [joguete]/ por que a toda luz está patente que quis/ a consolidação do *poder uno* : foi o traba-/lho nefando do absolutismo!// E este absolutismo, que para masca-/rar-se preciso foi tanto corromper, tem de-/pravado os nossos costumes matado os brios/ patrioticos, e inutilisado quasi todos os/ nossos homens= Alguns que escaparão des-/sa contaminosa deformação, cahirão na i-/nercia da indiferença. =Ninguem se quer/ interessar nos públicos negócios, uns por se/ tornarem impossiveis, outros pelo bem fun/dado receio das tristes *complicações*. //Seja como for. Hoje a missão de gover-/nar é um fardo tão pesado, uma respon-/sabilidade moral tão descomunal que for-/ça è dizel-o = não sera fácil encontrar hom-/bros tão de ferro como os do Sr. Rio Branco que a possa supportar. // É esta dificuldade, que faz hoje a/ grande crise da situação. A projectada via-/gem para a Europa do Presidente do Com-/selho, o mysterio em que se envolve o des-/gosto do Sr. Conde d'Eu manifestado no/ seu inexcrutavel pedido de exoneração, o/ pessoal em disponibilidade, com que po-/dem contar os homens do poder essas so-/bras, esses sobejos deixados depois do Sr. João Alfredo, e mais que tudo, a subleva-/ção nos seus próprios acampamentos,a/ deserção de sua vanguarda, cujos profugos/ se ostentão de seus mais cruéis oppoentes/ tudo faz crêr, que esta fatídica desgraça que/ se chama = governo= está na sua ultima/ phaze, e que não escapará à conflagração/ que elle mesmo criou.// Nem se creia que por mais falseadas/ que estejam as nossas instituições, seja pos-/sivel por mais tempo viver um poder apo-/crypho e desnaturado como o que tem es-/carnecido e atrophiado nosso pobre paiz./ Embora a suposta maioria das urnas este/ jogo trapasseiro exercido por mãos pollutas/ seja um edicto official, a opinião publica,/ as manifestações da imprensa livre tem van-/tagem muito maior do que essas falsas maio-/rias, = tem o poder da universalidade.// Vai pois cahir [...] a ultima e mais/ incorrecta edição do Ministerio 16 de julho/ já tão deluido, que não haverá mão por/ mais sagrada, que seja capaz de galvani-/zal-o ainda uma vêz!//Agora resta saber qual será o caridoso/ christão, que lhe cerre os olhos; é um mys-/terio! O tempo, que não custará a chegar,/ nol-o dirá./

Texto nº 8

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 4 de janeiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 485
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoró, 4 de janeiro de 1873

Acaba de soar no relógio dos tempos/ a última hora do ano de 72. //

Entregando a história o legado inglório/ de suas tradições ominosas e ao novo 73 as/ chaves que devem abrir as portas do futuro/ rodou veloce e fugaz no carro do tempo dan-/do seu último adeus a terra do Cruzeiro.// A maneira d'esses satélites governis-/tas ou vice-reis de província, que fazendo/ de meteoros, querem deixar em sua passa-/gem os dourados sulcos d'America os si-/nistros e pálidos reflexos de sua memória/ para atestar as gerações por vir os indele-/veis vestígios de uma execração nefanda. // Tendo inaugurado o poder pessoal do/ primeiro e mais sábio de todos os impera-/dores para presidir ao triumpho solemne da/ estúpida lei das minorias sancionada no/ absurdo golpe d'Estado de 22 de Maio; e/ assistindo nos diversos theatros de carnefi-/cina política do imperio a essas hecatom-/bes do voto livre inventadas para afogar a sede angustiada dos minotauros do poder e/ appllar as iras do sagrado e perpetuo Defensor dos Brasileiros, o velho 72 não quis/ fazer suas despedidas sem deixar na gran-/de Synagoga reunidos em pharizaicas des-/putas os escolhidos das baionetas!//

E de facto ahí deixou os dilectos do/ Poder unoexibindo a face do paiz com a/ [sans] façõ d'um cynismo judaico os títulos/ de direito a representação nacional, esses/ horridos pergaminhos que a fraude e a vio-/lencia nodoaram d'infâmias e de sangue, esta/ cor de púrpura maldita que a [...] seculos/ lizongeiã a vaidade dos monstros reaes. //

Que espectáculo sublime para Monar-/chas! Tão suprema felicidade faz-nos re-/[...] estas expres-/sões d'uma gloria immortal <<Para aquel-/les para quem o mal é o ideal e opprobrio/ é uma aureola. Nero incendiando Roma,/ Luiz XiV apoderando-se traiçoeiramente do/ Palatinado, o Regentoe Jorge matando lenta-/mente Napoleão e Nicoliau assassinado e/ Polonia à face da civilização deviã expa-/rimentar os effeitos voluptuosos das grande-/zas que devaneião. Um mau reinado tem/ evidentemente deste gozar de condemna-/do>>. Mas como iamõs dizendo o velho 72,/ sub cujo signo e influencia se praticarãõ tan-/tas iniquidades e torpezas não podia e nem/ devia apartar-se da scena do mundo sem as-/sistir aos últimos festins das orgias do po-/der. Por consideração e homenagem ao/ grande Cezar Americano, que hoje symbo-/liza o Jupiter tonante mytologico, a cujo a-/ceno tudo se move, entendeu o velho filho/ dos seculos não dever sahir de seu imperio/ sem deixar congregados no Synedrio flumi-/nense os filhos queridos da imperial consul-/ta ou designados da sua omnipotência. //

Tendo assim lisongeado a vaidade so-/berana e satisfeito a vontade absoluta nada/ mais restava ao velho 72 do que imitando o/ Sr. De Rio Branco, a passar o fardo so Sr./ De Cotigipe, entregar a pasta ao moderno/ -73-. Vejamos pois como nos tracta es-/te novo vezitante dos [...]. //

Só elle poderá em sua revolução dizen-/rolar os altos politicos deste bai-/xo- Imperio e dizer-nos o que será o Bra-/sil d'amanhã. Esperemos.

Texto nº 9

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 11 de janeiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 233
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A falla do throno//

I //.

No dia 21 de Dezembro próximo passa-/do mentiu-se à nação com ignóbil cynis-/mo!//

O discurso da corôa faz tremer o cora-/ção de todo Brasileiro , que sente, pelos [...] //Esta peça de [...] -tio sempre!//

<< Augustos e dignissimos representan-/tes da nação>>! //

Eis um verdadeiro escarneo atirado à fa-/ce d'um povo espigardeado por um go-/verno immoral e corrompido!//

Hoje esta fraudulenta reunião podia ser/ somente uma farça irrizoria, se as impres-/sões das sanguinolentas tragédias representa-/das nos comícios populares, e que lhe de-/ram origem, não estivesse vivas, claman-/do vingança, no pranto da viúva, no de-/zamparo do órfão e nas feridas ainda san-/grentas no macerado peito do cidadão paci-/fico e inerme; tudo obra dezastrada do as-/bre da policia imperial!//

E se diz ao imperio << nossa própria expe-/riência e a de outros povos ensinão que os/ lamentáveis abusos que muitas vezes tem/ perturbado e viciado o processo eleitora/l nascem *principalmente do estado dos coxtu-/mes políticos, que só o tempo pode melho-/rar!*>> //Sim!....Só o tempo!....!//

E as cazas de Deus Augusto forão rocia-/das de purpurinas espadanas; mas as pur-/puras dos augustos homens ficarão incólumes : a [homogen]idade da cor lhes não fêz/ perder o br[...] sangue não mancha a/ purpura!.....//Sanguee purpura!//

Que a sabe se a aflamada purpura, priva-/tiva dos reis d'antiguidade, de que os po-/vos modernos não podem descobri o se-/greto- não foi simplesmente a immersão/ no sangue humano?!

Texto nº 10

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 18 de janeiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 402
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A falta do Throno.// II //

O Impererio goza de tranquillidade in-/terna>> diz ainda a falla do throno.//

E de facto a innocencia encerrada na mas-/morra vive na mais tranquilla paz; su'alma/ é um cêo de delicias, nenhuma sombra d'/angustias o pode toldar; acalentada em seu/ doce somno pelos surdos e monótonos pas-/sos da sentinela, apenas pode ser desper-/tada por essa lugubre e [...] voz, que-/brada- alerta- para recahir de novo no go-/zar ditoso d'essa paz tranquilla.// Nos cemitérios as ossadas poentas e os cadá-/veres em putrefacção também jazem em paz;/ nem o ciciar da briza no feral cypreste, nem/ o piar do mocho agourento, nem o pálido cla-/rão da lua banhado as rias lagens do tu-/mulo outra couza signficão no silencio da/ noute, que não seja um eterno socego!...//Sim, nem os encarcurados nem os mor-/tos são capazes já mais te perturbarem a paz.//E esta paz é a felicidade !!!Ainda bem !... Abençoada nação brazi-/leira, tú es afinal de contas um povo de cor-/deiros ditosos e feliz ! las o que seria, se a/ menor suspeita revelase que poderias per-/turbar essa paz interna, essa doce tranqui-/lidade ?! Oh ! Terias de ver a devassa, a/ bem da segurança e dordem publica, fazer/ rolar do cadafalso um cabeça nobre como/ a de Tiradentes para armal-a em um pos-/te na cidade de seu scimento, deixar o/ seu cadaves insepulto na habitação arra-/zada e o chão salgado Infames !//Terias de ver as c(...)agens de 17, os fu-/zilamentos dos pátrio Pernambucanos, as/ gemonias e as forcas, milhares de martyres/ esquartejados e outro por afrontosa igno-/minia arrastados semivivos pelas ruas nas/ caudas dos cavalos mil vezes infames !// Oh! Só as armas os levantamentos é/ que alterão a tranqu[ili]dale interna d'uma/ nação?! Mas então que dizem essa hos-/tes aguerridas do pr[oc]esso, que ali se pre-/parão para a titanic[a] lucta que vai ferir-/ entre os elementos de[m]ocráticos e os prin-/cipios da velha aris[toc]racia feudal !! O que/ signficão essas onda furiosas da opinião,/ que debatendo-se d'encontro ao penhasco/ do despotismo, que as assoberba, vão lavan-/do com seus vagalhões a grande náu do Es-/tado, que ameação submergis levando-lhe/ o timoneiro e a realeza ?! Oh ! Sim tudo/ isto que dizer que o Império goza de tran-/quilidade e socego !.....//Mas esta tranquillidade é a do escravo mor-/dendo os grillhões, mas este socesso é o do o-/ceano-multidão bramindo para engolir o/ anjo que por escarneio lhe anuncia a paz.

Texto nº 11

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 25 de janeiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 799
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O bispo e os jesuitas, a maçonaria e o povo pernambucano

A' hora, em que escrevemos preocupa to-/dos os espiritos e prende a attenção publica/ do norte ao sul do império a questão magna,/ que tendo de á muito se agitado entre a/ maçonaria brasileira e os bispos ultramon-/tanos do paiz, por cauza do jesuitismo, aca-/ba de provocar da parte da população per-/nambucana a mais terminante e seria ma-/nifestação contra os ultimos attentados do/ Exm. Diocezano que chega[rao] ao auge do/ delirio ordenou por meio de uma circular,/ a expulsão de todos os maçons do seio das/ irmandades religiosas, e especialmente da/ Egreja da Soledade, que foi por elle in-/terdicta depois de desrespeitada uma seme-/lhante circular.//O Exm. Diocezano deixando finalmente ca-/hir a mascara, com que de a tempos afaga-/va e protegia os filhos de Loyolla, para por-/se a frente da negra phalange d'esses mor-/cegos da idade media, dando por um tal/ procedimento o primeiro signal de revolta/ contra os apóstolos da liberdade e do pro-/gresso, atirou ás faces de todos os membros/ da grande familia maçónica um cartel de/ dezafio, que grangeando-lhe o furor das/ maçãs e revoltando contra si a parte mais/ illustrada da população, talvez tenha de ca-/var-lhe o sepulcro inevitavel da mais de-/zastrosa ruina.// He indescrível a magestosa imponen-/cia, com que os briosos filhos da inclita Ve-/neza Americana, uns a postos nos reductos/ da imprensa, outros correndo ás praças/ e aos clubs fazendo mieting e reuniões po-/pulares, erguerão um só e único brado con-/tra essa hydra do jesuitismo, que em pleno/ seculo XIX ouza ainda alçar o collo em u-/ma das primeiras cidades do novo mundo!// He sorprendente a maneira porque to-/das as sociedades beneficentes, artisticas e/ litterarias, todas as redacções de jornaes e/ em fim todas as classes da sociedade toma-/rão parte nesse grandioso spectaculo de so-/lemne manifestação, que no dia 9 do cor-/rente teve lugar no pateo das Princezas da/ heroica cidade do Recife, onde o povo se a-/glomerava para ouvir a voz eloquente de/ seus tribunos contra o chefe d'essa nefanda/ grei dos sectarios da escuridão!// Fallem por nos illustrada redacção do/ *Jornal do Recife*, as pennas brilhantes da/ *Verdade* e as entusiasticas estrophes do Sr./ Victorino Palhares que passamos a tran-/screver. //<<Jornal do recife.- Reunião popular./ Esteve esplendida, a todos os respeitos, a/ reunião popular havida hontem á tarde, no/ campo das princezas.// Já ás cinco horas o povo affluia para to-/mar lugar no theatro Gymnasio, onde ella/ devia effectuar-se . //Conhecendo – logo, que não/ cabia naquelle recinto[...] um terço da gente que/ se ajuntava, tomou-se a resolução de trans-/ferir a reunião para a praça, orando va-/randa d'aquelle edificio as pessoas que pe-/dissem a palavra.// A's seis horas, uma multidão immensa,/ cerca de 6,000 pessoas, estavam na frente/ do gymnasio, esperando anciosa a voz dos/ oradores.// O primeiro que fallou foi o sr. João/ Teixeira que leu a representação que damos/ abaixo, depois de uma pequena exposição,/ pedindo a calma e attenção necessaria á ques-/tão de que se ia tratar, como convinha a um/ povo civilisado que, conscio dos seus direi-/tos e cioso das suas liberdades, se unia as-/sim, tão voluntaria e intimamente, para,/ escudado das leis do seu paiz, advogar os se-/us direitos. //Suas palavras foram bem recebidas.// Seguiu-se na tribuna o sr. José Ma-/riano Carneiro da Cunha, redactor princi-/pal do Liberal, que, numa exposição bem/ delineada, mostrou a tendencia dos jesuitas/ para o governo absoluto, e o perigo que cor-/rem as liberdades publicas, ameaçadas em/ toda a parte por semelhantes homens cujo/ proceder lhes tem acarretado a animosida-/de universal.// Ao sr. Dr. Tavora seguio-se o sr. Vic-/toriano Palhares, que depois de algumas pa-/lavras ditas em referencia ao sentimento ge-/ral de magoa, de que se acha possuida o po-/pulação, vendo a errada direcção que vai/ tomando-o governo do bispado, recitou uma/ poesia allusiva a este acontecimento, e que/ mereceu muitos applausos.// Apresentou-se em seguida o sr. Flori-/anno Correia de Brito, historiando os servi-/ços prestados pela maçonaria á humanida-/de, e profligando as tendencias sempre cons-/tantes do jesuitismo, em supplantar as liber-/dades publicas, o qual tinha começado o a-/taque no Brazil contra a maçonaria, por ver/ nella um dos maiores obstaculos que por to-/da a parte elles teem encontrado, para a rea-/lização dos seus planos.// Concluindo pedio á população que nun-/ca faltasse com o respeito devido ao sr. Bis-/po diocesano, nossa primeira autoridade ec-/lesiástica, e que só mãos legaes empregas-/se. Para obter dos poderes publicos, as ga-/rantias que se torna preciso reclamar.// Por ultimo tornou falar o sr. Dr. João/ Teixeira

peçoas presentes a/ assignar a repr[e]sentaço que vai ser dirigi-/da ao corpo legislativo e ao poder executivo,/ da qual acima fallamos.// Sem a mais diminuta manifestaço desa-/gradavel, passou-se todo o tempo decorrido/ na reunião, que se dispersou na mais per-/feita cordialidade. // A representaço foi logo assignada por um/ grande numero. >>

Texto nº 12

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 1 de fevereiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 460
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O ministerio e o despota

A despeito do sepulchro, que a indigna-/ção nacional ergueo já ao execrando e sem-/pre detestável ministerio – 7 de março- com--/tinua este arrastar o pezado fardo de sua/ desgraçada existencia.// Essa negra constellação de satellites, que girando em torno do planeta irresponsavel/ tem ensombrado o paiz de nuvens de tor-/pezas e levado aos confins do imperio o tem-/pestuso [...] e suas [iniquidades], sobre-/carregando a sombria atmosphaera social e/ politica, em que a custo pode respirar uma nação/ angustiada, paira ainda nas altas re-/giões administrativas ostentando ao mundo/ em cynismos de soberano desdem a gloria/ ephemera d'uma existencia morta, apenas/ sustentada pelos caprichos do Jupiter imperial.// Quando porém a patria, que com seu/ cortejo de desgraças de á muito amortalhou/ o 7 de março no sudario negro de seus fla-/gicios, se prepara para ir nos cemiterios da/ história cobrir o seu cadáver d'eternas mal-/dições, não passão de amarellos sorrizos da/ morte os arrancos da vida que ainda affec-/tão as sombras d'esses esqueletos ministe-/riaes. //Felizmente as hostes da democracia, que/ já vão acoessando e batendo o despotismo em/ retirada, hãode cedo ou tarde fazer des-/cambar no occazo a estella do Cezar e pre-/cipitar para sempre nos abysmos esse grupo/ de facciosos da actual dominação ou servis-/ instrumentos do despota.// O imperialismo, esta synthese de crimes/ e horrores, violencias e assassinatos politi-/cos, este foco supremo de profundas injus-/tiças, contra quem protestão e s'insurgem/ os mais vivos sentimentos da dignidade hu-/mana ultrajada, não pode continuar a op-/rimir por mais tempo o pezo d'uma/ tyrannia irresponsavel a uma nação livre-/mente constituída e verdadeiramente sobe-/rana. // A mais cruel das tyrannias, diz Monstes-/quieu é a que se exerce á sombra das leis e/ com as cores da justiça, ou quando, por as-/sim dizer se fogão desgraçados sobre a mês-/ma taboa, em que se julgavão salvos.// Neste rasgo de pincel admirável, com que/ o autor do *espírito das leis* descrevre a nova/ forma do despotismo moderno, esta sem du-/vida traçado o negro quadro em que o Sr./ D. Pedro II se vê com os pés sobre a cons-/tituição e ao fundo a nação brasileira ago-/nisando.// O Cezar do primeiro reinado dispersou a/ constituinte á mão armada perseguindo os/ legisladores; o do segundo ultraja a concul-/ca a legislação. Estão de accôrdo.// Acola a tyrannia violenta, que se desco-/bre? Aqui a cobarde e hypocrita que se dis-/fa[...]. Aquela rompe as leis e as influ[...],fazendo as mentir a face dos ceos. //

He contra esta ultima especie de tyrannia/ que o povo brasileiro se deve prevenir e ar-/mar para que um dia possa mostrar o Sedan/ fatal ao ultimo dos seus tyrannos, reinveni-/car os direitos de sua soberania usurpada/ e dissipar do azulado ceo do cruzeiro as nu-/vens negras, que enoitão os destinos da pa-/tria.

Texto nº 13

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 8 de fevereiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 430
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O absolutismo treme

As lutas tremendas travadas agora na assembléa e no/ proprio senado demonstrão cada vez mais que é impos-
sível por mais tempo perniciosa de tão abo-/minavel governo.// O povo pacifico da corte faz manifestações
arrancada/ da mais justa indignação contra a horda dos vandalos/ que se apoderaram dos seus sagrados direitos
com a vio-/lencia e talvez com a mais negregada infâmia, O golpe/ de 16 de julho foi um saque, uma rapina
digna de verdadeiros/ cossacos. Dissolver-se uma camara unanime pa-/ra crear-se dispoticamente um governo
sem apoio na opi-/nião publica, forjando-se com o mais descarado cynismo/ numa falsa maioria à força de
baionetas e de corrupção/ não podia deixar de ter mais tarde ou mais cedo os funes-/tos resultados, que
finalmente vai apresentado.// Não pensarão! Quando uma vez o combate for for-/te e decisivo, verão o corruptor
quanto for imprudente em/ corromper. – Nenhum monarcha pense que com a cor-/rupção cria proselytos
agradecidos e valentes; quando/ uma nação chega a um degradante estado, como a nos-/sa, so há duas classes de
cidadãos – os vis e os indiferen-/tes filhos da descrença. – A vilania é a cobardia que/ não poderá apoiar
ninguem, e a indiferença só dura/ em quanto a paciencia suporta; esta esgotada faz nas-/cer uma nova crença,
porque ninguem acredita na-/quillo, que deixou de acreditar uma vez.// Os ataques com que tem sido profiglado
o ministerio/ tão verdadeiros combates, vallem mais que os canhões;/ sem sido o despertar da indiferença, e o
acordar de um/ povo que dorme, único poder que os reis devem temer.// E verdade que os responsaveis por lei
são os minis-/tros; mas o Brazil todo está convencido que a respon-/sabilidade moral chega até o ponto d'onde
partem tan-/tas immoralidades policiais, tanto abuzo de poder; todos/ sabem que o ministro do Brazil é um
automato- um a-/lugado: - mais do que isso, um homem que desconhece/ a propria dignidade. // Sim, dão-se
esses movimentos na corte e a coroa collo-/cada na altura da inviolabilidade de seu throno compraz-/se de ver o
paiz na mais triste e pungente confraglação.// A opinião, reage, mas o Nero vê arder em chamas/ Roma que
incendiou e descarta ao som da lyra em/ doces carmes as sentidas estrophes dedicados a destrui-/ção de Troya.//
Se uma [...] não curvar-se à razão,/ se alguém não quiz[...] ser um homem de probidade, certamente [...] o brazil
se abysmará com ele.// Tem, exemplo no [...] Napolão III, esse torpe e/ execravel [ladrão][...] dia 9 do passado
baixou aos infernos da história[...] de mais vil oprobrio.// Esta é a verdade.[..]//
Seria bom que alguem tom [...].

Texto nº 14

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 15 de fevereiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 434
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A indiferença

Fatal incendio é esse, que lavra no seio/ da patria extinguindo no coração de todos os/ seus filhos os estímulos do brio e da honra e/ os ultimos incentivos do vicismo e da heroi-/cidade!// Suprema infelicidade é essa a que pode/ chegar um povo que vê deante de si as gar-/ras aduncas do absolutismo para lhe arre-/batar a sua soberania com todas as glorias/ nacionaes e nem se quer um grito de dor se/ levanta contra essa estuidez pamoza, que/ narcotiza e mata os estímulos da vergonha/ e os nobres impulsos do heroismo e da dig-/nidade do cidadão.// Entretanto a patria, que ahi passa no meio/ das desgraças e calamidades publicas trajan-/do rigoroso lucto atravessa neste momento a/ Jeruzalem ingrata do seu martyrologio para/ subir ao Golgota das nações e ajoelhar-se/ aos pés do *Anjo da aniquilação!* // Oh! E nem uma lagrima se que que pos-/as, se não lavar, ao menos atenuar em gran-/de parte esse crime de lezo- - patriotismo,/ que se chama—indiferença politica!.. // Quando os brios de um povo, em cujas/ faces escara o despotismo, se rebolcao no/ lodo vik da descrença; e a dignidade do ci-/dadão fuge espavorida com todo o seu cor-/tejo de virtudes cívicas, a obra da abjecção/ moral está consummada e a nação é morta.// Mas poderão acazo os filhos deste novo/ continente, em cujo peito deve pulsar um/ coração verdadeiramente Americano a refer-/ver de patriotico enthusismo, ficar eterna-/mente n'um leito d'ignominia dormindo o/ somno infames dos cobardes, sem ver o mo-/dermo Cezar pizando o solo da patria à fren-/te das hostes do imperialismo disposto a u-/zurpar-nos o mais sagrado de todos os nos-/sos direitos e o que mais é a decretar por/ meio do *voto livre* a morte de nossos irmãos/ e de nossos filhos, como milhares de vezes/ se tem visto nessas eleições, verdadeiras ca-/neiradas politicas destinadas a aplacar as/ iras da extatua do Baal da monarchia, sem/ dis pertar finalmente d'esse lethargo horri-vel para tomar conta das iniquidades ao no-/vo Pharaó e sepulta-lo nesse mar vermelho/ de corrupção e de sangue?!// Não, não é possível. // He, força que esse Laza[...] que se chama/ povo, resurja do seu tumu[...] d'indiferença/ e de morte e que um novo moyses appareça para guiar as columnas destes captivos da/ Babylonia imperial à terra da promessa A-/mericana. E então ai da hydra do despo-tismo! Ou hade reentrar para sempre em seu covil, ou dezapparecer para [...] / face da[...].// Por tanto, cidadãos, é tempo acordai./ Já se ouve ao longe o som da trombeta do/ anjo da liberdade. Eia filhos da patria.//

Allons *enfants*.

Texto nº 15

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 22 de fevereiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 631
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O conservador e o jesuita

Ambos florentes atalibus, Arcades ambo.

O conservador, este partidario das velhas/ ideias, este cúmplice das tentativas retro-/gradas do clero, disputando [...] jesuita de [...] dos os tempos a gloria do alraço e cegueira/ fatal do genero humano, tem com elle com-/tribuiso para a obra infernal da demolição/ da sociedade!! O primeiro, defensor de antigos prejuizos/ e instituições erroneas, adorador fanatico/ da irresponsabilidade da realeza com todo/ o seu cortejo de privilegios e sagradas im-/munidades e sectario frenetico do absurdo/ e da intolerancia, olha como meio perigo-/zo a illustração das massas, nega quando/ agente do governo, a quem serve, toda a/ cultura intellectual ou alimento espirital/ do homem, isto é, o derramamento da ins-/trução publica e deixa que milhares de/ entes de sua especie, *a quem não considerar a/ irmãos*, definhem no embrutecimento e na/ ignorancia e conguintemente na escravi-dão e na miseria!! O segundo não menos ambicioso e retro-/grado e meia perigoso e terrivel, por isso que/ no dizer de Victor Hugo enverga a rigida ar-/madura da apparencia, é monstro por bai-/xp, vive dentro da pelle d'um homem de/ bem tendo um coração de bandido, é pira-/ta assucarado, prisioneiro da honestidade/ traz encerrada n'uma caixa de mumia a in-/nocencia, traz azas de anjos pezadissimas/ para um tractante, anda ajoujado com a es-/tima publica, peusa mal e falta bem, é n'uma palavra o phantasma da proibidade sem-/do o espectro do crima, o segundo dizemos/ dando a beber pela taça do erro o primeiro/ leite da instrucção à macidade inexperien-/te, envenena e perverte esta ag[...]ia esperan-/çoza do futuro, incerrando-a por tal forma/ no tenebrozo carcere de fer[...] uma cren-/ça hypocrita, onde apenas [...] coad o / clarão sinistro da ideia do inferno, que a/ pobrezinha por mais que forceje despren-/der os voos dessa noute de horrores e fu-/gir para o mundo da luz, cahira sempre/ nos antros pavorosos da ese[raavidão] sem nun-/ca poder alcançar os primeiros raios do sol/ da verdade!! Tal é a força do erro e o poder da logica/ dos monstruosos absurdos em que se for-/mão e são educados todos os infelizes que/ tem a desgraça de beber a doutrina d'es-/ses apostolos do inferno. // *Conservador e jesuita* por tanto são dous/ aliados perversos, que azafamando-se em/ repellir toda a iniciativa como um perigo,/ em manter toda instituição anachronica,/ [...] proclamar/ a immobilidade das normas sociaes, introdu-/zindo a eternidade em todas as cousas hu-/manas e *conservando* as gerações e o mundo/ em uma infancia perpetua, devem ser com-/siderados e proclamados *urbi err orbi* como/ os maiorires inimigos do progresso humano. // Um nega a luz fechando a escholla, outro/ envenenando o pão do espirito nada a al-/ma e ambos trabalham para fazer para o/ estado escrevaos em vez de cidadãos/ illustrados.// Que diferenã pois se deve estabelecer/ entre o conservador e o jesuita que não seja/ a que vai da cazaca do imperialista a sotai-/na do ultramontano?!// Nenhuma. Se um é o carrasco do fiel, o/ outro é o inimido do cidadão.// Ambos são crueis e egoistas e nenhum/ conhece as leis de equaldade e da frater-/nidade. // Fique pois de uma vez e para sempre es-/tabelecido que jesuitas e conservadores são/ esses escribas e pharizeus hypocritas, figu-/ras do velho partido judeo, espectros sangui-/narios do drama do calvario, cafila de *Bor-/gias e Tigelinos*, que querem fazer recuar o/ mundo aos tempos de Nero e de Torquema-/da para firmar o absolutismo e a realeza no/ terror e ignorancia do povo, unicos que tem/ servido de sustentaculo ao throno de todos/ os despotas. // Convenção-se porem as larvas inque-/zitoriaes que se não dezaparecerem com as/ sombrass dos lacaios de Herodes adeante das/ luzes do seculo e ao passo que se for levant-/tando em seu meridiano o sol da liberdade, hão ser deffinitivamente esmagados pelo car-/to da revolução.

Texto nº 16

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 28 de fevereiro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 1007
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A irresponsabilidade da coroa

Somos governados por uma só cabeça!//

O poder pessoal apresenta-se mais ostensivo do que nunca- pode-se dizer que está/ desembaraçado de todos os estorvos e *obices*/ que o atravancam. Por uma política, ma-/chiavellica foram vencidas as dificuldades,/ com que lutou o 1 reinado.// D. Pedro I, impregnado até aos ossos do/ fel do odio, com o estouvamento, que o ca-/racterizava, com o seu notável desazo poli-/tico, sem aquelle tacto fino, que tanto hoje/ distingue o filho para corromper a tudo e a todos, calçava as botas, montava um fogo-/zo corcel e galgando os serros alcantilados/ do sul, apresentava-se temerario no lugar/ onde com mais força reagiz-se contra seus/ desmandos- contra sua pessoa; soccorria-se a [orebombo/ de palavrões ôcos, e a protes-/tos banaes tão mal disfarçados que trahião-/se em cada phrase; suas proclamações erão dignas de lastima, mostravão impericia até/ nas formulas; ora sua linguagem era amis-/toza, humildade e supplicante; ora fanfarrã, provocadora e insultuosa, mas sempre bur-/lesca. Rebaixou-se até a arena, entrou em/ pugilato com o povo. – Jogou o sóco!// Nessa pugna desigual e indigna vio-se for-/çado a fazer o mesmo que D. João 6. – tam-/bem deu o throno ao filho para não perdel-/o de uma vez. Em toda sua vida aventure-/as foi onde mostrou um pouco de calma e/ de prudencia; assim como no seu bondozo pae/ com todo seu proverbial idiotismo só teve a-/certo quando dirigio-lhe estas palavras que/ não devemos esquecer nunca: Meu filho!// algum esperto pode appoderar-se da coroa,/ poe-na em tua cabeça....// E viva a independência do Brazil!// Do tresloucamento desse principe arden-/te nasceu uma nova epocha – veio a memori-/dade- Brasil embriagado de alegria por/ julgar-se livre, como a creança, que tives-/se derias, foliava entretido com as suas in-significantes tetéyas; os ais de dôr troca-/vão pelos brados sonantes e festivos- pelos/ hosannas: davão vivas ao 7 de Abril, co-/mo derão ao 7 de Setembro!// O imperador absoluto quebrou o sceptro nos fragedos da fortaleza de Santa Cruz/, deixando em S. Christovão um berço dou-/rado com um infante adormecidos; este ber-/ço foi cercado pelo amor e pela generosida-/de. // Sim, o principe louco demandava ma-/es de bus[...] novas aventuras [...] mas a / innocencia [de] seu sorriso de um do [...-sonho/ pedia amparo. Ampararão-na: crime atroz de infante[...] / Oh! Isso foi honrozo paa os brazeliros- foi sublime!- // Mas a origem, as couzas unicas dos tris-tes acontecimentos, que derão lugar a essa/ abdicação, continuaram a ser ainda reveren-/ciadas e guardadas como reliquias, como a/ salvação, na arca santa. Oh idolatria cega/ e insensata! O que se acatára em adoração/ no tabernaculo, em vez de serem as taboas/ da lei – O Evangelho—era a falsidade— o al-/corão! // Os defeitos do nosso pacto fundamental/ subsistiram! O poder pessoal ficou em pe!// A menoridade passou-se nas locupleta-/ções, e nas vaidozas leviandades. Dous ban-/dos si disputavão as premicias do mando:/ a luta era infrene: um grupo era forçozo/ que se desviasse para outro passar. Erão/ dous traços de uma companhia de soldados/ - duas esquadras- quando uma entrava de/ guarda, a outra ficava de promptidão. // Espiritos apoucados, caracteres vulgares/ erão quase os distinctivos dos governos da-/quella epocha ingloria. – Tinha-se feito mo-/nopolio do poder. Sempre os mesmos prin-/cipios, a mesma educação, as mesmas mi-/zerias. // É certo que cada um desses benemeritos,/ que foi ou vai desaparecendo d’entre os vi-/vos tem em sua necrologia tão terna que faria a/ propria pedra derreter-se em lagrimas se/ as pedras podessem chorar. Incumbe-se/ das epopeas o Intituto Histórico:// Benemeritos da patria! Qual o bem que/ nos legastes? – Irrisão! //Deveras muito tem a merecer do paiz quem/ trancou as portas a emigração intelligente, laborioza e util para dar carta de corso ao/ pirata negreiro. O congo mudava-se para o/ Brazil cada vez nos civilisavamos mais....// Lancemos um veu bem espesso sobre es-/as infausta dezena de annos em que fomos/ guiados por [...] gran[des] desgraças: - O entusiasmo, a ignorância e o egoismo!// Passada a nuvem {negra} que nos abcure-/cia por dez annos [d]urantes os quaes/ não avancemos [...], a pesperança sorroi-nos sos horisontes aclarados por uma/ luz pura e vivificante.// Precipitados os acontecimentos o anjo da/ esperança, o salvador era uma creança de/ 14 anno. Aquem da mais vil adulação acla-/mava como o mais sabio dos mortaes; [...] tanto e tudo , que o talento ma-/is transcendente- não poderia ter aprendi-/do em 100 annos de acurados estudos...// Desde esta epocha reina, governa e man-/da, O

brazil, o marcha mais sabio do mun-/do. – Chegou á maioridade. // Poucos mezes depois dessa ascensão te-/pora, o augusto adolescente deu mão de to-dos que concorrerão para a sua maturação./ O ex-regente entrou para o poder; Araujo/ Lima, esse home estacionario continuou a/ reger. A coroa estava a longo tempo habi-/tuada a ser po elle beijada todos os dias;/ não o estranhava. Assim como a regencia/ para conservar o poder, teve por politica a/ immobildade e a corrupção, assim a maio-/ridade, quando ainda não sabia o que devia/ querer, fizeram os aulicos adoptar o mesmo/ systema para conseguir o mesmo fim: os/ meios acharão-se na constituição do imperio.// Assim, por quazi uma outra dezenda de na-/nos o Brazil não se movia, não dava signal/ de vida se não tivesse de lutar com qua-/tro rebeldias: quatro provincias que solta-/rão o brado de revolta!// Todas as cousas tem a sua marcha natural;/ a transmutação era consequente. O jovem/ imperial deixou as vestes da adolescencia, e/ chegou a idade das ambições; sonhou com a gloria embora vã. Sabia de cor a cons-/tituição do imperio, pezou os quatro quin-/hões dos poderes do estado, e reconheceu que/ o que lhe tocou em partilha era tal que po-/dia absorver toda herança, mas recordou-/se da historica de seu guerreiro[...], e ter-/meu! // Experimentou a espada de D. Afonso/ Henriques, era pesada de mais – Não a pôde/ ergueer. Mas o que a espada não podia vem-/cer venceu a arte. // Desta sorte firmou um poder absoluto pe-/la hypocrizia e pelo veneno dourado da/ corrupção! // Os ministerios[...] ainda mais/ passivos- Um med[...] algum / guarda roupa ou [...]

Texto nº 17

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 9 de Março de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 663
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoró e o governo da Provincia

He impossivel que na phrazeologia, ou/ sciencia techonologica da lingua se possam/ descobrir expressões e termos com que se-/de uma pequena ideia do estado de abando-no fatal, a que o governo da provincia tem/[...] esta infeliz porção do terr[...]/ grandense, que se [...] Mossoró!!! Eis aqui a maneira porque a toda a hora/ e de todos os lados se vê surgir dos labios/ do bom senso e brotar do coração de todos/ os homens patriotas e amantes do progres-/so esta dolorosa interrogação: Será pos-sível, que este torrão desdilozo, esta cida-/de infeliz, sendo capital de differentes ter-/mos, fontes da vida mercantil e de todo o/ movimento circulatorio do interior, o ponto-/to de mais esperanças da provincia, que talvez em um futuro não muito distante se podesse chamar o emporio commercial do Rio/ Grande do Norte, único por tanto o mais/ digno de todos os extremos de disvello e/ e solicitude do governo e para onde só de-/vião convergir as suas vistas de protecção e favor, seja ao contrario aquelle, que pelos/ proconsules imperiaes da moderna *Penta-/pode Natalense* tem sido fatalmente condem-nado ao supplicio atroz d'um abandono cru-/el e procipitado nos abys[mo] de seu *sobe-/rano* desprezo?!!!!//Oh! Parece incrível, respondemos nós:/ mas é desgraçamente uma triste verdade!! E se não diga-se, que obra há ahí de me-/rito ou passo gigante que tenha deixado/ impresso e rastro *glorioso* dos differentes/ governadores, revelado o seu tino politico-/ ou administrativo e recordado o menor m-/pulso, a minima iniciativa em prol do progresso material e moral de Mossoró?!! Se lançarmos um golpe de vista retros-/pectivo sobre as transactas administrações,/ encontrar-se-há apenas um vulto, que des-/tacando-se do meio da phala[...] phan-/tasmas administrativos da[...] foi o[...]. então sugerião ao seu talento, conce[...]/ o/ grandiozo projecto d'e elevar Mossoró a altu-/ra, que justamente lhe compete pela sua/ riqueza e proporções, fonte natural de re-/cursos e mais que tudo pela sua posição to-/pographica. // Este homem, este genio particular, que/ lendo os olhos postos no dia d'amanhã pa-/recia fadado para grandes couzas e talha-/do para as grandes emprezas, foi o illustre/ democrata brasileiro Dr. Luiz Barboza da/ Silva. // Sim, só este cavalheiro distincto e illus-/trado cidadão deixou nos fastos prezidenci-/aes uma pagina gloriosa, que abrindo para/ Mossoro uma nova era, ligou ao mesmo tem-/po a memoria do seu nome ao coração de/ todos os mossoroenses.// Só elle, compenetrado dos deveres inhe-/rentes à posição dos grandes homens, foi o/ único, que das alturas, em que a socieda-/de o havia collorado, soube com seus olhos/ de aguia fitar atravez d'um horizonhe de nuvens os futuros destinos de Mossoro. / Só elle revestido da energia, força de von-/tade[...] gen[e]rosas, que caracteri-/zavam sem[...] teve a lembrança feliz de/ remover um armazem que o seu antecessor/ em depe[...] uma sooma inutil edifi-/cara nos [...] do nosso rio—para a/ barra d'esta cidade, e de fazer sulcar as a-/goas de nosso por[to] pelos vasos da compan-/hia pernambucana; firmando assim a in-/teira regula[r]idade de nossas corresponden-/cias e redações commerciaes [...] as diffe-/rentes[...] // Mas não paravão ainda aqui as vistas al-/[...] aquella aguia do progresso.// Ellas vizavão ainda a abertura do nosso / rio; os melhoramentos do nosso porto, os/ favores ao commercio e a proteção a to-/das as industrias. // Quando porem tudo s'embalava nos dourados donhos d'uma esperanã lizongeira, e / a adminstração do Sr. Luiz Barboza da Silva começava a prometter a Mossoro o/ mais brilhante futuro, que se podia descori-/tinhar n'aquellas vias de prosperidade ou no-/vas fontes de riqueza, eis que a mão da fa-/talidade envolta no turbilhão das vecissitu-/des , que as mais das vezes se levantão no/ mar das tempestades politicas, nos veio ar-/rebatar d'improviso não o grande homem,/ nem o grande cidadão, mas(como alguem/ menos feliz disse de outrem algures/ o *ge-/nio da providencia admnistrativo*.//

Erão acanhados os nossos ceos, limitados/ os nossos horizontes. Não podião compor-/tar os vôos d'esse genio, nem as expansões/ de sua grande alma progressista e demo-/cratica. Roubou-no-la o destino que a fez[...]

Texto nº18

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 22 de Março de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 1239
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

 Silencio em torno da mo-/narchia

Tal é a ultima expressão de dôr arran-/cada aos martyres da REPUBLICA do Rio de-/ Janeiro em seu manifesto ao paiz pelos at-/tentados inauditos alli cometidos nas nou-/tes de 27 e 28 do passado pelos capangar/ e sicarios da policia imperial conta o cript-/torio e redacção do mesmo jornal!! Eis as noticias alarmantes e contristado-/ras, que nos acabão de chegar da cidade do Cezar. // << A corte do imperio doi Theatro de de-/gradantes scenas de candalismo! Chegando-/do alli a noticia da proclamação da repu-/blica hespanhola, o club republica [...] resol-/veo festejar esse grande acontecimento; Mas como a policia proihisse passeatas pe-/las ruas, reunirão-se no escriptorio da REPUBLICA todos os republicanos, a fim de re-/gosijarem-se com os triumphos da democracia.// <<A noute porem quando os illustres de-/mocratas Quiatino Bocayuva e Francisco/ Cunha Faltavão ao povo, chegou a policia/ com seu sequito de capangas e sicarios, tem-/do a frente dous filhos do senador Savão Lobato e começarão a assobiar e a dar vaias/ aos oradores. Graças porem a attitude do/ povo restabeleceo-se a ordem, retirando-se/ todos as suas cazas.// << Alta noute porem doi o escriptorio!! <<A golpes de pedras derrubarão e piza-/rão com feroz canibalismo o retrato do emi-/nente democrata Hespanhol Emilio Castel-/lar, que foi arrastado pelas ruas d'envolta/ com as bandeiras das republicas d'hespan-/há, Estados Unidos e da França!! Na noute seguinte (28 de fevereiro)/ reproduzirão-se as mesmas scenas de selva-/geria. Á vista do que o club republicano/ publicou um manifesto, historiando todos/ esses faactos e resolveo suspender a publica-/ção da REPUBLICA e aconselhar a todos os/ seus correligionarios das provincias o mês-/mo alvitre, concluindo assim o seu manifes-/to? –Faça-se o silencio em torno da mo-/narchia!...>>!! Eis aqui as scenas do mais insolente e/ feroz canibalismo, que em plena civilização/ vem de ser representadas na capital do nos-/so paiz pela propria policia e em nome do/ imperador! // Leia-se o manifesto republicano[...]/se-há que tremendos e audaciosos insultos/ não forão postos em pratica pelos quadri-/lheiros e alcayotes do rei contra as pessoas/ e retractos dos apóstolos do progresso e da/ liberdade!! Que ultrajes infamantes e affontosos não/ forão atirados as faces de 3 nações, cujas/ bandeiras symbolizandno a união franterna/ e democratica dos dous mundos foraão ar-/rastadas pelas ruas e carregadas pelos van-/dalos da policia como tropehos d'ignomi-/nioso escarneo!! Veja-se finalmente que attentado inau-/dito e criminoso contra a inviolabilidade do/ azilo do cida-/do, contra a liberdade do pen-/samento e da imprensa brasileira perpe-/trados pelos agaloados sicarios dos despotis-/mo na propria corte do Cezar Americano!! Acazo, duvidarão ainda os Brasileiros, que este paiz lhes não pertence e que elles/ não tem direito de pensar e querer livre-mente, de admitir ou adorar no santuario/ da intelligencia as grandes ideias, de fitar/ os magestosos vultos da historia, nem de/ dar a menor demonstração de regosijo pe-/los triumphos da opinião?!! Não, parece que é chegada a hora fatal/ do desengano.// He mister que o povo arranque a preza,/ que se chama—Brazil—das garras do Le-/ão de todos os poderes, e reconquiste a ul-/tima de suas liberdades e garantias, que de dia a dia lhe vão sendo cynicamente u-/zurpadas e barbaramente extorquidas.// Desde que a voz do povo vem ser af-/fogada nas gargantas dos seus triunos;/ desde que estes vem [...] ser lapidados, escarnecidos, e atr[...] injuriados pela/ matilha dos urba[...] imperialistas, açulada/ pelos sayões Lobat[...], e outros alcayotes e/ [...]eguins do poder irresponsavel, selvagens/ que não trepidarão as=rrastar pela lama das/ praças os pavilhões de 3 nações amigas de/ envolta com o retrato da aguia peninsular,/ cujo verbo symboliza e fecunda essa trin-/dade, estamos, não há que devudidar, em ple-/na barbaria, sem garantia nem liberdade/ expostos a ser assaltados a cada momento/ pelos cafres do absolutismo ou a ser sub-/mergidos no oceano de fogo da revolução!! A monarchia, que tema e trema deante/ do abysmo cavado por suas proprias mãos!! Funebre silencio é esse de que os mar-/tyres e apostolados da democracia circundão/ neste momento o throno imperial!! Mas ah! Que scenas revoltantes de mi-/seria e de horro, de lastima e de vergo-/nha!...// O que não dirá o

estrangeiro e a Euro-/pa civilisada boquiaberta quando uma tal/ noticia voando para alem Athantico e-/choar nas alpestres rochas do velho conti-/nente?!// Que ideia se fará das nossas luzes, do nosso progresso dos nossos brios, da nos-/as cultura fatua ou presumida illustração/ deante da impressão triste e dolorosa de/ um facto barbaro, d'uma affronta crimono-/as e selvagem feia na capital brasileira pe-/los agentes do imperador aos paladinos da/ imprensa livre?!// Que valor e pezo terá o nosso Monarcha/ na concha da opinião europea contrabalan-/çado com D. Amadeo, essa alma generosa/ e magnanima, que para não embarçar o triumpho da democracia, e poupar o san-/gue da nação hespanhola, soube rojar o scep-/tro e a coroa aos abysmos da realza para elevar-/se às alturas de grande cidadão?!// O que dirão as 3 potencias Franceza,/ Hespanhola e Americana, que tendo athe/ hoje respeitado a nossa bandeira, vão as-/ber, que os sacros emblemas de sua honra/ e dignidade, os seus pavilhões, que, nin-/guem athe hoje ainda ousou imacular e de-/negrir impunemente, acabão de ser arras-/tados pelas ruas da cidade imperial, e in-/famosos pelos capangas do rei da maneira/ a mais acintosa e revoltante?!// O que dirá na patria de S. Fernando o/ astro que mas brilha no ceo das intelligen-/cias madrilenas, o Moyses da palavra eu-/ropea, Castellar, esse genio da eloquencia,/ que traz o mundo suspenso dos prodigios do/ seu verbo, sabendo que a sua effigie, que-brada a solpes de pedra foi derrubada, [...] e arrastada pela escoria da policia na/ primeira cidade do imperio?!// O que dirá esse talento gigante, que nun-/ca offendeo aos brasileiros ao ver a memo-/ria do seu nome ultrajada e velipendiada/ pelos phariseus do imperialismo?! O que não dira elle, que ligado a nos pe-/la intelligencia e pelo coração, estende os/ braços por cima do oceano a todas as gran-/des almas do novo mundo que sabem com-/prehender a missão do seu apostolado su-/blime?!// Oh grande Castellar, se fosse mermit-/tido uma allegria no meio desta narração/ do manifesto republicano, diriamos que a i-/magem de tua nobre cabeça arrastada pelas ruas da cidade no meio da vozeria selvagem/ dessa policia de modernos vandalos era a/ propria democracia ungingo das pedras des-/as nova Gomorrha, e evocando a vingança/ do ceo!! Mas resta-nos uma consolação: nem a/ vileza da affronta pode chegar as alturas do/ grande cidadão, nem as negruras da infia-/mia hão-de turvar a vista ou a serenidade/ do espirito da aguia. // Esse grande genio que voa la pelos altos/ pincaros das hespanhas seberá volver um/ olhar de piedade e compaixão para os sel-/vagens d'America e repetir estas sublimes/ palavras do cordeiro do Golgota:// *Pater, ignosce illis, quia nesciunt quid faciunt.* // Ahi fica pois a negra pagina, que serve/ de realce ao quadro de torpezas do segun-/do reinado. // Ahi fica a sombra do ultimo dos despo-/tas da França pairando nas ruas da [...] / do imperio e sobre as cupulas do palacio de-/ S. Christovão.// Esta aberto o livro da historia e nelle/ registrado um dos maiores attentados feitos/ a uma imprensa patrotica deante da rea-/leza impassivel. // A Europa e o mundo que admirem, e o/ povo que leia e julgue.// E' elle o supremo arbitro, deante de cu-/já omnipotencia hão-de um dia tremer e ser/ julgados todos os reis.// Por em quanto concluimos com as pala-/vras do manifesto republicano: - Faça-se/ o silencia em torno da monarchia!

Texto nº 19

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 25 de Maio 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 619
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

Grande triumpho popular/ contra os jesuitas

O vapor costeiro do sul, que tocou em/ nosso pporto do dia 18 do corrente foi per-/tador da noticia de revolta do povo per-/nambucano contra os jesuitas. // Ao chegar a malla da correspondencia/ no dia 19, demos logo em boletim o resu-/mo d'essa importante noticia, que sendo/ recebida nesta cidade com enthusiamos foi/ motivo de grande regosijo e publica mani-/festação durante o dia e grande parte da/ noute, em que houve fogo e illuminação na/ praça da *Liberdade*, do commercio, etc. // Para que [...] todos os nossos [...] te-/nham noticia mais circunstanciada d'esse/ importante acontecimento, que com quan-/to lastimavel foi todavia necessario à vista/ da indifferença do governo sobre os actos/ de loucura do bispo diocezano, passamos/ a dar a parte noticiosa do nosso correspon-/dente do Recife, que assim se expressa: --// << Em 10 do corrente fomos sorprehen-/didos com o mais arrojado dasvario do nos-/so estolido prelado, que já irrita a pacien-/cia, com que é supportado.// Suspendeo do beneficio de Deão da Sé/ de Olinda e de ordens sacras, *ex-informa-/ta conscientiza* ao Dr. Joaquim Francisco de/ Farias, actual Regedor do Gymnacio Pro-/vvincial, dizem que para vingar aos dilectos jesuitas congregados no collegio de S./ Francisco Xavier desta cidade, por attribui-/rem Jornal do Recife, dirigidas aos mesmos.// Este descomedido attentado do impru-/dente diocezando não pode produzir na sua/ illustre victima es effeitos, que elle dezeja-/va, porque toda a colera da opinião irrita-/da recai sobre o proprio executor de ta-/es vinganças.// Certamente o nosso desvairado bispo não/ calculada a gravidade e consequencia do seu-/ leviano acto, ferindo uma das mais illus-/tres e veneradas glorias desta provincia.// A reunião popular, que hontem(14) foi/ comprimentar o respeitavel Sr. Dr. Deão, ao Gymnazio provincial, à vista do vene-/rando ancião tão vilmente insultado pelo/ fanatismo estúpido e rancoroso de Loyollas/ vingativos, não podendo conter a colera/ converteu-se em onda terrivel e praticou/ sublimes desvarios em sua retirada.// Atacando furiosamente o Collegio dos je-/suitas, arombou portas, quebrou vidra-ças destruindo tudo e nada dieizando intei-/ro pertencente à companhia.// Os padres fugirão espavoridos e aterra-/dos, ficando ns constusos e outros feridos/ e alguns escapando milagrosamente.// Depois dirigirão-se ao estabelecimento/ da celebre Typographia- *União*-, que es-/bandalharão e quebrara, atirando ao rio/ com os pedaços e queimando toda a pape-/lada na rua.// Foi um espetaculo soberdo, este do po-/vo, vingando-se por suas mãos.// Ainda não satisfeitos com isto derigiram-/se ao palacio do bispo, para o fim de faze-/rem-lhe a [...]arba, gritavão elles; porem/ chegados alli encontraram o palcio guar-/necido por uma pequena força, que pelos/ meios persuasivos fez recuar a onda pupu-/lar, que voltou fremente de colera; deixando por isso o triumpho de ser vomple-/to sobre o jesuitismo.// Com tudo já foi uma boa lição, que esti-/mo aproveite ao nosso bispo e sobre tudo/ ao miseravel governo da actualidade, que/ mais que ninguem tem contribuido para/ que se creasse untão desgraçado estado de/ couzas religioso.// Convem entretanto observar que o/ Dr. Lucena, presidente desta provincia,/ tem-se portato bem nesta questão, garan-/tindo apenas o bispo, como brasileiro e nos-/as primeira authoridade ecclesistica, e/ deixando que o povo mostre aos jesuitas o/ caminho que lhes tem mostrado todas as/ nações do mundo; para o que me consta/ que vai ter logar uma reunião em palacio,/ a fim de se marcar um prazo para a sahida/ dos jesuitas desta provincia.// A hora em que lh'escrevo sente-se ainda a/ agitação fremente dos espiritos e o rugir/ medonho do encapelado mar da opinião pu-/blica. // Diviza-se em todos os semblantes um/ como que horror anti-jesuitico e o sahem/ de todos os lados estees brados enhtusiastass// Viva a religião christã.// Vivão as ideias liberaes.// Viva o povo Pernambucando.// Viva a maçonaria brasileira.// Fora os jesuitas.//

Texto nº 20

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: texto opinativo

3. Assunto: política

4. Data do documento: 19 de julho de 1873

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas: 1208

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Anathema por anathema.

<< para aqui, para alli, por entre furias/O sacrilegio monstro/O rabido satan em vão blasfema:/.....

Em quanto brame, arquela, em quanto o Fero/Morde e remorde as mãos, e a boca horrenda,/ As espumas veneno, os olhos brazas,>>/A imprensa triumphal!! (bocage)

O Rvd. Cura de Pau dos Ferros, desta pro-/vincia Antonio Fernandes da Silva Querosz,/ acaba de offerecer a esta redacção um lindo/[ramalhete de flores mysticas] perfumadas pe-/lo halito puro de suas angelicas virtudes./ Agradecemos tanta honra a S. Rvdma.// Não seremos ingratos; vamos em prosa/ e verso pagar-lhe o semrão que nos pregou,/ sem lh'o haveremos encommendo; e sem/ duvida que o podemos fazer vantajosamen-/te: nós também somos sacerdotes.// Temos também a nossa vigararia: e é tão extensa a nossa freguezia, que se di-/lata por esses mundnos sem fim até onde/ podem chegar os vôos do pensamento.// Já se vê, que nossas vozes não ficarão e-/choando entre as quatro paredes de uma/ acanhada ermida, ou perdidas como os pi-/os do mocho do meio das ruinas da torre/ de um templo deserto.// Temos tambem um pulpito e a nossa ma-/triz – a imprensa-monumento grandioso/ e divino erguido por todo o orbe pelo dedo/ providente de Deus para servir de phanal/ aos povos obscuros que tacteam nas som-/bras do erro, e para a propaganda de sua/ única e sacrosanta religião- a verdade!! Não nos arrojamos como damnados so-/bre os balaustres da tribuna, nem berrare-/mos como possessos; não jogaremos os bra-/ços, como professores de natação, e nem/ faremos toda a casta de momos e gestos ri-/diculos dignos da mais merecidas zomba-/rias; não, é sentados, que nos serve de pul-/pito e tendo por espectadores somente o/ nosso tinteiro que costumamos fazer-nos ou/ vie por toda a parte, e donde poderemos/ hoje bradar com o poeta: *E no teu craneo ó povo/ No teu craneo sem luz, que elles derramam/ Das vãs superstições a flama inutil;/ É sobre as rudes masas/ que elles desfecham da ignorancia o pezo./ Se obscuro pregador, fauno devasso/ Sobre ao pulpito audaz, como um bandido,/ e, lubrico, fareja/ As lubricas beatas,/ Tu, generoso, os escoltas!! Nunca ninguém te dice << A ignara besta/ Quer do teu rude braço o forte auxilio,/ Para mais livre s'esponjar na na infamia!* E foi para incutir no animo despreveni-/do do povo o erro e a superstição, que es-/se audacioso vigario do dia 29 do passado/subio à cadeira sagrada, empunhando, pa-/ra melhor poder representar a sua comedia/ um numero do *Mossoroense*, e em tom/ emphatico e pedantesco declinou em uma triste arenga os nossos nomes, dirigindo-/nos da distancia de 40 legoas as mais po-/dres invenctivas e infames improperios,/ transformando assim a casa de Deus em/ um negro carcere de torturas!! Depois como que dominado por ac-/cesso de hydrophobia jesuitica e em remate/ de sua insolente diatribe, rasgou e atirou/ no chão da Igreja, abrasado em satanico/ furor, os pedaços do nosso jornal!!!! Oh mundo de miserias e de miseraveis!! Nenhum outro motivo que não seja a at-/tude que tem tomado esta redacção, na/ questão religiosa, afavor da maçonaria e/ contra o jesuitismo, de que o Sr. Padre Fer-/nandes é sectário fanatico, podia ter dado/ causa a que nos fosse por elle derigido o/ mais brutal e groseiros dos insultos, que se/ podia atirar as faces da imprensa livre!! Foi pois sensurada e anathematisada es-/ta redacção por um pobre e obscuro padre/ d'aldeia.//Santo Deus, que horror!!!!

Isso faz-nos rir; e a redacção não pode/ nesta occasião deixar de parodiar a dedi-/catoria do poema do eximio Sr. G. Braga/ ao Bispo do Pará:// Qu'importa, padre, a sentença// Do teu anathe,a ahi;// Se nós vigarios da Imprensa// T'escommungamos d'aqui?!! Louca empresa, infeliz pretensão! No/ seculo IX são de mau gosto os anathemas!!

Os potros e os infamantes pelourinhos, impostores, jazem derrubados pelo sopro/ da razão.// A luz grandiosa do progresso já affuscou/os brilhos chamejantes das fogueiras; a/ força já não estende seus braços esnsan-/guentados; uma pole não discutirá mais/ apagara dos livros da sciencia estas suas pa-/lavras: *E pur si mouve*. O mundo marcha! E qual será a escu-/ra mão que poderá apagar os luminosos sul-/cos, que o carro do progresso deixa em sua/ passagem para servir de guia e levar a hu-/manidade até aos pes de Deus?!! Será talvez a palavra

authorisada do Padre Antonio Fernandes, o ignoto cura d'al-/deia dos confins do nosso sertão?!...// Não! *Musa do progresso, ó virgem consagrada/ O'candida vestal do novo altar de Deus!* Não! Tu não hasde ser morta, crucificada/ Por estes phariseus!// Não! Tu deves seguir por entre a humanidade/ Toda benção e amor cheia d'esperança e fé/ Não! Tu defrontaras de Roma a tempestade,/ De pé, sempre de pé!// Da attitude ridiculamente ostensiva/ que tomou[...] anathemas com que ful-/minou-nos o importante Padre Fernandes, vê-se como certos idignos e falsos sacerdo-/tes tornam-se audaciosos e fanaticos se não/ hypocritas e especuladores, depois do inqualificavel arrojo dos quatro bispos que como/ bandoleirios quizeram saquesar os direitos/ de seus concidadãos e roubar os sagradps/ poderes do estado para vendel-os a curia/ romana, levando-nos ornados com as caro-/chas da inquesição aos horriveis subterrane-/os do forte de Sant' Angelo!// Certo é que os Sandeos, capitaneados/ por aquellos quatro sycophantas mitrados,/ quizeram atirar-nos ao meio da devassa Ro-/ma dos seculos passados, e mostrat-nos/ com todos os horrores atraves de pavidas/ e soturnas visões:// << *Leão decimo-o abutre: o lobo torquemada: Philipe, o escuro rei do escuro auto da fé!* Sobre a Hespanha a seus pés jazendo ensan-/quentando,/ Narvaes... como o jaguar; como o tigre... Claret!// Os borgias, grupo infante, horror que enlucta:// Q'nem de Deus, no inferno as maldições es-/capa!// Grupo donde sahio Lucrecia – a prostituta--// Alexandre o assassino; - a meretriz e o papa!>> Quizeram é certo atirar-nos as trevas do/ passado; mas não o conseguiram, por que/ os raios luminosos da verdade os fez recu-/ar até aos reconditos mais escuros do seu ignobil covil! – E enm o conseguirão, po/ que DEUS disse: *Fiat lux*, e a imprensa é a/ vestal, que alimenta e guarda esse fogo/ sagrado, que os mochos não encaram e/ nem jamais ousarão apagar.// Agora é com o Sr. cura somente.// Reverendo, se nos haveis provocado a/ vossas diatribes, para que reagindo/ como era de nosso dovere dignidade, por-/desse o vosso pouco concebido nome a-/parecer em gazeta e mostrar-vos assim aos/ olhos do Diocesanso uma *nobre victima* ful-/minada pela impiedade do seculo- temos o/ desprazer de annunciar-vos que errastes o/ calculo.[...]// Não haveis condado com a decisão do/ Conselho e Estado, tão desfavorael ao Bis-/po!.../[...] Disseste crer que impen-/as tambem tem seus pulpitos e seus prega-/dores.// Agora duas palavravrinhas ao ouvido e te-/remos conhecido. Ell-as.// *Generoso e Beatissimo* padre, todos os ricos adornos e arreios, com que a vossa *amabilidade e caridade* brindou esta[...]/ção. E que só são dignos e proprios da vos-/as *urbanidade e illustração* [...] por/ um vos devolvemos intae[...]. Não pode-/mos permittir que um santo sacerdote tão/ bem enfaixado de severas *virtudes*, deixe/ por um instante os [...] adereços e ma-/is jaezes, e que usar e que tanto qua-/dram ao phariseu de roupeta e ao typo d'insolencia Romana.// Recebi por Rvd. Padre, todo este vos-/so enxoval, e permiti que os *impios* d'esta/ redacção vos continuem a considerar, senão/ um verdadeiro impostor, pelo menos um/ pobre maniaco ou furioso mentecapto.

Texto nº 21

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: aniversário do jornal
4. Data do documento: 25 de outubro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

O dia 17 de Outubro, corrente, marcou ao/ nosso jornal um anno de de existencia. – Foi/ nesse dia que o << Mossoroense>> deu o seu pri-/meiro brado de alerta aos soldades da liber-/dade, e desde então não se arredou uma só li-/nha da orbita traçada em seu programma,/ que continuará d’ora em diante a ser o mesmo/ com que entrou na arena jornalística./ É pois no dia do seu anniversariom que, ufa-/no de ter cumprido rigorosamente seu dever,/ vem, não rectificar o seu programma, mas com-/solidal-o em todos seus fundamentos – e/ protestar de novo, que no desempenho de sua ardua tarefa, poderá perecer no cansaço da / luta, mas não abandonara convarvemente o cam-/po, e nem se desviará um triz da senda do-/dever.// Não o fara arrefecer as maldições d’aquelles/ que por timidez ou má fpe se tem desagradado/ de sua linguagem forte e independente, estran-/hando o modo energico com que costuma elle/ preofligar os desmandos e torpezas dos corrup-/tos e corruptores, que veem uma ganancia, um meio de vida na nefasta- politica – que os ho-/mens que se dizem proeminentes tem adopta-/do; esses entes obsecados no descaramento, capazes de sacrificar a propria honra a <<glo-/ria>> de praticarem as mais feias injustiças;/ relapsos, que não dão um passo na vida publi-/ca que não seja uma infamia, juntanto-se em/ bando, como salteadores, para a todo transe se/ fazerem fortes e protegerem-se, formando assim/ o que se chama em linguagem de traficantes-/ um partido!// A esses deixamos que sencurem o << Mossoroense>>, e que se enraiveçam. Não o chama-/rão a obdiencia, porque só sabe elle obdecet/ a uma causa justa, grandiosa e santa- a das/ ideias propagadas e reclamadas pelas luzes do/ nosso seculo— as ideias liberaes: o << Mossoro-ense>> vê e segue uma bandeira, mas não enxer-/ga o braço que a ergue e conduz.....// E nem se creia que podia ser outro o seu/ procedimento. Abraça cordialmente todos os/ seus irmãos, que com elle se sacrificam pelas/ ideias livres, pela defeza de seus principios,/ e não acceita lições de quem quer que seja/ ainda por mais autorizadas que pareçam,: -não recebo senhas....// E liberal porque saber que o deve ser, e não/ porque deva seguir a arrogante e << prestigio-as>> pessoa de qualquer ultramontano, retrogrado ou [...] defensor do syllabus- que/ despreza as ideias para dirigir os grupos.// Sim, quer elle antes os principiors de que os/ homens. // Já um distincto conservador disse que não/ -entendia o << Mossoroense>> que até não tinha/ tino politico.!! Fez bem esse mimoso da epocha de não lhe/ dar os honras de politico se a politica é como/ os seus executam- a deixarão de todo brio e-/ pundonor, se é, como [...], a locupletação e o/ ganho, Certamente o << Mossoroense>> nao podera ter nunca esse – tino. // Os << tinos politicos>> fizeram do Sr. Para-/nhos, do Sr. Torres Homem e de muitos ou-/tros importantísimos liberaes, tristres transfu-/gas, e hoje os , melhores e mais temiveis agre-/çores da liberdade. Mas é porque esses nunca/ foram liberaes por principios, pelo triumpho das/ ideias, - foram somente<< politicos de tino>> ou/ aventureiros Argonautas na caçada do vello d’/ Ouro, ou arrojados paladinos da conquista do poder. // O << Mossoroense>> pois, no seu segundo na-/no de existencia, continuará a ser o que sempre/ foi. – simples soldado prompto a sustentar/ ate ao sacrificio[...]/ presente sec[...] a sabedoria humana forma de/ Deus e do direito. // Deus pela razão e pelo Espírito.// Direito pela igualdade e pela liberdade.//

Texto nº 22

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 8 de novembro de 1873
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

 O ultraromantismo// (Da Provincia)

Desde o primeiro alvorecer da liberdade,/ uma nuvem espessa e denegrida, procurando/ toldar os horisontes do velho mundo, foi a in-/feliz mensageira de futuras perturbações.// Sempre que o sol do progresso procura os-/tentar-/se radioso, neste ou naquelle ponto do/ ceo europeu, a nuvem maligna busca também / toldar o astro rutilante, emblema da liberdade/ sacrossanto phanal dos homens livres.// A Brazil, sob a influencia do anjo tutellar/ deste mundo americano, vio assomar a aurora/ de sua liberdade, descortinando o ceu limpo e/ anillado, porque a nuvem perniciososa percorria/ os espaços a duas mil legoas de distancia. A/ [...] via passr uma ou outra vez/ por sobre nossas cabeças, era branca e trans-/parente, como as azas do anjo da paz. // Era o Brazil uma excepção; hoje infeliz-/mente faz parte da regra geral, graças as bô-/as intenções do seu << paternal>> governo!// Desde que a revolução de 92 deu o primei-/ro baque nesse pavoroso colosso a quem os po-/vos chamam tyrannia, um partido chamando/ <<clerical>> ergueu-se para apoiar o obscurantis-/mo, estrangular os povos nas garras dos ty-/rannos, e a seu turno suffocar os reis quando/estes pertendem libertar-se do jugo do rei/ pontifice.// Assim vimos na França o clero recionario/ e legitimista, fanatico na Hespanha, e em Por-/tugal rebelde, atirando nos soldados da rai-/nha, e procurando rasgar a carta constitu-/cional. , Mas, em quanto na europa o clero chamava/ parto do demonio as republicas e as monarchias/ constitucionaes, nos os brazileiros viamos tu-/do isso por um prisma bem diverso! Em quan-/do ali os ministros da tyrannia, os nossos padres/ Roma, Miguelinho, e Pedro Tenorio, pagavam/ com a vida no cadafalso o seu acrisolado amor/ pela liberdade do seu paiz, e o padre João Ri-/beiro foi procurar no suicídio a livrança das/ mãos do carrasco. // Em quando ali os frades faziam dos claus-/tros morada do << concundismo,>> e das janellas/ dos conventos seteriras por onde fuzilavam os soldados da liberdade, frei Joaquim do Amor/ Divino Caneca dizia o ultimo adeus á liberda-/de, ao ser espigardeado no campo das Cinco/ Pontas, Frei Loureiro jazia na masmorra o/ Frei Brainer a frente de uma companhia de-/soldados encoirados, batia-se nos campos do Pirajá pela independencia do Brazil e pelas ins-/tituições liberaes.// Eramos nos uma excepção do mundo po-/litico. // A nuvem negra [...]brava os horisonte europeuas, a nuvemsinha branca e transparente/ apenas marchetava o anilado da nossa aboba-/da celeste.// Mas então se não viam no Brazil bispops do collegio americano, nem o governo animava/ aos seus jovens patricios para se ordenarem/ em Roma, isto é, para voltarem envenenados/ pelo subtil ultraromantismo, reconhecendo um/ único poder, - o da Igreja- e desconhecendo/ inteiramente aquelle, que nos graves conflictos/ tem de sar a ultima palavra- o do Estado.// O nosso clero educado em nossos seminários,/ a par das leis da Igreja, aprendia a respeitar/ as leis do Estado; tinham os nossos padres/ muito patriotismo, e tinham em mira que na-/tes de ser padres já eram brazileiros.// E tudo isto se dava porque aprendiam no/ Brazil, porque seus mestres tambem eram bra-/zileiros, que sabiam respeitar as leis do paiz/ leis todas de accordo com os principios do se-/culo em que vivemos e não de accordo com as/ doutrinas desses tempos [...]os e tenebrosos, em/ que os papas faziam e depunham reis, e davam/ leis a todas s nações christãs.// O <<paternal>> governo entendeu que devera/ animar os padres a esfudarem em Roma em/ vez de estimular o estudo em nossos semina-/rios; começou a considerar que o titulo para/ ser bispo no Brazil era ter-se estudado em Ro-/ma ou no collegio de S. Sulpicio, e eis um em-/xa,e de padres ultramontanos sentados nas/ cadeiras episcopoes do imperio, eivados de/ todos os principios que a curia romana aber-/tamente prega contra as instituições dos paizes/ livres. // E seriam estranhas ao nosso << paternal>> go-/verno as pretenções da curia? E por acaso/ desconhece elle que a theocracia é a peor de/ todas as tyrannias? Era mister acabar com to-/do o espirito publico no Brazil, era de rigoro-as necessidade abafar todo o civismo. Ate os/ padres tambem foram jungidos a esse grande/ carro disciplinar a que se acham jungides to-/das as classes da nossa sociedade. Mettidos/ no circulo de ferro em que os collocaram os/ bispos ultramontanos acabaram de arrancar-/lhe o ultimo vislumbre de independencia, na-/gando-se-lhe o recurso a coroa das

suspenções/ <<ex-informata consciencia>>// E agora o << paternal>> governo, que tantos/ ventos plantou, vai colhendo as tempestades./ A theocracia vai dominando no Brazil, o jesui-/tismo progride e o clero nacional militarisa-/do pelos bispos e desarmado pelo governo vai/ servindo de instrumento a obra nefanda do obs-/curantismo.// O nosso distincto patricio, o sabio conde de/ Irajá, combatendo em um dos seus escriptos/ o recurso a coroa, classifica-o de heretico; mas/ acaba confessando ser elle << jus institutum>> e/ como tal digno de ser obedecido. Mas, as-/sim pensava o illustrado conde de Irajá, por/ que tinha estudando no Brazil, a sombra das/ leis brasileiras, não tinha renegado sua patria./ e com elle todos os mais bispos deste imperio;/ e inda hoje aquelle que não se inspiram no di-/reito estrangeiro estão fora da cruzada ultra-/montana.// O <<paternal>> governo de mãos dadas com a/ theocracia preparou o seu domínio sobre o cor-/po e a alma do cidadão; agora vê-se emba-/raçado, porque a theocracia quer dar a ultima/ palavra, e uma vez por esta atirada a luva ou/ acceital-a e entrar na liça com a arma de su-/perior, ou ceder, e ficar coberto de vergonha/ perante o mundo civilisado.// E a nação já se vai estorcendo nas garras/ de um poder estranho, e a nuvem medonha que/ obumbrava e ceo do velho mundo, principiava/ a clipsar o sol d'América, fedundo vivificador/ dos doce fructos da liberdade.

Texto nº 23

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 2 de fevereiro de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

Mossoró, 2 de fevereiro de 1874

Rasgou-se hoje o veio do silencio que/ a 2 meses envolvia o nosso jornal por/ motivos razoavelmente explicaveis. // Em uma Cidade já bastante populosa/ como esta fazia-se necessário um pe-/riodico com asmoas dimensões, que po-/desse comportar a materia, que por fal-/ta de espaço deixava muitas vezes de ser/ publicada. Era preciso por isso uma/ alreção no formato do *Mossoroense*. // A busca, pois dos elementos para tal/ fim indispensaveis, de moso a satisfazer/ essa palpitante neessidade que se ori-/ginava do aca[...] da nossa/ folha, motivou a sua interrupção e pa-/ralisou a sua publicação por algum tem-/po. // Eis porem, que de novo surgeo/ *Mossoroense* firme em seu posto e prom-/pto a continuar na tarefa incetada, que/ se resume na fiel onservancia do pro-/gramma de sua criação.// Não parou para retroceder em seus/ principios nem para alterar suas ideias; parou para dazer uma alteração em sua/ forma, e esta é a que hora se observa em/ seu todo.// Não parou para dormir o somno da/ inercia, onde outros produirão *remtepe-/rar suas forças*. As aves agoueiras/ que lhe vaticinarão a morte enganaram-/se com seus desejos. Sim- Nem o es-/trugir cadente da prevaricação e do cri-/me que se ouvia durante o seu silen-/cio; nem o tetrico lamentar ds victi-/mas erguidas pela injustiça ao patibu-/lo da corrupção; nem os edictos extern-/minadores do poder, lhe podião dar a/ morte.// Nem se quer conseguiram annuiar/ o ceu limpido e sereno do seu horison-/te, onde dardeja fulgurante o sol da/ Liberdade. Rompendo pois aquelle/ silencio, a que pelas causas apontadas,/ esteve recolhido, vai de novo o *Mossoro-ense* percorrer o mundo, sem conhecer/ outros principios- sem enxergar outra/ divisa e sem obedeer a outros preceitos,/ que não sejam os que o emballarão no ber-/ço de sua criação.// É este o protesto que solemnemente/ reiteramos perante o tribunal da opini-/ão, essa rainha do mundo que nos ouve,/ e a quem respeitamos e obedecemos.// Assim a todos os nossos assignantes, e em geral a quantos nos tem honrado/ com a sua confiança, pedimos o auxilio/ de suas cooperações; nutrindo a mais/ firme convicção de que ninguem que/ [...] pense briosamente será capaz/ de deixar de proteger uma empresa, que/ de novo se levana para montar sua ar-/tilharia contra as baluartes do crime, e para proteger ra causa dos opprimidos.//

É o que esperamos dos nossos conci-dadãos, amigos e correligionários e em-/fim de todo o brasileiro, em cujo peito/ [...] ter um coração verdadeiramente ge-/neroso, liberal e patriota.//

Aos Nossos Juises

A interrupção do nosso periodico não/ nos tem permitido acompanhar *pari-/[passu]* os desmandos das autoridades/ judiciarias e a sua não interrom-pida de crimes e prevaricações; com o/ o que muito tem soffrifo o bem publico,/ o direito particular e a causa da jus-/tiça em geral. Imagine-se o que seja,/ fora das vistas da imprensa periodica,/ um termo e comarca sem magistrados,/ isto é, sem Juiz de Direito, sem Juiz/ Municipal e sem promotor publico for-/mados, e estes importantes cargos en-/tregues a cegueira d'alma dos *Simoe-/sinhos, e Cracarás et reliquia*, roceiros/ supinamente ignorantes e quase anal-/phabetos, accessoriados por um padre/ jesuita, hospede, e charlatão em juris-/prudencia, tão ignorante, parcial, or-/gulhoso o vingativo, como elles, e ava-/lie-se qual não será a confusão e a de-/sordem do foro, o atropello do direito/ das partes e a anarchia social resultan-/te da desgraçada administração da jus-/tiça por semelhantes *sacerdotes*, que não/ tendo se quer habilitações para simples/ meirinhos, nem qualidades para varre-/dores do templo de themis, profanão ahi/ todos os dias, com o maior descaro, as/ aras sacrosantas da justiça e da lei! E ainda não é tudo.// Há um outro espectaculo de lastima/ e de miseria que se ostena aos olhos do/ publico sensato prococando a geral in-/dignação- é o verem-se entrar e sahir/ constante e alternativamente pela porta/ do beco da espelunca jesuitica desta ci-/dade aquelles dous *capadores de bodes*/ enfronhados nas varas de direito e um-/nicipal o com uns palitots a laia de be-/ca, avuando despachos e sentenças estu-/pidamente horriveis sahidadas da forja-/do Plutão *episcopa!*/// O grito clamoroso das injustiças teraõ/ a tempos a esta a parte zoado por todos/ os angulos da comarca sem encontrar/

um echo, e aqueles juizes- instrumen-tos regosijavão-se no tripudio cynico/ de suas [...] decisões, em quanto o *Mossoroense* dormia.// Hoje porem que elle desperta cheio/ de vida a retomar seu posto na arena/ jornalística, preparem-se os carrascos/ da lei, que hão-de d'ora a vante ser/ zurzidos sem piedade e levados ao tri-/bunal da opinião publica, para que ahí,/ depois de lhes ser arrancada a mascara/ e postas a nu todas as chagas hedion-/das da corrupção e da venalidade, res-/pondão por todas as iniquidades e mal-/versações judiciaes, a que os arrastar/ sua criminosa ignorancia, ou as perfidas/ insinuações do perverso consultor.// Dezenganem-se de uma vez por to-/das, que o *Mossoroense* as[...]estando de-/novo suas baterias não cessará de fazer/ o mas vivo fogo contra essas postes e/ Juizes leigos – Uqasi sempre manivellas, se/ não escravos dos *satrapas* locaes, [...] / as mais das vezes, como desgraça-/damente so vê entre nós os converten/ coveiros da justiça e verdadeiros usur-/padores do direito alheio.// Convenção-se esses e pobres absc[...] selvagens, desconhecidos de quem/ nomeia, e quem acceitão a beca com/ a mesma consciencia, consciencia, com que o irracio-/nal acceita uma albarda, que des[...] / momento, em que abusando do poder/ canivbarem no arbitrio e na prevarica-/ção, estaremos a seu lado com as me[...] - /lhadoreas de Guttember para os fulmi-nar e confundir.// Saibão esses juizes que o tribunal de/ imprensa é inexoravel, e que a ipinião/ publica, que os hade julgar, e sempre/ terrivel para os infames da sociedade.// Treinão antes que chegue este mo-mento supremo, em que nem lhes po-/derá valer a ignorancia allegadam, nem/ o prestigio de satanaz dos bastidores/ que impellindo-os para o abysmo por/ detraz da cortina se refugiara na espe-/lunca na hoa da desgraça.//[...] Pois bem, continuai, como dantes/ vossos escandalos e desatinos, acon-/tecendo toda a sorte de attentados e injus-/tiças no exercicio de cargos em que [...]funcionaes quando se faz mister viola/ a lei e extorquir o direito alheio, que/ nos haveis de encontrar sempre da es-/tacada. Nos vos acompanharemos, na carreira do crime, como a sombra se-/gue o corpo e o relampago ao raio. //

Ficai certos disto.

Texto nº 24

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 11 de fevereiro de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

O que é o municipio e a/ importancia na ordem/ das instituições politicas.//Sendo uma verdade incontestavel/ que o homem é a imagem da socieda-/de, porque esta não é a outra cousa que/ o homem multiplicado, se cada um de-/por si tem interesses que lhe são pro-/prios e que não se communicão aos in-/teresses alheios sendo sob uma relação/ remota e longinqua, d'ahi resulta dar-se/ naturalmente na ordem social e politi-/ca o que se observa na ordem indivi-/dual. // Com effeito, do mesmo modo que/ nascem. Crescem e se desenvolve, as/ familias no seio da grande associaçã/ civil, distinguindo-se entre si por meio/ de relações que lhe são peculiares, de-/fendem[...]/ que se chama-o – patrimonio de [...]/ complexo de bens reservados ao uso/ exclusivo de cada uma: assim tam-/bem no seio da grande communhão po-/litica e social surgem os minicipios – ag-/gregado imponente e magestoso de/ familias e individuos que as entrelaçã./ convivem e combinão suas forças para/ o fim de promover um bem-estar geral,/ proteger o acautellar interesses que lhes/ são communs e que se destacão dis in-/teresses geraes por meio de relações/ *locaes e habituaes* (Vivi[...]). Ora, se tal/ é o municipio não é elle, por certo, uma/ criação constitucional e politica; mas, sim uma entidade real e permanente, que os poderes constituídos não tem/ feito mais que reconhecer e regular./ De feito, o municipio,/ disse um notavel escriptor, e tereis/ um governo fortemente constituído.// A emancipação do municipio é o tri-/umpho da liberdade. É pela prospe-/ridade e adiantamento dos municipios,/ que as nações vem a ser grandes e po-/derosas. É, portanto, no municipio, na sua feliz e conveniente organisação/ que repouza toda grandeza, toda segu-/rança e prosperidade do Estadi; n'el-/le assenta o baluarte inexpugnavel das/ liberdades individuaes. Mas, se tal é/ a importancia do poder municipal, co-/mo se acha elle constituído entre nós?// Em quem reside e porque modo e ex-/ercido? A nossa constituição politica/ diz no art. 107 que em todas as ci-/daes e villas não só existentes como/ as que so crearem para o futuro, have-rá camaras, a quem compete o gover-/no economico e municipal das memsas/ cidades e villas; e no art. 168[...]/ s camaras serão electivas./ [...] definido o modo, porque/ [...] poder municipal entre/ nós, em que [...] quaes nas suas/ fruccões. A [...] esta parte se/ mostra grandemente[...]/ Deixou ao arbitrio e[...]/ proprios municipes o elege [...] ter-si aquelles que melhores qua[...]/ o aptidoes apresentem e de quem po pos-/sãp esperar melhor e mais completo de-/sempenho das funnções administrativas/ municipaes. Em qface da lei os prin-/cipios governão-se por si mesmos. Nu-/merosas e por demais importantes são/ as attribuições as conferidas as camiras/ municipaes de nosso paiz pela lei de seu/ regimento. Seria de esperar, que d'a-/hi brotasse fecundo manancial de in[...]/ A governancia, o [...] pelos/ negocios publicos, o habito da escravi-/sação authoritaria- governamental não/ deixão que se erga esse pharol único/ capaz de conduzir-nos na senda da li-/berdade e do progresso.//

Os nossos camaritas não comprehen-/dem a alta missão que lhes traz a po-/sição de governadores de um da par-/te do territorio brasileiro. Esperão do/ governo central o impulso que, que ao com-/trario, deverião comunicar-lhe. Esta/ inversão pratica traduz em grande par-/te o atraso moral e material em que nos/ achamos e disvirtuara completamente a/ mais bella e proveitosa das instituições/ politicias de todos os paizes. He um/ erro, disse um nosso Estadista, acredi-/tar que tudo depende mais dos homens,/ do seu espirito, educação e habitos. Reformar os costumes, propalar a ins-/trucção moral e litteraria, fazer sentir a/ todos e a cada um a necessidade de uma/ benefica intervenção nos negocios pu-/blicos, que constituem a vida da nação/ eis o único fim para que trabalhamos.

Texto nº 25

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 7 de março de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: Dorian Jorge Freire
8. Número de palavras: 537
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

Há na vida dos povos epochas de/ tristeza e dor, em que os aconteci-/mentos operadas na ordem phisica/ ou moral gravão-se na memoria de/ todos, e atravessando as eras com-/servão-se devem medir e julgar os fac-/tos recentes.//

Taes forão para Mossoro os annos/ de 1843 a 1844, que como preludio/ d'uma secca assoladora, que se es-/tendeo aos dois annos seguintes, ex-/tinguiu a criação e a lavoura e redu-/sio a extrema miseria todas as clas-/ses que se communha essa peque-[/]. Era então Mossoró uma pequena/ aldeia, e sua população pouco nume-/rosa.// Desconhecidos os seus elementos/ de prosperidade, desaproveitados os/ seus recursos naturaes, marcava esta/ localidade um ponto negri na carta/ da provincia, e era reputada como/ um covil de feras sedentas de sangue.//

Foi nesses tempos calamitosos em/ que duas familias da disputa do man-/do e da prepotencia local travarão/ uma luta sangrenta e horrorosa.//

Não se conhecia então lei nem di-/reito; não se obedecia senão á força/ bruta daquelle que mais podia, não havia segurança.// O bacamarte e o punhal do sicario/ erão os arbitros supremos da vida e/ da honra dos cidadãos.//

Jorrava nas ruas publicas, como/ em uma batalha campal, o sangue/ humano. //

Ahi estão ainda hoje os signaes in-/deleveis e visiveis traços desse tem-/po de horror e anarchia, para attes-tar esta triste verdade.//

O açoute fatal da miseria porem, o/ cansaço extremo da luta, enfraque-/ceu os contendores, e, dispersos uns exilados outros, arrefeceram e sere-/narão os animos, até que cessando a/ frecida carneficina, restabelesceu-se/ a paz e a tranquillidade de todos.//

Foi a bonaça que sobreveio a tem-/pestade. //

Ao estado desastroso de anarchia/ e desordem sucedeu a ordem e a se-/gurança publica, garantidas pelo do-/minio da lei e do direito.// Estava assim o Mossoró em uma/ nova era de prosperidade e ventu-/ra quando sportou as suas plagas o padre Antonio Joaquim Rodrigues/, nomeado vigario desta freguesia.//

O povo, que rara vez se engana em/ seus sinistros presentimentos, conce-/bem a ideias de que nessa nova auto-/ridade eclesiatica de encerrava o ge-/nio do mal.//

E foi, levado por esse sentimento,/ que quasi toda a população, sem des-/tincção de sexo, correu ao recinto da/ Matriz, onde lia e publicava aquelle/ sacerdote o titulo de sua nomeação,/ o intuito de rasgal-o, arrancando-/ de suas mãos e eu enxotando do pro-/prio templo esse novo mercador.//

Não o querião!...//

Sahido ainda há pouco dos arse-/[...] lições da hypocrisia, não podia o/ novo pastor encobir do proprio sem-/blante os traços bem vesiveis da/ traição e da deslealdade. As affecçõ-/es d'alma reflectem-se muitas vezes / no corpo. E o povo não se enganou/ em seu justo presentimento, as pre-/dicções não mentem nunca. //

Decahidos porem de sua preten-/ção, tiveram os habitantes de Mos-/oro o desgosto de ser senta-lo na ca-/deira Parochial desta Freguesia, es-/se sacerdote aquem repelliram, e a-/quem do proprio templo quiserão ex-/pulsar. //

É d'então que data a vida nefan-/do de crimes e malverssações desse/ sacerdote; é do fatal anno de 1844/ que começa a serie não interropi-/da dos factos vergonhosos que cons-/tituem a sua vida publica- de que/ nos ocuparemos d'ora avante.

Texto nº 26

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 22 de março de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense-----

Nem a luz e nem sangue!

Por negligencia e falta de serua at-/tenção da parte do governo, senão de-/[...]delegados ou inspectores locaes,/ continua a instrucção publica desta/ cidade no seu antigo estado de a-/traso e decadencia e sem alguma esperança de melhora ou aperfei-/çoamento.// Alem de certa *habilitação* profes-/sional (creada por lei de *sufficiencia*)/ falta de sistema e methodo no en-/sino publico, que poderosa e radi-/calmente contribuem para definh-/ e tornar esteril a esperança plan-/ta, que se diz- mocidade- affogan-/do es renovos infantis, que não po-/dem florir por entre os joio do- A/ B-C--- e cortando os primeiros voos/ d'essas aguias implumes do futuro,/ uma das causas que não menos com-/corre para o estado verdadeiramente/ choravel e triste, em que se acha a/ nossa instrucção publica e por sem/ duvida a numerosissima frequencia/ que se dá nas aulas de um e outro/ sexo. // Não é humanamente possivel, que/ sendo a eschola do sexo masculino/ frequentada por 100 alumnos e a do/ feminino por 63, possuão os respectivos professores, por mais que se ex-/forecem, desempenhar a sua tarefa/ eschollar de maneira, que resulte pa-/ra aquelles a menor vantagem ou a-/proveitamento.// S. Ex. o Sr. Dr. Bandeira de Mel-/lo, a quem não podem ser estranhas/ as dificuldades e embaraços, com que em taes condições lucha o ma-/gisterio, em detrimento da instruc-/ção publica, poderia bem, se quizes-/se, amiserando-se deste lamentavel/ estado da nas eschola, já não dire-mos impulsionar vigorosamente o/ carro do progresso da instrucção mos-/soroense, mas ao menos desencraval-/ removendo-lhe aquelles obstaculos/ pela criação de mais 2 cadeiras, cu-/jos professores se encarregassem da/ instructiva e moral educação da me-/tade d'aquelles pobres alumnos.// Sabemos que uma tal medida não/ satisfaria completamente a grande/ necessidade publica, por não trazer/ ainda aquella somma de luz correla-/tiva ao grande numero de alumnos/ que frequenta, as 2 eschollas, os/ quaes so poderião contar cantagens/ reaes de aproveitamento, na razão de/ 25 para cada professor; mas seria a-/final um bem, que muito embora pe-/queno, era sempre preferivel a um/ mal maior.// A muito que se falta em uma 2/ cadeira que se diz creada para o sexo/ masculino d'esta cidade: mas, se não/ é isto uma utopia, não passa de uma/ verdade theorica, que nos parece def-/ficil realisação na pratica.// Tambem se tem fallado em escol-/la nocturna, medida aliás importan-/te e humanitaria e uma das mais pal-/pitantes necessidades, de que se re-/sente a numerosa população adulta,/pobre e ignorante, que povoa nossos/ campos; população que de certo se/ não pode instruir nas horas em que/ busca pelo trabalho os recursos da/ subsistencia: mas de tudo isto, as-/sim com de uma escholla d'instruc-/ção secundaria, de que já gozam ou-/tros pontos menos importantes da Pro-/vincia (quando menos satisfazer/se a gama metalica dos professores/ pro formula (!) de tudo isto dizemos/não é digna uma cidade, que sendo/ o emporio commercial da provincia/ tem mais que nenhuma outra com-/tribuido para o augmento de sua re-/ceita publica.// Quando nisto pensamos, sobe de/ potno a nossa indignação contra um/ governo ingrato e desconhecido, pa-/ra não dizer nefando e ambicioso.// Parece-nos porem que se estas bre-/ves e ligeiras reflexões forem bem pon-/deradas pelo Exm. Sr. Dr. Bandei-/ra de Mello, que nos dizem procurar/ destinguir-se de seus antecessores,/ bebendo nas inspirações do genio/ industrial o plano gigantesco dos/ grandes commettimentos, para assim/ abrir na ordem politico- administra-/tiva uma luminosa excepção e dei-/xar na provincia o rastro glorioso do/ seu nome; conhecedor que deve ser/ como homem de letras e dellas por/ muitos titulos apreciador e amanha,/ do importante papel, que a instruc-/ção popular tem de representar nos/ futuros destinos de paiz, por ser a/ única que pode dar a patria cidadãos/ probos e robustos e trabalhadores/ activos e inteligentes, parece-nos, di-/zemos, que talvez S. Exc. Se concen-/cesse de que os mossoroenses sendo/ os unicos para com quem o governo/ da provincia tem razão de ser menos/ ingrato, são tambem aquelles que/ mais direito tem de pedir que lhe/ seja recambiado em luz da intelligen-/cia o sangue que a hydra da centra-/lisação lhe arranca do coração.// Se nos tiratem o sangue e nos fal-/tar a luz, o que seremos?!// Simples cadaveres sem sangue e/ sem luz; mas terriveis espectros, que/ havemos de acompanhar e seguir por/ toda a parte a horda

infernais dos mortos-cegos- assassinos!!! \por Deus pois e por Christo, Sr. / Dr. Bandeira, lembre-se um dia que/ os Mossoroenses tambem são seus/ administrados; e que bem longe de/ o desejarem perseguir nas trevas co-/mo os phantasmas, antes se- aplau-/dirão em bendizel-o afogados em/ oceanos de luz.//

Texto nº 27

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: textos opinativos
3. Assunto: política
4. Data do documento: 3 de abril de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

Consummatum est.

Estamos na semana do Calvario. E/ não podendo, como christãos, ser indif-/ferentes ao anniversario d'essa trage-/dia sublime, que a 19 seculos so desen-/rolou a face do universo enluctando os/ ceos da Judea, horrorisando a naturessa/ e abalando o mundo até seus funda-/mentos, vamos-lhe consagrar alguns/ instantes externando para nossas co-/lumnas o quadro que eminente es-/criptor portugues Sr. Pinheiro Chagas/ traçou com mão de mestre sobre o as-/sumpto.// É um escripto soberbo em que elle/ descreve com pincel do genio humido/ de lagrimas o tincto do sangue que ema-/nou do Calvario para fecundar a arvore/ sarada da civilisação, o estado de a-/trazo em que esta ainda se acha por/ culpa dos seus cultivadores. Eil-o: // << Há mil oitocentos e quarenta e um / annos que Jesus Christo expirou por/ nossa causa na cruz affrontosa do Cal-/vario, e derramou o seu sangue para/ nos redimir do peccado, para quebrar as grilhões que durante seculos tinham/ algemado a humanidade aos monstuo-/sos altares da idolatria, do vicio e do/ egoismo divinizados.// Ha mil oitocentos e quarenta e um/ annos que o Filho de Deus, abrindo os/ braços como que para abençoar o uni-/vero, desprendeu dos labios pallidos o/ ultimo suspirto, e, deixando pender a/ frente, orvalhada pelos suores da ago-/nia, como o lyrio dos campos inclina a/ corolla rociada pelos orvalhos da tarde, exhalou, como o ultimo aroma d'essa/ flor celeste que lhe viçav n'alma, co-/mo a ultima harmonia d'essa lyra doce/ e meiga, que sempre lhe vibrara na voz, a palavra sublime: <<Perdão>>// Martyrio augusto o santo foi esse,/ que ainda hoje banha de lagrimas o/ rosto do crente e do sceptico, do phi-/losopho e do devoto, do que vê no as-/crificio do Golgotha a consummação/ d'um mysterio divino, e do que vê n'el-/le apenas o holocausto do chefe da/ seita, do reformador, do philosopho pu-/ro. A aureola, que cinge a frente do/ Jesus, é de natureza tal que podem/ nos ou outros discutir-lhe a origem, mas/ todos lhe reconhecem o candido explen-/dor. Para os mahometanos Christo é/ o propheta Issa, o meioo Nazareno que/ veio experimentar a influencia da pa-lavra doce e consoladora no espirito da/ humanidade, para os revolucionarios/ atheus de 1792 é o *sans-colutte* Jesus,/ homenagem rude, mas sincera, presta-/da a santidade das doutrinas igualita-/rias, pregadas pelo fundador do chris-/tianismo; para os Renan, para os Sal-/vador, para os Strauss, é o divino phi-/losopho, o suavissimo Platão, que tra-/duz em phantasiosas metaphoras, to-/das impregadas nos ardentes reflexos/ da poesia oriental, a sua doutrina mil/ vezes mais pura o mais nobre do que/ as theorias de Socrates, e as brilhantes/ utopias do grego sublime, cuja lingua-/gem parece rescender todas as fragran-/cias dulcissimas do mel perfumado do/ Hymetto. Enfim para os hebreus, pa-/ra aquelles que não reconhecem a jus-/tiça das innovações christãs, Jesus é/ hoje um dos mais santos interpretes da/ antiga lei; e um dos seus escriptores,/ Leopoldo de Kompert, denominando-o/ [...] *Nazareth*, para que-/res conciliar n'esta feliz expressão a fi-/delidade as crenças dos seus paes, e o/ respeito instinctivo que lhe inspira a/ pureza da vida, e amorte resignada do/ martyr do Calvario.// A resignação é o principal caracte-/ristico do sacrificio de Jesus, é o que/ mais lhe improme o cunho divinal. Ne-/nhuma ds amarguras do transito su-/premo lhe é poupada, e todas elle ac-/ceita com o sorriso nos labios, com o/ perdão no olhar e na voz. Elle bem/ sabe que o seu ultimo suspiro, por mais/ brandamente que so exhae, há de ter/ echos infinitos nos seculos futuros, e/ que o sangue vertido ds feridas, ape-/sar de cair na terra arida do monte es-/calvado dos upplicios, hade fecundar/ a arvore sagrada da civilisação. Ho-/mem ou Deus, illumine-o apenas apre-/visão de vidente sublime nas horas au-/gustas do passeamento, ou rasguem-se/ francamente os veus do futuro diante/ da luz intensa do seu olhar divino, é cer-/to que n'esse instante d'agonia o pa-/norama dos seculos vindouros se desen-/rolou no horizonte do Calvario, e que/ todas as conquistas do christianismo/ civilisador, a humanidade redimida, a/ egualdade triumphantes, a caridade a-/colhendo no seu regaço de luz os pobres/ e os humildes, lhe esvoaçavam em tor-/no da frente coroada de espinhos, co-/mo anjo de azas brancas, e lhe fizeram/ soltar as palavras de alivio com que se/ encerrem a agonias sublime: *Consummatum est!* //Sim, conssummou-se o sacrificio, lan-/çou-se a terra a semente da vida, e as/ gotas

do teu sangue divino, ó Christo, ó martyr, começaram a fecundal-as; mas/ quantos seculos ainda levará a viçar e/ a crescer a arvore santa, a cuja som-/bra se há de abrigar a humanidade?/ Quantos seculos ainda não terá de go-/tejar oo teu corpo sangrento para que a/ planta debil resista aos furacões de im-/piedade dos cultivadores? Porque depois/ do semente sacrosanto vieram os res-/pingadores profanos, e, apenas a tua voz/ deixou de tropejar na amplidão do tem-/plo, os vendilhões voltaram a provoal-o/ [tunidos] primeiro, depois audaciosos e/ ufanos, e a tua frente pallida pendeu/ trisyse no crucifixo, e as feridas do teu/ corpo reabriram-se, e o sangue reco-/meçou a gotejar, e a cair, nodoa vermelha, na frente da humanidade, que/ menosprezava o teu exemplo.// Tu disseras <<Perdão>> e passaram-se/ seculos, e bradaram os teus discipulos/ << Vingança>>, tu disseras <<Humildade>>, e no fim de seculos já os teus discipu-/los bradavam <<Soberda>>; Tu quebra-/vas os grilhões dos escravos, e no fim/ de seculos os deus discipulos cingiam/ com a manilha de ferro os pulsos roxea-/dos dos servos.// E cada anno, a esta mesma hora,/ quando voltava o dia amniversário do/ sacrificio do Golgotha, quando os bis-/pos doirados, os conegos vestidos de/ seda, os frades obesos e floridos rodea-/vam a tua imagem de musica e de in-/censo, o pensador podia ver nas trevas/ do templo a tua frente pender-se me-/lancholica e livida do crucifixo, e o teu/ sangue, saindo das feridas reabertas,/ gotejar incessante, cair, nodoa verme-/lha, na marmore das cathedraes.// Depois extingua-se o rumor d fes-/tividade religiosa, expirava na solidão/ do templo a plangente melodia do or-/gão, as trevas invadiam a nave... mas/ um clarão vermelho tingia os vidros das/ janellas ogivaes da igreja, era o refle-/xo das fogueiras da inquisição, era o/ rubido lampido do facho das guerras/ religiosas, e na escuridão da cathedral, o pallidos Christo pendia a frente melan-/cholica, e o sangue divino gotejava sem-/pre e sempre das feridas reabertas.// \Quantos seculos descorrem antes que/ essa vermelha chuva conseguisse apa-/gar as fogueiras, antes que o lampeho/ dos fachos das guerras religiosas dei-/xasse de corar os vidros das altas jan-/nellas da cathedral?// Cessou enfim, e parece que os labios/ pallidos do Christo dos crucifixos po-/dem hoje murmurar de novo as santas/ palavras: *Consummatum est!* // Há mil oitocentos e quarenta e um/ annos que o Divino Mestre as prenun-/ciou no alto do calvario, e ainda não/ se realisou completamente a prophesia/ divina!// Volta o anniversario do sacrificio do/ Golgotha, a igreja celebra a redemp-/ção da humanidade com os seus feste-/jos e canticos. As trevas encham o/ templo; gemem as lamentações nas te-/clas frementas do orgão; a luz pallida/ das tochas projecta-se no veu negro/ que encobre a imagem do Senhor; de/ novo se representa a grandniosa trage-/dia. Depois nos hymnos de tristeza/ succedem os cantigos de jubili [...]/ das mysticas palavras *Gloria in excel-/sis Deo* rasgam-se os lugibres veus, jor-/ra em ondas a luz no templi jubiloso,/ torrentos de harmonia enthusiatica/ inundam a nave resplandecente, enro-/lam-se espiraes de flores ao londo das/ columnas marmoreas, sobem aos ares/ nuvens de incensos, e as alvas pombas/ esvoaçam, soltas, batendo em a aza/ candida na abobada doirada. *Alleluia! Alleluia!* Ressurgiu o Redemp-/tor. [...] dem os braços abertos da imagem san-/ta abeçoar a humanidade.// A arvore plantada no Golgotha co-/briu afinal de aureos fructos a sua vas-/ta ramaria? Illumina um jubilo divi-/no a frente pallida do Christo, e cerra-/ram-se as feridas do seu corpo sagra-/do?// Oh! Não! Entre os esplendores des-/tivaes, da igreja, encaras bem, pensado-/res, scismadores, poetas, o crucifixo im-/move! A frente de Jesus pende ain-/da livida e triste, e o sangue divino/ goteja sempre e sempre das feridas em-/ter-abertas.// E porque a fraternidade é ainda uma vã palavra, é porque de um lado, no/ mundo, o materialismo crava nos espi-/ritos a sua garra hedionda, do outro/ lado, na igreja, a ambição, a soberba,/ a hypocrisia, sacodem as suas azas, ne-/gras sobre as frontes sacerdotaes. E/ porque de um lado a sanguinea guer-/ra continua a immolar milhares de vic-/timas no seu altar-ossuario, do outro lado, no templo, os vedilhões assertam/ banca e apregoam as mercadoarias. E/ mil oitocentos e quarenta e um/ decorreram, depois que se operou o sa-/cificio do Calvario! E o sangue es-/pumou em ondas durante esses dezeno-/ve seculos para regar a planta civilisa-/dora, e ainda não respande ao sol o/ fructo abençoado de arvore sacratissi-/ma!// E é triste dizel-o, ó Christo, se tão/ lento há sido o desenvolvimento da ar-/vore que plantaste, se tantos furacões/ a teem agitado, se tantas vezes o fo-/go lhe queimou as raizes, culpa foi de-/certo das avaliações das fraquezas, dos/ vicios da humanidade, [...] principal-/mente dos que se disseram teus dissi-/pulos, e teus sacerdotes, e teus vigari-/os, dos que profaram o teu nome, dos que vilipendiaram/ a tua missão. Os/ ministros da lei nova, como os pharise-/us da antiga lei, seccaram o espirito/ do Evangelho com o sopro das suas/ interpretações, acanhara, a tua dou-/trina tão ampla e fraternal, e, se hoje/ baixasses ao mundo, elles, os phariseus/ christãos, lapidar-te-iam de novo, cin-/giriam a tua frente de espinhos, pô-te-/iam nas mãos o scpetro irrisorio, e de/ novo te crucificariam! Por isso as/ tuas feridas gotejam sangue sempre e/ sempre, e por isso o teu olhar triste/ procura debalde no mundo a realisação/ das palavras sublimes. Que proferiste/ ao realisat o sacrificio immenso: *Com-/summatum est!*>>

Texto nº 28

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 12 de abril de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 537
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

Egreja livre no estado/livre.

Tal é o grande principio procla-/mado por todos os livres pensadores/ e que entranhado n'alma é por si só/ capaz de gerar uma revolução.// Tal é o soberbdo mote, a divisa su-/blime que fluctua nos estandartes da/ grande cruzada da liberdade religio-/as, como única capaz de realizar em/ sua forma pratica os intuitos das mo-/dernas aspirações, de libertar a Egre-/já da servidão, com que a 1560 na-/nos a tem deprimido os Estados, e de terminar, por sua vez, os conflictos, com que os ministros d'essa Egreda/ tem perturbado a paz do mundo,/ revolucionando as consciencias, para/ reagir contra os Estados.// Haverá quem ponha em duvida/ o evangelho é a quelle supremo/ e divino cogido, cujos artigos se re-/sumem em uma só e única lei- a dor/ amor da paz? Não por certo.// entretanto, se abrimos o grande/ livro da historia, ser-se-há, com evi-/dencia, que desde o dia em que o im-/perador Constatino unio a Egreja/ ao Estudo, é em nome d'esse mesmo/ Evangelho (*proh dolor*) que se tem/ suffocado e perseguido milhões de / homens!!! Tem-se derramado mais sangue/ em nome da religião do que da po-/litica.// Se igreja não confundisse com os/ do Estado, seus interesses e paixões,/ se o principe não concedesse seus car-/rascos ao sacerdote, presenciaria já/ mais a christandade no vasto theatro/ do mundo semelhante espectaculo/ de crimes e horrores?// Sellaram por ventura e união da/ Egreja e do Estado essa violencias/ inauditas, que tem deshonrado e ds-/prestigiado a religião?// Não, que esse cazamento hybrid/ e anachronico, contendo em si o ger-/men da dissolução a proclamar o di-/vorcio, tem sido uma perpetua dis-/cordia.// Teve a Egreja em algum tempi os/ principe sem servidão e tutella: el-/les por sua vez escravizaram a Egre-/já; deposeram os papas aos impera-/dores, os reis tem por sua vez depor-/tado e prendido os bispos. // Não é so Portugal e outras nações/ dos ultimos seculos que nos fornecem/ estes exemplo; ahi estão a França/ moderna e o Brazil de hoje mostrando-/nos ao vivo o quadro destas tristes/ verdades.// Quando a Egreja não domina, agin-/ta o facho da discordia, revoluciona,/ anathematiza e brada que esta op-/pressa quando o Rei encontra de-/ante de si a consciencia do povo que/ protesta, brada que há revolta. D'ahi/ as guerras que se tem travado entre/ o clero e o estado; d'ahi essas mise-/raveis contendas, que estragam os po-/vos – gastanto-lhes toda a força e ar-/tividade de que carecem para os com-/mettimwntos industriaes e agricolas/ e consequentemente para todas as/ espresas de progresso e a qiquesa ds nações.// Eis as miserias de que está cheia/ a historia de todos os paizes, que co-/mo o nosso tem tido a desgraça de/ alimentar em seu seio o cacro da/ religião official. // E não será a experiencia de 15 se-/culos razão mais que sufficiente para/ condemnar a velhice d'um erro e pa-/ra que uma reforma, que já se acha/ feita nos espiritos, venha como a es-/pada de Alexandre cortar o nó gor-/dio d'aquella união fatal e extirpar/ esse cancro, que se radicalisa e per-/petura como um eterno pomo de dis-/cordia?// Sim, e é neste sentido que grandes/ homens, estadistas eminentes do paiz/ e ultimamente uma illustrada asso-/ciação do Rio de Janeiro acabam de/ dirigir aos brazileiros de toosos os/ credos religiosos e de todos os mati-/zes politicos a circular e representa-/ção, a que vamos dar hoje publicida-/de.// Esperamos pois, que todos os nos-/sos compatriotas, empenhando-se em/ promover as litas das assignaturas,/ de que nelles se tracta, se appressem/ em remette-l-/as a esta redação, que/ do melhor grado se prompttifica a en-/dereçal-as ao sem destino.// Não se esqueça um só de nossos/ concidadãos de que a causa que a il-/lustre commissão redactora advoga e/ uma causa sagrada qual é a da liber-/dade de cultos, que dando a todos/ a faculdade de adorar a Deus a seu/ modo sem restricção nem violencia,/ acabará de uma vez a esteril e ver-/gonhosa lucta politico religiosa pela/ separação dos dous poderes- Egre-/já e o Estado.// Só assim pertencerá livremente a-/quella o fiel e a este ocidadão e se/ realizarão completamente as palavras do proprios Christo://

Detur Deo quod est Dei, et Cesaris/ Cesari:// Eis as peças://

Texto nº 29

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 19 de abril de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Aos nossos assignantes

O Mossoroense, com quanto não/ seja órgão da publicidade de subido/ valor e nem moeda de ouro que po-/as agradar e satisfazer a todos, acha-/se todavia animado dos melhores de-/sejos de não succumbir ou retroceder/ no caminho do progresso.//

Depende porem a realização d'es-/tes seus nobres intuitos e aspirações/ de uma só e única causa a protecção/ de seus assignantes; porque sendo/ estes o seu primeiro elemento de vi-/da, visto serem a sua única fonte de/ receita, so elles podem, como arbi-/tros de seus destinos, decidir da fu-/tura sorte de seus dias.// Mas há duas especies de assignan-/tes que convem distinguir. Uns que/ estendendo para o Jornal sua mão/ protectora e generosa sabem impri-/mir-lhe um vigoroso sopro de vida e/ dizer-lhe Christo ao paralitico:// *surge et ambula*, levanta-te e prose-/gue; e outros que ouvindo os gritos/ supplicantes do pobre voluntario da/ imprensa que, estendendo-lhes a mão,/ pode auxilio para vencer, soccorro pa-/ra não ser vencido e amparo para não/ perecer, passam ao largo, cini o a-/varo, de vista baixa, para o não ve-/rem. e, filhos ingratos da patria, o/ deixam, pelo abandono, succumbir/ ao extremo desalento!// Entretanto estamos longe sup-/por que qualquer dos nossos destinc-/tos e honrados assignantes se acha/ comprehendido n'esta ultima classe.// Não, não lhes faremos uma seme-/lhante injustiça; porque é tal a com-/vicção que nos alenta, de que todos/ se tem compenetrado da grande ne-/cessidade que há de se conservar/ sempre aberto o importante e único/ livro do povo, que se chama- jornal,/ que não trepidaremos em acreditar,/ que, uma vez empenhada a sua dig-/nidade e valiosa cooperação em prol/ de nossa empresa, todos se darão/ pressa em corresponder generosamente ao nosso justo appello, man-/dando satisfazer cada um a impor-/tancia de sua assignatura em debito.// Todos sabem, e nenhum há que/ ignore o que significão estas espres-/sões jornalisticas- PAGAMEN-/TO ADIANTADO-; e sem/ que esta condição essencial seja ple-/na e cabalmente satisfeita por todos/ os dignos subscriptores, e completa-mente impossivel ao *Mossoroense*, se-/não deixar de existir, pelo menos dei-/xar de desfalacer debaixo da pezada/ cruz, que neste momento carrega pe-/la via dolorosa do jornalismo.//

Sejão pois os nossos caros assig-/nantes uns perfeitos Cyrineos.

Texto nº 30

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 7 de junho de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Falta de throno

Depois de bem reflectido, e desta/ vez, calorosamente dis-/curso da coroa, com elle abriam-se/ no dia 5 do passado as camaras re-/presentativas.// Sem discrepancia seguio-se a uni-/formidade adoptada por todos os com-/selhor de ministros que *sabem* man-/ter-se em sua civica independencia.// Mais uma vez o gabinete de 7 de Março comprio dignamente sua *no/bre* missão, e o ministro do impe-/rio, sendo o 7º ou 7º discurso de/ abertura que faz, mostrou grande/ pratica nas formulas, e se não tem/ invejavel talento, ninguem lhe po-/dera negar ao menos a mais feliz/ memoria.// Veja-se em resumo o que a sabe-/doria e patriotismo de tão egregios/ varões acordaram em lembrar aos/ eleitos pela *expressão do voto livre/* os legítimos e genuinos representan-/tes da soberania nacional- os he-/roes coroados pelo triumpho das urnas.// Este famoso discurso, edicção correct-/ta, com que acaba o Sr. João Alfre-/do de brindar o paiz, depois de dar-/nos a grata certeza de que que a prince-/za imperial, a Sra. Condessa d'Eu, se/ acha á Divi-/na Providencia pela tranquilidade/ inalteravel, da-nos ainda a certeza/ de que o procedimento dos bispos/ de Olinda e do Pará sujeitou-os ao/ julgamento do supremo tribunal de/ justiça, o que muito penalisa, mas/ que firme no proposito de manter/ illeza a soberania nacional o gover-/no, sem afastar-se da *moderação* até/ hoje empregada, conta com o apoio/ das camaras.// Diz-nos que as rendas do Estado/ diminuíram no corrente exercicio;/que a lavoura exige providencias, que/ lhe removam os abtáculos; que a/ educação e instrucção popular com-/tinuam a ser objecto dos cuidados/ do governo; que a reforma eleitoral/ é urgente; que o recrutamento pre-/cisa de lei que evite a insufficiencia/ e abusos do systema actual; e que/ finalmente todos os dias se robuste-/ce a crença do brilhante futuro da/ nossa patria, e a sua realisação sera a/ melhor recompensa de nossos inces-/santes exforços.// Basta confrontar os muitos discurs-/sos da coroa com que sempre se tem/ querido ostentar de sabio e liberal/ aos olhos do nosso seculo, que vê/ marcha, e exige nova ordem social/ para se ver que entre elles não há a/ menor differença: sempre as mês-/mas banalidades, as mesmas promes-/sas banalidades, as mesmas promessas falazes cortejadas do mais sedi-ço e fôfo palavriado!// Reconhece-se facilmente pela fal-/ta de cumprimento de promessas/ tantas vezes repetidas, que tudo que/ nelles transluz não são mais que sim-/ples formulas de estyllo com que se/ enroupa em caviloso proposito de/ destrahir o paiz, como para ganhar/ tempo a fim de que ninguem co-/nheça que já toca a mêta do escan-/dalo a inbalavel firmeza da immo-/bilidade.// Illudir e mystificar é a politica/ que se tem adoptado para acalcan-/har e esbarrar o Brazil, sem se dei-/xar permittir ao menos que este jo-/vem-gigante alcante o trem de baga-/gem do carro civilizador.// Pelo que nos diz a falta de throno,/apezar do decrescimento das rendas/ publicas, cujo restabelecimento é/ facil conseguir com o augmento de/ novos impostos; apezar da febre a-/marella e da variolsa que nos disi-/mam de sul a norte, o feliz imperio/ se engradece e segue na vanguarda/ do progredido e nos-nadamos em/ mar de rozas! // Que falta pois para sermos a pri-/meira nação do mundo?!// Nada. Temos já dous bispos pre-/sos, e *graças a Divina Providencia a/ tranquilidade publica conserva-se/ inalteravel*, isto é, não se levanta-/ram ainda com mão armada os ser-/vos contra os senhores.// Vê-se portanto que os que se em-/carregão com tanta *philantropia*, e/ sem consultar a vontade do povo,/ que não tem a verdadeira *sabedoria/* para conhecer o bem, nos tem leva-/do caminho da felicidade, cum-/prindo assim a nobre missão que/ lhes foi confiada.- Continuarão, por/ isso a ser dignos das graças e a rece-/ber os raios do sol que os tem feito/ brilhar.// Não se creia portanto que esses re-/flexos possam fazer a reforma eleito-/ral; não quererão perder o abusivo/ direito de formar maiorias ficticias.// Demais, a que ficaria reduzido o/ demerito?!// Como se poderia jogar com a sub-/serviencia?!// Não se creia tambem que a ques-/tão religiosa tenha soluçãõ e resul-/tado favoravel as nossas liberdades.// O estado continuará a ter religi-/ão obrigatoria e privilegiada o que/ se poderá vir a conseguir, à custa de/ uma luta impotente e irrisória com/ o clero, e à força da *diplomacia* dos/ cofres publicos, é o restabelecimento/ e firmeza do *placet*. As monarchias da raça latina pre-/cisão de escudar-se em Roma; mas/ o beneplacito é o *engenhoso* equili-/librio entre o Reio e o Papa.// A liberdade de consciencia será/ um impossivel entre nós!// Em quanto não houver opiniãõ/ nacional, continuaremos a ter estas/ duas desgraças- Religião de Estado/ e Eleição indireta.// A futura grandeza do Brazil e a/ felicidade de seus filhos dependem/ de um só

Homem! // A mão única que enovella o fio/ dos destinos da patria o poderia es-/tender, se lhe aproovesse!// Mas não convem.!// Nestas tristes conjecturas o que/ pois nos resta?// As esperanças anunciadas.// Seria, porém, preciso que, por/ maior mal, não viesse a realizar-se o/ dito da velha a respeito do tyranno/ de Siracusa.//

Texto nº 31

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 13 de junho de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Noticiário

Missa perdida.- A' dias de de-/rigo-se um Ir.: carissimo gr: 1S, ao vigario da freguesia a encomendar u-/ma missa a Santa Lusia, como promes-/as que é a mesma santa físera por occasi-ão de graves soffrimentos dos olhos, com/ que se vira afflicto; e appresentanto ao/ Rvdm. em um prato ou salva o produc-/to das esmollas que para tal fim pedira/ resmungou aquelle; *venite, adoremus,*/ não há duvida, conte com a missa. No/ dia seguinte audio no altar, e com pou-/co envio-se – *Re, missa esta.*//

Pergunta-se: tera valor esta missa de/ promessa d'um excommungado? Não/ ficará excommungado o padre q' a cele-/brou pelos *excommungados cumquibus!*// Então não se casa maçon, nem se ad-/mitte este padrinho, e pode-se ce-/lebrar o sancto sacrificio da missa na/ intenção do mesmo maçon?!....// Não há quem possa comprehender est-/ta Igreja romana e seus jesuitas! De-/cifrem o povo e os entendidos esta cha-/rada sem conceito e veção se o partir/ que ora abraça a ovelha ora a escurra-/ça para fora do aprisco não é jesui-/ta com umas poucas de caras e q' accen-/de uma vela a Deus e aoutra ao diabo.

Texto nº 32

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 28 de junho de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoroense

Mossoró, 24 de junho de 1874.

Discurso proferido nesta dacta em/ sessão magna d'inic.´. e regul.´. na loja.´. Vinte e quatro de junho n'este val.´. A glor.´. do Sup.´. Arch.´. do Um.´. / Meus Ilr.´. A nossa ordem não é tão somente/ uma sociedade secreta, um gremio/ de entes envolvidos em mysterios e/ segredos, uma aglomeração de curio-/sos e amadores de ceremonias em-/blematticas. É mais do que isto.// Instituição grandiosa, sede da li-/berdade pura, ella concentra as di-/vinas doutrinas do martyr do Gol-/gotha: amor, igualdade. E isto, me-/us Ill.´. é o que é maçonaria.// É da organização animada pelo/ sopro do verdadeiro christianismo/ respeitar ao homem o homem, co-/mo eguaes e filhos do mesmo gran-/de Architecto.// O nosso codigo he o do amor e li-/berdade, que nos conforta na adversi-/dade; a nossa lei a da fraternidade.// O grandioso fim é o do esclareci-/mento de todos, o progresso funda-/do na baze solid da razão e liberda-/de; thesouro que tanto augmenta em/ valor quanto mais são os que delle/ participão.// Achamos vestigios da maçonaria/ nos tempos mais remotos, embora/ sob differente denominação; acha-/mo-los sempre ahi, onde o espirito in-/dependente e activo exprime os sem-/sentimentos humanos, affrontando a-/quelle elemento tenaz, aquella fac-/ção sempre armada, aquelles amigos/ da escuridão, aquelles sacerdotes es-/peculadores, sempre abundantes no/ paganismo, no judaismo, e no pro-/prio christianismo.// O historiador profundo e investi-/gador da ordem dos pedreiros livres/ contempla com reverencia os sacer-/dotes illustres dos Egepcios que cul-/tivavam em seu seio a verdade, a i-/deia de um único Deos, estranha e/ incomprehensivel ao povo que vivia/ no cahos do polytheismo.// Dá uma prova exuberante Moises,/ que participando das doutrinas d'aquelle recinto, d'aquelle, recinto, d'aquella sede da sciencia, d'aquella verdade elevada e/ pura embora envolvida em symbolos/ e hieroglifos, soube guiar aquella/ nação desgraçada e

desmoralizada ao/ paiz da promessa e dar-lhe aquella/ religião iam fundamental tam necessaria e indispensavel ao estado/ religioso e social dos nossos dias, a-/quella religião da verdade de Jehova/ omnipotente, mãe do christianismo/ e do islamismo, que impera na mai-/or parte do mundo civilizado.// No Oriente, no barço dos povos/ nasceram estas ideias sublimes do/ deísmo, a ideia de um ser de todos/ os seres; no Oriente nasceo o Evan-/gelho, a religião do amor e da igual-/dade de todos os entes humanos,/esta não se deixa encaixar em dog-/mas clericas, nem pode ser propri-/idade de uma classe privilegiada e/ especuladora.// A organização e o desenvolvimen-/to da nossa ordem acha-se com ma-/is certeza nos seculos XI e XII. Na-/quellas epochas com o firmamento/ coberto de grossas nuvens no apo-/geo da gerarchia romana e no augue/ de sua devassidão, *Aquella inimigo* da nossa santa liberdade, é, pela di-/vina providencia, o instrumento ma-/is consideravel da fundação de uma/ nova era de esclarecimento. // O pio fanatismo abre de novo as/ portas do Oriente desde muitos se-/culos quase completamente fechadas;/ os peregrinos das cruzadas se arre-/messam n'aquellas regiões oppulen-/tas e os filhos do Occidente se enver-/gonham em Bizancio, antiga sede das/ sciencias, de sua ignorancia e bru-/talidade e na Ásia á vista do seu es-/plendor estremece de sua pobre-/za; o Jerarcha romano cubiçan-/do atrahir no seu throno a Asia/ sacrifica milhares de suas ovelhas á/ espada dos Serracenos; o filho do/ norte buscando o perdão dos pecca-/dos, os prazeres do paraizo a borda/ doo Santo Sepulchro acha mais do que/ lhe era promettido- a sua dignidade/ e humanidade, a semente da liber-/dade, e aos seus concidadãos no Occi-/dente traz elle estes preciosos the-/souros certamente de mais elevado/ valor que as chaves de Jerusalem, os/ pregos da cruz do salvador, e as a-/guas do Jordão.//

Claro é que elementos que vege-/tam nas trevas, que prendem os espi-/tos com ideias ridiculas que atormen-/tam os ignorantes com *caldeiras de Pedro Botelho* e Purgatorio para em-/brutecer as massas e engrossar os sac-/cos devoradores e insaciaveis da / ambição e do interesse, havião de im-/pedir como todas as forcas ao seu alcance o rompimento da aurora de/ uma felicidade de que tanto a human-/nidade necessitava, lançando ana-/themas, e excommunhões, como Cle-/mente XII, Benedicto XIV, Pio VII/ Leão XII e o nosso proprio contem-/poraneo *Infallivel*, o moderno anti-/crhristo do apocalypse, Pio IX.// Exforços inuteis: o esclarecimen-/to, fructo amadurecido por seculos/ e seculos domina os espiritos; e o ul-/tramontanismo q' baseava suas for-/ças na anarchia e na anarchia e na guerra civil, es-/ses tremendos arsenaes, donda fazia/ ribombar seus medonhos trovões já/ mais dissolverá os laços saudaveis/ tecidos pelo progresso, fundados so-/bre a razão e a religiosidade evan-/géllica e scintillados pelos raios abran-/sadores das obras philosophicas de/ profundos e humanos pensadores/ germanicos, como Herder e Lessing.//

Tenhamos fê no progresso espantado/ das ideias livres, na luz que já se der-/rama em mais de 8:00 loj.'. espa-/lhadas entre todos os povos civilisa-/dos, e mais que tudo na prodígiosa/ força da união maç.'.// Assim, Ilr.'. , sejamos pedreiros li-/vres no verdadeiro sentido da pala-/vra, edificando-nos neste templo ma-/gestoso, n'esta obra sublime, que des-/temeu a ruina dos tempos e floreceu/ a traves dos seculos escuros, perse-/guida pela perversidade, n'este tem-/plo em fim da elevação e união fra-/ternal da humanidade em geral.// A liberdade espiritual, a religiosi-/dade sincera e verdadeira devem or-/nar todo o maçon, livre de hypocri-/sai, longe de superstição e inimigo/ desss farças clericas, uriundas de negociadores com almas innocentes/ e ignorantes.// Só assim será será verdadeiro pedreiro/ livre, aquelle que se aperfeçoa na/ arte das artes.// A nobresa d'alma, a perseverança/ no trabalho espiritual do bemfazer,/ o alto sentimento do fim da ordem, o reconhecimento de igualdae de/ todos, devem ser os seus atributos.// O odio, a intriga e as paixões já-/mais devem crusar o limira deste/ templo; reine entre nos a harmonia, a alegria e a susudez, e no mundo/ profano distinga-se o pedreiro livre/ por aquellas qualidades que ornam/ o homem, amigo da verdade, do tra-/balo e da honra.// Por este modo elle desarmará os/ adversários da ordem, esses que fre-/quentemente a tacam por meio do/ sofisma e da mentira grosseira e sem/ um principio com que possão coho-/nestar o seu systema de absurdos.// Portanto avante, filhos da viuva/ na cruzada da civilização.// Se não somos perfeitos porque so-/mos homens, ao menos procure-/mos entrar no verdadeiro caminho/ da perfeição; e se uma outra vez/ algum judas, nem por isso desanimemos;/ deixemos o perjuro confundido em/ sua eterna vergonha e sigamos sem-/pre como Ilr.'. firmes e leaes, com/ coragem e anbegação até a última/hora, até exhalar o derradeiro sus-/piro sem renegar a fê jurada; por/ que, se em Deus posemos a nossa/ confiança, nada mais a Egreja nos/ poderá dar.// Supremo architecto dos mundos/ augmentai os operarios, multiplicai/ os obreiros para uma colheita abun-/dante e dai-nos constancia e firme-/za.// O inimigo é grande, o inimigo é/ forte e não poupa meios para conser-/var suas fontes pecuniarias- as vic-/timas da superstição e da cegueira, a pobre humanidade em fim sepulta-/da no charco immundo d'uma igno-/rancia eterna. //

Ente supremo, luz, luz...

Texto nº 33

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 23 de agosto de 1874
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Desde a primeira vez que o nosso/ jornal vio a luz da publicidade, até hoje,/ não tem perdido ocasião de protestar/ contra o poder pessoal, - conciderando-o/ único movel de todos os males dos pais,/ e origem da descrença geral, que tem/ abatido todos os animos, que cançados/ de uma luta desigual abrigam-se nas/ sombras do indifferentismo, a cuja aca-/brunhadora paz não chega, se quer, um só raio de esperança.// O brasileiro, que pensar um pouco/ no caminho contristador que tem tri-/lhado a sua infeliz patria para chegar/ hoje até a possibilidade de um absolu-tismo positivo, não poderá deixar de/ bradar, enfraquecido e prostrado no/ maior esmorecimento, esta desanima-/dora palavra: - impossível!!! Se o mortal, que se crê mais sabio,/ justo e virtuoso de tosos os mortaes,/ continua a serrar os olhos para não ver/ a luz da verdade; se em seu coração, que é aclamado de magnanimo, não/ pulsar os toques da compaixão, e da/ generosidade para cujo sentimento todos/ appellão, então todo remedio a nossos/ males é- impossível.// Mas quem diz que queira-se elle des-herdar?// E quem nos pode garantir que á frie-/za da indifferença e á corbardia do de-salento não succeda o ardor e a conta-/gem do desespero?// A Hespanha o dia.// Firmes, por tanto, no nosso proposi-/to de combater o illimitado poder a que/ se tem arrogado o cesariano, não po-/demos deixar de dar espaço, apesar/ das acanhadas proporções do nosso pa-/queno jornal, ao artigo que vai em se-/guida, cuja invejável penna que o tra-/çou faz a maior honra a imprensa bra-zileira.//

Texto nº 34

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O Mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 3 de janeiro de 1875
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Manifesto ao publico / o attentato do dia 1 de janeiro

6 de janeiro de 1875

Impõe-me o dever de cidadão, de/ [...] não tabem o principio de/ solidariedade que se deve guardar e/ respeitar uma ataques que se dirigem e/ tendem a suffocar a voz da Imprensa/ sua independencia e liberdade, inde-/clinavel obrigação de protestar peran-/te o mundo contra o attentado inau-/dito que sofrera a Imprensa-Mossoro-/ense- perpretrado na pessoa do cidadão/ brasileiro, Jozé Damião de Souza Mel-/lo, meu companheiro de redacção- e de/ Frederico Antonio do Carvalho, Agen-/te [...] de S. M. Fidelíssima nes-/ta cidade!!/ Filho do poço, em torno da seguran-/ça, paz e tranquilidade deste; mosso-/roese, em como [...] patricios,/ cidadão, em , em nome dos meus direitos,/ eu cumpro um dever sagrado erguendo/ a minha fraca voz, para mandar ao/ mundo, envolto na nuvem negra da in-/famia o grande nome- do Deputado/ Provincial e Administrador de Rendas/ Provinciaes desta Cidade- Rafael Ar-chanjo da Fonseca, principal protago-/nista do drama [...] que passo a/ narrar!!/ ..], de nome/ Manoel, e Manoel Chavião. Reunidos/ assim um numero de 10 No dia 1 de Janeiro do corrente/ anno reunindo-se o mencionado depu-/tado Rafael Archanjo – a um seu co-/mensal de nome Jsé Tertuliano, guar-/da da Meza de Rendas- percorreram/ os suburbios desta cidade assalariando/ capengas cacetistas, para um fim só com-/patível com a natureza corrompida/ desta miserável gente, e conseguiram,/ que a elles se incorporarem os seguintes/ indivíduos, - Quintilismo França e um/ filho do coo todo, João Martins da/ Silveira e 2 ou 8 filhos, um [...]/ Dr. Euclides [no 11 pessoas,/ depois de haverem afogado a mente/[...], armaram-se de-/ cacetes, punhaes e pistollas, e dirigi-/ram-se, ás 3 horas da tarde pouco mais/ ou menos, capitaneados pelo referido/ Rafael- na mais selvagem gritaria e/ criminosa [...], á casa on-/de reside José Damião de Souza Mello e/ Frederico Antonio de Carvalho, onde/ tem estes seu estabelecimento commer-/cial, e o ultimo o escriptorio da Agen-/cia consular portuguesa; e ahi furio-/sos como tigres, aos gritos da *mata, morra etc.* penetrarão no interior del-/la indo até a cozinha, onde não encon-/trando suas victimas, que surprehen-/das pelo accomettimento inexperado,/ sem tempo para ganharem uma posição/ convenientemente defensiva, subiram/ ao andar da casa por cima do refe-/rido estabelecimento, onde permanece-/ram e onde aguardavam a subida dos aggressores// Abandonada, assim a casa, escriptorio/ e estabelecimento ao poder dos assal-/tantes, estes sedentos de sangue abra-/sados do[...], que com animo pacificado, pa-/ra ali se dirigião, de que não levarião/ a effeito a [...] se sobre as vidraças do estabelecimen-/to e escriptorio d' Agencia e quebrão/ quase todos os vidros á cacete, dando até profundos golpes na propria ma-/deira e balcão, quebrando igualmente/ diversos objectos de vidro expostos a/ venda, e praticando outros desatinos/ acompanhados de mil injurias atrozes/ e infamantes!!!!!!!/ Ao v-er-se o desespero brutal e san-/guinario d'aquella sucia de scelerados/ dir-se-hia um bando do salteador e-/commettendo de surpresa a casa d'um / cidadão pacifico, dispostos a lhe pedi-/rem a bolsa ou a vida!!!/ Depois sahindo todos os faccinoras/ do theatro de seu drama de ferêsa e/ selvagismo, onde lhes havião escapado/ as victimas em que pretendiam estar/ seus instinctos e brutal furor, percorre-/ram as ruas redobrando os insultos e/ ameaçando voltarem a typographia/ *Mossoroense* , causa originaria de seus/ odios, contra os redactores. Era já/ noite e ainda se ouvia de todos os an-/gulos de cidade o rugir medonho des-/sas feras avidas de vigança e famin-/tos de sangue!!/ Eis resumidamente o facto lamenta-/vel e tristemente assombroso, parte d'-/uma imaginação escaldade no cader-/nosinhos e da devvassidão, facto at-/tentatorio de todos os direitos legiti-/mos, de que foi theatro esta cidade no/ dia 1 de Janeiro do corrente anno, tem-/do por principal autor Rafael Archan-/jo da Fonseca, deputado provincial!! Se a tentativa foi vã, se não houve se-/rias desgraças a lamentar, se [...] abu-/tres carneiros não mergulharam ao/ terminar se seus punhaes homecidas ao/ coralçai de suas victimas, e attentato/ deu-se o perdurar na memoria de to-/dos os mossoroenses para eternas exe-/cração de seus miseros autores!! E quem diria que o actual delegado/ de policia- Joaquim Severino da Sil-/va assistiam impassivel com 10 praças/ de seu destacamento a este seto [...]/ e criminoso sem que houvesse [...] prender são flagrante os autores/ de semelhante attentado?!!/ A opinião publica, indignada, já/ formou sobre tão irregular

proceder o/ seu juizo final!...// Se a força não lhe era suficiente pa-/ra effectuar a prisão, a lei lhe fornece/ meios efficases de salvar a sua reputa-/ção; mas não quiz!!!! Quem diria que o Dr. Avelino Ilde-/fonso D'Oliveira Azevedo, Promotor/ Publico d'esta comarca fosse o deposi-/tario das chaves da casa da repartição/ que lhe entregou o afamado chefe do/ bando de criminosos, sem intimo amigo,/ na occasião em que sabio armado com/ todos o capangas para effectuar o pla-/no da tenebrosa conspiração?!! ignorava por ventura o plano sinis-/tro e mil vezes repovado d'aquelle sem/ [...] Não via que o preparo beli-/co d'aquella matilha feroz [...] pela manhã/ a mais ignobil ostentação de seu pla-/no com a [ausencia] sua?// Quem podia ver Quintiliano Fraga/ e João Martins [...] de ferros/ até aos dentes, que não podemos compre-/hender o fim malevolo que guardavão/ na mente?// Quintiliano, o criminoso [...] que esfaqueou José da Paulinha em/ pleno dia no medo desta cidade; que espancou do mesmo modo a sua/ propria sogra, de cujos crimes ainda/ se não libra, desordeiro reconhecido,/ faquista por habrito, homem de reprova-/dos/ dostumes e pessima conducta, e João Martins da Silveira, esta cou-/as sem nome, sem dignidade e sem brio,/autor de attentada [...] identido per-/petrado contra- M[...] de Valerio/ desta cidade, João Martins da Silveira de quem a cadeia desta cidade tem/ expressa lembrança desde que d'ella evadio-se estandp preso por desordens, não podiam inspirar nas condições em/ que se achavão ao ão receio da de-/sordem e do crime. Pois bem, [foram] [...] e outros [...] , cujo nome é re-/pugnante pronunciar, os companheiros/ [...] do Sr. capitão Rafael, no/ dia dessa orgia vandalica e devastado-ra, e na noute dessa festa de canibaes!! São elles com quem o Sr. capitão/ Rafael vive em intima convivência,/ por que so elles o podem auxiliae em seus acommetimentos de perversidade/ e malvadeza!!!! Estamos em plena anarchia, não/ há segurança de vida, de honra e da propriedade além de que [...] nos limites da propria defesa.// E a quem pedimos providências[...]/ da parte d'aquelles, aquem a lei in-/cumbio a sua [...] parte o [...]/ Rafael despedaça pacto fundamen-/tal que nos roga, violando em ple-/no dia o axilo do cidadão, tenta contra/ sua existencia, e sobe mais tarde a/ tribuna Provincial para legislar em/ bem da ordem e da segurança.[...]/ Collocai-vos ao meu lado, [...] e quando por sobre a victimas/ crucificadas ao furor sangrentp da[...]/ bandidos, e avistardes alguém [luctando]/ até cahir[...] abraçado ao[...] da liberdade que nos [...]a/ levar os olhos, e /sempre esteve a nosso lado nas [...] da oppressão contra a tyrannia.

Texto nº 35

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 15 de janeiro de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Sociedade 'Damas de Caridade'

Cada dia que se passa, ma-/is resaltam aos nossos olhos/ os bons fructos da sã carida-dade distribuida aos despro-/tegidos da sorte, aos enfer-/mos e aos necessitados, pe-/las abnegadas sacerdotisas/ que compõem esta associação/ pia, as quaes não poupam/ esforços e dedicação em mi-/tigar a fome as dores do/ proximo.//

Um cem numero dos nos-/sos pobres e [...] recebendo/ pensão[...] medica [...] religiosa, tudo is-/to sob o patrocínio das da-/mas de Caridade, e faz se-[...] que amparemos com/ braço forte tão util associa-/ção afim de vê-la prosperar/ sempre na prática diaria e/ salutar do amparo aos po-/bres de nossa terra.//

Com o fim de colher infor-/mações mais amplas em tor-/no das "Damas de Caridade"/ procurarão ouvir a exma. Sr./ d. Noemi da Escossia ac-/tual presidente da associação,/ a qual dissemos em palestra/ que, diariamente a sociedade/ fornece remedios, víveres,/ etc. aos seus [...], po-/rem, necessario se fez ampli-/ar mais os fructos beneficos/ da caridade que vem distri-/buindo uma vez que o nu-/mero de pessoas soccorridas[au] menta assustadoramente.

Texto nº 36

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 19 de fevereiro de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

CARNAVAL

Estamos em plena folia! Atravez a tunica cho-/roide de nossa visão, um mascarado com suas/ mães e ares de pateta, passa invergando a/ real mascara que o conduz disfarçado.// O espectro de Evohe com o seu infernal/ maracá caminha desengonçado. Contornando e se/ envolvendo na turba multa que o applaude.//Ao longe, um semblante festivo se nos apresenta. É o arremesso de serpentinas multicores/ que, cortando os ares enfeitam a praça de guerra. Vem-nos uma exalação odorífera do chloretil que/ domina o ambiente; alternativamente se approxi-/ma e eis que surge com seus trejeitos eróticos e/ danças rythimadas, seguido por um corpo musical, um cordão carnavalesco, que canta:

VIVA, ZÉ PEREIRA;

QU' A NINGUEM FAZ MAL!

VIVA ZE PEREIRA

NO DIA DE CARNAVAL...

E o mavioso bando musical:

TIM...BARARÁ...

TIM...BARARÁ...

VIVA O CARNAVAL!

E por todo o recanto da praça, populares se/ confundem, attrahinho em sua passagem nova/ adeptos ás bataljas da tarde.//

Toda cidade gargalha!//

Risos se confundem... E a tarde passa nessa/ [...] de folia, até a hora crepuscular...// Cae o véo da noite... Carros dispersos revi-/ravelleiam ainda, focando seus olhos de fogo nos/ tantos Pierrots e amadas Colombinas, infalliveis/ na festa da Alegria e do Prazer.// Os salões se descerram para as danças. Após/ a entrada dos convivas, um jazz toca e os pares/ se movimentam...//

Mas Arlequim lugubre[...]/ Os enfestam de ether, o ambiente ouve cons-/tantemente o espoucar de uma lança e as pare-/des se abraçam pela comunicação das serpen-/tes.// Tudo está bem..." Risos estridentes, garga-/lhadas sonosas" e Baccho, o inseparavel compa-/nheiros de Momo, domina os pares...// As horas se vão passando e a musica annun-/cia os ultimos accordes.// Rodophiam os pares. Momo- choroso, cabis-/baixo e ebrio, vae fugir...// Assim, os trez dias decorrem...//

Rompe a quarta-deira.// Cinzas!// As calçadas de sua amada, um Arlequim/ dorme, envolto nas migalhas de sua sorte.../ Pobre Arlequim... Há de dizer consigo:// " A mentira que é a vida/ o erro que é a humanidade..." João da cidade.

Texto nº 37

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 11 de Março de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Ratificação de augúrios

Raros governantes têm/ iniciado, em nosso Estado/ seu periodo presidencial de-/baixo de tão promissoras/ perspectivas como o que ora/ dirige nossos destinos.// Duas razões primaciaes/ amparam esse vaticinio.// Em primeiro lugar, o/ legado do governo que fin-/dou, traduzido no forte cabe-/dal de trabalho proficuo./ moralidade administrativa e/ politica, soerguimento de/ nossas fontes de renda./ e impulsão vigorosa das/ forças economicas do Estado; / em segundo lugar, o passado/ politico do Preseidente Juvenal/ Lamartine, significando ope-/rosidade, intelligencia aguda/ e realizadora, visão precuci-/ente e multiforme, energia/ dominadora, autoridade de/ acção e direcção.// Aos que, anciosos, aguar-/davam seus primeiros actos/ de administrador, cabaes e/ convincentes se patenteiam/ já os motivos de bemfazejos/ augúrios na rota que alme-/jamos ver trilhar esse pedaço/ do Brasil que tanto estremece-nos uma epocha fecunda de/ sadia e dinamica exubera-/cia de progresso e de tra-/balho.//Cresce assim, em geome-/trica progressão, o enhtu-/siasmo e a fé dos que,/ conhecendo-lhe o patriotismo/ e o valor profiavam vêl-o/ no poder, no desempenho/ dos seus altos propositos em/ bem da terra commum e/ exarados no magnífico docu-/mento politico que é a sua/ PLATAFORMA de governo.//Todo o Rio Grande do/ Norte vibra, nesta hora, impel-/lido pela mesma onda de/ satisfação poque critica/ que, concretisando as geraes/ aspirações do seu povo, o / Presidente Lamartine vae/ dando largos e decisivos/ passos para a effectivação de/[...]/ uma obra de governo capaz/ de nos encaminhar para a/ estabilidade de nossa vida/ autonoma, taes os moldes/ em que traçou o plano de/ nossa remodelação economica/ e productora.// O novo regulamento do/ Departamento da Fazenda e/ do Thesouro, creando maio-/res possibilidades de fisca-/lização aperfeiçoada e am-/pliando o ambito de acção/ das diversas secções fiscaes/ arrecadoras, anova orga-/nização da << A republica>>/ tornada agora orgam official/ do Estado, a reforma do/ Banco de Natal, os seus projectos em favor de roda-/viarismo, da aviação, da/ pecuaria, da agricultura, do saneamento de valles, dos/ campos de semente, são/ propositos, finalidades e/ cogitações que denunciam a/ rijeza de um combatente/ destimido e de um patriota/ convicto.//Essa convicção está infil-/trada já na alma do povo com/ fervor decidido e sorridente/ esperança.// Nada desmentirá no futuro/[...]/ victoriosa destes/[...].//Seja Pois o Rio Grande do/ Norte, na hora presente um/ só todo a estímulos e a/ auxiliar a directris empolgante/ de seu benemerito Presi-/dente.//Teremos, desta forma, no/ cuprimento de inluctavel/ dever de patriotismo, col/laborado no maior aparelha-/mento do nosso Estado para/ sua legitima exaltação no/ concerto dos seus co-irmãos,/ e ao mesmo tempo- presti-/giarmos o politico e adminis-/trador que, amante extremado/ de sua terra, lucta, corajo-/samente pela ressurreição/ definitiva de todas suas energias productoras.

Texto nº 38

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 1 de abril de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Dr. José Augusto B. de Medeiros- embaixador do Rio Grande/ do Norte no Senado

A comissão Executiva do/ Partido Republicado Federal,/ no desempenho de uma de uma das/ mais importantes e nobres/ funções que lhe incumbem/ como orgam central de uma/ agremiação politica, acaba/ de apontar para a vaga no/ Senado aberta com a sahida/ do exmo. Sr. Dr. José Au-/gusto B. de Medeiros.//Pequeno nas suas lindes/ territoriaes, nosso Estado é/ dos que, no conceito da/ Federação Brasileira, com/ mais desvanecimento e até/ orgulho, podem fazer mira/ na lista já crescida dos seus/ reaes valores sociaes e politi-/cos, todos os dias enriqueci-/da de novos elementos, cuja/ acção proficua e brilho in-/tellectual demonstram, de so-/bejo, a feracidade eugénica/ desta gleba abençoada. Ape-/sar dessa riqueza creadora de/ que se pode bem orgulhar/ nossa terra, para a vaga do/ Senado, um nome há que,/ luzeiro da irradiação larga e/ poderosa, se impõe, entre os seus concidadãos, como o/ embaixador nato do Rio G./ do Norte, O primir inter-/pares pela projecção limi-/nosa de um individualidade/ inconfundível, pela sua sym-/pathia irradiante, pela popu-/laridade conquistada sem os/ logos fatuos das chances em-/commendadas. Já se vê que/ este nome que anda de bocca/ em bocca, como era refrão/ obrigado, é o Exmo. Sr./ Dr. José Augusto B. de Me-/deiros, cuja indicação para/ nosso representante, na Alta/ Camara do País, não é mais/ do que um acto de justiça,/ mais ainda, um allto premio/ com que o Rio Grande do/ Norte procura resgatar a/ grande e valiosa divida que/ o illustre homem publico já/ averbou no activo dos ser-/viços prestados á sua terra./ Promotor, Juiz, Director do/ nosso mais importante esta-/belecimento de ensino, o/ Atheneu, Secretario do Esta-/do, Deputado Governador,- o nosso futuro Senador/ foi sempre uma individuali-/dade de actuação serena, mas/ inconfundível, creando em/ derredor do seu nome uma/ aureola de justa admiração,/ pelo prumo das attitudes,/ pela proficuidade na acção,/ pela forte projecção intellec-/tual com que encarou e re-/solveu os mais importantes/ problemas sociaes, economi-/cos e politicos.//Haja vista a sua memora-a/vel campanha em prol do/ ensino, para não fazer refe-/rencia ao seu governo hones-/to e operoso que é de hon-/tem e que o Rio Grande há de ensanchar entre as pagi-/nas mais luzidas da sua vida/ administrativa, de todos os/ tempos.//A um homem assim, o Rio/ Grande não podia deixar na/ penumbra , e nem o deixará./ Abrir-lhe-é, dentro em pouco./ com a unanimidade dos seus/ votos, as portas do Senado, onde o seu talento de esol-/irá apostar rutilancias com/ as mais destacadas figuras do scenario politico brasileiro.//

Rebento viçoso de uma ar-/vore genealogica, cujas rai-/zes se embebem no mais re-/moto passado, o nosso can-/didato à senatoria, creou-se/ um ambiente de tamanha sym-/pathia, de tão forte irrdia-/ção, que, arraiando se pelos/ recantos mais recuados do/ Brasil, é hoje um nome que/ não pertence só so Rio G./ do Norte, porque varias ve-/zes tem figurado entre os/ cargos de mais alta repre-/sentação política e adminis-/trativa. Nós nos orgulhamos da escolha acertada do Par-/tido Republicado Federal, in-/dicando para substituto do/ preclaro governador Dr. Ju-/venal Lamartine no Senado. / ao exmo. Dr José Augusto./ onde elle continuará a honrar/ o nome do Rio Grande do Norte com brilho intenso e/ proveito real para a bem a-/mada terra de Poty.

Texto nº 39

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 6 de Maio de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Caixa Rural de Mossoró

Um empreendimento de/ incontestável utilidade no nos-/so meio e de finalidade emi-/nentemente social acaba de se/ objectivar entre nos com a/ fundação de uma caixa rural/ de systema Raiffeisen.//Foi seu incentivador o Dr./ Hemeterio Fernandes de Quei-/roz que, tendo feito estudos/ de assumpto, congregou em/ torno de sua iniciativa alguns/ elementos de destaque, a que/ naturalmente se aggregarão/ outros, como se faz necessa-/rio, para maior realce e vi-/da da novel instituição.// Já em tempo que não vai/ muito longe, o espirito sonha-/dor e irriquieto de Tercio Ro-/sado imaginou e levou a ef-/feito nesta terra a criação de uma caixa cooperativista, em/ cujo sucesso elle mesmo se/ empenhou de corpo e alma/ sacrificando interesse e saude/ ao nobre ideal de solidariesa-/de humana. //Fracassou a elevada empre-/za,. Não a comprehendiam a/ intelligencia e a educação da/ época absorvida no immedia-/tismo de preocupações ego-isticas.//A semente, entretanto, ficou/ lançada e foi elle o precursor/ do movimento de cooperati-/vismo que se vem operando/ no nosso Estado. //As tendencias hoje são outras, as directrizes educativas; mudaram. Por isso mesmo, estamos convencidos de que/ a Caixa Rural de Mossoró há/ de viver, há de prosperar e/ há de se affirmar como attes-/tado de nossa cultura e para nossa ufania.//O ‘O mossoroense’ da pa-/rabéns ao povo de Mossoró/ pelo advento do novo insti-/tuto e [...] os seus propu[gnadores.]///2A sua primeira Directoria/ficou assim constituída:

Pres. Dr. Eufrazio Oliveira

Vice[....], Cel Luiz Colombo/

1 sec. Dr. [...] Ferndandes

1. [...] - Ph. Vicente Almeida
2. Gerente – Dr. Hemerito Fer-/ (nandes)/ C. Fiscak: - José de Oliveira/ Costa, Dr. Pedro soares de/ Freitas, José Ribeiro Dantas/ e Luiz Paula.

Texto nº 40

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 20 de Maio de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

No bairro dos paredões: uma conferencia de S. Vicente

Segundo tal [...] anunciarão que por um bo-lerim, realizou-se domingo/ transado, uma missa nos / Paredões que teve em uma [solemnidade] a innauguração alli/ de uma conferencia Vicenti-/na, cujo raio de acção visa/ a população daquelle popu-/loso suburbio da nossa ci-/dade, era perturbado pela/ actuação importuna de uns/ chamados *crentes*, filhos es-/pirituaes de Luthero, contu-/mazes vendedores de bi-/blias falsas e outros fo-/lhetos impios e blasphemos.//Foi por demais opportuno/ aquelle acto religioso naquel-/la zona, onde a gente igno-/rante e simples já se ia dei-/xando envenenrar do fermen-/to protestante Ao Evange-/lho,, ascendeu a uma tribuna/ improvisada o Conego aman-/cio Ramalho sendo religio-samente ouvido, largo tem-/po, por um auditorio nume-/rosissimo, numa doutrinação/ cerrada contra os embustes/ com que soe fazer prosely-/tos a teimosia dos enviados/ do dollar americano.//Era de ver-se a attenção/ com que os catholicos vin-/gados das malversações a/ sua religião e dos insultos[...] aos mysterios da sua fé, fi-/caram todo tempo presa da/ palavra ardente e persuasiva/ do pregador.//odos vibrabram. Ademais,/ os [sedalicios] catholicos en/toaram hymnos religiosos e/ patroticos, a que se asso-/ciou o povo num enhtusias-/mo sempre crescente. É que/ a religião catholica, sendo a da quase unanimidade dos/ brasileiros tem sempre o se-/greto de movimentar as mas-/sas, de falar fundo aos co-/rações.// De muito não vemos, em/ nossa terra, tamanho com-/glomerado popular, onde se/ misturavam todas as classes/ numa harmonia e homoge-/neidade de sentimentos que/ só a religião sabe inspirar.//Na noite precedente, os *capas-verdes dos Paredões* fi-/zeram culto especial, preces/ especiaes, deitaram falação/ especial animando Deus a/ que acabasse com aquella/ missa ao menos, com uma/ chuva.//Dignou-se Deus desouvi-/tos e tivemos, para [...] da alma christã desta terra,/ aquella bellissima manifesta-/ção de fé que a todos edi-/ficou e encheu de novo jubilo.// Depois da missa, ainda fa-/lou o nosso vigario Pe. Luiz/ da Motta S. Revma. Arre-/batou-se em grande enthu-/siasmo ao demonstrar a de-/voção e carinho com que a Igreja, em todos os tempos/, guardou a biblia, a defen-/deu e conservou contra os/ seus delapidadores, como es-/ses pobrer de espirito, des-/viados da verdadeira reli-/gião, que vivem a [...] e corrompê-la pelas es-/quinas a bodejar, sem ne-/nhum respeito a palavra de/ Deus que nella se contém.//A bíblia, conceitua o pa-/dre Motta, é um livro extra-ordinário, mas ao mesmo/ tempo de difficil interpreta-/ção; dahi o cuidado que a/ igreja tem em traduzir e/ commenta-la convenientemen- te para instrucção do povo.// A igreja nunca prohibiu a leitura da bíblia, explicada, commentada.//Prohibea, quando falsifi-cada, truncada pela mão cri-/minosa do protestante que/ della faz um juguete ás suas/ paixões e interesses.//Após a missa reunidos em/ casa do sr. Antonio Moura/ installou-se a Conferência vi-/centina, sendo eleito presiden-/te o sr. Raymundo Rubião; Secretário, Vicente Bezerra e thesoureiro, Marcelo André. Nesta ocasião inscreveram-/se diversos confrades. Para/ encerrar[...] da palavra o; sr. Raymundo Rubião em cu-/jo discurso sincero, e quen-/te se vê logo o catholico, decidido sem [...], sem rodeio, dos que ao pensa-/mento, dos que sabem conjugar a pa-/lavra e acção. Encerrou a sessão o nos-/so vigário em ligeira exhor-/tação fraternal e amiga.// Um via prolongado e alti-/sono à religião sellou a/ missa dos Paredões.//Como um fructo da missa/ dos paredões nasceu a ideia/ já victoriada da erecção de uma Capella [...]. Consta [...] o Revmo. Sr. [...], dando como razão es-/pecial dessa escolha a defe-/as da entrada da cidade por/ um lado por parte de N. Senhora- ou Alto da Com-/ceição e pelo outro- por/ S. José esposo de N. Se-/nhora...Batemos palmas a tão fe-/liz iniciativa damos para-/bens sinceros ao Padre Motta/ e ao conego Amancio por/ colherem tão depressa os/ fructos da sem[...] divina/ em terra tão produtiva e/ boa e concitamos os catho-/licos a se associarem de co-/raça e esse tentam.[...]O jogo de futebol de s. / feira, deu a sua renda em/ prol da futura capella e cons-/tamos que importante com-/merciantes de nossa graça já/ está recebendo dinheiro e/ donativos para o mesmo fim.//Hoje, 20 do corrente,/ haveranos Paredões uma/ reunião às[...] da tarde/ que se desfez a determinar/ o lugar da Capella de S. Joé.// Nossos[emboras] aos ca-/tholicos de Mossoró.

Texto nº 41

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O Mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 3 de junho de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Sesamo (opereta infantil de Elyseu Vianna encenação – música)

Na sexta-feira transactam 1- de junho, Mossoró em peso/ assistiu a um espectáculo de-veras encantador do Cine-/ Almeida Castro.// Encantador é mesmo o/ qualificativo que bem lhe/ calha. Sem querermos obnu- /bli[...]nas falhas tão naturaes a/ conjunctos dos que levaram/ Sésamo, falhas que o esfor-ço e a competência do dr./ Elyseu não era possível lo-/grassem obviar [;;;]/ encantador o effeito da en-scenação da esplendida re-/vista que tivemos opportuni-/dade de apreciar.// O seu autor está de para-/béns e o publico entendido/ de nossa terra já lhe com-/pensou moralmente do traba-/lho ingente a que se deu, em/ prol do nosso hospital, com/ a profusão de palmas e ap-/plausos com que cobria ca-/da um dos numeros ensce-/nados.// É bem possível que alguém// por ahi queira dissentir desse/ modo de julgar. Não admi-/ra. Basta vêr se que se trata/ aqui de um trabalho de arte em que nem sempre os gostos se afinam.// A arte é uma cousa muito relativa, pessoal, que bem de/ perto justifica aquella velha/ parecia com que os antigos/ conceituavam sobre insta-/bilidade do juizo humano:// de *gustibus nob disputandum*.// Não há por ahi até [...] uma/ só obra de arte que. Até hoje,/ não tivesse ligrado os juizos/ mais dispares mais aleatorios//. Haja vista o velho Luzia-/das de que camillo e gar-/reit fazem crítica interiamen-/te contraria. Para um Ca-/mões era de maravilhosa fa-/cilidade dna rima; para o ou-/tro, o grande epico era de/ uma inopua de metter dó/ nos recursos da versificação.// E assim as demais, Sésamo,/ pois, não poderia escapar á/ regra universal de que. No/ futuro dos homens, as cousas/ tomam rumos e cores differentes.// Numa cousa, porem, todos/ hão de accordar: nas louça-/nias de estylo que aquele alli/ repontam, com garbos de re-/quintes litterarios; no apura-/do gosto artístico de seu/ autor, indo beber inspiração/ numa lenda encantadora da-/quellas com que o riente/ my- terloso, tanta vez, nos/ fala á imaginação e á sensibilidade, e ainda na engenho-/as disposição das scenas e/ distribuição do scenário.// O cuidadoso apuro que se/ notava na escolha das per-/sonagens, o rico da indu-/mentaria, o harmonioso das/ cores, o profuso das luzes, tudo constitue motivo sobejo/ para que se bendiga do es-/forço do dr. Elyseu Vianna/ e seus auxiliares no ingente/ trabalho que despenderam/ naturalmente, em um meio/ revesso, por tantos motivos/ de ordem material e moral, a/ tentament[e] daquelle [...].//Quando à apresentação qua-/se não podemos destacar/ personagens. Todas incarna-/ram magnificamente seus pa-/peis. No entanto, como es-/quecer o mimoso grupo de/ Girls, onde a petisada se/ desempenhou maravilhosa-/mente?! A platea pagou-/lhe bem, com um bis fervo-/roso que traduziu o enhtu-/siasmo despertado. Aliás não/ foi só este grupo que ga-/nhou os mais espontâneos/ appalulos da assistencia.// Os rubis. As turmalinas, os al-/jofares e missangas, as aguas/ marinhas, - estiveram gracio-/sissimas. Admira como em/ tão pouco tempo tivesse com-/seguido o esforço do dr./ Elyseu tão absoluto synchro-/nismo nos passes e danças,/ com gente naturalmente des-/affe[lla] áquelles tão varios/ quão complicados movimen-/tos. As duas personagens/ centraes representaram com/ apurmo e agrado geral, o Ali/ Babá e a sultana, Scheheraza-/da tem uma dicção limpida,/ vibrante e cheia de accents/. Encarnou bem o seu papel.// Sem querer, já íamos des-/cendo a minucias, a que era/ nosso proposito refugir, em/ vista de julgarmos esplendi-/da, no seu conjuncto, a en-/scenação de Sésamo. Como/ particularizar, sem lembrar-/mos, por exemplo, o ballado/ das pedras? De um effeito/ surpreendente, foi a chave de/ outro no segundo acto.//Reflectindo a opinião pu-/blica, fazemo-nos eco da/ [...]geral agrado que a peça do/ conhecido e talentoso belle-/trista. Dr. Elyseu Vianna,/ causou no nosso meio, e aqui/ deixamos os nossos applau-/sos a tosos os que, como o/ sr. Walter Severiano, Francisco Negocio, F. Chagas/ de albuquerque, os irmãos/ Reginaldo e José Vascon-/cellos, se solidarizaram com/ o autor, para proporcionar a/ Mossoró, tão bella e agrada/vel noitada./

Texto nº 42

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 17 de junho de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Nosso aniversário

Efemeride de 12 do actual, foi de/ jubilo inexcédível para os que labutam da/ modesta tenta d'”O MOSSOROENSE”//

Festejamos na trajetória de nossa vida de ir-/gam provinciano o 26º aniversário de uma exis-/tência ininterrupta nas lides jornalísticas da gleba/ mossoroense.// São 26 annos decorridos no calendario de tem-/po, da alvorada do 12 de junho de 1902 em que/ o espirito p/progressista de João da Escossia, ladea-/do por Alfredo Mello de Antonio Gomes de Arruda/ Barreto, legava a Mossoró o segundo marco do/ maior padrão de suas glorias- A IMPRENSA. Amôr/ proprio que herdará de seu genitor- Jeremias da/ Rocha Nogueira, predecessor do Jornalismo Mossoroense, João da Escossiam sem orever as emer-/gencias que poderiam enfunar a marcha de uma/ folha periodoca num meio pequenino e humilde com/ a escassez de meios pecuniarios, passara aos seus/ descendentes, esse legado precioso de fazer a im-/prensa, o arauto das boas causas.// E isso não nos cansou ainda; fechando os olhos á vida terrena, deixando de pulsar aquelle/ coração ao expirar de 1919 seus filhos tomavam/ aos hombros o madeiro de sua longa cavalgada, e,/ em alma nova revivia “ O MOSSOROENSE” tri-/lhano a mesma estrada caminhada por seus pro-/[domos]//Orgam filiado ao Partido Republicano Federal/ do Rio Grande do Norte, anima-nos a convicção de haver vindo luctando em prol de uma sã políti-/ca, moldada nos preceitos que o nosso actual chefe-/ Deputado Raphael Fernandes, “ leader” da ban-/cada potyguar na Baixa Camara do Paiz, apanhara/ das mãos daquella alma verdadeiramente democráti-/ca que fôra Almeida Castro coração e pulso de/ Mossoró. E animados em nossos largos interesses de/ trabalhar pela collectividade, estamos convictos de/ que a estrada pelo” O mossoroense” trilha-/da durante seus longos annos de vida, hade um/ dia ser atapetada de rosas verdes, symbolos da/ esperança de melhores auroras em vez de cardos/ e espinhos que atormentam as lides jornalísticas de/ um orgam provinciano.//

Ainda bem, levaremos avanta o proposito de/ nossos antecessores.

Texto nº 43

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O Mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 1 de julho de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Humanitário Ideal

Iniciativas nobres e victorio-sas surgem, em nosso Esta-/do, de quando em quando, pontilhado com característi-/cos proprios a capacidade/ emprenhedora e inteligente/ de nosso povo.//Nos varios domínios da/ ctividade humana vimos dan-/do um exemplo de exacta/ compreensão dos modernos/ problemas que estão forman-/do o alicerce do desenvolvi-/mento crescente das nacio-/nalidades.//Acertaremos mesmo acen-/tuando que, debaixo de alguns/ aspectos, caminhamos mais/ rapidos do que outros esta-/dos de recursos e possibilida-/des muitas vezes mais fortes.// O problema educatico com/ umas tantas nuances que tan-/to nos honram e entre as/ quases se destaca “A Esco-/la Domestica” de Natal; o/ problema social da emancipa-/ção da mulher, com o seu/ mais saliente passo na con-/cessão do direito de voto, já/ entre nós vigorante; a supre-/macia economica nos merca-/dos de algodão e sal, garan-/tida pela producção da zona/ do Seridó, onde prolifera o/ melhor algodão do mundo,/ e de Mossoró. Areia Branca/ e Macau, com suas inexhau-/riveis salinas, representam, ao/ lado da harmonia fecunda/ existente entre o meio social/ e os poderes publicos fon-/tes de justo orgulho a exal-/tar, cadavez mais, o nosso/ natural amor proprio avido/ de progresso e bem estar pa-/ra a nossa terra.//A caravana *pro-leprosaria*/ S. Francisco de Assis, aqui/ chegada de Natal a 26 deste,/ trouxe-nos, pela objectiva-/ção do seu ideal, uma nova/ prova das reservas de ener-/gia e bondade que animam o/ nosso altruismo.//A proxima fundação de/ um leprosario typo colonia/ agricola, no municipio de/ Natal, com capacidade para/ recolher os leprosos de todo/ Estado, atesta a grandesa dos/ seus propugnadores e a vigi-/lancia dos poderes publicos/ visando a felicidade collectiva.//Foi, assim, com muito/ contentamento, que o povo/ de Mossoró recebeu a embaixada Humanitaria chefiada/ pelok Dr. Varella Santiago/ Director do Departamento da/ Saude Publica e uma das/ mais vivas affirmações de cult-/tura capacidade de trabalho, energia e dedicação entre os/ componentes da classe medi-/ca do Rio G. do Norte.//Contribuindo para tão alto/ e nobre [tentamon] deu o nos-/so povo vivo attestado de in-/telligencia e bondade. Ser-/virt a uma finalidade bemfa-/zeja e collectiva e attender[...]/ ao mando de uma sã cons-/ciencia.//Com o dr. Varella Santia-/go vierem como parte inte-/grante da embaixada, sua/ exma Mme. Maria de/ Lourdes, Mme Ely. Filguei-/ra Senhorota Yaracy Camara,/ Coroneis José Pedro do Mon-/te e Antonio Firmo e senhora.//Recepcionados fora da ci-/dade por muitos amigos e ad-/miradores, demorou aqui a/ embaixada até ante-/hontem/ as 10 horas, quando segiu/ para Macau, tendo concorrido/ botafora. Durante sua per-/manencia entre nósvisitou/ Areia Branca donde, cari-/hosamente recebidas e hos-/pedados pelo cel. Francisco/ Fausto, regressou plenamente/ satisfeito com a quota anga-/riada.//Os sallineiros de Mossoró e/ Areia Braca doaram, ao fu-/turo “leprosario S. Francis-/co de Assis”, mais de 2000 toneladas de sal, que poderão/ garantir a importancia de 60 a 70.000\$000.// Felicitanto, com votos de/ boas vindas, a illustre embai/xada humanitaria congrat[...]/ nos tambem com os / pioneiros dessa iniciativa, que/ teve sua origem em Natal,/ sob o patrocínio de brilhantes/ espiritos, e agora, victoriosa-/mente, impulsionada nelas/ vontades decididas e carinho-/sas do Presidente Juvenal/ Lamartine e do Varella San-/tiago.

Texto nº 44

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo.
3. Assunto: política
4. Data do documento: 12 de agosto de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Pela mesa de rendas

Os funcionarios da Mesa/ de rendas de Mossoró, ten-/do á frente seus distincto e/ operoso Administrador, major/ Manuel Seabra de Mello, pro-/porcionaram à elite mosso-/roense, no que ella tem de/ mais representativo, alguns/ momentos de intenso pra-/zer, com uma festa simples,/ porem muito significativa.// Escolhendo o dia 9 , anni-/versario do nosso preclaro/ governador, o exmo. Sr. dr. Juvenal Lamartine- quiseram/ elles homenagear o merito,/ appondo, em logar de hon-/ra daquella repartição, os re-/tratos do Exmo. Dr. Lamar-/tine e do digno e operoso di-/rector do thesouro, dr. Ci-/cero Aranha.//Os salões regorgitavam,/ apresentando aspecto desu-/sado, emquanto a nossa/ banda musical tocava esco-/lhidos numeros do seu re-/pertorio.// No momento aprasado, o/ digno sr. administrador, convidou ao dr. Elyseu Vianna/ á presidencia da mesa, como representante de S. Excia., o/ sr. governador, e ao cel./ Cicero de Sousa, represen-/tante do dr. Ciceo Aranha,/ e, ainda, ao dr. Eufrazio de/ Oliveira, muito digno Juiz de/ Direito da comarca e ao sr. cel. Luis Colombo, operoso/ Prefeito municipal. Aberta a/ sessão, ascende á tribuna, para falar em seu proprio/ nome e no dos demais em-/pregados, o major Seabra,/ que, com sua palavra incisi-/va e tersa, esboçou o objec-/tivo daquellea festa, espraian-/do-se em considerações mui-/to justas e criteriosas sobre/ a individualidade do actual/ chefe do Estado, homem de/ prol, enamorado da gran-/deza e progresso do seu Es-tado cujas forças vem accor-/dando, com pulso resolutivo, em apenas oito meses de/ proficuo e patriotico governo.// A palavra do major Seabra/ não é dessas que morrem no/ ouvido: merulham fundo, impressionam pelo alevanta-/do das ideas e aprum da/ forma. Empôs, tracejou, em/ linhas sobrias, mas prom-/tas e vigorosas, o perfil do actual director do thesouro,/ cujo pulso forte, desde a ad-/ministração transacta, se sem-/fazendo sentir do Departam-/ento da Fazenda. Não fo-/ram filhas do convenciona-/lismo as palmas que coroa-/ram as ultimas palavras do/ major Seabra que, ao termi-/nar, viu pelas mãos do dr./ Elyseu Vianna, descerrado o/ veu que se antepunha às/ bellas photographias dos ho-/menageados. Levanta-se en-/tão o dr. Elyseu para desin-/cumbir-se da honrosa missão/ que lhe commettera o Exmo./ Sr. Governador: represental-/o/ nesta festa. O discurso do/ dr. Elyseu deixou funda im-/pressão pelo pelo apurado da for-/ma. Leu-o elle pausadamen-/te, com quem queria ferir um/ alvo. E conseguiu-o, levando/ ao auditorio enthusiamo/ pela belleza dos seus concei-/tos, ao referir-se ao eminente/ homem de estado, dr. La-/martine. S. Excia. Não po-/dia encontrar quem melhor/ que o talentoso advogado,/ dissesse do seu agradecimen-/to aos funcionarios da Mesa/ de Rendas pela justa e cabi-/da homenagem que lhe fi-/zeram, no dia do seu ono-/mastico. Logo após aos calorosos/ appaludos que cobriram as/ ultimas palavras do orador, / foi servido profuso copo de/ cerveja, e café. O distincto/ administrador da Mesa de/ Rendas e seus auxiliares se/ desfizeram em amabilidades/ para com a selecta assistencia/ que depois de ter assignado/ uma acta perpetuando aquel-/le acontecimento, se retirou/ presada mais grata impressão.//Ao major Seabra e mais/ funcionarios nossa admira-/ção e applausos pela justiça/ do seu gesto e ainda o nos-~so vero parabém pela bella/ festa que nos proporcionaram.//

Texto nº 45

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 7 de outubro de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Mossoró e a causa / de sua decadência

Mossoró pela sua excelente/ posição geographica, foi, por/ muitos annos, o centro princi-/pal de exportação e importa-/ção de ricas regiões do nosso/ hinter land que para alli com-/vergiam de preferencia por não/ encontrarem outro escoadouro/ mais proximo para a sahida de/ seus productos ou logar menos/ distante em contacto directo,/ por via maritima com as gran-ses praças do paiz.// Parte da Parahyba e do cea-rá/ e grande parte do nosso Es-/tado (incluindo mesmo até 1875/ a nossa extensa zona do Shidó)/ afluíam naturalmente para esse/ magnifico ponto encravado/ nas proximidades de nossas/ melhores salinas.//

Todavia, de certo tempo a esta/ parte enquanto Mossoró, no auge do seu desenvolvimento/ se empenhava, quase debalde, / em levar adiante a sua linha/ ferrea, o Ceará e a Parahyba/ sustavam aos poucos o seu/ progresso desviando, com a/ penetração de boas estradas, as/ principaes fontes do seu com/mercio, o que não obstante/ ainda poderá conquistar se/ collocando em igualdade de/ condições de transporte com/ os seus competidores.//Como esta cap[...] até aos/ primeiros annos do seculo pre-/sente, limitada por demais no/ seu desenvolvimento commer-/cial pela falta de comunicação/ apropriada com os nossos sertões, em identica situação hoje/ se encontra Mossoró, cuja de-/cadencia, já bem apreciavel,/ foi nestes ultimos tempos com-/fundida com a enorme crise/ financeira que sobreveio logo após a grande guerra.//No entanto não deixou isso/ de influir tambem, de alguma/ forma, para essa queda rapida.// A manutenção de grandes stoks e a realização forçada/ de enormes vendas a preços e/ em condições excepcionaes/ produziam naquella praça um/ movimento aparentemente in-/vejavel, porem de compensa-/ção insignificante para o seu commercio que procurava/ manter, a custa de sacrificios/ uma situação logicamente in-/sustentavel, e eram todas es-/sas vantagens de momento q' / por fim, vinham impondo es-/se mercado a preferencia dos/ grandes consumidores.//Afinal, os principaes respon-/saveis pelos destinos de Mos-/soro começam a comprehender/ essa situação difficilima e vão,/ com muito acerto, descamban-/do para um terreno menos/ escabroso, procurando solu-/cionar o problema de um mo-/do mais pratica e economico.//Na impossibilidade de com-/seguir, com urgencia, esse/ municipio a continuação de sua/ estrada de ferro, cogita, por/ enquanto, de substituir esse/ plano por uma estrada de ro-/dagem que partindo dalli al-/cance Souza ou Cajazeiras, no/ Estado da Parahyba.//Nesse trajecto, a parte de/ preparação mais trabalhosa/ que seria entre Mossoró e S./ Sebastião, outrora quase in-/transitavel nas epochas inver-/nosas, já está sendo regular-/mente percorrida por viação/ ferrea, podendo o melhora-/mento em projecto ter inicio/ neste ultimo ponton ou em Ca-/raúbas para melhor exito de/ tão auspicioso emprehendi-/mento.//O futuro das communica-/ções terrestres pertencerá, in-/fallivelmente, ao automovel/ que dagora começa a substi-/tuir a locomotiva com grandes/ vantagens. O dinheiro que se/ tem gasto com estradas de/ ferro, tivessesmos antes, com/ mais economia e proveito, / aberto caminhos para o auto-/movel que, na pinião de Hen-/ry Forde, está destinado a fazer/ o Brasil uma grande nação. //Com a abertura de novos/ caminhos, Mossoró readquir-/ra, em todo tempo. O seu/ antigo desenvolvimento com-/mercial, não só pela sua po-/sição geographica excelente,/ como sobretudo pela vontade/ admiravel do seu povo/ que sabe querer.

Joaquim Galvão

Da "A republica" de Na-/tal, de 28 setembro de 1928

Texto nº 46

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: texto opinativo

3. Assunto: política

4. Data do documento: 18 de novembro de 1928

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

15 de novembro do “Humayta f. Club”.

A iniciativa que o “Hu-/mayta” tomou a fim de prestar/ o seu culto á Patria nos/ dias nacionaes é daquellas/ que se impõem só pelo seu/ objectivo. Realmente não era/ possível que as nossas asso-/ciações esportivas, principal-/mente as de mais resalto/ social, como o “Humayta”, cilrasse a sua finalidade nuns/ torneios pebolisticos, deixan-/do de rumas suas forças, para outras actividades productivas e louvaveis, como sejam, por exemplo, essas lições de civismo que se/ propõem proporcionar aos seus socios e admiradores.// E, no dia 15, desincum-/biu-se da sua tarefa muito/ galhardamente. Com a soli-/diedade dos melhores ele-/mentos do nosso meio, nas/ letras e nas artes, o “Humayta” contava seguro o/ exito da sua serata littero-/musical. De facto.//Abria o programma o no-/me festejado do pharmaceu-/tico Vicente de Almeida./ Quando morem nesta terra,/ conhecem as possibilidades/ intellectuaes e remigios orato-/rios deste moço, cuja pala-/vra é sempre ansiada por to-/dos os que se prazem com a/ arte bella e difficil do dizer.// Nervoso vibratil é daquel-/le que não deixam o audi-/torio distrahir-se: arrasta-o,/ domina-o, convence o. Após/ as palavras iniciaes do esfor-/çado Presidente do Club/ Alcives Galvão—ascende/ elle á tribuna, para justificar/ o fim daquela festa, marco/ de uma serie de entreteni-/mentos litterario-musicaes. E/ o fez, com garbo e eloquen-/cia, dissertando sobre as/ vantagens destas festas artis-/ticas que tanta vez accor-/dam no povo o culto do ci-/vismo e do dever. Discorreu/ ainda sobre a musica que/ alli sempre se faria ouvir,/ com a precisão de um pro-/fissional e a propriedade de/ um tecnico.//Não vale encarecer o dis-/curso de Vicente Almeida/ que tem nome feito.// A parte musical estava a/ cargo do prof. Rosalvo de/ Abreu que executou na flau-/ta uma mazurka bellissima,/ acompanhada ao piano por/ sua alumna joannila Luz. / Quem conhece a virtuosida-/de deste eximio musicista, a/ sua technica, a sua agilidade/ e bom gosto, dispensa qual/ quer elogio. Sabe que qual-/quer elogio. Sabe que qual-/quer exhibição sua e um trum-/pho marcado. Foi o q’ se deu/ na difficil interpretação dessa/ mazurka cujas difficuldades/ elle levou vencida com/ applausos freneticos da as-/istencia. O prof. Abreu po-/de enfrentar sem favor/ a mais exigente platea.

Texto nº 47

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: texto opinativo

3. Assunto: política

4. Data do documento: 9 de dezembro de 1928

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O movimento Sportivo da Capital do Estado

Impressões do “Footballes” Julio Maciel de lima

O grande Maciel, IN-SIDE/ pebolistico de nossos grama-/dos, onde com fervor de-/fende as cores do sympathi-/co nucleo Local “Humaytá Foot Ball Culb”, está de re-/gresso de sua viagem á ca-/pital do Estado, onde fôra/ juntamente com o destemido/ Pedrinho em dias da semana/ ultima, attendendo a um/ convite que fizera o ‘A B C/ Foot-ball”, daquela/ Capital, para formar no con-/juncto principal que domingo/ ultimo enfrentou o arregi-/mentado” America Foot Ball/ Cluve” campeão natalense, de/ 1927, na disputa da mais importante contenda da Ia-/bella do campeonato que se/ está ferindo naquelle meio.//

Logo que fomos sabedores/ da grata noticia do regresso/ daquelle destimido ponteiro/ e de seu companheiro, apres-/samos a ir ao seu encontro/ enciosos por colher alguns/ informes a respeito do movi-/mento sportivo de nossa ca-/pital, os quaes aqui deixamos/ estampados para melhor co-/nhecimento dos nossos caros/ leittores.//Encontramol-/o ainda no/ auto que o transportou a esta/ cidade, e ao saber dos/ nossos propositos, foi com a/ melhor dedicação que nos/ attendeu ao que inquirimos.// Assim nos fallou o ‘guig-ne” dos americanos natalen-ses://O movimento sportivo/ que actualmente se vem des-/enrollando em Natal, está/ agora em seu auge. Com a/ organização da tabella do/ campeonato deste anno, para/ cuja disputa estão fortemente/ empenhados cinco gremios/ filiados á Liga de Sports/ Terrestres do Rio Grande do/ Norte, tem a[fluido] ao seu/ colossal “stadium” o que/ Natal possui de mais repre-/sentativo nas suas grandes/ rodas.//Os gremios disputantes,/ contanto cda um com tres/ quadros representativos, vão/ obedecendo a optimas arre-/gimentações.//A prova de domingo ul-/timo na qual tomei parte oc-/cupando a meia direita do/ “A B C”, foi, segundo ouvi/ relatada nos circulos sporti-/vos daquela capital, a mais[...] que se travou du-/rante todo o anno corrente/ entre club locais. Dada a/ rivalidade que de há tempos/ perdura entre os contendores/ acima, dois nucleos alliás,/ para os quaes está pendendo/ a conquista final do campe-/onato, foi bastante disputada/ e se me affigou uma des-/sas partidas, das quases se/ costuma dizer... roxa. Ao/ entrarmos em campo após-/sei-me de uma impressão de/ que seriamos derrotados, tamanha a confiança e treina-/mento em que se empenha-/ram os americanos, que possuem uma optima linha de/ atacantes.//Este receio, entretanto, logo, deixei transparecer, pois pelos treinos que fiz com/ meus companheiros de com-/juncto, igual valor dei a el-/les. E assim confiei no que/ sempre ouvi dizer: ‘quando/ fois fortes se encontram a/ victoria é do mais feliz”.

Texto nº 48

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 16 de dezembro de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

João da Escossia Nogueira

A passagem de 9º aniversário de sua morte

A 14 deste mês, a ampu-/lhetta do tempo marcou a/ passagem do 9º aniversário/ da morte deste nosso inol-/vidavel companheiro e amigo,/ major João da Escossia No-/gueira, fonsador deste or-/gam, cuja memoria para os/ que labutam na tenda do/ “O Mossoroense” com carinho e/ saudade.//Nove annos são deccorri-/dos da nossa convivencia/ feliz ao lado do mestre que-/rido e do cidadão presladio,/ que empregou com desprendimento e solicitude a maior/ parte de sua actividade em/ cooperar de modo pertinaz/ para o bom nome e alevan-/tamentp da terra mossoroense.//Não queremos porem,/ traçar na angustura destas/ columnas, a analyse completa/ e detalhada de um character/ e de uma intelligencia, em/ cuja estructura se amalgamou/ uma multiplicidade de virtu-/des, que transcendem a li-/geireza de um commentario/ de jornal.//Assim, os que o conheceram e privaram da sua in-/timidade, hão de certamente,/ num recíproco esforço intelectual, de cinzerlar-lhe o/ perfil estudar-lhe todas as facetas, com atenção e/ carinho de que se fez credor/ João da Escossia, como homem e como cidadão.//Essa convicção nos conso-/la quando estamos certos/ de que se nos torna impos-sível definir a amplitude da/ sua personalidade, na estrei-/teza destas linhas, que nada/ mais significam do que a / prestação de mais uma ho-/menagem de saudade e res-/peito à memória de quem/ tanto amou e serviu a sua/ terra.//“O mossoroense”, personificando-se no sentimento/ dos que o fazem, tarjado/ lutosamente, vem render,/ com estas linhs, mais uma/ compungida homenagem à/ memoria do seu grande a-/migo, do seu mestre amado,/ do seu egregio e inolvidável/ fundador.//

Texto nº 49

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Notícia do Jornal O Mossoroense
3. Assunto: política
4. Data do documento: 23 de dezembro de 1928
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Administração que finda

Approxima-se o termino do/ mandato do sr. Cel, Luiz/ Colombo, actual Prefeito/ d'este município.// Manda a justiã que, ao/ se encerrar o cyclo da sua/ proveitosa gestão, algo di-/gamos sobre as magnificas/ realizações d'esse cida~do/ operoso e honesto, a quem/ a nossa terra fica a dever/ uteis emprehendimentos e, que se revelou, à frente do/ governo municipal um com-/tinuador bem digno de tare-/fa brilhantemente encetada,/ com os mais satisfatórios/ resultados, pelo inolvidavel/ Coronel Rodolpho Fernandes.// No curto periodo de sua ad-/ministração toda ella de/ ordem, trabalho e actividade/ constante, apura-se uma/ longa serie de serviços, de/ promptos resultados e imme-/diatos effeitos, e que ahi fi-/cam para attestar o seu zêlo,/ a sua capacidade administrati~/tiva, o seu acendrado amor/ á nossa terra.//Aliás, outras cousa não se/ poderia esperar de quem,/ como S. Excia., procurara/ pautar sempre os seus actos/ dentro das normas de uma/ probidade inatacavel e jamais/ deixava de emprestar p/ concurso da sua solidarie-/dade efficiente às iniciativas/ que visavam o nosso em-/grandecimento e, de perto,/ se relacionavam com o bem/ estar da collectividade mosso-/roense. Esposo exemplar,/ pae carinhoso, amigo dedi-/cado, commerciante criterio-/so, homem de bem em toda/ a extensão da palavra, com-/seguiu o Cel. Luiz Colombo/ angariar, em nosso meio,/ graças ás virtudes que exor-/nam a sua personalidade mo-/desta e despretenciosa, um/ largo circuito de amigos e/ admiradores. E foram justa-/mente indicado para substituir/ ao Coronel Rodolpho Fer-/nandes, cuja administração/ se vinha notabilizando por/ uma orientação sadia e ddi-/caz, por beneficios reaes/ prestados á nossa cidade/ com dedicação e carinho,/ com solicitude e abôa vontade.// Foi n'um'ambiente como es-/se, de progresso franco no/ municipio e de grandes res-/ponsabilidades para o novo/ pioneiro, que o sr. Luiz/ Colombo entrou a governar.// Animado de coragem e de-/cisão aceitou o [...] encargo com que o distin-/guiram os seus pares e ini-/ciou essa phase de completa/ tranquillidade e verdadeiro/ desenvolvimento, que atra-/vessa a nossa terra, e cuja/ lembrança enche de reco-/nhecimento o coração dos bons mossoroenses. Revelou-se o Coronel Luiz Colombo,/ n'esse periodo quase findo,/ o administrador de erguidas/ inicitivas, fazendo se sentir/ em todos os recantos da/ nossa urbana acção ininter-/rupta do seu labor fecundo/ e probó. Conhecedor profundo/ das nossas mais palpitantes/ necessidades, agiu S. Excia./ em terreno proprio e aberto/ às suas vistas de observador/ perspicaz. Para a consecução/ dos seus elevados propositos/ administrativos, não lhe fal-/tou, porém, o apelo cons-/tante do benemerito estadista/ dr. Juvenal Lamartine que/ com largo [...]dirige/ actualmente os destinos de/ nosso Estado e o auxilio/ precioso de seu illustre na-/tecessor, ambos sempre so-/licitos em attender aos nos-/sos mais justos reclames.//Dahi o vulto dos serviços/ com que [...] a nossa/ terra, sobressahindo-se entre/ elles a constituição de estradas/ carroçaveis e bem assim, a/ reparação de obras do mesmo/ gênero já existentes; serviços/ de protecção á agricultura/ em fertil zona, como seja/ Lagoinha; a limpeza dos/ nosos suburbios, para os quaes se rasgaram amplos horizontes e nocas perspec-/tivas; deslocamento, aplai-/namento e abertura de novas/ aveninas; a construção de/ um campo de aviação, em/ excellentes condições e com/ avantajdas proporções; a/ criação de mais 10 escolas;/ reparos em quase todos os/ propios municipaes; abaste-/cimento d'agua ás casas par-/ticulares; a melhora do ser-/viço de irrigiação publica;/ concertos em moinhos e po-/ços tubulares; a conclusão/ do calçamento em alguns ter-/chos; a construcção de uma/ parece de alvenaria, que cerca/ todo o futuro jardim, e a / collocação do pedestla em/ que deverpa ser erigido o/ busto do Dr. Castro o qual/ vem de ser adquirido; afora/ outros melhoramentos de não/ pequena [monta], que ahi es-/tão ao alcance de todos. A/ sua actividade infatigável, o/ teu zêlo extremo no cumpri-/mento de todos os seus de-/veres, a sua honestidade/ comprovada fizeram com que/ o balanço de sua gestão ac-/cusasse um saldo de preciosas/ realizações.//Merecem ellas registros e/ louvores porque foram [...]radas por uma elevada comprehensão das suas obriga-/ções, alliada ao animo civi-/co de corresponder às ins-/pirações dos que o elegerem. "o Mossoroense" que/ sempre acompanhou de perto a sua brilhante atuação/ rende a S. Excia. N'esas li-/nhas, a sua melhor homena-/gem pelo muito que conse-/guiu fazer em prol da nossa terra.

Texto nº 50

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 3 de Março de 1929
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Sua chegada ao nosso meio, de regresso dos trabalhos da baixa camara do Paiz: A imponente recepção dos mossoroenses ao seu eminente representante. Foi uma recepção brilhante a que teve terça-feira última, o deputado Rapahel Fernandes, <leader> da nossa bancada na camara Federal e Prefeito deste município. // Cerca das 16 horas daquela dia, era grande o numero de pessoas que se achavam na “gare” da E. F. de Mossoró aguardando a chegada de S. Excia. Com a comitiva que fora recebe-lo em Areia Branca. // Cerca das 16, ½ horas uma salva de bombas anunciava a aproximação do espreço, tocando então ao desembarque a banda do “Gremio Musical”. // Dali seguiu S. Excia. Apé acompanhado de [...] até a residencia do major João Maia, em meio de enthusias-ticas aclamações. // Ali chegando, foi S. Excia. Saudade da sacada do pala-cete, em nome dos manifestantes, pelo Dr. Bianor Fernandes que se referiu á actuação brilhante do homenageado na camara baixa do Paiz ante os [...] importantes problemas nacionaes que ali se agitam [...] em relevo as suas [invejáveis] qualidade de homem publico e de parlamento que. Disse, fazia jus por todos os titulos, aquella manifestação de estima e sympathia do povo mossoroense. // Em seguida, usou da palavra o sr. Francisco Rocha, orador do “Ypiranga S. C” que em nome desse associação sportiva apresentou as boas vindas ao illustre recém chegado, lendo também palavras encomiasticas á sua attitude, como representante norte-riograndense no Congresso Nacional. // Assomou por fim a [...] em meio de estrepitosa [...] de palmas, o deputado Raphael Fernandes que presenciou eloquente discurso agradecendo as homenagens que lhe eram tributadas, as quaes disse lhe fallavam sincera-mente do coração, hypothecando mais uma vez o seu apoio a tudo que dissesse respeito ao progresso e engrandecimento de Mossoró. Uma chuva de aplausos coroou as ultimas palavras de S. Excia. // Em seguida tiveram entrada a comitiva e todos os presentes na casa do major Julião Maia, sendo-lhes ahi servidos profusos copos de cerveja e licores. // As 10 horas teve inicio o [...] no qual tomaram parte os elementos mais representativos da politica local e do meio social. // Ao terminar o agasalho, cuja mesa estava artisticamente disposta em forma de U, fez-se ouvir com a palavra o Cel. Carlos da Mota e quem em [...] homenageado, em nome da [...] desta cidade, fazendo em melhores referencias a pessoa do deputado Raphael Fernandes. // A seguir, fallaram mais o sr. Francisco Rocha e o ad- [...] / recepcionada em que [...] deixando transparecer nos seus actos uma larga visão de [...] pacífico sempre prompto a pugnar pelos interesses da collectividade. // Tomando mais uma vez a palavra o dr. Raphael Fernandes esternou a sua gratidão por aquelle [...] de alta consideração sobre os seus [...] politicos que [...] // or fim, se fez ouvir o major Manoel Seabra, administrador da Mesa de Rendas estaduais, que em palavras altamente expressivas, ergueu o brinde de honra ao exmo. Sr. Presidente do Estado, dr. Juvenal Lamartina, cujo nome s.s. justificou de-ver acclamar naquella momento por ser elle um grande amigo de Mossoró e de todo o Rio Grande do Norte. // Assim terminou aquelle lauto jantar, após o qual se realizou animado sarau dançante que se prolongou até as 24 horas. // “o mossoroense” que se fez representar nas testas dedicadas ao prestimoso coes-tadano renova nestas linhas a S. Excia os seus cumprimentos de boas vindas, com os votos de feliz e demorada estadia nesta cidade.

Texto nº 51

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 12 maio de 1929
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Industria salífera

O discurso com que o sr./ Presidente do Estado inaugu-/rou a reunião dos represen-/tantes da industria salífera do/ Rio G. do Norte é um depoi-/mento claro e incisivo da/ nossa apathia no tocante á/ inexplicavel dispersão de ac-/tividades preciosas que po-/deriam constituir um todo/ homogeneo e coheso.//S. Excia. Que, no momento/ periclitante da morta da in-/dustria genuinamente nacio-/nal, com a isenção de direi-/tos do sal estrangeiro, ergueu/ do seio do Congresso vehe-/mentes e patrioticos protes-/tos, lembra agora a necessi-/dade de ser creado um nucleo/ de defesa da industria Sali-/neira.//Mais justas e oportunas/ não poderiam ser as consi-/derações em torno dos fac-/tores de produção relaciona-/dos á quantidade e custo da/ materia prima, aspectos, aliás,/ despiciendos aos superiores in-/teresses da riqueza brasileira.//Innegavelmente o maior es-/forço está em melhorar o/ producto, purificando-o das/ impurezas que o deprimem/ nos mercados consumidores,/ onde se importa o similar/ estrangeiro.//Bastas vezes as analyses/ chemicas têm demonstrado a/ superioridade do sal nacio-/nal, em virtude de maior per-/centagem de chlorureto de/ sodio, condição essencial plei-/teada pelas xarqueadas do/ Sul.//Aperfeiçoando os methodos/ de produção de modo a/ nivelar o nosso producto/ com o seu reival, torna-se/ mister acoberta-lo do protec-/cionismo tarifario, a exemplo/ do que fizeram há pouco os/ industriaes de tecidos de al-/godão. Nestas condições, garantida/ a exportação, pela facilidade/ de transporte menos asphyxi-/ante, é lógico que temos al-/cançado uma victoria formi-/davel em função do surto/ economico do Estado, e/ quiçá do Paiz. //Preliminarmente, cumpre/ arregimentar energias, cen-/tralisando-as num organ de-/liberativo afim de salvar-/dar as pretensões dos industriaes e do governo quando/ as emergencias o exigirem.//É nos grato confessar que/ esposamos as ideas exarads/ no valioso documento acima/ alludido.

Texto nº 52

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 7 de setembro de 1929
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O despertar de Minas

Não nos enganavamos,/ não exaggeravamos, não nos/ deixavamos empolgar por/ nenhuma impressão menos verdadeira quando dizíamos/ que a attitude do sr. Ato-/nop Carlos no caso da suc-/cessão presidencial não po-/dia merecer sequer a sua/ complacencia. Minas, tradi-/cionalmente amiga da ordem/ e da paz e da tranquilidade/ da familia brasileira, avessa/ por indole a toda e qualquer/ tentativa demagogica, refra-/ctaria por temperamento às/ aventuras perigosas do cau-/dilhismo intolerante hostile/ mesmo. Por uma simokes/ questão de patriotismo, á/ rhetorica vermelha dos que,/ sob a capa de candidas pro-/messas, não têm por obje-/tivo sinão dividir o paiz,/ lançando o insensatamente/ ás amarguras e provações/ dos dissidios funestos, preju-/diciaes, dentro d'elle, ao seu espirito de unidade e, fôra, á/ sua reputação e ao seu cre-/dito Minas não poderia dar[...]/ intolerante que,/ num momento de irreflexão,/ movido tão só pelos impul-/sos subalternos da sua vai-/dade, não vacillou em isso-/lala do resto do Brasil, col-/locando-a em campo oppos-/to ao da nação, conntarian-/do-lhe, pois, os sentimentos,/ diminuindo lhe o prestígio,/ arrastando-a a uma lucta in-/gloria e inutil, sacrificando-a,/ em summa. O gesto imperdoa-/vel do sr. Antonio Carlos/ não poderia, portanto, com/mover o coração generoso/ de Minas. O carácter mineiro,/ integro, altivo, rectilinear, não/ poderia approvalo, nem ap-/pladil-/o, não poderia nem/ mesmo aceitar-/o, ainda/ que por misericordia, ou por/ piedade. Sincero, leal desam-/bicioso, elle paira muito aci-/ma do nivel dos egoismos/ estreiros e dos odios vulgares./ Nunca o despeito o dominou./ Nunca os pequenos interesses/ geraes. O sr. Antonio Carlos/ revelou-se, pois, um mau, um/ pessimo psychologo quando/ appellou para Minas, procu-/rando convencer-a dos ‘prin-/cipios’ com que agora- e só/[...] a sua/ estranha attitudes. Minas, que/ repousava confiante no civis-/mo do seu presidente, que/ não participara de concilia-/[...]/ secretos, que não se/ apercebera da trama que se/ urdia com o seu nome, que/ ignorava os “complots” nos/ quaes se jogava com o seu presitigio, como si elle fôra/ um trapo qualquer, Minas,/ esclarecida a situação, des-/perta e faz ouvir a sua voz/ a culpa ecos tremem os im-/postores./ Assim é que, de todos os/ pontos, mesmo os mais lon-/ginquos do seu territorio,/ chegam a cada momento a-/deshões enthusiaticas ás/ candidaturas nacionaes. Em/ torno das figuras illustres/ dos srs. Julio Prestes e Vi-/dal Soares se está formando/ ahi talvez o movimento de/ aptidão mais extenso e mais/ intendo que a historia minei-/ra tem registrado. É no sul, / onde municipios importan-/tissimos como Guaxupé e/ Monte Santo, se incorpora/ram a cauda do Brasil, affir-/mando a sua idfectível so-/lidariedade aos candidatos/ da nação. [...]Se organizam diariamente/ fundando numa só as mais re-/presentativas correntes locais. // É no triangulo, onde todas/ as classes se reúnem para/ suffragar nas urnas os no-/mês daquelles eminentes ci-/dadãos. É na capital, é em / Barbacena é em Juiz de Fora, / é por toda parte, finalmente. / Não precisamos dizer quanto/ nos conforta o apoio de Minas./Ella foi sempre, durante o/ regimen, um dos baluartes/ mais fortes com que conta-/ram os ideaes republicanos, / Sentinella da ordem e da lei,/ nunca partiram de suas mon-/tanhas legendarias outros/ brados que não fossem os/ dos protestos sinceros do seu-/amor á Republica, expresso/ na firmeza e na repulsa com/ que sempre tenazmente se/ oppoz ás investidas desvai-/radas da demagogia. Minas/ foi e é um elemento de con-/cordia nacional. A sua de/ sambição, a sua lealdade, o/ seu heroismo, o seu empe-/nho em estreitas cada vez/ mais os elos da fraternida-/de brasileira são a prova/ irrecusavel dos serviços bri-/lhantes que o paiz lhe deve/ e que ella jamais allegou,/ para premio e recompensa/ de posições que nunca a/ sedusiram e a que ascendeu/unicamente pelos reclamos/ da opinião, pelo imperativo/ da vontade geral, e não-/ como queria agora o sr./ Antonio Carlos- esqueirando-/se furtivamente á somvra de/ conciliabulos secretos, cousa/ idigna da sua altivez,/ da sua bravura da rectidão/ e da nobreza do seu carac-/ter. A sua alliança tradicio-/nal com São Paulo não é, por isso, um pacto politico,/ com clausulas declaratorias/ deste ou daquelle compro-/misso, com esta ou aquella/ finalidade, meramente egois-/tica e exclusivista. É uma/ coordenação de esforços na-/[...] bem servir ao Brasil e á Republica. É uma collabora-/ção desinteressada, cujo/ objectivo [único] é batalhar/ pelas grandes causas brasi-/leiras, cooperando efficaz e/ efficientemente para o pro-/gresso e a tranquillidade de/ todas as unidades da Fede-/ração. E minas tanto com-/prehende a necessidade e a

utilidade patriótica dessa com-/junção de vistas e de forças/ que. Ainda agora, não houve/ intriga, não houve insidia, / não houve insinuação per-/versa capaz de fazel-/a que-/brar os velhos e solidos la-/ços de estima, de amizade e/ de respeito que a unem ao/ nosso Estado Minas confi-/ava no homem que a diri-/gia. Accordou, porém, ante/ a brutal e dolorosa realida-/de desse mesmo homem que-/rendo isolal-/a do Brasil, que-/rendo transformal-/a em jo-/guete de suas ambições, em/ cadataria de seus despeitos! / Mas despertou a tempo, fe-/lizmente. E está fazendo sem-/tir ao culpado único por es-/se dissídio ilógico, que nen-/huma razão plausível justi-/ça que hoje, como ontem/ como sempre, ella não se/ volta contra o Brasil, antes/ se integra nelle, orgulhosa/ de suas tradições, consciente/ de seus deveres.

Texto nº 53

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 3 de novembro de 1929
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Minorias Audazes

À margem de explorações revoltantes

Desde o momento em que/ o problema da sucessão/ presidencial da Republica co-/meçou a ser debatido, agi-/tando o scenario da politica nacional, todos os homens/ de governo das unidades fe-/derativas estavam implicita-/mente convidados a se pro-/nunciar acerca da palpitante/ questão. Foi assim que o nos-/so Estado, pela palavra au-/torizada e consciente do Sr./ Presidente, manifestou assen-/timento integral á formula/ Prestes-Soares, em nome do/ Partido Republicano Federal,/ a mais pujante aggremação/ das forças politicas estaduaes,/ gesto esse recebido com ar-/raigadas demonstrações de/ inequivocas estima do povo/ norte-riograndense, como há/ pouco tivemos o ensejo de/ verificar em face das home-/nagens de que foi alvo o Sr./ Presidente Juvenal Lamartine./ “ O Mossoroense”, jornal de-/ côr política, filliado á grei/ commandada pelo illustre de-/putado Raphael Fernandes,/ actualment no Rio de Janei-/ro, a serviços parlamentares,/ seguiu a mesma rota de apoio/ á chapa unionista, dando á-/ lume em suas columnas, as/ razões imperiosas por que o/ fazia., baseado sempre na co-/herencia do seu programma/ que honra lhe seja, jamais/ tergiversou nas campanhas/ renhidas, todas ellas feitas/ com renuncia e em defesa/ dos interesses geraes da col-/lectividade. Ocioso é retraçar/ o ambiente de opposição in-/ocua que o nosso orgam/ tem encontrado e as antipa-/thias que grangeia de alguns/ indesejaveis adversarios do/ poder constituido. No mo-/mento historico que vamos/ atravessando, cumpre assig-/natar as ferreteadas com que/ varios elementos dissidentes/ aos principios que defendem-/mos, se divertem em moles-/tar-nos. Tudo em pura per-/da, tanto mais quanto ba-/talhamos com isenção de ani-/mo, sem ataques pessoaes,/ numa elevação de ideas irre-/torquiveis.//Murmuradores derrotistas/ objectam nos que não havia/ necessidade de tomarmos a/ energica attitide defensiva/ como estamos fazendo, visto/ que o orgam dos Poderes do/ Estado resume o quanto pos-/sivel a sua materia politica.// Adivinha-se claramente a in-/tenção de nos averbar a pe-/cha de mais realistas do que/ o rei. Argumento especioso/ e Insuficiente queremos pa-/recer; portanto digamos com/ as devidas considerações- so-/mos os unicos responsaveis/ pela attitide ora assumida, a/ qual manteremos inalteravel.//E não podia deixar de ser/ assim, maximé quando se tra-/ta de um orgam da impren-/as mossoroense, detentor de/ insignes laureis em sua vida/ trabalhada de angustiosos sa-/crificios em prol das melho-/res casas desta terra hos-/pitaleira e bôa, tendo em/ mira o seu progresso cada/ vez mais crescente.//Não [encarilharemos] as ar-/mas. Podem urdir a tama/ das intrigas, expellir infamias,/ phantasias mentiras. O re-/ducto é impermeavel ás ma-/levolas e injustas accusações/ que nos fazem. Contra fac-/tos, porém, não há argumen-/tos. A prova provada da/ nossa altivez e decoro está/ precisamente em não dar-/mos ouvidos aos boatos tem-/denciosos, ás tricas de cam-/panario, ás mentiras desca-/belladas. Ficamos incolumes/ ao vírus da politicalha de/ minorias audazes que sonham/ transformar o Brasil num pa-/raiso bolshevista. As revol-/tantes explorações de ultima/ hora nós a rebatemos com/ a tradição de nossa com-/provada honorabilidade jor-/nalistica.// De uma vez por todas, fi-/ca evidenciado o que pen-/samos á margem dos ultimos acontecimentos politicos.

Texto nº 54

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 10 de janeiro de 1932
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: Dorian Jorge Freire
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Seção inicial: nótulas

Inexequibilidades

Os novos horizontes abertos ao Brasil com a vitória do movimento de outubro e necessário escorramento das posições oficiais, de velhos políticos encanecidos da fraude generalizada, trouxe à baila diversas e desconhecidas providências ou impensados projetos que, felizmente, não tiveram mais que a duração destes meteoros luminosos que atravessam os espaços. // Entre essas providências ou desses projetos destacava-se a lembrança de proporções se ao território brasileiro uma nova divisão. // Aqueles que proclamavam a necessidade de uma nova estrutura nas unidades brasileiras, esqueciam de aqui-latar das dificuldades que a providência teria de enfrentar, e de sua inexequibilidade. // A nossa própria extensão territorial é uma razão irrefragável para que nova composição não dessem aos nossos estados. No entanto, mais do que qualquer outra razão, podemos apontar aquela que promana do visceral regionalismo que predomina no espírito dos brasileiros, incompatibilizando-os muitas vezes diante de providências de ordem administrativa. Como podemos proibir uma nova divisão de nossos estados, quando os próprios homens públicos da nação deixam-se dominar pelo espírito regionalista, interessando-se pela sua gleba mais que por qualquer outra? // O sr. Paulo de Frontin, incontestavelmente uma das mais vigorosas figuras políticas do país, em entrevista ao CORREIO DA MANHÃ acerca da Constituinte e futura Constituição, diz-se favorável a ‘uma composição mais racional das unidades administrativas da República’. Declara s. s. que ‘ não se arriscado lembrar o exemplo dos Estados Unidos, que iniciaram a sua vida autônoma com 13 estados e hoje contam com 48. Povoaram os seus vastos territórios fadados e dividiram-no depois em estados, respeitando esse desejável equilíbrio’. ‘O pará, prossegue o sr. Frontin, formaria um estado; o Maranhão com o Piauí um outro; o Ceará seria também um estado; Rio Grande do Norte e Paraíba constituiriam um estado; Alagoas seria anexado a Pernambuco, de cujo porto é dependente; Sergipe à Bahia; Espírito Santo ao Rio de Janeiro; Paraná seria unido à Santa Catarina. Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais possuem riquezas e população para manter essa igualdade de força’. // Ao eu parece, o sr. Frontin apresenta o seu projeto deslembado de casos e homens do país. Que então, não querendo estender-se sobre a conveniência do país voltar logo ao regime da lei, expende sofismas para dar assunto ao jornalista que o entrevistou. // Não predominasse no espírito dos homens públicos do país uma grande dose de cego regionalismo e nunca chegaríamos a preterir a preterição de certas providências para um estado a bem de outro... Nunca as populações nordestinas suPLICARIAM serviços públicos e estes seriam, autorizados em zonas mais afortunadas!... // Nova divisão que se quisesse impor a nossos estados, não faria mais que suscetibilizar esse regionalismo que está na massa do sangue do nosso povo, animando-o para continuas escaramuças que muito dificultariam a vida da nacionalidade. Isso ainda mesmo que entre dois estados fundidos num só, não ficasse a preponderância de um de seus nomes antigos! // O exemplo vem do alto. Cada presidente da república ou seu auxiliar que tenha vistas voltadas para seu estado, para sua gente, para suas necessidades, dispensando-lhes as prerrogativas de sua influência política e de seus atos administrativos, e esquecido dos demais unidades da Federação. // Foi o que aconteceu nos quarenta anos de primeira república e é o que vai se verificando no atual estado das cousas... //

Texto nº 55

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 6 de Março de 1932
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor: Dorian Jorge Freire
8. Número de palavras: 834
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O governante e o idealista

Alheio às pequenas ques-/tões partidárias de que tão/ cheia esta a nova ordem de/ cousas advindas com a revo-/lução de outubro, vem o sr./ Herculino Cascardo sobre-/pondo-se aos seus demais/ colegas do sul e do norte do país. E sobre ser um sincero,/ um verdadeiro, um autêntico/ revolucionário, tem-se reve-/lado de uma dignidade exem-/plar em relação aos atos/ com quem tem sabido impor/ á consideração de seus go-/vernados.// Numa hora em que a in-/consequência, a confusão e/ a volubilidade se acentuam,/ sobre a característica gover-/namental da quasi absoluta/ maioria dos seus colegas in-/terventores- civis, militares/ ou militarizados- o coman-/dante do encouraçado “São/ Paulo” a nada mais atende/ que não seja o progresso e/ a grandeza desta pequena/ nesga de terra que em tão/ boa hora lhe foi confiada.// Ultimamente, que o pres-/tigio, o interesse, o patriotis-/mo e a clarividência admini-/strativa do valoroso revolu-/cionista tornaram em reali-/dade a autorização do pro-/longamento da Estrada de/ Ferro de Mossoró, S.S. com-/firmou a confiança que lhe/ depositaram seus governados e/ gritou bem alto o quanto/ pode a vontade de bem ad-/ministrar aliada ao mais/ grandioso interesse de levar/ á vitória um cometimento/ justo que as sem razões re-/gionais sem sempre podem/ estorvar. Sonho indormido/ de todos os norte-riogran-/denses, e, maiormente, dos/ filhos de Mossoró, só a efe-/tivação de tão auspicioso e/ vultoso empreendimento/ era de molde a justificar o/ “brevel” de cidadão mosso-/roense como o foi aclamando/ o bravo marinheiro...// Todavia, com a adoção/ do imposto territorial no Es-/tado e devido ao espírito/ socialista que inteligente-/mente procura imprimir ás/ suas medidas governamen-/tais, vez por outra o sr, co-/mandante Cascardo há sido/ acويمado de comunista e/ censurado pelas suas ideias/ novas, para as quais dizem/ não estarmos suficiente edu-/cados. // Temos, de nós para conos-/co, que ainda sob este par-/ticular o idealista que res-/ponde pelos destinos da ter-/ra de Miguelinho está inde-/ne de criminalidade. O im-/posto territorial, si em sua/ generalidade é passível de/ censura e merecedor de pro-/testos, particularmente pode/ ser olhado como uma van-/tagem, um bem para a co-/munidade, e ser colocado/ dentro das providencias al-/tanadas que honram as ad-/ministrações publicas. Que-/remos dizer: levando-se em/ conta a nossa extensão ter-/ritorial, a nossa grande fal-/ta de braços, a situação de/ nossos latifúndios e a com-/dição pecuniária de seus/ proprietários, o imposto ter-/ritorial sendo adotado em/ caráter geral, em todo o/ Brasil, é um mal e não dei-/xa de merecer repudio de/ nossos proprietarios, peque-/nos e grandes, que vivem/ pelos nossos sertões afa-/tados e pouco habitados. O/ mesmo, porém, não acontece/ em se tratando dos proprie-/tários de terrenos localizados/ em nossas cidades mais po-/pulosas, obrigando-os a cons-/truir em vez de ficarem es-/perando melhores preços pa-/ra suas terras, como há/ exemplos frisantes, com/ enorme prejuizo para o pro-/prio progresso citadino e/ concomitante encarecimento/ dos alugueis prediais, em-/quanto as classes desprote-/gidas se albergam em chou-/panas onde falta a higiene/ mais rudimentar. Podesse,/ assim, haver exceção na/ adoção do imposto em dis-/cussão, fosse ele cobrado/ somente sobre os proprietá-/rios de terrenos localizados/ nas cidades e, talvez, a nin-/guem fosse dado poder cen-/sura-lo ou acrimonia-lo de/ impraticável.// Quanto as ideias socialis-/tas, do sr. Cascardo, elas/ não merecem nenhuma cen-/sura, desde que não culmi-/nando pelo radicalismo ou/ extremismo antipático. Não/ estamos educados, prepara-/dos, para a integralidade do/ governo socialista, para li-/vramos do despotismo plu-/toocrático de nossos regule-/tes e salvarmos da revoltan-/te, daninha e estúpida ab-/sorção do capitalismo ferre-/nho que se ceva á custa das/ canseiras do trabalho e da/ inteligência de nosso prole-/tariado e aproveita-se das/ ocasiões e das ciscumstancias/ para lhes impor salários ab-/surdos, ao passo que lhes/ nega vantagens e os di-/reitos que as instituições mo-/dernas apontam como ne-/cessarias. Dir-se-ia, porém,/ já podermos ir nos afazendo/ ás diretrizes dos tempos mo-/dernos. Não devemos es-/perar que os homens im-/ponham, amanhã, uma brus-/ca mudança em nosso edi-/fício social tão primitiva-/mente eivado de faltas e /de erros. Antes, devemos/ ir, gradativamente coerentes/ com a marcha da propria/ evolução, desfazendo-nos da/ rotina e do primitivismo e/ vencendo, com argúcia, as/ jornadas que nos levarão á/ liberalidade dos futuros dias.// Tanto quanto nos é pos-/sível, mais como doutrina-/dores que esbirros ou mer-/cenários do capitalismo que/ a tudo

sobrepe a força do-/minadora de suas fortunas/, devemos opor diques ao faz-/cinio liberticida das doutri-/nas que a velha russia de/ Tolstoi propaga pelos cam-/pos, pelos albergues e por/ todas as cidades dos diver-/sos continentes. O comunis-/mo integral, inimigo acerri-/mo das instituições, das so-/ciedades, da família, das re-/ligiões, da independência in-/dividual, algoz de todas as/ liberdades- esse comunismo/ deve encontrar em todo o/ brasileiro um opositor e um/ inimigo. Ao socialismo sadio,/ entretanto, que a propria evo-/lução nos vem trazendo, po-/demos nos tornar proselitos,/ desde que com a sua vigen-/cia seja aclarada, para a/ nacionalidade, nova visão/ governamental e, ao nosso/ povo, diretamente sujeito ás/ arbitrariedades e das imposições [czaristas] de todos/ quantos, pela fraude genera-/lisada pelo suborno, pela/ mentira ou devido à igno-/rância de nossos milhões de/ analfabetos, têm se respon-/sabilizado pela direção de/ nossos Estados e da União/ e, traga a independência e os direitos que hoje ainda/ lhe negam!//

Texto nº 56

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: texto opinativo

3. Assunto: política

4. Data do documento: 13 de Março de 1932

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

De marcha batida para o desconhecido

Os senhores da revolução,/ tantos quantos se compro-/meteram, de arma nas mãos,/ promover a reorganização/ socio-político-administrativa/ do Brasil, têm, hoje, com/ suas acções, com seus actos, / as mais das vezes falhos de/ senso, provocado e tornado/ razoavel a mais funda dissen-/são entre governantes e/ governados.// Calha, admiravelmente, nos/ homens da ditadura actual/ o conceito de Oliveira V[...]/na, referinso-se aos respon-/saveis pela cousa [...]/ brasileira, no tempo da pre/ sidencia Hermes. Escre[...]/ emerito sociologo que, [...]/ o clamor do entusi[...]/ dos povos “redimido/ subiram os “salvadores” [...]/ to é, os que iam cumprir / Constituição, salvar as insti-/tuições, realizar as “promessas do regimen”- tal como/ o haviam concebido em 91/ os seus orga-/nisadores. Entretanto, que é/ que todos verificamos? O; que todos verificamos- com / a evidencia e a flagrancia/ das experiencias nos labora/torios de Physica- foi que/ nada havia de mais pareci-/do com um “oligarcha” do/ que um “salvador”. Como, / aliás, já havíamos verificado/ durante o Imperio, numa/ seria de experiencias de/ mais de meio seculo, que/ nada se assemelhava mais a/ um conservador do que um/ liberal”...// Effectivamente, como no/ cycli das “salvações milita-res” o nosso povo, sedento/ de liberdade, casando de ter/ sobre seus hombros o continuo azorrague dos snrs./ mandões da primeira repu-/blica, recebeu com entusias-mo, com o clamor da maior/ alegria, a avançada victorio-/as dos que realizaram e 24/ de outubro. No entanto, to/dos hoje vamos compreen-/dendo a inutilidade de nos-/sos esforços, pela desillusão/ que nos têm feito supportar / aquelles mesmos a quem/ ovacionámos na escalada de /uma gloria ainda que ephe-/mera. Os revolucionarios, / salvadores de hontem, reac-/cionarios de hoje, trabalham/ e tornam possível o deag-/gregamento da nacionalida-/de. Para elles, como para/ seus antecessores, a opinião/ publica, a voz da nacionalidade, o desejo do povo/ brasileiro nada representam.//Ainda neste particular po-/demos evocar os periodos/ que Oliveira Vianna escre-/veu, retratando o SELF-GO-/VERNMENT de todo o Brasil:/ ‘entre nos os homens que/ estão no poder trabalham/ sem o menor contacto com/ o povo, com as classes, ou/ directamente, ou por meio/ dos orgams da sua espres-/são collectiva. Isolando-se./ Excluem-se. E o regimen/ daquillo que um doutrina-/dor russo. Brodevitch, cha-/ma o regimen da “ruptura/ entre a politica e a vida/ productiva da Sociedade”...//O radicalismo atenentado/ dos que combatem a consti-/tuinte, por que, sem prestígio/ politico ou de qualque ou-/tra especie, vêm na manifes-/tação das urnas a fallencia e/ a derrocada da situações/ que somente o arbitrio e a/ condusão explicam, não quer/ compreende que marcham-/mos para o solapamento da/ nacionalidade...//Dar-se-á que essa confu-/são dia a dia melhor alimen-/tada elas palavras e pelas/ acções dos radicaes, seja um/ meio estrategico preliminar-/mente estudado para um fim que as ciscunstancias/ ainda não permitiram que/ fosse declarado, ou confes-/sado? Terão, de verdade,/ esses que inconsequemen-/te se tornaram adeptos de / uma formal mudança na es-/tructura socio-politica da na-/cionalidade, acórdado, entre [...]/ evitar, por todos os mo-/[...] à custa de qualquer me/dida, que o Brasil volte ao/ regimen que melhor lhe è / consentaneo, que mais acon-/selhavel e patriotico se lhe/apresenta? Ou, na realidade, de tudo quanto de despri-moroso vamos apreciando,/ nada mais existe que um/ arraigado e incontido desejo/ de se não perder as posições/ que as armas fizeram descer até muitos dos seus actuaes/ occupantes? Ou, ainda, acon-/tecerá, talvez, que a esquer-/da revolucionaria, num mes-/sianismo que não nos apraz/ condemnar ou elogiar, pro-/cura, revolucionariamente,/ usando das medias drasti-/cas, arrancar o Brasil das mãos de politicos de que so-/mente os dias dramaticos/ de outubro de 1930 e os/ que immediatamente se lhes seguiram, conhecerem como/ revolucionarios, idelistas,/ reformadores, e puros?//Deixemos que essas inter-/rogações fiquem a bailar, e,/ como espectadores, vamos aguardar as suspresas da/ finta que seus autores, cor-/rendo a bolsa, far-nos-ão/ pagar, irretorquivelmente,/ quando na collheita dos fru-/tos opimos da inconsequen-/cia de seus actos, neste ama-/nhã que se avizinha tão/ cheio de incertezas para a /republica e para a nação!

Texto n. 57

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto:
4. Data do documento: 20 de março de 1932
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Caveant consules!

Dia a dia agrava-se, com-/plica-se, torna-se mais in-/trincada, a situação política do paiz – mais a mais reque-/rendo a exequibilidade que/ só a clarividência dorrada do/ maior patriotismo pode plas-/mar no bronze da [...]/ NO entanto, o nossos ho-/mens publicos, indiferentes/ aprópria responsabilidade/ que tomaram aos hombros,/ persistem, quase como de-/mentados, presos á pratica de/ actos que tornam completa-/mente contraproducente a obra/ dos legionarios de outubro!! O espírito irrequieto dos/ propugnadores de estranhas/ e exóticas finalidades como/ solução única para a com-/plexidade de nossos proble-/mas- politicos e sociaes-/ aventa, insinua e propaga,/ incoherentemente, a NECESSI-/DADE de actos a que hon-/tem, com febril patriotada,/ mostrou-se adverso. Incapa-/citados de realizarem a res-/tauração, a moralidade e o/ governo que prometeram,/ esses debeis pimpolhos da/ politica revolucionaria insur-/gem-se contra a proproa im-/prensa que lhes não tolera/ a mediocridade, e para ella/ pedem o rastêlo da censura/ reaccionaria e recrementicia!! A ala esquerda da familia/ revolucionaria, dessedentada/ na enxurrada fascista, quer/ trasplantar para as lindes/ brasilicas o systema da po-/litica que Mussoline vem/ imprimindo no paiz dos do/ges, a pontaço de lanças e/ sob o terrorismo da merce-/naria horda dos camisas pretas. E deixa que de calhau/ em calhau, role, esboroe-se,/ desangre, criminosamente, tu-/do quanto custou annos de/ canseiras a brasileiros illus-/tres que já se foram, de-/sapparecidos na encruzilhada/ inexorável do Destino.../ Pouco ou nada valem, nu-/ma hora de insania e de/ confusão, a palavra dos mais/ experimentados, o conselho/ dos mais práticos, a razão/ imponderavel dos meios ter-/mos: IN MEDIO STAT VIRTUS./ Apegados a ideias que entre/ si se collidem, de olhos vem-/dados a inteireza das medi-/das que constroem, alardean-/do programmas que nos são antagonicos, jogam com os/ destinos da nacionalidade e,/ ainda por cima – SANTA SIM-/PLICITAS!- exigem que os demais acompanhem-lhes o/ feretro ou calem a sua in-/conformação!! Ao historiador que de fu-/turo, quizer complicar dados/ e sobrepor tactos para a/ enumeração subsidiaria da/ hora nervosa que, actual-/mente, vamos vivendo, há/ de apparentar inavassalável/ o periodo de incoherencias/ eclodido depois da revolução/ de outubro de 1930. A mês-/ma penna que cantou epini-/cios aos co participes dos/ dois 5 de julho e de 3 de/ outubro, nã abdicando de/ seu idealismo, teve de entoar/ MISERERE pela transmutação/ operada meses apôs, como/ se os cargos tivesse a pro-/priedade de inverter carac-/teres e suborna-los... E para/ esse historiador, tal recontro/ de opiniões, tal diversidade/ de crítica, gritando sobre os/ mesmos homens, constituirá,/ irretregavelmente, um obs-/taculo para suas pesquisas/ historiographicas.// Todos quantos quizemos,/ auspiciamos e trabalhámos; por uma revolução que vies-/se destituir de autoridade a/ homens publicos cuja manei-/ra de governar estava em/ antagonismo com as neces-/sidades de nossos problemas,/ não podemos, hoje, escon-/der a nossa decepção. O que/ vamos contemplando ou vi-/vendo como testemunhas,/ está, em absoluto, contrario/ aos principios reivindicado-/res que eclodiram desde o/ primeiro cinco de julho. O/ sacrificio dos 18 de Copaca-/bana tinha por finalidade a in-/tegralisação da republica em/ sua verdadeira democracia/ e esta em poder dos brasi-/leiros, sem a predominância/ das casas mais afortunadas.// È obra de impatriotismo/ portanto de impatrio[...]/ demerito- estarem hoje [...]/mando e trabalhando [...]/ retardamento da lei [...]/ de nossa republica e[...]/ para os homens que/ nos governam, ditatorialmen-/te, medidas esdruxulas que/ hontem esforçavam-se sem/ vê-las revogadas, por atten-/tatorias á liberalidade que é/ uma de nossas características...// A revolução brasileira, is-/to é, os que, na actualidade/ arrogam-se de seus respon-/saveis, e querem, atabalhoa-/damente, trazer, sempre acê-/sa, a lâmpada votiva de sua/ peregrinação pelos tempos/ afora, não devem, jamais/ em sua exaltação, desaper-/ceber-se do quanto lhes vae-/em derredor e que se prende,/ directamente, á felicidade e/ ao progresso deste portentoso/ brasilico que devemos que-/rer na trilha luminosa que/ lhe traçou o destino!...// Acautalae-/vos, portanto, ó/ consules, ó vivisecadores de/ nossa chamada democracia!!

Texto nº 58

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto:
4. Data do documento: 11 de junho de 1980
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Segunda-feira, 9

Não sou, evidentemente, especialista em/ urbanismo. Nem esperto em praças publicas.// As minhas opiniões são de leigo, de curio-/so.// Meto a minha colher, tentativa de/ ajudar o debate, para que os assuntos es-/clarecidos, limpamente, possam encaminhar/ as soluções que atenda, melhor aos inte-/resses gerais dos mossoroenses. Entendo/ que no instante em que ofereceu ao poder/ judiciário do Estado, um local para a cons-/trução do futuro Fórum Municipal, o pre-/feito João Newton teve em vista, exclusi-/vamente, atender ao interesse publico.//Dotar o judiciário de Mossoró daquelles/ recursos mínimos para o mais eficiente de-/sempenho de suas tarefas, de vez que a/ justiça, até aqui, vem sendo distribuida,/ claro que honrradamente, em locais indevi-/dos, de um pobreza tão clamorosa, que/ impede até mesmo o seu desepenho pleno. o/ local escolhido e oferecido pelo prefeito/ terá sido o melhor, o mais conveniente? Ai/ sim, são outros quinhentos.//Honestamente, acho que não. Porque continuo/ convencido de que cabe ao poder municipal/ criar praças, dotar Mossoró de amplas áreas/ verdes, antes de tudo. Ora, aquele quadra-/do que tem o nome de Praça Felipe guerra,/ é um dos melhores sitios da cidade para/ fazer uma grande a bela praça. Um local/ muito central, numa região sem muitas áreas/ de lazer, que deveria ser bem aproveitado.// Ali o prefeito João newton poderia constru-/ir uma praça, arboriza-la cuidadora e ar-/tisticamente, distribuir por ela bancos/ brinquedos, correto, lagos, fonte luminosa. / Fazer ali o que o que ele fez na praça Antonio/ Gomes: um local bonito, agradável.//Diz Jaime Hipólito Dantas, que parece adep-/to do aproveitamento daquela praça para/ a construção do Fórum Municipal, diz Jaime,/ qu eali não há nada: "...sequer calçada/ para se pidar. Ou grama. Ou um arbusto". Não/ há. Mas deveria haver, O fato de não há-/ver nada, não significa que nada deve haver. Faça-se a calçada para se pisar. Plan-/te-se grama. Plante-se arbusto. Ou muito me/ engano, ou na origem de todas as praças há/ o quase nada. Se fomos esperar para fazer/ praça onde haja calçada para se pisar, gra-/ma ou abusto, temo que isso venha 'el se/ transformar, no futuro, numa pequena selva/ de asfalto.//Na realidade, Mossoró está destruindo, de-/liberada e desciteriosamente, coisas que/ deveria preservar. É incrível a cidade in-/teira não se tenha levantado para tentar,/ ao menos tentar, impedir a destruição do/ velho prédio do Colégio Santa Luzia, que/ deveria ter sido tombado. Incrível tenha/ caído o chalé de Delfino Freire. Que não se/ tenha podido impedir a destruição da bem/ trabalhada fachada da casa de Martins de Vasconcelos. Incrível tenham desaparecido/ os portões do velho Mercado Publico. Ora,/ se não agarramos com unhas e dentes o que/ ainda sobra, logo seremos uma cidade sem/ história, que destuiu o seu passado. Esta-/remos abrindo alas para que as picarentas/ derrubem a Cadeia Publica, o prédio da loja/ Maçônica 24 de junho, o sobradão dos No-/gueira, onde é o gabinete do vice-/prefeito. Como fizeram, imperdoalmente/ com a Escola Normal, tão história de Mosso-/ro, desarecida, substituita, desrespeitada.//O prefeito João Newton é um homem dinâmico,/ um extraordinário administrador, um cida-/dão aberto ao dialogo, acessível ás opini-/oes, amigo do debate. Poderá, sem diminu-/ição nenhuma para a sua autoridade, reexami-nar o assunto. Talvez encontrado, como/ gostaríamos, outro local para o Fórum Mu-/nicipal. Que, tenho a impressão, deveria/ ser erguido e, local outro, longe do cen-/tro. Uma nova decisão, no caso, honraria a/ sua vocação democrática. Demonstraria que/ o nosso prefeito governa de acordo com o/ povo. E não de costas para ele. Aproveitaria o episódio, que demonstra o quan-/to os mossoroenses confiamos na sua ação,/ para determinar o início, imediato, da/ construção da nova Praça Felipe Guerra, que/ poderia ficar como um dos muitos pontos/ altos de seu (ótimo) governo.

Texto nº 59

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 25 de junho de 1980
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A denúncia de Vingt

O deputado Vingt rosado com a sua/ autoridade de um dos grandes líderes/ deste Estado, de secretário-geral do partido do presidente da República,/ de uma dos melhores servidores da cau-/sas pública, fez uma grava denuncia/ em entrevista coletiva concedida a im-/prensa do Estado.//Acusou o governo Lavoisier Maia/ sobrinho de estar fazendo discrimina-/ção contra certos órgãos da imprensa/ do Estado, apenas porque eles não ser-/vem a sua política e por que são liga-/dos aos maiores interesses de Mossoró/ e da região oeste.//O jornal O MOSSOROENSE, o mais ve-/lho orgam da imprensa do Estado, um/ dos mais velhos jornais do país, o u-/nico diario de todo o interior do Rio/ Grande do Norte, não compartilha das/ verbas de publicidade do governo esta-/dual. O mesmo acontece com a Radio/ Tapuyo de Mossoró.//O Fato tem uma gravidade singula-/ríssima. No passado, fato identico a-/conteceo em São Paulo com o jornal “ O estado de S. Paulo”. No paraná, com os/ órgãos de comunicação do Sr. Paulo Pimentel. Suscitando protestos indigna-/dos de todos os jornais e emisso-/ras de radio do Brasil, de todas as entidades ligadas á imprensa ao rá-/dio, de parlamentares estaduais e federais.//Porque a discriminação, além de/ imoral, atenta contra a liberdade de/ imprensa. O governante que a faz, pro-/cura conquistar simpatias com os di-/nheiros oficiais. O que significa, i-/gualmente, uma forma lavar de corrup-/ção. Foi mais ou menos o que disse re-/centemente, em manifesto, o assessor/de imprensa do governador Lavoisier/ Maia Sobrinho. Ele proprio declarando/ que a discriminação seria uma indigndi-/dade incompatível com o governo do Rio/ Grande do Norte.//No entanto, o que o governo esta-/dual diz, cada vez se escreve menos.../ As suas declarações não têm consistên-/cia, as suas promessas não são reali-/zadas, os seus compromissos não são/ para valer.//O MOSSOROENSE e a Radio Tapyuo/ continuam sendo vitimas da discrimina-/ção. Que significa abuso, censura a/ imprensa, modalidade de corrupção.//A denuncia do deputado federal/ Vingt Rosado foi feita e deveria tocar/ a sensibilidade moral dos nossos go-/vernantes. Como deveria mobilizar em/ favor da igualdade de oportunidades,/ do principio de isonomia, da decencia/ no trato com os órgãos de comunicação,/ toda a imprensa do Estado- a falada com a escrita.//No entanto, deploravelmente, o trecho da entrevista do parlamentar/ no que toca á discriminação, é omitido/ pelos jornais do estado. Que pecam/ por omissão e se tornam coniventes.// Silenciam astutamente, por não dese-/jarem que as verbas de publicidade do/ Estado sejam divididas com mais dois/ órgãos de comunicação.Silencia também a associação Nor-/te-Riograndense de Imprensa. Silencia/ o Sindicato de Jornalistas Profissio-/nais do Rio Grande do Norte.//O deputado Ving Rosado denunciou/ o governador pela prática aética. O/ MOSSOROENSE se vê compelido, malgrado/ seu, a denunciar a omissão de seus/ confrades. A denunciar e, principal-/mente, a lamentar.

Texto nº 60

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 4 de outubro de 1980
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 461
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A democracia impossível

A lei orgânica dos partidos, recentemente modificada, constitui, estruturalmente, o maior empecilho erguido às organizações políticas. Os doutores legistas há tempos enfiaram na cabeça de alguns militares conceitos abstrusos e, em contrapartida, receberam outros, no escambo dos interesses menores. A partir do Estado Novo, cujas ideias centrais, no assunto, transitaram para a Constituição de 1945, determinou-se, antes de mais nada, que os partidos têm de ser nacionais. Territorialmente nacionais, apenas. A consequência prática do assunto foi a asfixia ainda maior das expressões locais, pedra de toque de qualquer sociedade democrática. Assim como no plano de distribuição das rendas, o município passou a ter apenas 5% delas, os Estados foram sacrificados ao centralismo global. Na organização política realizou-se o mesmo. O geral em si não existe: expressa apenas a extensão dos particulares é mais uma categoria que um dado concreto. Compelindo as formações partidárias a organizar-se. Topograficamente, em uma vasta área, introduziu-se na lei maior e nas leis regulamentárias um conceito unitário contrário às próprias Cartas constitucionais que, todas, determinaram que apenas dois pontos básicos de nossa organização não podem ser alterados: a República e a Federação. Por sua lei orgânica, centralizadora e como tal antidemocrática, os partidos brasileiros estão geneticamente destinados a serem órgãos da “corte” do centro, instrumento de minorias que podem ser mais estreitas, ou mais amplas, mas em qualquer caso, minorias. Nenhuma iniciativa local ter trânsito político, subjugada em tal camisa de força. Se a cidade do Rio de Janeiro, com seus cinco milhões de habitantes, quiser reconquistar a autonomia que Geisel lhe retirou, ditatorialmente, não pode aparelhar-se para isso. Queira ou não queira, está submetida às regras que têm com uma de suas finalidades precisamente limitar, controlar e anular toda e qualquer afirmação local. Para culminar esse absurdo do discricionarismo (Estado Novo mais Novíssimo Estado de agora) determinou-se, ainda, militar e burocraticamente, que os partidos têm de ser ideológicos, no sentido escolástico do termo. Enquanto isso, a mesma lei impede que qualquer um deles possa formular qualquer programa sério que fuja aos conceitos mais ou menos amorfos que fazem de todos um mingau comum. Dispositivos cada vez mais restritivos transformaram, desse modo, as organizações político-partidárias em órgãos institucionais de um poder central e de minorias dominadoras. Em muitos aspectos, eles hoje menos expressivos, porque menos presos às realidades da sociedade atual, que antigas instituições que morreram, sem encontrarem quem as substituisse melhor. // Agora, sobre as múltiplas restrições já determinadas à organização política, criou-se mais uma. Além de obrigados a preencher diretórios municipais em um mínimo de municípios, de pelo menos nove Estados, a resolução 10.905 do TSE estabelece uma quota mínima de filiações individuais. So as grandes máquinas, principal-mente as governamentais, poderão cumprir sem grandes tropeços tais quotas. Devem ser coisas da democracia possível. //

Texto nº 61

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 10 de outubro de 1980
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Falas e fatos

Enquanto o General Presidente ao inaugurar/ a sede do PDS pouca gente sabe traduzir essa/ siglas afirmava-se chefe de um governo de/[...] chegava a imprensa resultado de mais/ uma pesquisa [...]. Um azar que fala e cifras/ fossem publicadas juntas. Viu-se que, sem ne-/nhuma exceção, os governadores principais do/ sistema entre agosto de 1979 e agosto deste ano./ perdem pontos em popularidade. Como se es-/pecifica, adiante. Nei Braga passou de 59 a 50./ Marco Maciel de [...]. Amaral de Souza de 14 a/ 29. Paulo Maluf de 35 a 21. As exceções dão Fran-/celino Pereira, que evoluiu de 22 para 24 e Na-/tonio Carlos Magalhães, que passou de 36 a 40/ pontos. De qualquer modo porém, essa reação/ dos chefes dos Executivos mineiro e baiano não/ chega a ser consoladora ambos viram alinhar-/se contra eles respectivamente 65 e 35 de/ seus dirigidos.//Os explicadores oficiais poderão lembrar que/ Chagas Freitas, inscrito na oposição do PP. Apresentou uma queda ainda maior que os ou-/tros. Desculpa rota, porém, uma vez que no Es-/tado do Rio, o descenso será explicável por fa-/tores tão fortes como a presença de correntes/ mais ativas na oposição ao governo federal e ao/ sistema, como sejam o PMDB, OPDT e os se-/tores engajados na esquerda.//Ainda que fosse, e sua origem, um represen-/tante de maiorias, o gerenal Figueiredo pela/ amostragem citada, não o seria mais. Entretra-/to, a hipótese é apenas teorica. Os levantamen- tos feitos pelos órgãos de informação- dos/ quais o mais importante era dirigido pelo atual/ Presidente- contribuiram, como não é o misterio/ nenhum, para que o governo Geisel elaborasse e/ impusesse o ‘pacote’ de abril.//Tinha boas razões para isso. Em 1974 no/ primeiro pleito em que imensas parcelas de/ eleitores trocaram a abstenção e o voto branco/ ou nulo pela participação, na eleição senatorial/ majoritaria a Arena (que é PDS antigo com-/seguiu apenas 69% dos votos alcançados pelo MDB e apenas 40 do total de sufrágios nomi-/nais. Em representantes, a relação foi de 16 para/ 6.//Criaram-se também os bionônicos, que asse-/guram a maioria pedessista na suposta camara/ Alta, até 1986. Cancelaram-se, novamente, a/ promessas de escolha direta de governadores. / Quatro anos depois, apesar de tudo, em votos in-/dividuais, a frente oposicionista apresentou/ maior cifra. /Trata-se de fatos, e contra eles não há argu-/mentos. A divisão política do País foi al-/terada para assegurar dividendos, e as capitais/ dos Estados sem autonomia. A seguir/ como tudo parecesse pouco, cancelaram-se as eleições municipais. Em tais coisas consistia a/ “determinação de reformar e transformar o/ País” E de investir (sempre a maldita pala-/vra confiança “ na juventude de seus filhos”. As / cifras respondem: a maior parte da juventude de/ 1964 nunca pôde escolher um presidente da/ Republica e, em 1984, dos cerca de 130 milhões de/ habitantes que terá o Brasil, cerca de 45 milhões/ estarão na mesma situação. //

Depois de tantos aperfeiçoamentos, o País al-/meja pela imperfeição. N. R.

Texto nº 62

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 5 de janeiro de 1990
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

O Mossoroense

Por dois dias, o jornal “O/ Mossoroense” não circulou,/ no que seria a sua primeira edi-/ção do ano de 1990. Desta vez,/ problemas com as máquinas de/ composição impediram que isso/ acontecesse. Para os que estão/ de fora acompanhando o dia a/ dia da imprensa escrita apenas/ através da leitura diária, é difícil; imaginar a luta que se faz ne-/cessária para se colocar o jornal/ nas mãos de cada um. Contudo, temos que reconhecer as inúme-/ras conquistas que foram alcançadas, até agora, pela equipe/ que vice o nosso jornal.//Não faz muito tempo tivemos/ que amargar dois anos dora de/ circulação. O motivo principal foi/ o de sempre, ou seja, alta de re-/cursos financeiros. Nesse perío-/do, conseguimos colocar todas/ as contas em dia e também al-/guma melhora na confecção do/ jornal. Adquirimos, entre outras coisas, duas máquinas de com-/posição, quando a edição era to-/talmente feita às custa de duas/ máquinas de escrever do tipo/ ET. A partir daí também adota-/mos a posição de uma total re-/visão na linha jornalística/ edito-/rial do velho jornal, procurando/ oferecer uma melhor qualidade// aos nossos leitores. E olhem/ que isso não é fácil nem se com-/segue de uma só vez.//Somos o terceiro jornal mais antigo/ em circulação do Brasil, pois/ Jornal do Comércio (RJ), não es-/tá sendo no momento, ficando/ atras apenas do Diário de Per-/nambuco. O próprio nome do/ jornal, “ O MOSSOROENSE”/ significa uma grande responsa-/bilidade para todos nós.//Quem faz jornal sabe da/ grande dificuldade em se redigir/ com d insenção total. Admite-se/ que não existe jornal totalmente/ imparcial, partindo do princípio/ de que geralmente se transmite/ a ideia de quem está escreven-/do. Mesmo assim, oferecendo/ plena liberdade de pensamento/ e expressão aos que redigem,/ temos estimulado um jornalismo/ que ofereça condições de inteira/ liberdade de opinião a cada um/ representando as mais diferen-/tes tendencias possiveis e que/ desejam participar do nosso jor-/nal. Somente assim, acredito/ poderemos ter um jonral a altura de Mossoró.//Há poucos dias tivemos a confraternização de fim de ano/ com a participação de todos os/ nossos funcionarios. Todos es-/ses pontos foram analisados e / discutidos. Tivemos a demons-/tração da perfeita integração de/ todos os setores da empresa./ desde o funcionario mais sim-/ples aos seus diretores e editores. Para 1990 temsos um grande desafio, que é melhorar sempre/ o nosso jornal, quando fica cada/ vez mais difícil a vida dos que fazem a imprensa no Brasil e prin-/cipalmente em Mossoró.//Um jornal que tem mais de/ um seculo de existencia não/ teme qualquer desago. E vai/ continuar como pate integrante/ da propria cidade. Se Deus qui-/ser.

Texto nº 63

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: texto opinativo
3. Assunto: política
4. Data do documento: 6 de janeiro de 1990
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras: 461
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Incompetência em dose dupla

Na continuidade de / melancolia que envolve o/ primeiro aniversário da atual/ administração municipal de/ Mossoró, surgiu o resultado/ da pesquisa publicada na úl-/tima terça-feira pelo jornal/ “folha de São Paulo” colo-/cando a senhora Vilma Maia/ em 19º lugar entre 23 prefei-/tos de capitais de pior desem-/penho. É claro e natural que/ este acontecimento tenha os/ seus desdobramentos. E, cer-/tamente que tem os seus re-/flexos também por sobre a/ administração municipal de/ Mossoró, onde a pesquisa da/ capital apenas constatou/ aquilo que na prática a gente/ já vem denunciando diaria-/mente, como o dia-a-dia do/ mossoroense. // Se a pesquisa do Datafolha/ tivesse sido extensiva a outras/ grandes cidades brasileiras e/ em meio elas se incluisse/ Mossoró, o resultado poderia/ ter sido até pior do que o/ verificado em Natal. Na ca-/pital do Rio Grande do Norte/ pelo menos 38 por cento dos/ entrevistados classificaram a/ administração Vilma Maia/ entre o ruim e o péssimo. Pelo/ menos 49 por cento deles/ acharam o seu desempenho/ pior do que o de Garibaldi/ Filho, que foi o seu anteces-/sor. // Os grandes problemas e o/ emperramento da máquina/ administrativa detectados em/ Natal não são diferentes do/ que se verifica atualmente em/ Mossoró. Por isso, sem medo/ de errar, podemos reafirmar/ hoje que se a pesquisa alcan-/çasse esse município, os nú-/meros poderiam até ser dife-/rentes, mas para pior. // Aliás, a atual administra-/ção mossoroense tem primado/ em copiar tudo o que vem de/ Natal. Desde o esquema de/ limpeza pública que, aqui/ como lá, também não funcio-/na, até mesmo aos erros nos/ cálculos dos aumentos de ta-/rifas de coletivos. As majora-/ções para as tarifas de ônibus/ são dadas na mesma propor-/ção que na capital e sempre/ sob a legação da melhoria do/ serviço, coisa que nunca/ acontece. Na capital do Esta-/do a administração pública/ está desacreditada como a da-/qui por que estão ambas cer-/cadas de auréola da incom-/petência. E isso esta mani-/festo na própria expressão do/ povo ouvido na pesquisa. E a/ incompetência em dose dupla. // Diante deste quadro rea-/firmamos que não poderia há-/ver clima para festa. Essas/ administrações viram passar o/ seu primeiro ano debaixo do/ crivo exigente do povo que se/ sente por elas enganado, pois/ ambas se travestiram de so-/cialistas e foram a praça pú-/blica, vestindo a camisa do/ PDT, com promessas dema-/gógicas e mirabolantes que se/ tinha a certeza, não cumpri-/riam. Ao povo que as elegeram/ não caberia outro comporta-/mento que não o que assumiu/ agora fazendo a sua pública/ condenação. Desdobramentos/ ainda virão.

Texto nº 64

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 9 de janeiro de 1990

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Um ato insensível

Foi um espetáculo deve-/ras deprimente e bastante/ desolador aquele praticado na/ última sexta-feira, pelos fun-/cionários da Prefeitura de/ Mossoró sob o comando de/ pessoas ligadas ao próprio/ gabinete da prefeita Rosalba/ Ciarlini, retirando a força as/ barracas, quiosques e os per-/tences dos seus proprietários,/ com a ajuda da força policial./ Por sinal, foi uma coisa nunca/ vista em Mossoró. Os donos/ dos quiosques ficaram pas-/mados ante o cumprimento/ da ameaça feita pela prefeita/ e se sabe que um deles até/ recebeu a promessa de sua/ parte de que essa atitude não/ seria tomada contra eles.// Em primeiro lugar só se/ pode atribuir a muita insensi-/bilidade essa atitude pratica-/da pela PMM agindo de for-/ma autoritária, arbitrária, in-/discriminada, contra pobres/ pais e mães de família que/ não têm outra forma de ga-/rantir o seu sustento nem o/ sustento dos seus. Foi de cor-/tar coração, principalmente o/ caso daquela senhora/ de nome Teresinha Maria da/ Silva que, com o marido/ adoentado, dá de comer a se-/te netos tirando das vendas/ que fazia no seu quiosque na/ rua Meira e Sá. Mas nem/ diante de argumentação tão/ forte cedeu o duro coração da/ prefeita e dos seus funcioná-/rios. //Desconhecem os que hoje/ estão à frente da Prefeitura/ de Mossoró toda uma grave/ situação econômica que/ acentuam as disparidades/ sociais e que hoje é respon-/sável pelo crescente desem-/prego e os miséros salários/ pagos. As pessoas que bus-/cam, por esse meio dar a sus-/tentação aos seus familiares/ são justamente aquelas que/ se instalam em barracas,/ quiosques, biroskas como/ chamam os ricos que são/ correligionários da prefeita./ Aliás, com essa atitude, a se-/nhora Rosalba Ciarlini deu/ mais uma prova de que é na/ verdade o Robin Hood, às/ avessas, pois cedeu as pres-/sões de empresários daquela/ área, conforme ela própria re-/velou pateticamente.// Os barraqueiros estão/ hoje com as suas barracas/ montadas na praça da Inde-/pendência. Ficaram de orelha/ em pé ane essa atitude insen-/sata da prefeita e dos funcionári-/os da PMM. Enquanto isso, vem-/se auto-destruir cerca de 30/ boxes que foram construídos/ dentro do Mercado Público/ Central e que, não se sabe/ porque não são entregues/ aos vendedores.//De qualquer forma, além/ do protesto de toda a popula-/ção mais pobre da cidade e/ da solidariedade que mere-/cem as vítimas da Prefeitura,/ fica o registro de mais esse/ ato de insensibilidade prati-/cado por alguém que até bem/ pouco tempo nas ruas e praças de/ Mossoró andava pregando/ uma falsa mensagem de so-/cialismo. Foi desta forma que/ ela engabelou o eleitorado/ mossoroense.//

Texto nº 65

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 17 de setembro de 2003

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

TV propaga violência

Foi não foi volta à baila a discussão sobre a violência que é disseminada pela programação das nossas estações de televisão inculcando na mente das pessoas a idéia de que tudo se consegue mediante o uso da força bruta. É bem verdade que hoje em dia com o crescimento das TVs a cabo e outras congêneres a programação da TV está bastante democratizada e diversificada e oferece um sem-número de opções ao telespectador. Mas, as redes comerciais, que são aquelas a que a população mais pobre e menos instruída tem mais acesso, são justamente onde se vê mais a difusão desse verdadeiro espetáculo da violência.

É sabido que grande parte da população formula as suas imagens e conceitos sobre a realidade onde se insere a partir das imagens de ficção que lhes são transmitidas pela televisão ou cinema. Pesquisas mais recentes revelam que sessenta por cento da programação de televisão dos Estados Unidos, massificada pela retransmissão em quase todos os países do mundo, mostram cenas de inaceitável violência, com maior destaque para os horários que são os mais vistos pelo público infante-juvenil. E os próprios psicólogos têm advertido que esse contínuo bombardeio visual pode levar a distúrbios de comportamento de forma aguda entre os adolescentes.

O mais grave de tudo é que essa situação vem derivando até mesmo para as publicidades transmitidas pela televisão cujos anúncios são apresentados de modo simpático ao consumidor com personagens de reconhecidas características marginais.

A própria apresentação nos noticiários de cenas de guerra de maneira explícita, na maioria das vezes sem o sentido crítico, terminam por induzir ao hábito de se conviver com a violência indiscriminada e como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Daí que a célula mater da sociedade, que é a família, passa a ser a maior prejudicada por tudo quanto vem acontecendo em termos de programação televisiva. Então, que cada um se acautele e tome as devidas precauções ao mesmo tempo em que deve fazer a sua parte no sentido de se proteger contra essa permanente ameaça exterior ao cerne do grupo familiar.

Que não queiramos imputar apenas à TV a responsabilidade por tudo quanto está se vendo hoje em dia em termos de violência, mas, em contrapartida, a ela deve ser creditada grande parte da responsabilidade pela disseminação desse verdadeiro culto que se faz nos dias atuais aos movimentos de violência. Uma violência que está não apenas dentro dos lares, mas difundida por toda parte.

Texto nº 66

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: editorial
3. Assunto: política
4. Data do documento: 18 de fevereiro de 2004
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró
6. Local de depósito do documento: Museu da cidade
7. Identificação do autor:
8. Número de palavras:
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Uma preocupação procedente

Não haverá oficialmente a festa do carnaval nem em Mossoró nem em Tibau. Daí dá para se prever que a nossa cidade ficará cada vez mais vazia em relação aos anos anteriores e a vizinha Tibau cada vez mais superlotada também se comparando com períodos passados. E esse raciocínio mostra uma certa lógica a partir da constatação de que não se programando nada para nossa cidade e em Tibau, mesmo que esporadicamente aqui e acolá surjam os foliões mais exagerados, também deverá reinar um clima de paz e sossego própria de um balneário. É por isso que se diz que será para aquele chamado aprazível recanto do Atlântico que convergirão todas as atenções.

Diante do que está colocado para todos nós, é de esperar que seja colocado um aparelho de segurança na cidade-praia capaz de atender às necessidades da verdadeira aglomeração humana em que vai se transformar a sua costumeira reduzida população. Há que se pensar na segurança de tanta gente. E toda essa inquietação que se antecipa toma por base a necessidade de se colocar um gerenciamento a altura para que funcionem as ações da Polícia Militar, da Polícia Civil, da Polícia Rodoviária Estadual e da Polícia Rodoviária Federal, de tal sorte que um trabalho vigilante e preventivo em Tibau possa resultar em estatísticas benéficas para todos os que procurarem aquele local para se refugiar no período de momo.

Um outro aspecto que certamente será lembrado pelos aparelhos de segurança diz respeito ao transporte clandestino de passageiros entre Mossoró e Tibau e igualmente entre outras localidades e aquela praia. Pelo número de acidentes verificados na sua rodovia somados aos exageros próprios da época praticados pelos que se utilizam de drogas e bebidas alcoólicas no período, já justificam a preocupação e requer um rigor cada vez maior no que toca a fiscalização do tráfego desses veículos nas rodovias de acesso a Tibau e nas próprias ruas da cidade praiana.

Em resumo: torna-se imperativo que os órgãos de segurança se unam e coloquem na prática uma ação comum com poder e responsabilidade para assegurar, pelo menos aos que não se envolvem nas brincadeiras comuns desse tempo, uma total tranqüilidade. E um aviso: não dá para ser complacente com aqueles que colocam em perigo a vida de pessoas desavisadas.

Por fim, é de se esperar que o esquema policial que vai ser anunciado ainda hoje atenda às reais necessidades das pessoas que vão buscar paz e tranqüilidade nesses dias que virão, ao mesmo tempo em que é de se aguardar que prevaleça o bom senso e que as pessoas saibam se comportar de forma civilizada, sem agressões gratuitas de forma a que na quarta-feira de cinzas o balanço a ser feito seja o mais favorável a todos os cidadãos.

Texto nº 67

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 6 de dezembro de 2004

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Aqui não é o paraíso

Sob todos os aspectos os mossoroenses que por aqui mourejam sabem, porque vivemos no dia-a-dia desta cidade, que nós não vivemos no paraíso que a prefeitura anda pintando nos meios de comunicação e nos discursos da prefeita e seus candidatos. Temos sim, os nossos graves problemas e que desafiam as autoridades do poder público municipal há bastante tempo sem que estas tenham sequer sensibilizado quem ocupa posições de destaque na gestão da coisa pública. E os números não mentem jamais e estão aí colocados como que a desafiar até mesmo os que falam em contrário.

Quem de bom senso pode dizer que é mentira de quem afirma que nós temos em Mossoró 60 mil desempregados? Ou que por aqui vivem nada mais, nada menos de 20 mil trabalhadores rurais sem terra? Ou ainda: que por aqui vivem nada menos de 30 mil pessoas sem uma casa para morar?

Então, não adianta querer mostrar outro cenário distorcendo esses números ou tentando maquiá essa duríssima e cruel realidade. Embelezar o centro da cidade, construir bonitas e vistosas praças chamadas de maravilhosas e pintar meios-fios, pode até varrer essa dureza com que nos deparamos para debaixo do tapete, mas está longe de afastá-la por completo do nosso cotidiano. A verdade dói, mas é preciso que se reconheça que nosso município está a braços com gravíssimos problemas sociais. E que estes vêm se agravando nos últimos anos, aliás, ano após ano. E, como a atual prefeita está no poder há tanto tempo, é de se supor, pelo menos é o que mostra o bom senso, que ela tem uma grandiosa e preponderante parcela de responsabilidade por tudo isso que nos acomete.

Ao nos aproximar de uma nova chance de reverter esse cenário quando das eleições de outubro vindouro, não percamos de vista a eleição do dia 3, pois esta é a grande chance de modificar radicalmente tudo isso. As propostas que aí estão colocadas pelos que postulam chegar ao Palácio da Resistência devem ser muito bem avaliadas. O eleitor de livre consciência e de livre arbítrio vai decidir se deseja continuar com o cenário social dantesco que acabamos de relacionar com o agravamento e o esgarçamento do tecido social ou se vai desejar vê-lo sob outra ótica, modificado inteiramente.

O nosso futuro, o nosso destino, os dias que virão pela frente poderão ser melhores ou piores do que estes que estamos vivendo. E ao eleitor vai caber decidir isso. E essa decisão está na essência da democracia. A oportunidade de pensar e repensar essa conjuntura é do cidadão e da cidadã mossoroenses, em especial daqueles mais pobres e mais humildes que, no frígir dos ovos, terminam sendo os maiores penalizados com essa situação de agravamento do nosso quadro social.

O pleito que se avizinha é a oportunidade que aparece de quatro em quatro anos para que aquele que realmente vai escolher, que é o eleitor, ouça, pense, reflita e analise e, por fim, se posicione. Do seu mais fino tirocínio vai depender o nosso futuro.

Texto nº 68

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 17 de julho de 2004

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Números que mostram crescimento

Como resultado de todos os dados estatísticos colocados o que se tem muito claro é que a Expofruit que se inaugurará amanhã e que começou modestamente aqui em Mossoró como a Feira Nacional da Fruticultura Irrigada - Fenafruti, nos idos de 1993, vem num crescendo de ano para ano o que a faz, tranqüilamente hoje, dentro do seu segmento um evento inteiramente consolidado. E isso denota que estamos diante de um segmento econômico, o da fruticultura irrigada, mostrando um movimento pulsante e um ritmo de crescimento freqüente o que se mostra bastante salutar para a vida de toda a região.

Só pelo número de estandes montados dá para se ter bem uma dimensão nesse aspecto. Em 2003 o número de expositores presentes à feira não alcançava a marca dos 160. Em 2004 eles já foram 254. E, para este ano, os organizadores trabalhavam com a expectativa de que se chegaria aos 300 estandes, mas eles alcançaram mesmo a marca dos 320. A iniciativa dos últimos dois anos experimentou um crescimento de 60 por cento no seu total.

E, se em anos anteriores só havia expositores originários das regiões compactuadas com Mossoró, para este ano estão vindo empresários e empresas de Pernambuco, do Rio de Janeiro e Santa Catarina e num quadro comparativo com 2004, o número de compradores internacionais vai ultrapassar a marca do dobro.

Nesse aspecto é bom se verificar que os dirigentes da Coex têm se mostrados interessados em estarem presentes em eventos internacionais relacionados com a fruticultura o que, certamente, tem dado também a sua contribuição para que a iniciativa mossoroense receba nova injeção de ânimo. Só a rodada de negócios estima em 20 milhões de dólares o montante das vendas efetuadas como resultado de sua realização.

Se pudermos considerar que Mossoró sedia em meio aos seus eventos que aqui ocorrem no transcorrer do ano, tranqüilamente mostraremos a Expofruit como um dos pilares hoje da nossa economia regional pelo que representa em termos de investimentos e pela atenção que capta para a região de Mossoró de parte, principalmente, de compradores internacionais.

Texto nº 69

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 6 de dezembro de 2005

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A federalização da Uern

A deputada estadual Larissa Rosado está propondo a retomada de uma discussão de um tema da maior significação para o Rio Grande do Norte qual seja o da federalização da Universidade do Estado do RN - Uern. Em princípio, a parlamentar lastreia a sua proposta em dois pilares bastante significativos: primeiro, o do benefício que ela, se consolidada, trará aos docentes, servidores técnico-administrativos e alunos da instituição, pois como fica claro, se a Uern chegar a esse estágio da federalização ela disporá de mais recursos didáticos e estruturais para a sua prática dentro do tripé que a move que é o do ensino, da pesquisa e da extensão. Vista a coisa pelo ângulo dois, Larissa Rosado entende que ocorrendo a passagem da nossa Universidade para esse outro patamar, implicaria no mais completo desafogo para o caixa do governo do Estado, lhe oportunizando assim direcionar maiores investimentos para a área do ensino médio.

Na verdade, originalmente quem primeiro se movimentou para oficializar essa federalização foi o avô da deputada Larissa Rosado, que foi o extinto ex-deputado Vingt Rosado. Então, o que a neta está fazendo agora é dar seguimento. É uma espécie de continuidade a essa luta. Partindo para a prática, ela se dirigiu à governadora Wilma de Faria, ao secretário de Estado da Educação, da Cultura e do Desporto, Wober Júnior, à própria instituição universitária, a Uern e, por fim, ao Conselho Estadual de Educação, para que todas estas autoridades e compartimentos, unidos iniciem os debates visando essa sonhada federalização para a nossa Universidade.

A Uern já possui uma estrutura tal que lhe capacita para isso. São seis Campi localizados em Natal, Caicó, Apodi, Pau dos Ferros, Assu, Patu e Mossoró, além de dez núcleos de educação superior espalhados pelos mais longínquos rincões desse Estado tais como: São Miguel, Alexandria, Caraúbas, Apodi, Areia Branca, Macau, Touros, João Câmara, Caicó, Umarizal, totalizando a marca de 27 cursos de graduação, 193 mestres, 61 doutores e 84 especialistas culminando com um quadro de 538 professores. E isso sem acrescer os milhares e milhares de alunos que freqüentam os seus mais diferentes cursos pelo Rio Grande do Norte afora.

Essa proposta da deputada estadual Larissa Rosado deverá merecer a devida atenção de parte do governo estadual, pois ela é perfeitamente exequível nos seus mais diferentes aspectos. A Uern, que começou ainda pequenina no distante ano de 1968, hoje é verdadeiramente uma entidade de amplitude estadual e que merece seguir crescendo, pois ainda tem muito a oferecer aos potiguares de modo geral.

Texto nº 70

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 15 de agosto de 2006

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Onde estão as ambulâncias?

No apagar das luzes do seu passageiro mandato de deputado federal Múcio Sá colocou no Orçamento Geral da União a quantia de 800 mil reais para que a prefeitura de Mossoró adquirisse seis ambulâncias. Fazendo-se o cálculo a grosso modo cada um desses veículos, que se imagina super bem equipados, custou em números redondos algo em torno de 133 mil reais. Com esse dinheiro foram adquiridos seis destas ambulâncias que seriam destinadas à prefeitura de Mossoró, mas destas seis só são conhecidos os paradeiros de três delas. As outras três terminaram se transformando num cavernoso mistério porque até hoje ninguém sabe onde andam.

O deputado Múcio Sá agiu estritamente dentro do que previa a sua tarefa de parlamentar. A prefeitura de Mossoró, da gestão Rosalba Ciarlini, que recebeu o dinheiro, é que está devendo um esclarecimento ao povo de Mossoró e ao próprio governo vez que se trata de verba do governo federal. Imaginem que foram adquiridas seis ambulâncias ao preço unitário de 133 mil reais (em números redondos, repetimos), cada uma delas. Só por este valor, atentem bem, repetimos, imagina-se que sejam ambulâncias muito bem equipadas. Mas, até aqui, só se conhece o destino de três dessas ambulâncias. E onde estariam as outras três tão caras ambulâncias?

O episódio acima está sendo relatado porque ele não faz jus a um pronunciamento feito num dos comícios de sábado passado em Mossoró quando a ex-prefeita Rosalba Ciarlini, que era a prefeita titular na época em essas verbas chegaram por aqui para a aquisição dessas ambulâncias, aludiu exatamente à palavra ambulância. E certamente isso deixou uma interrogação muito grande diante das pessoas que a ouviam.

A ex-prefeita foi uma de uma infelicidade tamanha quando aludiu o episódio das ambulâncias assunto tão em voga e tão badalado em todo o Brasil. Por que afinal de contas foi durante a sua gestão que ocorreram esses registros pouco recomendáveis no serviço público onde ambulâncias da marca Ford, modelo Courier, foram adquiridas a preços tão elevados e pelo menos três delas até hoje não possuem os seus paradeiros conhecidos.

Bem diferente do que agiu Laíre Rosado quando deputado federal destinando verbas para a aquisição de sete ambulâncias, todas elas estão aí rodando e prestando serviços ao Rio Grande do Norte. E com um detalhe: cada uma delas custou em torno de 37 mil reais, um preço absolutamente compatível com a nossa realidade. Por sinal, Laíre Rosado está de posse de toda a documentação para comprovar essas suas colocações, além de ter declarações do Supremo Tribunal Federal e da própria Polícia Federal dizendo que contra ele nada pesa e nenhuma ação lhe foi movida.

São duas situações distintas que estão colocadas para a avaliação do público leitor.

Texto nº 71

Modalidade: Língua Escrita

2. Tipo de Texto: editorial

3. Assunto: política

4. Data do documento: 17 de abril de 2007

5. Local de origem do documento: Brasil – Rio Grande do Norte - Mossoró

6. Local de depósito do documento: Museu da cidade

7. Identificação do autor:

8. Número de palavras:

9. Informações Levantadas:

10. Editor do documento: Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

A municipalização do trânsito

Há muito que se discute se se deve ou não municipalizar as ações que incidem sobre o conturbado trânsito mossoroense. E, em paralelo a isso, as opiniões mais abalizadas da cidade sempre nos levam a concluir que muitos dos graves, sérios e grandes problemas do trânsito mossoroense só se resolverão no dia em que este passar à condição de municipalizado.

A atual prefeita de Mossoró, Fafá Rosado, pelos seus mais acreditados porta-vozes, desde o início de sua gestão há quase três anos tem se proposto a isso. Mas, convenhamos, essa é uma promessa que nunca se consolidou na sua prática. Não se sabe porque se arrasta por tanto tempo se essa é uma providência que urge em meio aos mossoroenses. Se duvidam, que se faça uma ausculta popular nesse sentido.

Nós até reconhecemos que uma decisão como essa demanda algum tempo para se ajustar visto que para que ela seja levada ao dia-a-dia de todos nós depende de alguns procedimentos, alguns deles que são verdadeiros entraves de ordem burocrática. Mas, também convenhamos que essa proposta da atual prefeita já se arrasta por mais de dois anos.

Os que acompanham de perto as ações da atual prefeita até acham que essa municipalização tão sonhada deverá ser feita até junho desse ano, enquanto os mais pessimistas acham que ela ainda vai a setembro. Pelo sim, pelo não, que venha logo, pois já está chegando tarde e atrasada, ou há muito que já deveria ter vindo.

O que vale ressaltar é que os muitos dos grandes e graves problemas do trânsito mossoroense só serão equacionados mesmo quando este tiver tido o seu comando assumido pelo poder público municipal. A própria prática nos tem mostrado que as decisões localizadas terão um efeito mais rápido e por isso muito mais eficaz dentro desse contexto do tão espalhafatoso trânsito mossoroense.

Como vai haver uma reunião amanhã na sede da CDL para conduzir mais uma vez esse assunto, voltamos a apelar às entidades participantes desse encontro para que agilizem as providências preliminares que levarão de uma vez por todas a tão esperada municipalização do trânsito de Mossoró. Essa é uma medida que já não pode mais esperar.